

OS VESTIGIOS DO DIA

Booker
Prize
1989

"Um sonho de livro."

The New York Times
Book Review

KAZUO
ISHIGURO

Nobel de Literatura 2017



KAZUO ISHIGURO



Os
vestígios
do dia

THE REMAINS OF THE DAY

1988

PT BRASILEIRO

Os vestígios do dia
Título original
The Remains of the day
Kazuo Ishiguro
Tradução de ELIANA SABINO
Editora Rocco Ltda
Rio de Janeiro — 1989

*Em memória de
Mrs Lenore Marshall*

Prólogo



JULHO DE 1956

Darlington Hall

PARECE CADA VEZ MAIS provável que eu vá realmente empreender a viagem que já há alguns dias me vem ocupando a imaginação. Viagem, devo dizer, que empreenderei sozinho no conforto do Ford do Sr. Farraday; viagem que, do modo como a imagino, vai me levar a percorrer grande parte da mais bela região da Inglaterra até as terras do oeste, e pode me manter afastado de Darlington Hall por uns cinco ou seis dias. Devo esclarecer que a ideia dessa excursão surgiu de uma gentilíssima sugestão a mim apresentada pelo próprio Sr. Farraday certa tarde, há quase uma quinzena de dias, estando eu espanando os retratos na biblioteca. Aliás, lembro-me, eu estava em cima da escada de mão tirando o pó do retrato do Visconde de Wetherby quando meu patrão entrou, com alguns volumes que presumivelmente desejava recolocar nas estantes. Ao ver minha pessoa, ele aproveitou a oportunidade para informar-me de que naquele momento acabava de finalizar os planos para retornar aos Estados Unidos por um período de cinco semanas, entre agosto e setembro. Feito este comunicado, meu patrão colocou os volumes sobre uma mesa, sentou-se na *chaise-longue* e esticou as pernas. Foi então que disse, erguendo os olhos para mim:

— Stevens, sabe que não espero que fique trancado nesta casa o tempo todo enquanto eu estiver fora. Por que não pega o carro e faz uma viagem de alguns dias? Você está com cara de quem precisa de uma folga.

Fiquei sem saber como reagir a uma sugestão assim inesperada. Lembo-me de ter agradecido a consideração, mas acho que nada disse de muito definido, pois meu patrão continuou:

— Estou falando sério, Stevens. Realmente acho que você precisa de uma folga. Eu seguro a despesa da gasolina. Esses camaradas, vocês, sempre trancados nesses casarões enormes, sempre trabalhando... Como é que vão conseguir conhecer este seu país tão lindo?

Não era a primeira vez que meu patrão levantava essa questão; na realidade, parece que isso o perturba verdadeiramente. Nessa ocasião, ocorreu-me mesmo uma espécie de resposta, ali no alto da escada — uma resposta segundo a qual nós, as pessoas de nossa profissão, embora não vejamos grande coisa do país no sentido de excursionar pelo campo e visitar lugares pitorescos, na realidade “vemos” mais da Inglaterra do que a maioria das pessoas, localizados, como estamos, em casas onde se reúnem as damas e os cavalheiros mais finos. Naturalmente eu não poderia ter expressado essa opinião ao Sr. Farraday sem embarcar no que poderia parecer um discurso presunçoso; contentei-me, portanto, em dizer simplesmente:

— Tive o privilégio de conhecer o melhor da Inglaterra ao longo dos anos, senhor, dentro destas próprias paredes.

O Sr. Farraday pareceu não compreender minha declaração, pois continuou:

— Sério, Stevens. Está errado um homem não poder conhecer seu próprio país. Aceite meu conselho, saia de casa por alguns dias.

Como era de se esperar, naquela tarde nem de longe levei a sério a sugestão do Sr. Farraday, tornando-a meramente por mais um exemplo da pouca familiaridade de um cavalheiro americano com o que é ou não de uso fazer-se na Inglaterra. O fato de minha atitude para com essa mesma sugestão haver sofrido uma mudança nos dias seguintes, tendo a ideia de uma viagem ao oeste passado até a ocupar cada vez mais meus pensamentos, é sem dúvida em razão substancialmente — por que negar? — da chegada da carta da Srta. Kenton, a primeira em quase sete anos, não contando os cartões de Natal. Mas quero de imediato deixar claro o que pretendo dizer com isso. O que pretendo dizer é que a carta da Srta. Kenton desencadeou uma certa corrente de ideias relacionadas a assuntos profissionais aqui em Darlington Hall, e desejo salientar que foi a preocupação com esses mesmos assuntos profissionais que me levou a reconsiderar a generosa sugestão de meu patrão. Mas vou explicar melhor.

O fato é que nos últimos meses tenho sido responsável por uma série de pequenos enganos no cumprimento de meus deveres. Devo dizer que esses enganos foram todos, sem exceção, bem triviais. No entanto, é de se compreender que para uma pessoa desacostumada a cometer tais equívocos,

esses acontecimentos eram bastante perturbadores, e realmente comecei a formular todo tipo de teorias alarmistas em relação à sua possível causa. Como ocorre com tanta frequência nessas ocasiões, eu me tornara cego ao óbvio —, isto é, até que minhas reflexões a respeito das entrelinhas da carta da Srta. Kenton finalmente abriram-me os olhos para a verdade; aqueles pequenos lapsos dos últimos meses deviam-se a nada mais sinistro do que um plano de serviço inadequado.

É, naturalmente, obrigação de todo mordomo dedicar o máximo cuidado à organização de um plano de serviço. Quem sabe quantas brigas, falsas acusações, demissões desnecessárias, quantas carreiras promissoras cerceadas, podem ser atribuídas ao desleixo do mordomo ao organizar o plano de serviço? Aliás, posso dizer que concordo com aqueles que afirmam que a capacidade de organizar um bom plano de serviço é a pedra fundamental da eficiência de um mordomo que se preze. Eu próprio organizei muitos planos de serviço ao longo dos anos, e creio não ser indevidamente presunçoso se digo que muito poucos deles alguma vez precisaram de correção. Se no caso presente o plano de serviço é inadequado, sem dúvida a carapuça só pode ser destinada a mim, mas ao mesmo tempo é justo esclarecer que neste caso minha tarefa foi extraordinariamente difícil.

O que ocorreu foi o seguinte: uma vez concluída a transação que retirou esta casa das mãos da família Darlington após dois séculos, o Sr. Farraday anunciou que não estabeleceria residência aqui de imediato, mas passaria outros quatro meses concluindo seus negócios nos Estados Unidos. Nesse meio-tempo, no entanto, fazia questão absoluta que os empregados de seu predecessor — uma equipe a respeito da qual ouvira grandes elogios — continuassem em Darlington Hall. A "equipe" a que ele se referia era, naturalmente, nada mais que os seis empregados mantidos pela família de Lord Darlington para administrar a mansão até a conclusão da venda; e lamento dizer que, uma vez concluída a transação, pouco pude fazer para impedir que todos eles, exceto a Sra. Clements, partissem para novos empregos. Quando escrevi a meu novo patrão expressando meu pesar diante da situação, recebi como resposta da América instruções para recrutar uma nova equipe "digna de uma mansão inglesa". Pus-me imediatamente a tentar cumprir os desejos do Sr. Farraday, mas, como se sabe, encontrar empregados de um padrão satisfatório não é, hoje em dia, uma tarefa fácil, e embora tenha tido a sorte de contratar Rosemary e Agnes por recomendação da Sra. Clements, não tinha passado disso na ocasião em que tive minha primeira reunião profissional com o Sr. Farraday, durante a curta visita preliminar que ele fez ao nosso país na primavera do ano passado. Foi naquela ocasião — no escritório estranhamente vazio de Darlington Hall — que o Sr. Farraday apertou-

me a mão pela primeira vez, mas não éramos então estranhos um ao outro; à parte o assunto dos empregados, meu novo patrão em várias outras ocasiões tivera a oportunidade de necessitar dos dotes que eu possa ter a boa sorte de possuir, achando-os, arrisco-me a dizer, satisfatórios. Foi por isso, imagino, que ele sentiu-se à vontade para conversar comigo de maneira confiante a respeito de negócios; e ao final de nosso encontro entregou-me a administração de uma quantia bastante considerável, para cobrir os custos de uma série de preparativos para recebê-lo quando ele viesse estabelecer residência aqui. De qualquer maneira, o que quero dizer é que durante essa conversa, quando levantei a questão da dificuldade de se encontrar empregados adequados hoje em dia, o Sr. Farraday, depois de refletir um momento, fez-me um pedido: que eu fizesse o possível para organizar um plano de serviço — uma "escala de plantão", como ele definiu — pelo qual esta casa pudesse ser administrada pelo atual quadro de quatro empregados — isto é, a Sra. Clements, as duas moças e eu. Ele estava ciente de que isso poderia significar a necessidade de colocar "de molho" algumas partes da casa, mas poderia eu usar toda a minha experiência e a minha eficiência para assegurar que essas perdas fossem reduzidas ao mínimo? Relembrando a época em que dispunha de uma equipe de dezessete pessoas sob minhas ordens, e sabendo que há um tempo não muito distante havia aqui em Darlington Hall vinte e oito empregados, a ideia de organizar um plano de serviço pelo qual a mesma casa pudesse ser administrada por uma equipe de quatro pessoas parecia-me, no mínimo, desalentadora. Embora eu tenha feito o possível para disfarçá-lo, parte do meu ceticismo deve ter vindo à tona, pois o Sr. Farraday acrescentou, como que para me tranquilizar, que se fosse necessário poder-se-ia contratar mais um membro para a equipe. Ele, porém, ficaria muito feliz, repetiu, se eu pudesse "dar uma tentada com quatro".

Ora, naturalmente, como muitos de nós, sinto certa relutância em modificar demasiadamente os velhos padrões. Mas não adianta tentar, como fazem alguns, agarrar-se à tradição pela mera tradição. Nesta época de eletricidade e modernos sistemas de aquecimento, não há necessidade alguma de empregar o mesmo número de pessoas que há uma geração. De fato, havia algum tempo eu vinha ponderando que manter um número grande de empregados apenas por causa da tradição — resultando em terem os empregados uma quantidade grande e pouco saudável de tempo livre — tinha sido um fator importante no rápido declínio dos padrões profissionais. Mais ainda: o Sr. Farraday deixara claro que pretendia que fossem muito raras as grandes ocasiões sociais que Darlington Hall vira com tanta frequência no passado. Na ocasião lancei-me com dedicação à tarefa da qual o Sr. Farraday me encarregara; passei muitas horas trabalhando num plano de serviço, e pelo menos o mesmo número de horas pensando sobre ele enquanto

cuidava de meus outros deveres ou enquanto ainda acordado, depois de me recolher. Quando acreditava ter conseguido algo, estudava-o à procura de um ponto fraco, testando-o sob todos os aspectos. Finalmente organizei um plano que, embora talvez não exatamente como o Sr. Farraday desejava, era o melhor, eu tinha certeza, humanamente possível. Quase todas as partes pitorescas da mansão poderiam continuar em uso; os amplos alojamentos de serviço — incluindo o corredor dos fundos e as duas despensas de licores, conservas etc., além da velha lavanderia — assim como a ala de hóspedes no segundo andar, seriam fechados, os móveis protegidos da poeira por lençóis; ficariam abertos todos os aposentos principais do andar térreo e um número generoso de quartos de hóspedes. Evidentemente, nosso quadro atual de quatro pessoas só poderia cumprir esse programa com o reforço de alguns diaristas; meu plano de serviço, por conseguinte, previa os serviços de um jardineiro uma vez por semana — duas no verão — e duas faxineiras, duas vezes por semana cada uma. Além disso meu plano de serviço significava para cada um dos quatro empregados residentes, uma modificação radical em nossas respectivas tarefas de rotina. As duas jovens, previa eu, não achariam tão difícil absorver essas alterações, mas fiz tudo que pude para assegurar que a Sra. Clements fosse afetada o mínimo possível, a ponto de incumbir-me eu próprio de alguns serviços que apenas um mordomo muito tolerante aceitaria.

Mesmo hoje não chegaria ao ponto de dizer que se trata de um plano de serviço de má qualidade; afinal, ele faculta a uma equipe de quatro empregados cuidar de um sem número de coisas. Mas todos sem dúvida concordariam em que os melhores planos de serviço são aqueles que apresentam uma ampla margem de erro, para acomodar aqueles dias em que um empregado fica doente ou, por uma razão qualquer, incapacitado. Nesse caso em particular, é claro, fora-me requerida uma tarefa um tanto fora do comum, mas mesmo assim não deixei de incluir "margens" sempre que possível. Tinha nítida consciência de que a resistência que pudesse haver por parte da Sra. Clements ou das duas moças em aceitar deveres que ultrapassavam as fronteiras tradicionais agravar-se-ia diante de qualquer noção de que sua carga de trabalho tinha aumentado demais. Envidei, portanto, durante aqueles dias de batalha com o plano de serviço, um grande esforço de raciocínio para que a Sra. Clements e as moças uma vez superada a aversão por aqueles serviços mais "eccléticos", achassem a divisão de tarefas estimulante e de maneira nenhuma pesada.

Temo, no entanto, que em minha ansiedade de conquistar o apoio da Sra. Clements e das garotas eu não tenha talvez avaliado com tanto rigor minhas próprias limitações; e embora minha experiência e minha costumeira cautela em tais assuntos me impedissem de atribuir-me mais do que eu pudesse realmente

cuidar, fui talvez negligente a respeito dessa questão de me permitir uma margem. Não é de surpreender, portanto, que ao longo de vários meses essa negligência tenha vindo a revelar-se nesses detalhes pequenos, porém eloquentes. Em resumo, creio que a questão nada tem de complicada: apenas eu me impusera tarefas demais.

Pode causar espanto que um defeito tão óbvio num plano de serviço continuasse a escapar-me à atenção, mas por outro lado é preciso reconhecer que isso é o que ocorre com frequência com coisas às quais uma pessoa devotou muita atenção durante algum tempo; não se percebe a verdade até ser alertado casualmente por algum acontecimento externo. Assim ocorreu nesse caso; isto é, receber a carta da Srta. Kenton, contendo, como continha, além de alguns trechos longos e bem pouco reveladores, uma inconfundível saudade de Darlington Hall e — tenho toda certeza — insinuações nítidas de seu desejo de retornar, obrigou-me a ver meu plano de serviço com outros olhos. Só então ocorreu-me que havia realmente tarefas que um membro extra poderia desempenhar; e que essa deficiência era responsável por meus problemas recentes. Quanto mais eu pensava no assunto, mais óbvio se tornava que a Srta. Kenton, com sua grande afeição por esta casa e seu profissionalismo exemplar — quase impossível de encontrar-se hoje em dia — era justamente o fator necessário para permitir-me completar um plano de serviço plenamente satisfatório para Darlington Hall.

Tendo feito essa análise da situação, não se passou muito tempo e encontrei-me a reconsiderar a bondosa sugestão que o Sr. Farraday fez há alguns dias. Pois ocorreu-me que a excursão de carro proposta poderia ser de bom uso profissional isto é, eu poderia ir à região oeste e de passagem visitar a Srta. Kenton, estudando assim em primeira mão a solidez de seu desejo de voltar ao emprego aqui em Darlington Hall. Tenho, é preciso que fique claro, relido várias vezes a recente carta da Srta. Kenton, e não há possibilidade de que esteja simplesmente imaginando a presença dessas insinuações por parte dela.

Apesar de tudo isso, durante alguns dias não consegui decidir-me a mencionar o assunto com o Sr. Farraday. De qualquer maneira, a questão tinha vários aspectos que eu sentia necessário esclarecer antes de prosseguir. Havia, por exemplo, a questão da despesa. Pois mesmo levando em consideração o generoso oferecimento de meu patrão de "segurar" a despesa da gasolina, o custo de tal viagem podia chegar a uma quantia surpreendente, computando-se coisas como acomodação, refeições e algum lanche que eu possa fazer no caminho. Havia também a questão do tipo de vestuário apropriado para uma viagem assim, e se valeria a pena investir num guarda-roupa novo. Sou possuidor de vários ternos esplêndidos que ao longo dos anos o próprio Lord

Darlington passou para mim, bem como vários hóspedes desta casa a quem meus serviços agradaram. Muitos desses ternos são, talvez, demasiado formais para os propósitos da viagem, ou então um tanto antiquados para os dias de hoje. Há porém um traje de passeio que me foi dado em 1931 ou 1932 por Sir Edward. Blair — praticamente novo em folha na época e quase perfeito para mim — que poderia muito bem ser apropriado para as noites no restaurante de quaisquer hospedarias onde possa vir a ficar. O que não possuo, no entanto, são trajes de viagem isto é, roupas nas quais possa ser visto dirigindo o carro a não ser que use o terno presenteado pelo jovem Lord Chalmers durante a guerra, que, apesar de ser obviamente pequeno demais para mim, poderia ser considerado ideal em termos de estilo. Calculei finalmente que minhas economias cobririam todas as despesas em que pudesse incorrer e além disso a compra de um traje novo. Espero não ser considerado exageradamente vaidoso em relação a esse assunto; acontece que nunca se sabe quando poderei ser obrigado a revelar meu posto em Darlington Hall, e é importante que nessas ocasiões se esteja trajado de modo condizente à posição que se ocupa.

Durante essa época passei também muito tempo examinando o mapa rodoviário e estudando os volumes da obra da Sra. Jane Symons, *As maravilhas da Inglaterra*. A quem não esteja familiarizado com os livros da Sra. Symons — uma série de sete volumes, cada um dedicado a uma região das Ilhas Britânicas — eu os recomendo calorosamente. Foram escritos na década de 30, mas grande parte ainda está atual — afinal, não acredito que as bombas alemãs tenham alterado nosso país de modo tão radical. A Sra. Symons era, aliás, hóspede frequente desta casa antes da guerra; na verdade, estava entre os hóspedes favoritos dos empregados, graças à generosa apreciação que nunca se furtava a demonstrar. Foi naquela época, então, que, movido por minha natural admiração por essa dama, eu começara a folhear seus livros na biblioteca sempre que tinha um momento de folga. Lembro-me, aliás, que logo após a partida da Srta. Kenton para a Cornualha em 1936, eu próprio nunca tendo estado naquela parte do país, costumava folhear o Volume três da obra da Sra. Symons, aquele que descreve para os leitores as delícias de Devon e da Cornualha, com fotografias e — ainda mais evocativos para mim — diversos esboços da região. Foi assim que pude obter alguma noção do tipo de lugar onde a Srta. Kenton fora viver sua vida de casada. Mas isso foi, como disse, na década de 30, quando, pelo que sei, os livros da Sra. Symons eram admirados nos lares de todo o país. Havia muitos anos eu não abria um daqueles volumes, até que esses acontecimentos recentes fizeram-me mais uma vez tirar da estante o volume de Devon e Cornualha. Estudei novamente aquelas descrições e ilustrações maravilhosas, e pode-se talvez compreender minha crescente excitação diante da ideia de que agora

poderia realmente empreender eu próprio uma viagem de carro por aquela mesma parte do país.

No fim parecia haver pouco a fazer além de tornar a abordar o assunto com o Sr. Farraday. Havia sempre a possibilidade, naturalmente, de que a sugestão de uma quinzena atrás pudesse ter sido um capricho do momento e ele não mais aprovasse a ideia. Porém, pelo que pude observar do Sr. Farraday durante esses meses, ele não é desses cavalheiros dados a uma das coisas mais irritantes num patrão: a inconstância. Não havia razão para crer que não se mostraria tão entusiasmado quanto antes com a minha viagem de carro — e até mesmo que não repetiria sua generosíssima oferta de "segurar" a despesa da gasolina. Mesmo assim estudei com o maior cuidado a ocasião mais oportuna para tocar no assunto; pois embora nem por um instante, como já declarei, suspeitasse que o Sr. Farraday fosse inconstante, era melhor não mencionar o assunto quando ele estivesse preocupado ou distraído. Uma recusa em tais circunstâncias poderia muito bem não refletir os verdadeiros sentimentos de meu patrão a respeito do assunto, porém uma vez tendo sofrido tal negativa eu não poderia facilmente tornar a mencioná-lo. Era óbvio, assim, que eu teria que escolher cuidadosamente o meu momento.

Finalmente decidi que a ocasião mais propícia seria ao servir o chá da tarde na sala de estar. O Sr. Farraday normalmente terá acabado de retornar de sua curta caminhada pelos campos, de modo que raramente estará imerso na leitura ou na escrita, como costuma estar à noite. Aliás, quando chego com o chá da tarde, o Sr. Farraday costuma fechar qualquer livro ou revista que esteja lendo, levantar-se e espreguiçar-se diante da janela, como se em antecipação à conversa comigo.

Do modo como foram as coisas, creio que minha escolha mostrou-se acertada quanto ao momento; o fato de as coisas terem tomado o rumo que tomaram é atribuível internamente a um erro de cálculo numa direção totalmente diversa. Isto é, não levei em suficiente consideração o fato de que a essa hora do dia o que o Sr. Farraday mais aprecia é uma conversa do tipo leve e cheia de humor. Sabendo ser esse seu provável estado de espírito quando levei o chá ontem à tarde, e tendo consciência de sua inclinação geral a conversar comigo em tom brincalhão em momentos como esse, certamente teria sido mais sábio não ter mencionado a Srta. Kenton. Mas é, talvez, compreensível que havia de minha parte uma tendência natural, ao pedir o que afinal de contas não deixava de ser um generoso favor ao meu patrão, a insinuar que havia um bom motivo profissional por trás do meu pedido. De modo que ao fornecer minhas razões para preferir a região oeste, em vez de limitar-me a mencionar vários dos atraentes detalhes indicados pelo livro da Sra. Symons, cometi o erro de declarar

que uma ex-governanta de Darlington Hall mora naquela área. Suponho que estava pretendendo explicar ao Sr. Farraday que eu assim poderia estudar uma opção que poderia mostrar-se a solução ideal para nossos probleminhas atuais aqui nesta casa. Foi só depois de mencionar a Srta. Kenton que percebi subitamente que seria inteiramente impróprio que eu continuasse. Não apenas não poderia ter certeza do desejo da Srta. Kenton de voltar para cá; tampouco discutira com o Sr. Farraday a questão de mais um empregado desde aquela primeira reunião preliminar há mais de um ano. Continuar expondo em voz alta meus pensamentos sobre o futuro de Darlington Hall teria sido, para dizer o mínimo, presunção de minha parte. Suspeito, portanto, que fiz uma pausa um tanto abrupta e fiquei um pouco embaraçado. De qualquer maneira, o Sr. Farraday aproveitou a oportunidade para dirigir-me um largo sorriso e dizer com bastante ênfase:

— Ora, ora, Stevens! Uma namorada! Na sua idade!

Foi uma situação extremamente embaraçosa, na qual Lord Darlington jamais teria colocado um serviçal. Mas não quero insinuar algo depreciativo a respeito do Sr. Farraday; ele é, afinal, um cavalheiro americano, e seus modos são em geral muito diferentes. Não há dúvida de que não fez por mal; mas qualquer pessoa compreenderá que a situação ficou muito incômoda para mim.

— Nunca imaginei que fosse um conquistador, Stevens — ele continuou. — Mantém a gente jovem, eu acho. Mas por outro lado não sei se é correto que eu o ajude com esses encontros suspeitos...

Naturalmente senti-me tentado a negar imediata e inequivocamente as intenções que meu patrão me atribuía, mas percebi em tempo que fazer isso significaria morder a isca do Sr. Farraday e tornar a situação ainda mais embaraçosa. Continuei, portanto, parado ali, muito constrangido, esperando que meu patrão me concedesse permissão para empreender a viagem.

Por mais embaraçoso que aquele momento tenha sido para mim, não desejo insinuar que de algum modo a culpa seja do Sr. Farraday, de maneira nenhuma uma pessoa má; ele estava, tenho certeza, simplesmente se divertindo com o tipo de brincadeira que nos Estados Unidos, sem dúvida, é sinal de um relacionamento bom e amigável entre patrão e empregado, considerada uma espécie de esporte carinhoso. Mais ainda: para colocar as coisas em sua devida perspectiva, devo declarar que tais brincadeiras por parte do meu novo patrão caracterizaram grande parte de nossas relações ao longo desses meses — embora eu deva confessar que continuo um tanto inseguro a respeito de como reagir a elas. De fato, durante meus primeiros dias com o Sr. Farraday, uma ou duas vezes fiquei perplexo com as coisas que ele me dizia. Por exemplo: certa vez tive ocasião de lhe perguntar se certo cavalheiro cuja visita era esperada viria

acompanhado da esposa.

— Deus me livre — respondeu o Sr. Farraday. — Se ela vier, talvez você possa cuidar dela para nós, Stevens. Talvez possa levá-la para um daqueles estábulos da fazenda do Sr. Morgan. E fazer com que ela se divirta em cima de todo aquele feno. Pode ser que seja o seu tipo...

Por um instante não consegui entender o que meu patrão estava dizendo. Então percebi que ele estava gracejando e sorri apropriadamente, embora suspeite de que um resquício do meu espanto, para não dizer do meu choque, tenha permanecido evidente em minha expressão.

Ao longo dos dias seguintes, no entanto, vim a aprender a não me surpreender com tais comentários por parte do meu patrão, e sorria devidamente sempre que detectava o tom jocoso em sua voz. No entanto, nunca consegui ter certeza absoluta do que me cabia fazer nessas ocasiões — rir, talvez, ou, quem sabe, responder com outra brincadeira. Essa última possibilidade tem me causado alguma preocupação nesses últimos meses, e é algo a respeito de que ainda me sinto indeciso. Pois pode muito bem ser que na América considere-se que um bom profissional precisa ter uma conversa divertida. Na verdade, lembro-me de ouvir o Sr. Simpson, proprietário do Ploughman's Arms, dizer que se ele fosse um dono de bar na América não estaria conversando conosco com aquele seu jeito amigável, sempre cortês; em vez disso estaria a nos agredir com rudes referências a nossos vícios e nossos defeitos, chamando-nos de bêbados e todo tipo de nomes, para bem desempenhar o papel que os fregueses esperavam dele. E lembro-me também, há alguns anos, do Sr. Rayne, que viajou para a América como camareiro de Sir Reginald Mauvis, comentando que um motorista de táxi em Nova York sempre se dirigia ao passageiro de um modo que, se repetido em Londres, terminaria com um contratempo qualquer, isso se o sujeito não fosse levado para a delegacia mais próxima.

É bem possível, então, que meu patrão espere que eu reaja às suas brincadeiras de maneira similar, e considere uma forma de negligência a minha omissão em agir assim. Trata-se, como disse, de um assunto que me causa muita preocupação. Mas devo dizer que isso de gracejar não é um dever que sinta poder cumprir com entusiasmo. Está muito bem, nesses dias de tantas mudanças, que se adapte o trabalho para arcar com deveres que tradicionalmente estão além de nossa responsabilidade; mas gracejar pertence a uma dimensão inteiramente diversa. Em primeiro lugar, como se pode ter certeza de que em qualquer ocasião é esperada uma resposta em tom de brincadeira? Não é necessário explorar a catastrófica possibilidade de se fazer um comentário jocoso e descobrir tratar-se de algo inteiramente inadequado.

No entanto, em certa ocasião, há não muito tempo, consegui criar coragem

para arriscar uma resposta no estilo esperado. Eu estava servindo o café da manhã do Sr. Farraday na sala de desjejum quando ele perguntou:

— Por acaso, era você fazendo aquele barulhão esta manhã? Parecia um bando de corvos grasnando!

Percebi que meu patrão se referia a um casal de ciganos que tinham passado mais cedo, recolhendo ferro-velho. Por acaso, naquela mesma manhã eu estivera pensando nesse dilema: era ou não de se esperar que eu retribuísse as brincadeiras de meu patrão? Estava seriamente preocupado com o modo como ele poderia estar encarando minha contínua omissão em responder às suas piadas. Portanto, comecei a pensar numa resposta espirituosa, um comentário qualquer que fosse inofensivo no caso de eu ter julgado mal a situação. Depois de um instante, respondi:

— Seriam mais andorinhas do que corvos, eu diria, senhor. Pelo aspecto migratório.

Terminei a frase com um sorriso apropriadamente modesto, para indicar sem ambiguidade que eu fizera uma piada, pois não desejava que o Sr. Farraday contivesse sua espontânea hilaridade por um respeito desnecessário.

O Sr. Farraday, no entanto, simplesmente olhou para mim e disse:

— Que foi que disse, Stevens?

Só então me ocorreu que, naturalmente, meu gracejo não seria facilmente compreendido por quem não soubesse que se tratava dos ciganos. Não vi maneira, então, de prosseguir com o chiste; achei melhor colocar um ponto final no assunto e, fingindo lembrar-me de algo urgente a fazer, pedi licença, deixando meu patrão com ar perplexo.

Foi, portanto, um início mais do que desanimador para o que pode muito bem ser um tipo inteiramente novo de dever a mim imposto; tão desanimador que, tenho que admitir não cheguei a fazer nova tentativa nesse campo. Mas ao esmo tempo não consigo fugir à sensação de que o Sr. Farraday não está satisfeito com minha reação às suas constantes brincadeiras. Aliás, sua crescente persistência nos últimos tempos pode até mesmo ser a maneira de meu patrão encorajar-me ainda mais a reagir num espírito semelhante. Seja como for, porém, desde minha primeira resposta jocosa a respeito dos ciganos não consegui pensar em outros ditos espirituosos com suficiente rapidez.

Tais dificuldades tendem a ser ainda mais preocupantes hoje em dia porque não há como discutir e corroborar opiniões com outros colegas de profissão, como se fazia antigamente. Há não muito tempo, se qualquer dúvida surgisse no âmbito do dever profissional, havia o consolo de saber que logo um colega de profissão, de opinião respeitada, viria acompanhando seu patrão, e haveria então ampla oportunidade para discutir-se o assunto. E, naturalmente, na época de

Lord Darlington, em que damas e cavalheiros costumavam hospedar-se aqui por vários dias, era possível desenvolver um bom entendimento com os colegas visitantes. Naqueles dias movimentados, nosso salão da criadagem frequentemente testemunhava a reunião de alguns dos melhores profissionais da Inglaterra, conversando até tarde da noite ao calor da lareira. E devo dizer que quem entrasse em nosso salão da criadagem em qualquer dessas noites não ouviria simples mexericos; era mais provável que essa pessoa testemunhasse debates sobre as importantes questões que preocupavam nossos patrões lá em cima, ou então a respeito de assuntos relevantes mencionados nos jornais; e, naturalmente, como acontece quando profissionais de qualquer espécie se reúnem, poderíamos estar discutindo vários aspectos de nossa vocação. Às vezes, é claro, havia profundos desentendimentos, mas era mais comum que a atmosfera fosse dominada por um sentimento de respeito mútuo. Talvez eu possa dar uma ideia melhor do ambiente se disser que entre os visitantes costumeiros estavam o Sr. Harry Graham, camareiro-mordomo de Sir James Chambers, e o Sr. John Donalds, camareiro do Sr. Sydney Dickenson. E havia outros, menos importantes, talvez, mas cuja presença tornava qualquer visita memorável — por exemplo, o Sr. Wilkinson camareiro-mordomo do Sr. John Campbell, com seu conhecido repertório de imitações de cavalheiros famosos; o Sr. Davidson, da Easterly House; cujo entusiasmo ao defender um ponto de vista às vezes podia ser tão assustador para um desconhecido quanto a sua simpatia em todas as outras ocasiões era encantadora; o Sr. Herman, camareiro do Sr. John Henry Peters, cujas opiniões extremadas ninguém conseguia escutar passivamente, mas cuja inconfundível gargalhada e um encanto típico de Yorkshire tornava impossível que não, se gostasse dele. E assim por diante. Existia naquela época uma genuína camaradagem em nossa profissão, fossem quais fossem as pequenas diferenças em nossa atitude. Éramos todos, essencialmente, feitos do mesmo estofa, por assim dizer. Não como hoje, quando, na rara ocasião em que um empregado vem acompanhando um hóspede, é com certeza um arrivista que pouco tem a dizer a respeito de qualquer coisa exceto o futebol e que prefere passar o serão, não junto à lareira do salão da criadagem, ou até mesmo, mas sim bebendo no Ploughman's Arms como parece ser cada vez mais comum nos dias de hoje, no Star Inn.

Há pouco mencionei o Sr. Graham, camareiro-mordomo de Sir James Chambers. Há mais ou menos dois meses, fiquei felicíssimo ao saber que Sir James viria a Darlington Hall. Senti grande expectativa, não apenas porque são raríssimos, hoje em dia, os visitantes do tempo de Lord Darlington — sendo o círculo do Sr. Faraday, naturalmente, bem diverso do de Lord Darlington — mas também porque imaginei que o Sr. Graham acompanharia Sir James como

antigamente, e eu assim poderia pedir-lhe a opinião a respeito dessa questão dos gracejos. Fiquei, portanto, ao mesmo tempo surpreso e decepcionado ao descobrir, um dia antes da visita, que Sir James viria desacompanhado. Mais ainda: durante a subsequente estada de Sir James, tomei conhecimento de que o Sr. Graham não mais trabalhava para ele; aliás, Sir James não mais empregava serviçais em tempo integral. Gostaria de ter descoberto o que aconteceu com o Sr. Graham, pois, embora não nos conhecêssemos a fundo, eu diria que dávamo-nos muito bem nas ocasiões em que nos encontrávamos. Mas aconteceu que não surgiu uma oportunidade apropriada para que eu obtivesse tal informação. Devo dizer que fiquei bastante decepcionado, pois gostaria de discutir com ele a questão das brincadeiras.

No entanto, retomarei o fio de minha narrativa. Fui obrigado, como dizia, a passar alguns minutos de desconforto ontem à tarde na sala de estar, enquanto o Sr. Farraday continuava com suas facécias. Reagi como sempre com um leve sorriso — suficiente pelo menos para indicar que de certo modo estava participando do bom humor que ele demonstrava — e esperei para ver, se receberia a permissão de meu patrão em relação à viagem. Como tinha imaginado, ele deu-me sua generosa permissão depois de um tempo não muito longo, e, mais ainda, o Sr. Farraday teve a gentileza de recordar e reiterar sua bondosa oferta de "segurar" o custo da gasolina.

E assim, então, parece não haver motivo para deixar de empreender minha viagem de carro para o oeste. Naturalmente terei que escrever para a Srta. Kenton dizendo-lhe que vou passar por lá; precisarei também providenciar a questão, do vestuário. Vários outros itens relativos a providências aqui na casa durante a minha ausência terão que ser resolvidos. Mas no geral não vejo qualquer razão para não fazer esta viagem.

Primeiro dia



NOITE

Salisbury

ESTA NOITE encontro-me numa hospedaria na cidade de Salisbury. O primeiro dia de minha viagem está agora concluído, e de modo geral, devo dizer, estou bastante satisfeito. Esta viagem começou hoje de manhã quase uma hora mais tarde do que o planejado, apesar de eu ter arrumado a bagagem e carregado o Ford com todos os itens necessários bem antes das oito. Com a Sra. Clements e as garotas também de folga esta semana, acho que estava demasiado consciente do fato de que quando eu partisse Darlington Hall ficaria deserto, talvez pela primeira vez desde que foi construído. Era uma sensação estranha, que talvez explique o fato de eu ter adiado tanto a minha partida, vagando pela casa, verificando várias vezes se estava tudo em ordem.

É difícil explicar meus sentimentos quando finalmente parti. Dirigindo nos primeiros vinte minutos, não posso dizer que estivesse tomado de entusiasmo ou expectativa. Isso se devia, sem dúvida, ao fato de que, embora avançasse cada vez para mais longe da casa, encontrava-me ainda numa área que eu conhecia pelo menos um pouco. Ora, sempre achei que tinha viajado muito pouco, preso, como sou, por minhas responsabilidades na casa, mas naturalmente, com o passar do tempo, muitas viagens são feitas, por uma razão profissional qualquer, e parece que eu conhecia muito melhor os distritos vizinhos do que tinha imaginado. Pois, como disse, viajando em direção à fronteira de Berkshire, não

cessava de surpreender-me com a familiaridade da paisagem à minha volta.

Mas finalmente a paisagem tornou-se irreconhecível e percebi que tinha ultrapassado todas as fronteiras anteriores. Já ouvi pessoas descreverem o momento em que, viajando num navio, perde-se finalmente a terra de vista. Imagino que a experiência dessa inquietação misturada com entusiasmo frequentemente descrita com relação a esse momento é muito semelhante à que eu senti no Ford quando a paisagem começou a mostrar-se desconhecida a minha volta. Isso ocorreu exatamente depois que fiz uma curva e me encontrei numa estrada que circundava um monte. Eu podia sentir o íngreme declive à minha esquerda, embora não pudesse vê-lo por causa das árvores e da folhagem espessa que bordejava a estrada. Dominou-me a sensação de que realmente deixara Darlington Hall para trás, e devo confessar que verdadeiramente cheguei a experimentar um certo temor — agravado ainda pela sensação de não estar na estrada certa, mais sim viajando em direção inteiramente equivocada, rumo a regiões ermas. Foi uma sensação apenas momentânea, mas fez-me diminuir a velocidade. E mesmo depois, já seguro de estar na estrada certa, senti-me compelido a parar o carro por um instante e fazer uma avaliação, por assim dizer.

Decidi descer e esticar um pouco as pernas, e ao fazer isso fui tomado pela sensação mais forte que nunca de estar empoleirado na encosta do morro. A um lado da estrada, arbustos e arvorezinhas erguiam-se a pique, ao passo que no outro lado eu agora vislumbrava, através da folhagem, os campos distantes.

Creio que tinha caminhado uma curta distância ao longo da estrada, perscrutando a folhagem na tentativa de conseguir uma visão melhor, quando ouvi uma voz atrás de mim. Até esse ponto eu me julgava, é claro, inteiramente sozinho, e voltei-me com certa surpresa. Pouco acima na estrada, no lado oposto a mim, percebi o início de uma trilha que desaparecia abruptamente nos arbustos. Sentado numa grande pedra que marcava a trilha estava um homem magro, de cabelos brancos, usando um boné de pano e fumando seu cachimbo. Tornou a me chamar, e, embora eu não conseguisse entender as palavras, podia vê-lo acenar para que eu me aproximasse. Por um instante tomei-o por um vagabundo, mas então percebi tratar-se apenas de um morador da região aproveitando o ar fresco e o sol de verão, e não vi razão para não atendê-lo.

— Estava pensando, senhor, se suas pernas estão em forma — declarou ele, quando me aproximei.

— Como? — O sujeito indicou a trilha. — É preciso um bom par de pernas e um bom par de pulmões para chegar lá em cima. Eu não tenho um nem outro, de modo que fico aqui embaixo. Mas se estivesse em melhor forma estaria sentado lá em cima. Há um belo local lá em cima, com banco e tudo. E não existe vista mais bela em toda a Inglaterra.

— Se o que o senhor diz é verdade, acho que prefiro ficar aqui — retruquei.
— Acontece que estou iniciando uma viagem de carro, durante a qual espero contemplar muitas paisagens esplêndidas. Ver o melhor antes de ter realmente iniciado seria um tanto prematuro.

O sujeito pareceu não ter compreendido, pois simplesmente repetiu:

— Não vai encontrar uma vista mais bela em toda a Inglaterra. Mas ouça o que lhe digo: é preciso ter um bom par de pernas e bom par de pulmões. — Então acrescentou: — Vejo que para a sua idade o senhor está em boa forma. Acho que poderia chegar lá em cima sem problemas. Quer dizer, até eu consigo, nos meus melhores dias.

Ergui os olhos para a trilha, que parecia mesmo íngreme e bem acidentada.

— Escute o que eu digo, o senhor vai se arrepender de não dar um passeio até lá. E nunca se sabe... Mais uns dois anos e pode ser tarde demais. — Soltou uma risada meio vulgar. — Melhor subir enquanto pode.

Ocorre-me agora que o homem podia estar dizendo aquilo de troça; isto é, que ele pretendia fazer um gracejo. Mas devo dizer que na ocasião achei isso bem ofensivo, e pode muito bem ter sido a vontade de demonstrar como a sua insinuação fora tola que me fez avançar pela trilha.

De qualquer modo, estou muito contente de tê-lo feito. Foi mesmo uma caminhada fatigante — embora possa declarar que não chegou a me causar qualquer dificuldade real. A trilha subia em ziguezague encosta acima por uns cem metros. Cheguei então a uma pequena clareira, indubitavelmente o local a que o homem se referia. Ali encontrava-se um banco e realmente uma vista maravilhosa, estendendo-se por vários quilômetros.

O que avistei era principalmente um campo atrás do outro, perdendo-se na distância. O terreno ondulava levemente, e os campos eram bordejados por cercas vivas e árvores. Em alguns dos campos mais afastados avistei pequenas manchas que presumi serem carneiros. À minha direita, quase no horizonte, julguei vislumbrar a torre quadrada de uma igreja. Era certamente uma bela sensação, a de estar parado ali daquele modo, com os sons do verão ao meu redor e uma brisa leve em meu rosto. E creio que foi então, contemplando aquela paisagem, que comecei pela primeira vez a adotar um estado de espírito apropriado para a viagem que me esperava. Pois foi então que senti a primeira onda de saudável expectativa pelas muitas experiências interessantes que sei que os próximos dias me reservam. E foi mesmo então que me senti tomado por uma disposição renovada de não desanimar em relação à única tarefa profissional de que me encarreguei nesta viagem — isto é, em relação à Srta. Kenton e nossos atuais problemas domésticos.



Mas isso foi hoje de manhã. Agora à noite encontro-me instalado nesta hospedaria confortável numa rua não muito distante do centro de Salisbury. É, suponho, um estabelecimento relativamente modesto, mas muito limpo e inteiramente adequado às minhas necessidades. A hospedeira, uma mulher de uns quarenta anos, parece considerar-me um hóspede importante, por causa do Ford do Sr. Farraday e da qualidade das minhas roupas. Esta tarde — cheguei em Salisbury por volta das três e meia — quando dei "Darlington Hall" como endereço no registro, pude perceber que ela me lançava um olhar um tanto inquieto, sem dúvida imaginando que eu fosse um cavalheiro acostumado a lugares como o Ritz ou o Dorchester e que fugiria correndo quando visse as acomodações. Informou-me que havia um quarto duplo e de frente, e que eu poderia ocupá-lo pelo preço de um quarto simples.

Fui então trazido a este aposento, onde, àquela hora do dia, o sol iluminava o desenho floral do papel de parede com um efeito bastante agradável. Havia duas camas e um par de janelas de bom tamanho dando para a rua. Quando perguntei onde ficava o banheiro, a mulher me informou, em tom tímido, que embora fosse a porta defronte à minha, não haveria água quente disponível até depois do jantar. Pedi-lhe que me trouxesse um bule de chá, e depois que ela subiu pus-me a examinar o quarto com mais vagar. Achei as camas limpíssimas e arrumadas à perfeição. A pia no canto também é muito limpa. Ao olhar pelas janelas, vi, do outro lado da rua, uma confeitaria exibindo uma grande variedade de doces e salgados, uma farmácia e um barbeiro. Mais adiante via-se o lugar onde a rua passava por uma ponte curva e penetrava em áreas mais rurais. Refresquei o rosto e as mãos com água fria na pia, depois sentei-me numa cadeira de espaldar rígido perto de uma das janelas para esperar pelo meu chá.

Diria que eram pouco mais de quatro horas quando deixei a hospedaria e aventurei-me pelas ruas de Salisbury. A natureza ampla e arejada das ruas daqui dá à cidade uma sensação maravilhosa de espaço, de modo que achei fácilimo passar algumas horas caminhando sob o sol suavemente morno. Mais ainda: descobri que esta é uma cidade de muitos encantos; vez após outra encontrei-me a passar por aprazíveis fileiras de casas antigas, com traves de madeira na fachada, ou a atravessar pontezinhas de pedra cruzando os muitos riachos que correm através da cidade. E é claro que não deixei de visitar a catedral, muito elogiada pela Sra. Symons em seu livro. Essa imponente construção não me foi

difícil localizar, com sua alta torre sempre visível de onde quer que se vá. De fato, em meu caminho de volta para esta hospedaria olhei por cima do ombro em várias ocasiões e a cada vez deparei com a visão do sol se pondo atrás daquela imensa torre.

Agora, no entanto, na quietude deste quarto, descubro que o que realmente permanece em mim deste primeiro dia de viagem não é a Catedral de Salisbury, nem qualquer dos outros panoramas encantadores da cidade, mas sim a visão que tive esta manhã da maravilhosa paisagem campestre da Inglaterra. Ora, estou inteiramente disposto a crer que outros países possam oferecer paisagens mais obviamente espetaculares. De fato, vi em enciclopédias e no *National Geographic Magazine* fotografias emocionantes de paisagens de vários cantos do planeta: cachoeiras, desfiladeiros magníficos, montanhas de uma beleza primitiva. Nunca, é claro, tive o privilégio de ver tais coisas pessoalmente, mas mesmo assim é com confiança que me arrisco a dizer: a paisagem inglesa em sua mais bela expressão — tal como a contemplei hoje de manhã — possui uma qualidade que as de outras nações, por mais superficialmente impressionantes que sejam, inevitavelmente deixam de possuir. É, acredito eu, uma qualidade que marcará qualquer observador objetivo como a mais profundamente agradável do mundo, e essa qualidade é, provavelmente, melhor definida pela palavra "grandeza". Pois é verdade que, parado naquela alta plataforma, esta manhã, contemplando a terra à minha frente, senti distintamente aquela sensação rara, porém inconfundível, de estar na presença da grandeza. Chamamos a esta nossa terra Grã-Bretanha, e existem aqueles que acreditam que esse hábito é um tanto imodesto. No entanto, arriscar-me-ia a dizer que a paisagem de nosso país, por si só, justificaria o uso deste altaneiro adjetivo.

No entanto, em que consiste precisamente esta "grandeza"? Onde, ou em que ela se localiza? Tenho plena consciência de que seria necessária uma cabeça muito mais sábia do que a minha para responder tal pergunta, mas, se fosse forçado a arriscar um palpite, diria que é a própria falta desse impacto, desse espetáculo óbvio, que distingue a beleza de nossa terra. O que importa é a tranquilidade dessa beleza, o seu senso de moderação. É como se a terra conhecesse sua própria beleza, sua própria grandeza, e não sentisse necessidade alguma de apregoá-las. Em comparação, o tipo de panoramas encontrados em lugares tais como a África e a América, embora indubitavelmente muito excitantes, iria, tenho certeza, impressionar o observador objetivo como sendo inferiores, por causa de seu indecoroso exibicionismo.

Toda essa questão é análoga à questão que tem provocado muitos debates em nossa profissão ao longo dos anos: o que é um "grande" mordomo? Recordo muitas horas de agradável discussão sobre este assunto, junto à lareira do salão

da criadagem, no final do dia. É preciso notar que eu disse "o que", em lugar de "quem" é um grande mordomo; pois na realidade não havia dúvidas a respeito da identidade dos homens que estabeleceram padrões em nossa geração. Isto é, estou falando de gente como o Sr. Marshall de Charleville House, ou o Sr. Lane de Bridewood. Quem quer que tenha tido o privilégio de conhecer homens assim sem dúvida reconhecerá a qualidade que eles possuem e à qual me refiro. Mas sem dúvida compreenderá também o que quero dizer quando afirmo que não é nada fácil definir precisamente de que se trata esta qualidade.

A propósito: agora que penso sobre isso com mais vagar, não é bem verdade que não surgissem dúvidas a respeito de quem eram os grandes mordomos. O que eu deveria ter dito é que não havia disputas sérias entre profissionais de qualidade que tivessem um pouco de discernimento a respeito dessas questões. Naturalmente o salão da criadagem em Darlington Hall, como os de qualquer lugar, era obrigado a receber serviços de vários níveis de intelecto e percepção, e lembro-me de, em muitas ocasiões, ter sido obrigado a morder os lábios enquanto um empregado qualquer às vezes, lamento dizer, membro de minha própria equipe elogiava entusiasticamente pessoas como, por exemplo, o Sr. Jack Neighbours.

Nada tenho contra o Sr. Jack Neighbours, que, infelizmente foi morto na guerra, pelo que sei. Menciono-o simplesmente porque ele era um caso típico. Durante dois ou três anos, em meados da década de 30, o nome do Sr. Neighbours parecia dominar as conversas em todos os salões da criadagem do país. Como já mencionei, também em Darlington Hall muitos empregados visitantes traziam histórias das proezas mais recentes do Sr. Neighbours, de modo que eu e pessoas como o Sr. Graham éramos obrigados a compartilhar a frustrante experiência de ouvir caso após caso a respeito dele. E o mais frustrante era ter que testemunhar, na conclusão de cada um desses casos, serviços normalmente sensatos sacudindo a cabeça, maravilhados, e pronunciando frases tais como: "Esse Sr. Neighbours, ele é mesmo o máximo!"

Ora, não duvido da capacidade de organização do Sr. Neighbours; ouvi dizer que ele orientou várias ocasiões solenes com um estilo bastante conspícuo. Mas em momento algum ele atingiu o status de um grande mordomo. Eu teria asseverado este fato no auge da sua reputação, como também poderia ter predito sua queda após uns poucos anos de glória.

Quantas vezes vemos o mordomo que um dia está na boca de todos como o maior de sua geração mostrar-se, sem sombra de dúvida, exatamente o oposto disso? No entanto, aqueles mesmos empregados que um dia cobriram-no de elogios estarão demasiado ocupados elogiando uma nova figura qualquer e não terão tempo para parar e examinar suas próprias opiniões. O objeto desse tipo de

conversa no salão da criadagem é invariavelmente um mordomo qualquer que adquiriu fama súbita por ter sido contratado por uma casa importante, e que conseguiu talvez organizar duas ou três ocasiões solenes com algum sucesso. Haverá então toda sorte de boatos nos salões da criadagem por todo o país, segundo os quais ele foi abordado por esta ou aquela personalidade, ou as mais ilustres casas estão competindo por seus serviços, oferecendo salários inacreditavelmente altos. E o que acontece depois de poucos anos? Esse mesmo figurão infalível é responsabilizado por um descuido qualquer, ou por alguma razão cai em desfavor, deixa a casa onde ganhou fama e dele nunca mais se tem notícias. Enquanto isso, aqueles mesmos mexeriqueiros terão encontrado outro recém-chegado de quem cantar os louvores. Os camareiros visitantes, constatei, são com frequência os piores, aspirando, como geralmente fazem, a chegar rapidamente à posição de mordomos. São eles que tendem a estar sempre insistindo que essa ou aquela figura é digna de ser emulada, ou repetindo o que algum herói particular opinou a respeito de assuntos profissionais.

Por outro lado, porém, apresso-me a acrescentar, existem muitos camareiros que nunca sonhariam em cometer esse tipo de tolice — por certo, profissionais de grande discernimento. Quando duas ou três dessas pessoas estavam reunidas em nosso salão da criadagem — estou falando de gente do calibre de, por exemplo, o Sr. Graham, com quem agora, infelizmente, parece que perdi o contato — tínhamos as discussões mais estimulantes e inteligentes a respeito de cada aspecto de nossa profissão. Decerto hoje essas noites estão entre as mais caras lembranças que tenho daquele tempo.

Mas quero voltar à questão que apresenta um interesse genuíno, essa que tanto gostávamos de debater quando nossas noites não eram estragadas pela tagarelice daqueles a quem faltava qualquer entendimento fundamental da profissão: a saber, a questão de "o que é um grande mordomo?"

Pelo que sei, apesar de toda a discussão que essa questão provocou ao longo dos anos, houve muito poucas tentativas, dentro da profissão, de formular uma resposta oficial.



O único exemplo que me vem à mente é a tentativa da Hayes Society de formular critérios para a admissão dos membros. Talvez a Hayes Society não seja conhecida, pois poucos a mencionam hoje em dia. Mas na década de 20 e no início da de 30 ela exerceu uma considerável influência sobre grande parte de

Londres e da nobreza rural. Aliás, muitos julgavam que seu poder tornara-se grande demais e não acharam ruim quando ela foi forçada a fechar as portas, se não me engano em 1932 ou 1933.

A Hayes Society propalava admitir somente mordomos "da mais alta categoria". Grande parte do poder e do prestígio que viria a alcançar derivava do fato de que, ao contrário de outras organizações afins, ela conseguiu manter extremamente reduzido o número de seus membros, emprestando assim alguma credibilidade àquilo que proclamava. Dizia-se que esse número nunca passou de trinta, e que na maior parte do tempo restringia-se a nove ou dez. Isso, e mais o fato de que a Hayes Society tendia a ser uma organização parcialmente secreta, por algum tempo cobriu-a de mistério, fazendo com que as declarações que ela ocasionalmente proferia a respeito de assuntos profissionais fossem recebidas como se tivessem sido gravadas em pedra.

Mas um assunto sobre o qual a Sociedade furtou-se durante algum tempo a opinar era a questão de seus próprios critérios para a admissão de membros. A pressão, para que esses critérios fossem revelados era crescente, e em resposta a uma série de cartas publicadas no *A Quarterly for the Gentleman's Gentleman*, a sociedade admitiu que um requisito era que "o candidato estivesse trabalhando numa casa ilustre." Embora seja evidente", continuava a sociedade, "que isso por si só está longe de ser suficiente para satisfazer a todas as exigências". Além disso, ficava claro que a sociedade não considerava "ilustres" as casas de homens de negócios ou de "novos-ricos", e em minha opinião esse exemplo de pensamento ultrapassado abalou de maneira crucial qualquer autoridade que a sociedade possa ter conquistado para arbitrar os padrões da nossa profissão. Em resposta a cartas posteriores no quinzenário, a sociedade justificou sua posição dizendo que—apesar de aceitar as opiniões de alguns leitores de que certos mordomos de excelente qualidade eram encontrados em casas de homens de negócios, "era necessário presumir que as casas de damas e cavalheiros de verdade não demorariam a contratar os serviços de tais pessoas". Era preciso guiar-se pela opinião "das damas e dos cavalheiros de verdade argumentava a sociedade, ou então "podemos logo adotar as convenções da Rússia bolchevista". Isso provocou ainda mais controvérsia, e a pressão continuou a crescer, forçando a sociedade a declarar mais plenamente seus critérios de admissão. Finalmente foi revelado, numa curta missiva ao *A Quarterly*, que na opinião da sociedade — vou tentar citar corretamente — "o mais importante é que o candidato possua a dignidade condizente com a sua posição. Nenhum candidato será considerado satisfatório, não importa seu grau de qualidade em outros aspectos, se não satisfizer essa exigência".

Apesar de minha falta de entusiasmo pela Hayes Society, creio que pelo

menos esta declaração em particular baseava-se numa importante verdade. Quando se olha para essas pessoas que concordamos serem "grandes" mordomos, quando se olha para, por exemplo, o Sr. Marshall ou o Sr. Lane, parece-me que o fator que os distingue daqueles mordomos que são meramente competentes em extremo é definido à perfeição por esta palavra: "dignidade".

Isto, é claro, simplesmente leva à próxima pergunta: em que consiste a "dignidade"? E foi sobre esse ponto que o Sr. Graham e eu tivemos nossos debates mais interessantes. O Sr. Graham sempre defendia a opinião de que "dignidade" era algo como a beleza de uma mulher, sendo portanto inútil tentar analisá-la. Eu, por outro lado, mantinha a opinião de que fazer tal comparação levava ao menosprezo da "dignidade" de pessoas como o Sr. Marshall. Mais ainda: minha principal objeção à analogia do Sr. Graham era a inferência de que essa "dignidade" era algo que se possuía ou não, por um capricho da natureza; se alguém não a tivesse de maneira evidente, esforçar-se para adquiri-la seria tão inútil quanto uma mulher feia tentar fazer-se bela. Ora, embora eu concordasse que a maioria dos mordomos pode bem vir a descobrir que não possui capacidade para isso, acredito piamente que essa "dignidade" é algo que pode ser buscado ao longo de uma carreira. Aqueles "grandes" mordomos que a possuem, como o Sr. Marshall, obtiveram-na, tenho certeza, ao longo de muitos anos de disciplina e de experiência cuidadosamente absorvida. Em minha opinião, portanto, seria muito derrotismo, do ponto de vista profissional, adotar uma posição como a do Sr. Graham.

De qualquer maneira, apesar de todo o ceticismo do Sr. Graham, lembro-me que ele e eu passamos muitas noites tentando definir a constituição dessa "dignidade". Nunca chegamos a um acordo, mas de minha parte posso dizer que desenvolvi ideias próprias bem firmes durante essas discussões, e são de modo geral as crenças que ainda hoje mantenho. Gostaria, se me é permitido, de tentar mostrar aqui o que julgo ser essa "dignidade".

É fora de dúvida, presumo, que o Sr. Marshall de Charleville House e o Sr. Lane de Bridewood, são os dois grandes mordomos dos últimos tempos. Talvez alguém possa estar convencido de que o Sr. Henderson de Branbury Castle pertence também a essa rara categoria. Mas posso ser considerado suspeito se disser que meu próprio pai poderia ser considerado do mesmo nível desses homens, e que a carreira dele é aquela que sempre estudei em busca de uma definição de "dignidade". Contudo, estou firmemente convicto de que no auge da sua carreira, em Loughborough House, meu pai foi realmente a personificação da "dignidade".

Reconheço que, considerando-se objetivamente a questão, será preciso concordar que faltavam a meu pai vários atributos que normalmente poder-se-

iam. esperar de um grande mordomo. Mas esses mesmos atributos ausentes, eu argumentaria, são, sem exceção, de ordem superficial e decorativa, atributos que são atraentes, sem dúvida, como os ornamentos de um bolo, mas que não pertencem ao que é realmente essencial. Refiro-me a coisas como uma pronúncia correta, um bom domínio da língua, conhecimentos gerais em assuntos tão variados quanto a falcoaria e o acasalamento das salamandras — atributos esses dos quais meu pai não poderia gabar-se. Ademais, deve-se levar em conta que meu pai era um mordomo de uma geração mais antiga, que começou sua carreira numa época em que tais atributos não eram considerados adequados, muito menos desejáveis num mordomo. A obsessão com a eloquência e a cultura geral parece ter surgido com a nossa geração, na esteira do Sr. Marshall, quando homens inferiores, tentando imitar sua grandeza, confundiram o superficial com o essencial. É minha opinião que nossa geração tem se preocupado demais com os "enfeites"; Deus sabe quanto tempo e energia foram empregados na prática da pronúncia e no estudo da língua, quantas horas gastas na leitura de enciclopédias e livros do tipo "Teste Sua Cultura", tempo esse que deveria ter sido empregado no aprendizado das coisas fundamentais.

Mesmo com o devido cuidado para não tentarmos negar a responsabilidade que afinal é nossa, é preciso dizer que certos padrões muito fizeram para encorajar este tipo de tendência. Lamento dizer isso, mas parece haver um bom número de casas nos últimos tempos, algumas da mais alta linhagem, que se permitem uma atitude competitiva umas com as outras e não se furtam a exibir aos visitantes a perícia de um mordomo em proezas triviais. Ouvi falar de vários exemplos de um mordomo exibido como uma espécie de macaco amestrado. Num caso lamentável, que eu próprio testemunhei, tornara-se um passatempo oficial da casa que os hóspedes chamassem o mordomo e lhe fizessem perguntas ao acaso — por exemplo, quem ganhou o Derby em tal ano —, exatamente como se faz com um homem-prodígio num espetáculo circense.

Meu pai, como eu dizia, veio de uma geração felizmente livre de tal confusão a respeito de nossos valores profissionais. E declaro que, apesar de seu limitado domínio da língua inglesa e sua cultura não muito extensa, ele não apenas sabia tudo o que há para se saber a respeito de como administrar uma casa, mas também chegou a adquirir, ainda jovem, aquela "dignidade condizente com a sua posição", como coloca a Hayes Society. Se tentar, portanto, descrever aquilo que, acredito, tornava meu pai assim diferente, conseguirei talvez transmitir aqui a minha concepção do que vem a ser essa dignidade.

Havia uma história que ao longo dos anos papai gostava de repetir. Lembro-me de ouvi-lo contá-la aos visitantes quando era criança, e mais tarde, quando eu estava começando como lacaio sob sua supervisão. Recordo-me que ele contou-a

novamente na primeira vez que retornei para vê-lo depois de ganhar meu primeiro emprego como mordomo — com uns tais Sr. e Sra. Muggeridge, numa casa relativamente modesta em Allshot, Oxfordshire. Obviamente essa história significava muito para ele. A geração de papai não estava acostumada a discutir e analisar, do modo como a nossa está, e creio que contá-la e recontá-la era o mais próximo que meu pai chegou de refletir criticamente a respeito da profissão que exercia. Como tal, ela dá uma importante pista para o seu modo de pensar.

A história, aparentemente verdadeira, referia-se a certo mordomo que tinha viajado para a Índia com o patrão e trabalhado lá durante muitos anos, mantendo em meio aos empregados nativos os mesmos altos padrões que exigia na Inglaterra. Certa tarde, esse mordomo entrou na sala de jantar para certificar-se de que estava tudo pronto para a refeição quando avistou um tigre descansando debaixo da mesa. O mordomo saiu tranquilo da sala, tomando o cuidado de fechar a porta atrás de si, e foi calmamente até a sala de estar, onde seu patrão estava tomando chá com alguns visitantes. Ali, atraiu a atenção do patrão com um pigarro discreto, depois cochichou em seu ouvido:

— Lamento, senhor, mas parece haver um tigre na sala de jantar. Talvez o senhor permita que se use o rifle?

E segundo a história, minutos depois o patrão e os visitantes ouviram três disparos. Quando o mordomo reapareceu na sala de estar, mais tarde, para renovar a água dos bules de chá, o patrão perguntou se estava tudo bem.

— Perfeitamente, obrigado, senhor — fora a resposta. O jantar será servido no horário de costume e tenho o prazer de informar que a essa hora não haverá vestígios visíveis do recente acontecimento.

Essa última frase — ”a essa hora não haverá vestígios visíveis do recente acontecimento” — papai repetia com uma risada, sacudindo a cabeça com admiração. Ele não sabia o nome do mordomo, tampouco conhecia alguém que o conhecesse, mas sempre insistia em que o caso ocorreu exatamente como contava. De qualquer maneira, não faz grande diferença esta história ser ou não verídica; o importante, sem dúvida, é o que ela revela em relação aos ideais de meu pai. Pois quando penso em sua carreira, verifico que ele deve ter se esforçado muito, ao longo dos anos, para ser aquele mordomo da história. E em minha opinião, no auge da carreira papai alcançou sua ambição. Pois mesmo com a certeza de que ele jamais teve a oportunidade de encontrar um tigre sob a mesa de jantar, quando relembro tudo que sei ou ouvi falar a respeito dele ocorrem-me várias ocasiões em que ele demonstrou em abundância aquela mesma qualidade que tanto admirava no mordomo da sua história.

Um desses exemplos me foi contado pelo Sr. David Charles, da Charles and Redding Company, que de vez em quando visitava Darlington Hall no tempo de

Lord Darlington. Foi certa noite, quando por acaso eu o estava servindo; o Sr. Charles contou-me que conhecera papai alguns anos antes, quando se hospedara em Loughborough House — residência do Sr. John Silvers, o industrial, onde papai trabalhou durante quinze anos no ápice da sua carreira. Jamais conseguira esquecer meu pai, contou-me o Sr. Charles, em razão de um incidente que ocorrera durante aquela visita.

Certa tarde, o Sr. Charles permitira-se embriagar-se em companhia de dois outros convidados, fato que lhe provocou vergonha e arrependimento depois. Aos outros dois cavalheiros chamarei simplesmente Sr. Smith e Sr. Jones, já que provavelmente ambos ainda são lembrados em alguns círculos. Depois de mais ou menos uma hora bebendo, esses dois cavalheiros resolveram que queriam sair para um passeio de carro pelos povoados da região — pois nessa época os carros ainda eram novidade. Convenceram o Sr. Charles a acompanhá-los e, como na ocasião o motorista estava de folga, convocaram papai para dirigir o carro.

Depois da partida, o Sr. Smith e o Sr. Jones, apesar de serem ambos de meia-idade, passaram a se comportar como garotos, cantando canções grosseiras e fazendo comentários ainda mais grosseiros a respeito de tudo que viam pela janela. Além disso, esses cavalheiros tinham visto no mapa três povoados nas vizinhanças chamados Morphy, Saltash e Brigoon. Bem, não estou inteiramente certo de que esses fossem os nomes exatos, mas o caso é que eles lembraram ao Sr. Smith e ao Sr. Jones aqueles comediantes, Murphy, Saltinan e Brigid the Cat, de quem todos com certeza já ouviram falar. Percebendo essa curiosa coincidência, os cavalheiros então firmaram o propósito de visitar os três povoados em questão como se fosse uma homenagem àqueles artistas da comédia musical. Segundo o Sr. Charles, papai os tinha levado a um dos povoados e estava prestes a entrar no segundo quando o Sr. Smith, ou talvez o Sr. Jones, percebeu tratar-se de Brigoon — isto é, o terceiro, não o segundo nome da sequência. Irritados, exigiram que papai voltasse imediatamente, para que os povoados pudessem ser visitados "na ordem correta". Isso significava refazer grande parte do caminho já feito, mas, segundo me asseverou o Sr. Charles, meu pai aceitou o pedido como se se tratasse de algo perfeitamente razoável e continuou a comportar-se com imaculada cortesia.

Mas a atenção do Sr. Smith e do Sr. Jones tinha sido despertada pela pessoa de meu pai, e, sem dúvida entediados com o que a paisagem exterior tinha a oferecer, passaram a divertir-se gritando comentários desairosos a respeito do "engano" de papai. O Sr. Charles lembrava-se de ter ficado maravilhado ao ver que papai não mostrava qualquer sinal de embaraço ou irritação, continuando a dirigir com uma expressão perfeitamente equilibrada entre a dignidade pessoal e a boa vontade em servir. No entanto, a equanimidade de papai não teve

oportunidade de durar muito. Pois quando se cansaram de lançar insultos às costas de meu pai, os dois cavalheiros passaram a discutir seu anfitrião — isto é, o patrão de papai, o Sr. John Silvers. Os comentários ficavam cada vez mais baixos e malévolos, de modo que o Sr. Charles — pelo menos segundo ele próprio afirma — foi obrigado a intervir, argumentando que tal tipo de conversa não era de bom-tom. Essa opinião foi rebatida com tanta energia que o Sr. Charles, além de temer tornar-se o próximo foco de atenção dos cavalheiros, chegou a sentir-se ameaçado de agressão física. De súbito, em seguida a uma insinuação particularmente abominável a respeito de seu patrão, papai freou o carro abruptamente. Foi o que aconteceu em seguida que causou tão indelével impressão no Sr. Charles.

A porta traseira do carro se abriu e os passageiros viram papai parado ali, a poucos passos do veículo, olhando fixamente para o seu interior. Pela descrição do Sr. Charles, todos os três passageiros deram-se conta ao mesmo tempo da impressionante força física de meu pai. Realmente: ele tinha quase um metro e noventa de altura, e sua expressão, embora tranquilizadora quando estava no exercício de seu trabalho, podia parecer extremamente severa em certos outros contextos. Segundo o Sr. Charles, papai não demonstrou abertamente sua raiva. Tudo o que fez foi abrir a porta. No entanto, havia algo tão poderosamente reprovador, e ao mesmo tempo tão inatacável, em sua figura erguendo-se à frente deles, que os dois companheiros bêbados do Sr. Charles pareceram encolher-se como garotinhos a quem o fazendeiro surpreendeu roubando maçãs.

Papai ficou ali parado por algum tempo, sem nada dizer, simplesmente segurando a porta aberta. Finalmente, o Sr. Smith ou o Sr. Jones perguntou: — Não vamos prosseguir a viagem?

Papai não respondeu; continuou postado ali em silêncio, sem exigir que desembarcassem e sem oferecer qualquer indício de seus desejos ou intenções. Posso muito bem imaginar a sua aparência naquele dia, emoldurado pela abertura da porta do carro, sua presença imponente e severa anulando o efeito da tranquila paisagem de Hertfordshire. Foram, recorda-se o Sr. Charles, instantes estranhamente perturbadores, durante os quais ele também, apesar de não ter tomado parte na conversa precedente, sentiu-se dominado pela culpa. O silêncio pareceu estender-se para sempre, até que o Sr. Smith ou o Sr. Jones conseguiu balbuciar:

— Acho que estávamos dizendo algumas bobagens. Não vai acontecer de novo.

Papai meditou sobre isso por um instante, depois fechou a porta delicadamente, voltou para trás do volante e continuou a excursão pelos três povoados — uma excursão, segundo me assegurou o Sr. Charles, que daí em

diante foi levada a cabo em silêncio quase total.

Agora que relembrei esse episódio, vem-me à mente outra ocorrência datando mais ou menos da mesma época da carreira de papai e que demonstra talvez ainda mais marcadamente essa qualidade especial que ele veio a possuir. Devo explicar que somos dois irmãos — e que meu irmão mais velho, Leonard, foi morto durante a Guerra dos Bôeres quando eu ainda era criança. É óbvio que papai sentiu imensamente essa perda; para piorar as coisas, o costumeiro consolo de que um pai dispõe nessas ocasiões — isto é, a convicção de que o filho deu a vida gloriosamente pelo rei e pelo país — foi maculada pelo fato de que meu irmão perecera numa manobra particularmente infame. Não apenas constatou-se que essa manobra fora um ataque inteiramente contrário à ética britânica, contra aldeias bôeres civis, mas também surgiram provas concretas de que ela tinha sido comandada de maneira irresponsável, com várias falhas nas precauções bélicas mais elementares, de modo que os homens que morreram — entre eles o meu irmão — o tinham feito sem qualquer necessidade. Em vista do que estou prestes a narrar, não seria correto de minha parte identificar mais precisamente essa manobra, embora não seja impossível descobrir aquela a que me refiro se eu disser que na época o fato causou certo tumulto, aumentando significativamente a controvérsia que o conflito em sua totalidade vinha despertando. Houve pedidos de remoção, até mesmo de corte marcial, para o general envolvido, mas o exército o defendeu e ele obteve permissão para levar a campanha até o fim. O que poucos sabem é que no final da Guerra dos Bôeres esse mesmo general foi discretamente reformado e entrou no ramo de negócios, lidando com transporte marítimo na África do Sul. Conto isso porque uns dez anos depois dessa guerra, isto é, quando a dor da perda desaparecera apenas superficialmente, papai foi chamado ao escritório do Sr. John Silvers para ser comunicado que aquele mesmo personagem — a que vou chamar apenas de "o General" — viria hospedar-se por alguns dias, durante os quais o patrão de papai esperava construir os alicerces de uma lucrativa transação. O Sr. Silvers, no entanto, lembrara-se do significado que aquela visita teria para meu pai, e assim o chamara para oferecer-lhe a oportunidade de tirar alguns dias de folga durante a estada do General.

Os sentimentos de papai para com o General eram, naturalmente, de extremo horror; mas ele sabia também que as aspirações de negócios de seu patrão dependiam de que tudo corresse bem naquela ocasião social — que, tendo em vista serem esperadas umas dezoito pessoas, não podia ser considerada uma coisa de rotina. Assim, papai respondeu que, embora gratíssimo por seus sentimentos terem sido levados em consideração, ele gostaria de assegurar ao Sr. Silvers que este poderia contar com seus serviços no mesmo padrão costumeiro.

A tortura de meu pai foi ainda maior do que se poderia prever. Por um lado, quaisquer esperanças que ele tivesse de que conhecer pessoalmente o General despertaria um senso de respeito ou simpatia que lhe amenizasse a aversão mostraram-se infundadas. O General era um homem feio e corpulento, de modos nada refinados, e sua conversa era dominada pela ânsia de aplicar analogias militares a uma grande variedade de assuntos. O pior estava por vir, com a notícia de que o cavalheiro não trouxera consigo um camareiro, pois o seu caíra doente. Isso apresentava um problema delicado, pois outro convidado também estava sem seu criado, provocando a questão: qual convidado teria o mordomo como camareiro e qual ficaria com um simples serviçal? Papai, conhecendo a posição de seu patrão, ofereceu-se imediatamente para servir o General, sendo assim obrigado a suportar por quatro dias uma íntima proximidade com o homem a quem detestava. Durante esse período, o General, não tendo ideia dos sentimentos de papai, aproveitou cada oportunidade para contar casos de suas proezas militares como, naturalmente, muitos cavalheiros militares costumam fazer com seus criados na privacidade de seus quartos. Porém meu pai conseguiu esconder tão bem seus sentimentos, tão profissionalmente cumpriu seus deveres, que o General ao partir chegou mesmo a parabenizar o Sr. John Silvers pela excelência de seu mordomo, deixando, em sinal de apreciação, uma gorjeta extraordinariamente alta — a qual papai sem hesitar pedia ao patrão que fosse doada a uma obra de caridade.

Espero que todos concordem que nesses dois exemplos que citei de sua carreira — ambos confirmados por mim e, acredito, acurados — papai não apenas manifesta, mas chega próximo de ser a própria personificação do que a Hayes Society chama de "dignidade condizente com sua posição". Se se considerar a diferença entre meu pai em tais momentos e uma figura como o Sr. Jack Neighbours, mesmo no melhor de seus floreios técnicos, creio que pode-se começar a distinguir o que diferencia um "grande" mordomo de um apenas competente. Podemos agora também compreender melhor por que papai gostava tanto da história do mordomo que não entrou em pânico ao descobrir um tigre sob a mesa do jantar; porque ele sabia instintivamente que em algum lugar dessa história jazia o cerne do que é a verdadeira "dignidade". E quero colocar o seguinte: a "dignidade" está ligada, de maneira crucial, à capacidade de um mordomo de não abandonar o ser profissional que ele habita. Mordomos de baixa qualidade trocam seu ser profissional pelo ser pessoal à menor provocação. Para essas pessoas, ser mordomo é como representar numa pantomima: um pequeno empurrão, um leve tropeço, e a máscara se rompe, revelando o ator por trás dela. Os grandes mordomos são grandes em virtude de sua capacidade de viver ao máximo o seu papel profissional; não são perturbados por

acontecimentos externos, por mais surpreendentes, alarmantes ou vexatórios. Usam seu profissionalismo como um cavalheiro decente usa seu traje: não deixam que rufiões ou circunstâncias adversas o arranquem deles em público, mas despem-no quando, e só então, o desejam, isso invariavelmente apenas quando estiverem inteiramente a sós. É, repito, uma questão de "dignidade".

Diz-se às vezes que os mordomos verdadeiros só existem na Inglaterra. Outros países, sejam quais forem os nomes usados, têm apenas empregados. Acredito que isto seja verdadeiro. Os continentais não servem para mordomos, porque são incapazes do controle emocional que apenas a raça inglesa consegue ter. As pessoas do continente europeu — e de modo geral os celtas, como todos sem dúvida reconhecem — são via de regra incapazes de controlar-se em momentos de forte emoção, sendo assim incapazes de manter uma conduta profissional a não ser nas situações menos difíceis. Retornando à minha metáfora anterior — se me for permitida uma colocação tão grosseira — são como um homem que à menor provocação arranca suas roupas e sai correndo aos gritos. Em resumo, a "dignidade" está fora do alcance dessas pessoas. Nós, ingleses, temos uma importante vantagem sobre os estrangeiros em relação a isto, e é por esta razão que quando se pensa num grande mordomo ele será sem dúvida, quase por definição, inglês.

Naturalmente, pode-se argumentar, como o Sr. Graham fazia toda vez que eu expunha essa teoria durante aquelas prazerosas discussões ao pé da lareira, que, se o que afirmo é correto, só se pode reconhecer um grande mordomo após vê-lo conduzir-se durante um severo teste. No entanto a verdade é que concordamos que pessoas como o Sr. Marshall ou o Sr. Lane são grandes mordomos, embora a maioria de nós não possa dizer que os viu em tais circunstâncias. Tenho que admitir que nesse ponto o Sr. Graham tem razão, mas tudo que posso dizer é que, quando se está nesta profissão por tanto tempo, adquire-se a capacidade de julgar intuitivamente a profundidade do profissionalismo de uma pessoa sem precisar vê-la submetida a circunstâncias adversas. Aliás, quando alguém tem a grata oportunidade de conhecer um grande mordomo, ao contrário de sentir a necessidade, oriunda do ceticismo, de exigir um teste, a pessoa não consegue imaginar uma situação que poderia perturbar um profissionalismo ostentado com tanta autoridade. Na verdade, tenho certeza de que foi uma percepção desse tipo que, penetrando a espessa névoa criada pelo álcool, reduziu os passageiros de meu pai a um silêncio envergonhado, naquela tarde de domingo há muitos anos. Acontece com tais homens o que acontece com a paisagem inglesa vista em seu melhores aspectos, como fiz hoje de manhã: quando alguém os encontra, simplesmente sabe que está diante da grandeza.

Sempre haverá, reconheço, aqueles que afirmam que qualquer tentativa de

analisar a grandeza, como venho fazendo, é vã. "Sabe-se quando alguém a possui e sabe-se quando alguém não a possui", era sempre o argumento do Sr. Graham. "Fora isso, não se pode dizer muita coisa." Mas acredito que temos o dever de não sermos tão derrotistas a esse respeito. É sem dúvida uma responsabilidade profissional de todos nós pensar profundamente sobre essas coisas, de modo que cada um de nós possa esforçar-se melhor para alcançar nossa própria "dignidade".

Segundo dia



MANHÃ

Salisbury

RARAMENTE DURMO bem em cama estranha, e depois de um curto período de sono bastante agitado despertei há mais ou menos uma hora. Ainda era noite; sabendo que tinha pela frente um dia inteiro de viagem, fiz uma tentativa de voltar a dormir. Isso mostrou-se inútil, e quando afinal decidi levantar-me, ainda estava tão escuro que fui obrigado a acender a luz elétrica para poder barbear-me na pia do canto. Mas quando tornei a apagá-la, ao terminar, pude ver a claridade da aurora nas frestas das cortinas.

Ao abri-las, há um momento, a luz lá fora ainda era muito pálida e unia certa neblina prejudicava minha visão da confeitaria e da farmácia em frente. E ao olhar para o resto da rua, até o local onde ela passa por cima da pontezinha recurvada, vi a neblina erguendo-se do rio, escondendo quase inteiramente um dos pilares da ponte. Não há uma alma sequer à vista, e à parte um ruído martelado que ecoa de algum lugar a distância e uma tosse ocasional num aposento nos fundos da casa, ainda não se ouve qualquer som. A hospedeira obviamente ainda não se levantou, o que sugere que é pequena a probabilidade de que sirva o desjejum antes do horário por ela especificado, sete e meia.

Agora, nesses momentos tranquilos enquanto espero que o mundo desperte, acho-me novamente relembrando trechos da carta da Srta. Kenton. A propósito, deveria ter-me explicado anteriormente em relação a referir-me a ela como "Srta.

Kenton. A "Srta. Kenton é, na verdade, a "Sra. Benn", e o tem sido há vinte anos. No entanto, por ter convivido com ela apenas durante seus anos de solteira e não a tendo visto uma vez sequer desde que foi para o oeste a fim de tornar-se a "Sra. Benn", talvez seja desculpada a minha impropriedade ao referir-me a ela como a conheci e como em pensamentos continuei a chamá-la através desses anos. Naturalmente a carta deu-me uma razão extra para pensar nela como "Srta. Kenton", pois parece-me, infelizmente, que o casamento chegou ao fim. A carta não especifica os detalhes, como não seria mesmo de se esperar, mas a Srta. Kenton declara de modo inequívoco que agora tomou a atitude de mudar-se da casa do Sr. Benn em Helston e no momento está hospedada com uma pessoa amiga num povoado próximo chamado Little Compton.

Naturalmente, é triste que seu casamento termine em fracasso. Neste exato momento, sem dúvida, ela estará meditando com arrependimento sobre decisões tomadas no passado distante e que agora a deixam, na meia-idade, tão solitária e triste. E é fácil entender como em tal estado de espírito a ideia de voltar para Darlington Hall ser-lhe-ia de grande consolo. Reconheço que em nenhum trecho da carta ela declara explicitamente seu desejo de voltar; mas esta é a mensagem inconfundível dada pelo tom geral de muitos trechos, imbuídos de uma profunda saudade de seus dias em Darlington Hall. Naturalmente a Srta. Kenton não pode esperar, voltando agora, recuperar aqueles anos perdidos, e meu primeiro dever será explicar-lhe isto quando nos encontrarmos. Terei que salientar que as coisas agora estão muito diferentes — que os dias em que se trabalhava com uma grande equipe à disposição provavelmente não voltarão durante o tempo de nossas vidas. Porém a Srta. Kenton é uma mulher inteligente e já deve ter percebido estas coisas. Na realidade, somando-se tudo, não vejo como a opção de voltar para Darlington Hall e terminar lá seus anos de trabalho não possa oferecer um consolo pleno e verdadeiro a uma vida que chegou a ser tão marcada por uma sensação de perda.

E, naturalmente, do meu próprio ponto de vista profissional, está claro que mesmo depois de um intervalo de tantos anos a Srta. Kenton provaria ser a solução perfeita para o problema que atualmente nos aflige em Darlington Hall. Na verdade, ao falar em "problema" eu talvez esteja exagerando. Refiro-me, afinal de contas, a uma série de enganos muitíssimo triviais de minha parte, e a iniciativa que agora tomo é simplesmente um meio de prevenir quaisquer "problemas" antes que eles surjam. É verdade que esses mesmos enganos triviais causaram-me realmente alguma ansiedade a princípio, mas uma vez tendo tempo para diagnosticá-los corretamente como sintomas de nada mais que uma simples escassez de pessoal, passei a não lhes dar muita importância. A chegada da Srta. Kenton, como já disse, colocará em definitivo um fim a todos eles.

Mas, voltando à carta, ela revela às vezes um certo desespero quanto à sua atual situação — um fato deveras preocupante. Ela inicia uma frase: "Embora eu não tenha ideia de como preencher de maneira útil o resto da minha vida". E em outro trecho: "O restante da minha vida estende-se diante de mim como um vazio". De maneira geral, como já disse, o tom é de nostalgia. Em certo ponto, por exemplo, ela escreve:

"Tudo isso fez-me lembrar Alice White. Lembra-se dela? Aliás, acho difícil imaginar que o senhor a tenha esquecido. Quanto a mim, ainda sou perseguida por aquelas vogais e pelas sentenças peculiarmente incorretas que apenas ela conseguia inventar! Tem ideia do que foi feito dela?"

Não tenho, na verdade, embora deva dizer que achei muito divertido me lembrar daquela exasperante arrumadeira — que afinal mostrou ser uma das mais dedicadas. Em outro trecho a Srta. Kenton escreve:

"Gostava tanto da vista dos quartos do segundo andar, dando para o gramado, com os campos visíveis a distância... Ainda é assim? Nas tardes de verão havia uma espécie de qualidade mágica naquela paisagem, e agora vou lhe confessar que eu costumava desperdiçar muitos minutos preciosos junto a uma daquelas janelas, tomada de encantamento."

Em seguida ela acrescenta:

"Se esta for uma recordação triste, perdoe-me. Mas nunca esquecerei aquela ocasião em que ambos observávamos seu pai caminhando de um lado para outro diante do pavilhão de verão, olhos fixos no solo como se esperasse encontrar alguma joia preciosa que ele tivesse perdido ali."

É de certo modo uma revelação que essa lembrança de mais de trinta anos tenha perdurado na Srta. Kenton como perdurou em mim. Na verdade, o caso deve ter ocorrido numa daquelas tardes de verão que ela menciona, pois lembro-me distintamente de ter subido ao segundo andar e visto diante de mim uma série de raios alaranjados do sol poente rompendo a penumbra do corredor onde as portas dos quartos estavam escancaradas. E ao passar diante de um desses quartos avistei lá dentro a figura da Srta. Kenton em silhueta contra uma janela. Ela voltou-se e me chamou em voz baixa: — Um momento, Sr. Stevens. Enquanto eu entrava, a Srta. Kenton virou-se novamente para a janela. Lá embaixo, as sombras dos choupos caíam sobre o gramado. À direita do nosso campo de visão o gramado erguia-se num aclave suave até um barranco onde ficava o pavilhão de verão, e foi ali que avistamos a figura de meu pai, caminhando lentamente, com ar preocupado — aliás, como a Srta. Kenton tão bem define, "como se esperasse encontrar alguma joia preciosa que ele tivesse perdido ali".

Existem algumas razões bem pertinentes pelas quais esta recordação perdura

em mim, como desejo explicar. Mais ainda: pensando agora sobre isto, bem, talvez não seja tão surpreendente que ela tenha também causado uma profunda impressão na Srta. Kenton, devido a certos aspectos do relacionamento dela com meu pai durante seus primeiros dias em Darlington Hall.



A Srta. Kenton e meu pai chegaram à casa mais ou menos na mesma época — isto é, na primavera de 1922 — como consequência de eu ter perdido num mesmo golpe a antiga governanta e o submordomo. Isso ocorreu porque aqueles dois resolveram casar-se um com o outro e abandonar a profissão. Sempre achei que esse tipo de ligação é uma séria ameaça à ordem doméstica. Depois disso já perdi muitos empregados em tais circunstâncias. É claro que deve-se esperar que esse tipo de coisa ocorra entre criadas e criados, e um bom mordomo deveria sempre levar isto em consideração ao fazer seu planejamento; mas um tal casamento entre empregados de posição superior pode ter um efeito extremamente nocivo no trabalho. É claro que se a dois membros da criadagem acontece se apaixonarem e resolverem casar-se, seria tolice estar procurando culpados; mas o que considero um grande contratempo são aquelas pessoas — e neste ponto as governantas são particularmente culpadas — que não possuem um devotamento, genuíno à profissão e que passam de um emprego a outro procurando romances. Esse tipo de pessoa é uma mancha no verdadeiro profissionalismo.

Mas quero declarar de imediato que não estou pensando na Srta. Kenton quando digo isto. É bem verdade que ela também deixou o emprego para casar-se, mas posso assegurar que durante o tempo em que trabalhou como governanta sob minhas ordens ela nunca foi algo menos que dedicada e nunca permitiu que suas prioridades profissionais fossem prejudicadas.

Mas estou fugindo ao assunto. Estava explicando que deparamos com a necessidade de conseguir uma governanta e um submordomo ao mesmo tempo, e a Srta. Kenton chegou — com referências extraordinariamente boas, se bem me lembro — para preencher o lugar de governanta. Aconteceu que por essa época papai chegava ao fim de seu excelente serviço em Loughborough House com a morte de seu patrão, o Sr. John Silvers, e estava algo incerto em relação a trabalho e moradia. Embora ainda fosse, naturalmente, um profissional da mais alta classe, tinha agora mais de setenta anos e estava bastante assolado pela artrite e por outros achaques. Não se sabia, portanto, como ele se sairia ao

competir com uma geração mais jovem de mordomos altamente profissionalizados que procuravam emprego. Diante disso, pareceu-me uma solução razoável pedir a meu pai que trouxesse para Darlington Hall a sua grande experiência e distinção.

Lembro-me de certa manhã pouco tempo depois de meu pai e a Srta. Kenton terem entrado para o serviço da casa. Eu estava em meu escritório, sentado à mesa examinando papéis relativos ao trabalho, quando ouvi baterem à porta. Lembro-me que fiquei um pouco contrariado quando a Srta. Kenton abriu a porta e entrou antes que eu a convidasse a tal. Trazia um grande jarro de flores, e disse com um sorriso:

— Sr. Stevens, achei que isto ia alegrar um pouco a sua sala.

— Como disse, Srta. Kenton?

— É uma pena que o seu aposento fique tão escuro e frio, Sr. Stevens, quando lá fora está um dia de sol tão lindo. Achei que estas flores alegrariam um pouco as coisas.

— Foi muita gentileza sua, Srta. Kenton.

— É uma pena que não entre mais sol aqui. As paredes são até um pouco úmidas, não são, Sr. Stevens?

Voltei para as minhas contas, dizendo:

— Mera condensação, acredito, Srta. Kenton.

Ela colocou o jarro sobre a mesa diante de mim e então, tornando a relancear o olhar pelo meu escritório, declarou:

— Se desejar, Sr. Stevens, eu poderia trazer-lhe mais flores.

— Srta. Kenton, aprecio a sua gentileza. Mas este não é um aposento de lazer. Fico satisfeito em ter o mínimo possível de distrações.

— Mas certamente, Sr. Stevens, não há necessidade de manter sua sala tão nua e despida de cores.

— Ela me serviu perfeitamente até hoje do modo como é, Srta. Kenton, embora eu agradeça a sua preocupação. Aliás, já que está aqui, há um certo assunto que desejo conversar com a senhorita.

— Sim, Sr. Stevens?

— Sim, Srta. Kenton, um assunto trivial. Ontem eu vinha passando pela porta da cozinha quando ouvi a senhorita chamar alguém de nome William.

— Realmente, Sr. Stevens?

— Realmente, Srta. Kenton. Ouvi-a chamar várias vezes ”William”. Posso perguntar-lhe a quem a senhorita se dirigia por este nome?

— Ora, Sr. Stevens, naturalmente eu me dirigia a seu pai. Não há outro William nesta casa, pelo que sei.

— Um erro facilmente desculpável — falei, com um sorriso. — Posso pedir-

lhe, Srta. Kenton, que no futuro dirija-se a meu pai como "Sr. Stevens? Se estiver se referindo a ele na terceira pessoa, poderá, se assim o desejar, chamá-lo de "Sr. Stevens pai" para distingui-lo da minha pessoa. Fico-lhe muito grato, Srta. Kenton.

Com isto voltei para meus papéis. Mas para minha surpresa a Srta. Kenton não se retirou.

— Por favor, Sr. Stevens — chamou, depois de um momento.

— Sim, Srta. Kenton?

— Acho que não compreendi muito bem o que o senhor deseja. No passado, acostumei-me a chamar de "você" os empregados em posição inferior à minha, e usar seus nomes próprios, e não vi razão para agir diferentemente nesta casa.

— Um engano muito compreensível, Srta. Kenton. De qualquer maneira, se pensar um pouco sobre a situação poderá vir a compreender a impropriedade de alguém como a senhorita falar de modo superior com alguém como meu pai.

— Ainda não compreendo aonde quer chegar, Sr. Stevens. O senhor fala em alguém como eu, mas pelo que entendo sou a governanta desta casa, ao passo que seu pai é o submordomo.

— Ele naturalmente tem o título de submordomo, como a senhorita salienta. Mas fico surpreso que seus poderes de observação ainda não tenham deixado claro para a senhorita que ele é mais que isso na realidade. Muito mais.

— Sem dúvida fui extremamente pouco observadora, Sr. Stevens. Tinha observado apenas que seu pai era um submordomo muito eficiente, e como tal o tratei. Deve ter sido muitíssimo vexatório, para ele, ser tratado assim por alguém como eu.

— Srta. Kenton, é óbvio, pelo seu tom, que a senhorita simplesmente não observou meu pai. Se o tivesse feito, a impropriedade de alguém de sua idade e posição dirigir-se a ele como William lhe seria evidente.

— Sr. Stevens, posso não ser governanta há muito tempo, mas gostaria de dizer que, em todo o tempo em que o fui, minha capacidade angariou comentários muito generosos.

— Nem por um instante duvido da sua competência, Srta. Kenton. Mas mil coisas deveriam ter-lhe indicado que meu pai é uma figura de distinção incomum, com quem a senhorita poderia aprender muitas coisas, se estivesse preparada para ser mais observadora.

— Fico-lhe muitíssimo grata pelo conselho, Sr. Stevens. Portanto diga-me, por favor, que coisas maravilhosas eu poderia aprender observando seu pai?

— Eu diria que isso é óbvio para quem quer que tenha olhos, Srta. Kenton.

— Mas já estabelecemos, não foi, que sou particularmente deficiente nesse aspecto.

— Srta. Kenton, se acha que na sua idade já chegou à perfeição, jamais alcançará as alturas de que a senhorita sem dúvida é capaz. Posso salientar, por exemplo, que a senhorita ainda fica com frequência indecisa quanto a que coisa fica onde e qual objeto é qual.

Isso pareceu esvaziar um pouco o entusiasmo da Srta. Kenton. De fato, por um instante ela pareceu meio contrariada. Depois disse:

— Tive um pouco de dificuldade logo que cheguei, mas certamente isto é normal.

— Ah, exatamente, Srta. Kenton. Se tivesse observado meu pai, que chegou a esta casa uma semana depois da senhorita, teria visto que o conhecimento doméstico dele é perfeito, e assim tem sido quase que desde o momento em que ele pôs os pés em Darlington Hall.

A Srta. Kenton pareceu pensar sobre isso antes de dizer, um tanto amuada:

— Estou certa de que o Sr. Stevens pai é muito bom em seu trabalho, mas asseguro-lhe, Sr. Stevens, eu sou muito boa no meu. Vou me lembrar, no futuro, de dirigir-me a seu pai usando seu nome todo. Agora por favor dê-me licença.

Depois dessa conversa, a Srta. Kenton não tentou mais introduzir flores na minha sala, e de modo geral, como observei com prazer, continuou sua adaptação de maneira notável. Além disso, era óbvio que se tratava de uma governanta que levava muito a sério o seu trabalho e, apesar de sua pouca idade, não parecia ter qualquer dificuldade em ganhar o respeito dos empregados.

Percebi também que ela estava realmente tratando meu pai por "Sr. Stevens. Certa tarde, no entanto, uns quinze dias, talvez, depois da conversa no meu escritório, eu estava fazendo alguma coisa na biblioteca quando a Srta. Kenton entrou e disse:

— Com licença, Sr. Stevens. Se o senhor está procurando sua pá de lixo, ela está lá no saguão.

— Que foi que disse, Srta. Kenton?

— Sua pá de lixo, Sr. Stevens. O senhor deixou-a lá. Quer que a traga?

— Srta. Kenton, não usei pá de lixo.

— Ah, bom, então perdoe-me, Sr. Stevens. Naturalmente imaginei que o senhor estava usando sua pá de lixo e a tinha deixado no saguão. Desculpe-me por tê-lo incomodado.

Ela fez menção de se retirar, mas ao chegar à porta virou-se e disse:

— Ah, Sr. Stevens, eu mesma poderia guardá-la, mas tenho que ir lá em cima imediatamente. Será que o senhor não vai esquecer?

— Claro que não, Srta. Kenton. Obrigado por ter me avisado.

— De nada, Sr. Stevens.

Escutei os passos dela atravessando o saguão e começando a subir a grande

escadaria; então eu próprio me dirigi para a porta. Da porta da biblioteca tinha-se a visão perfeita das portas principais da casa, do outro lado do saguão de entrada. Praticamente no centro do assoalho encerado encontrava-se a pá de lixo mencionada pela Srta. Kenton.

Para mim, tratava-se de um erro trivial, porém irritante; a pá de lixo encontrava-se visível não apenas das cinco portas do andar térreo que se abriam para o saguão, mas também da escadaria e dos corredores do segundo andar. Atravessei o saguão e já tinha recolhido o objeto quando tomei consciência de todos os subentendidos — lembrei-me de que papai estivera varrendo o saguão de entrada, mais ou menos uma hora antes. A princípio achei difícil atribuir tal erro a meu pai. Mas logo raciocinei que um engano assim trivial pode acontecer a qualquer um de vez em quando, e minha irritação voltou-se para a Srta. Kenton, que tentara criar uma confusão tão descabida a respeito do incidente.

Então, não mais que uma semana depois disso, eu vinha descendo o corredor dos fundos, vindo da cozinha, quando a Srta. Kenton saiu de sua sala e fez uma declaração que ela claramente vinha ensaiando; tratava-se de algo no sentido de que, embora se sentisse muito pouco à vontade ao chamar minha atenção para erros cometidos por minha equipe, ela e eu tínhamos que trabalhar unidos, e ela esperava que eu não me sentisse inibido de agir da mesma forma ao perceber algum erro cometido pelas empregadas. Daí declarou que vários talheres arrumados para o jantar traziam manchas de polidor. A ponta de um garfo estava praticamente negra. Agradei, e ela voltou para sua sala. Naturalmente não lhe fora necessário mencionar que a prataria era uma das responsabilidades de meu pai, algo de que ele muito se orgulhava.

É bem possível que tenha havido vários episódios do mesmo gênero, que agora me fogem à memória. De qualquer maneira, lembro-me que as coisas chegaram a uma espécie de clímax certa tarde cinzenta e úmida. Estando eu no salão de bilhar cuidando dos troféus esportivos de Lord Darlington, a Srta. Kenton entrou e disse da porta:

— Sr. Stevens, acabo de perceber algo que me deixa perplexa.

— E o que seria, Srta. Kenton?

— Foi desejo de Sua Excelência que o chinês do patamar superior fosse trocado pelo chinês que fica do lado de fora desta porta?

— O chinês, Srta. Kenton?

— Sim, Sr. Stevens. O senhor vai encontrar junto a esta porta o chinês que normalmente fica lá em cima.

— Srta. Kenton, acho que está meio confusa.

— Não creio que esteja confusa, Sr. Stevens. Faço questão de conhecer o lugar dos objetos de uma casa. Os chineses, imagino, foram limpos por alguém e

depois recolocados de maneira incorreta. Se não acredita, Sr. Stevens, talvez queira chegar até aqui e ver por si mesmo.

— Srta. Kenton, no momento estou ocupado.

— Mas, Sr. Stevens, o senhor parece não acreditar no que estou dizendo. Portanto peço-lhe que venha até o lado de fora desta porta e observe por si mesmo.

— Srta. Kenton, neste momento estou ocupado; em seguida cuidarei do assunto. Não é uma questão de urgência.

— Então o senhor reconhece, Sr. Stevens, que não estou equivocada?

— Não reconheço coisa alguma, Srta. Kenton, até ter a oportunidade de tratar do assunto. No entanto, estou ocupado no momento.

Voltei para meu trabalho, mas a Srta. Kenton permaneceu na porta me observando. Finalmente disse:

— Vejo que está quase terminando, Sr. Stevens. Vou esperá-lo aqui fora, de modo que este assunto possa ser encerrado quando o senhor sair.

— Srta. Kenton, creio que a senhorita está dando ao caso uma urgência que ele não merece.

Mas a Srta. Kenton tinha saído, e enquanto eu continuava o meu trabalho uma passada ocasional ou outro ruído qualquer lembrava-me que ela ainda estava por ali. Resolvi, portanto, ocupar-me com outras tarefas no salão de bilhar, imaginando que depois de algum tempo ela perceberia o ridículo de sua posição e partiria. No entanto, passado algum tempo, tendo eu terminado todas as tarefas que poderiam ser executadas com os implementos que tinha em mãos, a Srta. Kenton evidentemente ainda estava lá fora. Resolvido a não perder mais tempo com aquela infantilidade, pensei em sair pelas portas-janelas. Uma falha neste plano era o tempo instável — as grandes poças de lama lá fora — e o fato de que seria necessário voltar novamente ao salão de bilhar para fechar por dentro as portas-janelas. Finalmente, então, resolvi que a melhor estratégia seria simplesmente sair de repente da sala, em passo apressado. Assim, coloquei-me silenciosamente numa posição de onde pudesse executar essa saída e, segurando com firmeza meus apetrechos, consegui atravessar a porta e dar vários passos pelo corredor antes que a Srta. Kenton, atônita, conseguisse se recuperar do susto. Mas ela o fez com muita rapidez, e no momento seguinte percebi que me ultrapassara e estava parada diante de mim, barrando-me a passagem.

— Sr. Stevens, o senhor concorda que este chinês não é o correto?

— Srta. Kenton, estou muito ocupado. Fico surpreso ao constatar que a senhorita não tem coisa melhor a fazer do que ficar o dia inteiro parada no corredor.

— Sr. Stevens, este chinês é ou não é o correto?

— Srta. Kenton, gostaria de lhe pedir para falar mais baixo.

— E eu gostaria de lhe pedir, Sr. Stevens, para se virar e olhar para o chinês.

— Srta. Kenton, por favor fale baixo. Que pensariam os empregados lá embaixo se nos ouvissem gritando assim a respeito de qual é e qual não é o chinês correto?

— Sr. Stevens, o fato é que todos os chineses desta casa estavam sujos há bastante tempo! E agora estão em posições incorretas!

— Srta. Kenton, a senhorita está sendo ridícula. Agora faça a gentileza de me deixar passar.

— Sr. Stevens, quer fazer o favor de olhar para o chinês às suas costas?

— Se isso é tão importante para a senhorita, concordarei que o chinês às minhas costas pode muito bem estar em posição incorreta. Mas devo dizer que não entendo por que a senhorita está tão preocupada com esses enganos tão triviais.

— Esses enganos podem ser triviais em si próprios, Sr. Stevens, mas o senhor mesmo deve reconhecer seu significado mais amplo.

— Srta. Kenton, não estou entendendo. Agora por favor faça a gentileza de me deixar passar.

— Sr. Stevens, o fato é que seu pai tem responsabilidades muito maiores do que um homem daquela idade deveria ter.

— Srta. Kenton, a senhorita obviamente não tem ideia do que está sugerindo.

— O que quer que seu pai tenha sido um dia, Sr. Stevens, suas forças estão agora muito reduzidas. É isto que esses "erros triviais", como o senhor os chama, significam realmente, e se o senhor não lhes der atenção não vai demorar para que seu pai cometa um erro de grandes proporções.

— Srta. Kenton, está apenas fazendo papel de tola.

— Lamento, Sr. Stevens, mas devo prosseguir. Creio que há muitas obrigações das quais seu pai deveria agora ser poupado. Ele não deveria, por exemplo, continuar carregando bandejas pesadas. O modo como suas mãos tremem segurando as bandejas do jantar não é menos que assustador. Certamente é apenas uma questão de tempo até que uma bandeja caia no colo de uma dama ou de um cavalheiro. E além disso, Sr. Stevens, lamento muito ter que dizer isto, mas já percebi o nariz de seu pai.

— Já mesmo, Srta. Kenton?

— Lamento dizer que sim, Sr. Stevens. Na noite de anteontem observei seu pai dirigindo-se bem devagar para a sala de jantar com a bandeja, e digo com pesar que percebi nitidamente uma grande gota na ponta do nariz dele pendendo sobre as terrinas de sopa. Não creio que este estilo de servir seja um grande

estimulante do apetite.

Agora, porém, pensando melhor no assunto, não creio que a Srta. Kenton tenha falado com tanto atrevimento naquele dia. É claro que ao longo dos anos de trabalho juntos nós tivemos alguns diálogos muito francos, mas a tarde que estou narrando foi ainda no início de nosso relacionamento e não posso imaginar alguém — nem mesmo a Srta. Kenton — sendo tão petulante. Não tenho certeza de que ela tenha ido longe a ponto de dizer coisas como "esses erros podem ser triviais por si próprios, mas o senhor mesmo deve perceber seu significado mais amplo". De fato, agora que penso nisto, tenho a sensação de que pode ter sido o próprio Lord Darlington quem me fez esse comentário na ocasião em que me chamou a seu escritório, uns dois meses depois daquela cena com a Srta. Kenton na porta do salão de bilhar. Nessa época a situação em relação a papai mudara significativamente, depois de seu tombo.



As portas do escritório são aquelas que ficam defronte a quem desce pela grande escadaria. Hoje em dia há, do lado de fora do escritório, um armário de vidro exibindo vários ornamentos pertencentes ao Sr. Farraday, mas na época de Lord Darlington havia no local uma estante com muitos volumes de enciclopédias, inclusive a "Britânica" completa. Era um truque de Lord Darlington postar-se diante da estante examinando as lombadas dos volumes enquanto eu descia a escadaria, e às vezes, para aumentar o efeito de um encontro acidental, ele chegava a retirar um volume e fingir estar completamente absorto enquanto eu completava a descida. Então dizia, quando eu passava por ele: "Ah, Stevens, há uma coisa que quero falar com você." Dito isso, ele voltava devagar para o escritório, aparentemente ainda absorto no livro que tinha nas mãos. Invariavelmente, era o constrangimento pelo que estava prestes a dizer que fazia Lord Darlington adotar essa abordagem, e, mesmo depois de fechada a porta do escritório ele costumava postar-se à janela e durante toda a conversa fingir que estava consultando a enciclopédia.

A propósito, o que agora descrevo é um dos muitos exemplos que eu poderia usar para mostrar a natureza essencialmente tímida e modesta de Lord Darlington. Muita bobagem foi dita e escrita, nos últimos anos, a respeito de Sua Excelência e do relevante papel que ele veio a desempenhar em assuntos importantes, e alguns comentários inteiramente ignorantes afirmavam que ele era motivado pelo egoísmo ou então por arrogância. Quero declarar aqui que nada

poderia estar mais longe da verdade. Era completamente contrário às tendências naturais de Lord Darlington tomar as posições públicas que ele veio a adotar, e posso dizer com convicção que ele foi persuadido a contrariar seu lado tímido apenas por um profundo senso de dever moral. O que quer que possa ser dito a respeito de Sua Excelência naquela época — e a grande maioria é, como já disse, uma completa bobagem posso garantir que ele era realmente um homem de bom coração, um perfeito cavalheiro, a quem me orgulho hoje de ter dedicado meus melhores anos de trabalho.

Na tarde em particular a que me refiro, Sua Excelência tinha ainda seus cinquenta e poucos anos; porém, pelo que me lembro, seus cabelos estavam inteiramente grisalhos e sua figura alta e esguia já mostrava sinais da corcunda que tornar-se-ia tão pronunciada em seus últimos anos. Ele mal ergueu os olhos do livro ao perguntar:

— Seu pai está se sentindo melhor agora, Stevens?

— Fico feliz em dizer que ele recuperou-se plenamente, senhor.

— Fico muito contente em saber. Muito contente.

— Obrigado, senhor.

— Escute aqui, Stevens, tem havido algum...bem... algum indício? Estou falando de algum sinal de que seu pai possa estar desejando que sua carga de trabalho seja mais leve. Quero dizer, além desse negócio do tombo.

— Como já disse, senhor, papai parece ter-se recuperado plenamente, e acredito que ainda é uma pessoa em quem se pode depositar considerável confiança. É verdade que ultimamente alguns enganos foram cometidos no cumprimento de seus deveres, mas todos eles foram de natureza bem trivial.

— Mas nenhum de nós deseja que uma coisa assim torne a acontecer, não é mesmo? Quero dizer, o tombo de seu pai e tudo mais.

— Claro que não, senhor.

— E, naturalmente, se aconteceu no gramado, poderia acontecer em qualquer lugar. E a qualquer hora.

— Sim, senhor.

— Poderia acontecer, por exemplo, durante o jantar, quando seu pai estivesse servindo à mesa.

— É possível, senhor.

— Escute aqui, Stevens, o primeiro dos delegados chegará em menos de duas semanas.

— Estamos preparados, senhor.

— O que acontecer dentro desta casa depois disso poderá ter uma repercussão considerável.

— Deveras, senhor.

— Quero dizer, realmente *considerável*. Em toda a conduta que a Europa adotará. Tendo em vista as pessoas que estarão presentes, acho que não estou exagerando.

— De modo algum, senhor.

— Não é o momento de correremos riscos desnecessários.

— Realmente, senhor.

— Escute aqui, Stevens, não é o caso de seu pai parar de trabalhar. Estou simplesmente pedindo a você que diminua as obrigações dele.

E foi então, acredito, que Lord Darlington disse, baixando novamente os olhos para o livro e acompanhando um verbete com o dedo, num gesto desajeitado:

— Esses erros podem ser triviais em si próprios, Stevens, mas você mesmo deve perceber seu significado mais amplo. Os dias de trabalho intenso de seu pai já passaram. Não se deve pedir a ele que desempenhe qualquer tarefa em qualquer área onde um erro possa pôr em risco o sucesso da conferência que está para acontecer aqui.

— Perfeitamente, senhor. Compreendo perfeitamente.

Devo dizer que Lord Darlington testemunhara a queda de papai, mais ou menos uma semana antes. Sua Excelência estava com dois visitantes, uma dama e um cavalheiro, no pavilhão de verão, e viu papai se aproximar pelo gramado carregando uma muito bem-vinda bandeja com o chá. O gramado sobe uma ladeira de vários metros diante do pavilhão, e naquela época, assim como hoje, quatro pedras embutidas na grama serviam de degraus. Foi perto desses degraus que papai caiu, espalhando o conteúdo da bandeja — o bule de chá, xícaras, pratos, sanduíches, bolos — pela grama junto ao topo dos degraus. Quando recebi a notícia e fui para lá, Sua Excelência e seus visitantes tinham deitado papai de lado, com uma almofada e um tapete do pavilhão servindo de travesseiro e coberta. Papai estava inconsciente, e seu rosto tinha uma estranha coloração cinzenta. O Dr. Meredith já tinha sido chamado, mas Sua Excelência era de opinião de que papai devia ser retirado do sol antes da chegada do médico; conseqüentemente providenciou-se uma cadeira de rodas e com bastante dificuldade papai foi transportado para dentro de casa. Quando o Dr. Meredith chegou, ele já tinha melhorado consideravelmente, e o médico logo partiu, fazendo apenas declarações vagas no sentido de que papai talvez estivesse "trabalhando demais".

O episódio todo foi muito vexatório para meu pai, e por ocasião daquela conversa no escritório de Lord Darlington ele já tinha, havia muito, voltado a se ocupar tanto quanto sempre o fizera. Portanto, a questão de como mencionar o assunto da redução de suas responsabilidades não era fácil. Minha dificuldade

tornava-se ainda maior pelo fato de que nos últimos anos papai e eu — por alguma razão com a qual nunca cheguei realmente a atinar — tendíamos a conversar cada vez menos. Tanto assim que, depois de sua chegada a Darlington Hall, até mesmo os curtos diálogos necessários à comunicação de assuntos de trabalho ocorriam numa atmosfera de constrangimento mútuo. Finalmente, achei que a melhor opção seria conversarmos na privacidade do quarto dele, dando-lhe assim a oportunidade de meditar sobre sua nova situação a sós, depois que eu me retirasse. As únicas ocasiões em que papai poderia ser encontrado no quarto eram bem cedo de manhã e tarde da noite. Escolhendo a primeira, certa manhã subi até seu quartinho no sótão, na ala dos criados, e bati de leve.



Raramente tivera ocasião de entrar no quarto de papai, e de novo impressionou-me seu tamanho reduzido e sua simplicidade. Lembro-me que minha impressão foi de ter entrado numa cela de prisão, mas isso podia dever-se tanto à pálida luz do início da manhã quanto ao tamanho do quarto ou às paredes nuas. Pois papai tinha aberto as cortinas e estava sentado, de barba feita e uniformizado, na beira da cama, onde evidentemente estivera contemplando o amanhecer. Pelo menos julguei que ele estava contemplando o céu, pois de sua pequena janela pouco se podia ver além do telhado e de alguns canos de esgoto. O lampião a óleo junto à cama estava apagado, e quando vi papai olhar com reprovação para o lampião que eu trouxera para iluminar a escada estreita, baixei depressa o pavio. Tendo feito isso, percebi com mais intensidade o efeito da luz desmaiada que entrava no quarto e o modo como ela iluminava os contornos do rosto áspero, enrugado e ainda intimidante de meu pai.

— Ah! — exclamei, com uma risadinha. — Eu devia saber que meu pai já estaria de pé e pronto para iniciar o dia.

— Levantei-me há mais de três horas — respondeu ele, olhando-me friamente de cima a baixo.

— Espero que os problemas de artrite não estejam impedindo meu pai de dormir.

— Durmo o tempo necessário.

Papai estendeu os braços para a única cadeira do quarto, pequena e de madeira, e, segurando-a pelo encosto com as duas mãos, levantou-se. Quando o vi ereto diante de mim, não consegui saber até que ponto ele estava curvado em razão da doença e até que ponto isso se devia à necessidade de caber naquele

aposenho de pé-direito tão baixo.

— Vim até aqui para contar-lhe algo, papai.

— Então seja breve. Não disponho da manhã inteira para ficar ouvindo suas conversas.

— Neste caso, papai, vou direto ao assunto.

— Então vá direto ao assunto e acabe logo com ele. Alguns de nós temos serviço a fazer.

— Muito bem. Já que deseja que eu seja breve, vou fazer o possível para obedecer. O fato é que meu pai está cada vez mais doente. Tanto que até as obrigações de um submordomo estão agora além da sua capacidade. Lord Darlington tem a opinião, como eu também, de que enquanto meu pai tiver permissão para continuar com sua atual carga de obrigações, vai representar uma ameaça constante ao bom funcionamento da casa, e em particular à importante reunião internacional na semana próxima.

À meia-luz, o rosto de papai não traiu qualquer emoção.

— Principalmente, meu pai não deveria mais servir à mesa, haja ou não convidados — prossegui.

— Servi à mesa todos os dias dos últimos cinquenta e quatro anos — papai declarou, a voz inteiramente tranquila.

— Além disso, foi decidido que meu pai não deve carregar bandejas cheias, mesmo que por pequenas distâncias. Diante dessas limitações, e conhecendo a estima de meu pai pela concisão, anotei aqui as novas obrigações que ele terá de agora em diante.

Não quis fazer o gesto de passar-lhe a folha de papel, de modo que coloquei-a em cima da cama. Papai olhou-a de relance, depois voltou a olhar para mim. Ainda não havia qualquer vestígio de emoção no rosto dele, e as mãos no encosto da cadeira pareciam inteiramente relaxadas. Curvado ou não, era impossível não sentir o impacto de sua presença física — o mesmo que certa vez reduziu à sobriedade dois cavalheiros embriagados dentro de um carro. Finalmente ele declarou:

— Naquela ocasião só caí por causa dos degraus. Eles estão tortos. É preciso dizer a Seamus para consertá-los antes que alguém mais sofra o mesmo.

— Sem dúvida. De qualquer maneira, posso ter certeza de que meu pai vai estudar esta lista?

— É preciso mandar Seamus consertar aqueles degraus. Certamente antes que os cavalheiros da Europa comecem a chegar.

— Realmente. Bem, papai, bom dia.

Aquela noite de verão à qual a Srta. Kenton referiu-se em sua carta veio logo depois desta conversa — aliás, pode muito bem ter sido no mesmo dia. Não me

lembro qual o meu propósito ao subir ao segundo andar, onde os quartos de hóspedes abrem-se para o corredor. Mas acho que já contei que lembro-me vividamente do modo como a última luz do dia entrava por cada porta aberta e cortava o corredor com manchas alaranjadas. Quando passei por um dos quartos vazios, avistei a figura da Srta. Kenton em silhueta diante de uma janela, e ela me chamou.

Quando se pensa sobre isso, quando se recorda o modo como a Srta. Kenton repetidas vezes referiu-se a meu pai durante seus primeiros dias em Darlington Hall, não é de se estranhar que ela tenha guardado durante todos esses anos a lembrança daquela noite. Sem dúvida experimentava um certo sentimento de culpa enquanto nós dois contemplávamos da janela a figura de papai lá embaixo. As sombras dos choupos cobriam grande parte do gramado, mas o sol iluminava o extremo oposto, onde a grama erguia-se até o pavilhão de verão. Papai estava parado junto aos quatro degraus, imerso em pensamentos. A brisa remexia-lhe de leve os cabelos. Então, enquanto observávamos, ele subiu lentamente os degraus. No topo, voltou-se e tornou a descer, um pouco mais depressa. Voltando-se mais uma vez, papai ficou imóvel por alguns segundos, estudando os degraus à sua frente. Finalmente galgou-os pela segunda vez, com muita deliberação. Dessa vez continuou andando até quase chegar ao pavilhão, e então virou-se e veio caminhando devagar, sem tirar os olhos do chão. Na verdade, não posso descrever seus modos de maneira melhor do que Srta. Kenton o fez em sua carta; era realmente "como se esperasse encontrar alguma joia preciosa que ele tivesse perdido ali".



Mas percebo que estou ficando preocupado com estas lembranças, e isto talvez seja tolice. Esta viagem representa, afinal, uma rara oportunidade de saborear ao máximo os muitos encantos do cenário campestre da Inglaterra, e sei que mais tarde lamentarei se me permitir agora distrair-me com coisas indevidas. Na verdade, vejo que ainda não registrei aqui coisa alguma de minha viagem para esta cidade — além de mencionar sucintamente aquela parada na estrada da colina, bem no início. Trata-se de uma grande omissão, considerando-se quanto apreciei a viagem de ontem.

Planejei a viagem até aqui com muito cuidado, evitando quase inteiramente as estradas principais; para alguns essa rota poderia parecer desnecessariamente tortuosa, mas ela me permitiu chegar a um bom número de locais recomendados

pela Sra. J. Symons em seus excelentes livros e devo dizer que fiquei muito satisfeito com o itinerário. Este levou-me, durante grande parte do tempo, a atravessar terras de fazenda, em meio ao agradável aroma dos campos de pastagem, e muitas vezes diminuí a velocidade do Ford para apreciar um regato ou um vale. Mas lembro-me que não tornei a desembarcar senão bem perto de Salisbury.

Nessa ocasião eu seguia uma estrada longa e reta, com prados estendendo-se, de ambos os lados. Na realidade, naquele ponto o terreno tomara-se plano e aberto, permitindo que se enxergasse a uma distância considerável em todas as direções, e a torre da Catedral de Salisbury fizera-se visível no horizonte à minha frente. Um estado de espírito de tranquilidade me dominara, e por essa razão creio que estava novamente dirigindo muito devagar — provavelmente a não mais que trinta quilômetros por hora. Ainda bem, pois vi no último instante uma galinha que atravessava meu caminho despreocupadamente. Consegui deter o carro a menos de um metro da ave, que por sua vez interrompeu seu percurso, deixando-se ficar parada na frente do veículo. Quando, depois de um momento, vi que ela não se movia, recorri à buzina do carro, mas isso não obteve qualquer efeito além de fazer com que a criatura se pusesse a ciscar o chão. Levemente irritado, fiz menção de sair do carro, e ainda tinha um pé no estribo quando ouvi uma voz de mulher dizendo:

— Ah, desculpe, meu senhor.

Olhando em redor, percebi que acabara de passar por uma casinha na beira da estrada, de onde uma moça de avental vinha correndo, sua atenção sem dúvida despertada pela buzina. Passando por mim, ela pegou a galinha nos braços e pôs-se a niná-la, enquanto se desculpava novamente. Quando eu lhe assegurei que estava tudo bem, ela disse:

— Agradeço muito por ter parado e não ter atropelado a coitada da Nellie. Ela é uma boa garota, nos fornece os ovos maiores que o senhor já viu. Foi muita bondade sua ter parado. E com certeza estava com pressa...

— Ah, não estou com pressa, de jeito algum — respondi com um sorriso. — Pela primeira vez em muitos anos posso dispor do meu tempo e, devo dizer, é uma experiência bem agradável. Estou viajando por prazer, entende?

— Ah, isto é ótimo, meu senhor. E imagino que esteja a caminho de Salisbury.

— Realmente. Aliás, aquilo ali é a catedral, não é? Disseram-me que se trata de uma construção esplêndida.

— Ah, sim, senhor, é muito bonita. Bem, para falar a verdade, eu poucas vezes vou a Salisbury, de modo que não sei dizer como ela é de perto. Mas vou lhe dizer uma coisa: todos os dias temos uma vista diferente da torre. Algumas

vezes o tempo está nublado e ela fica invisível. Mas o senhor mesmo pode ver que nos dias claros é uma vista bonita.

— Linda.

— Agradeço por não ter atropelado a Nellie. Há três anos uma tartaruga nossa morreu assim, exatamente neste lugar. Ficamos todos muito tristes.

— Que coisa trágica — comentei em tom grave.

— Foi mesmo, meu senhor. Dizem que nós, que vivemos no campo, estamos acostumados a ver animais feridos ou mortos, mas não é verdade. Meu filhinho chorou durante muitos dias. Foi muita bondade ter parado por causa da Nellie, meu senhor. Se quiser tomar uma xícara de chá, agora que já saiu do carro e tudo, é muito bem-vindo. Vai lhe retemperar as forças.

— É muita gentileza sua, mas acho que devo prosseguir. Gostaria de chegar a Salisbury com tempo para dar uma olhada nas belezas da cidade.

— Está certo, senhor. Bem, muito obrigada.

Segui viagem, mantendo, por um motivo qualquer talvez imaginando que outras criaturas se atravessassem em meu caminho — a mesma velocidade lenta. Devo dizer que alguma coisa naquele breve encontro, deixara-me de bom humor; o simples gesto de bondade de minha parte, que despertara tanta gratidão, e a gentileza simples que me foi dedicada em troca de algum modo fez com que eu me sentisse extremamente otimista a respeito do que me espera nos próximos dias. Foi portanto, com esse estado de espírito que cheguei aqui em Salisbury.

Mas acho que devo voltar por um momento ao assunto de meu pai, pois sinto que posso ter dado a impressão de que o tratei com brutalidade por causa do declínio de sua capacidade física. O fato é que eu não tinha outra escolha senão abordar o assunto da maneira como o fiz e tenho certeza de que todos concordarão, uma vez que eu explique o contexto geral daqueles dias. Isto é, a importante conferência internacional que teria lugar em Darlington Hall estava a poucos dias de distância, deixando-nos sem tempo para delicadezas ou para "fazer rodeios". É importante lembrar, além do mais, que embora Darlington Hall fosse testemunhar muitos acontecimentos de igual importância ao longo dos quinze anos seguintes, aquela conferência de março de 1923 foi o primeiro deles; tinha-se, evidentemente, pouca experiência, e nenhuma inclinação a deixar alguma coisa ao acaso. Na verdade, muitas vezes recordo aquela conferência e, por mais de uma razão, considero-a um momento decisivo em minha vida. Em primeiro lugar, acho que a considero o momento em minha carreira em que alcancei a maioria como mordomo. Não estou dizendo que considero ter-me tornado, necessariamente, um "grande" mordomo; de qualquer maneira, não cabe a mim formar opiniões deste tipo. Mas se alguém algum dia quiser postular

que obtive pelo menos um pouco daquela qualidade fundamental, a "dignidade", no decurso da minha carreira, essa pessoa deverá tomar conhecimento da conferência de março de 1923 como o momento em que primeiro demonstrei ter a capacidade de alcançar essa qualidade. Foi um desses eventos que, num estágio crucial da carreira de uma pessoa, surgem para desafiar e empurrar essa pessoa aos limites de sua capacidade e ainda além, de modo que daí em diante a pessoa tem novos padrões para julgar a si própria. Aquela conferência também foi memorável, naturalmente, por razões bastante diversas, como eu gostaria de explicar agora.



A conferência de 1923 foi o ponto culminante de um longo planejamento por parte de Lord Darlington; aliás, pode-se perceber claramente, em retrospecto, como meu patrão vinha se encaminhando para esse ponto nos três anos anteriores. Pelo que me lembro, no início ele não estava tão preocupado com o tratado de paz, quando ele foi assinado, no final da Grande Guerra, e acho que é justo dizer que o que lhe despertou o interesse não foi uma análise do tratado, mas sua amizade com Herr Karl-Heinz Bremann.

Herr Bremann visitou Darlington Hall pela primeira vez logo depois da guerra, ainda usando sua farda de oficial, e era evidente para qualquer observador que ele e Lord Darlington tinham desenvolvido uma estreita amizade. Isso não me surpreendeu, já que se podia ver de imediato que Herr Bremann era um cavalheiro de grande decoro. Ele voltou novamente, em intervalos regulares durante os dois anos seguintes, tendo largado o exército alemão, e não se podia deixar de perceber, com certo temor, a deterioração que sofria de uma visita para outra. As roupas tornaram-se cada vez mais pobres, o corpo mais magro; um olhar assustado surgiu em seu rosto, e nas últimas visitas ele passava longos períodos de olhos perdidos no espaço, alheio à presença de Lord Darlington, às vezes até sem ouvir quando lhe falavam. Eu teria concluído que Herr Bremann sofria de alguma doença séria, se não fossem certos comentários feitos a mim na época por meu patrão, asseverando que não se tratava disso.

Deve ter sido em finais de 1920 que Lord Darlington fez a primeira de várias viagens a Berlim, e lembro-me do profundo efeito que isso lhe causou. Durante vários dias, depois da sua volta, ele ostentava um ar de preocupação, e lembro-me de certa ocasião em que, quando lhe perguntei se tinha apreciado a viagem,

ele respondeu:

— Fiquei perturbado, Stevens. Profundamente perturbado. É para nós uma vergonha tratarmos assim um inimigo derrotado. Uma total quebra das tradições deste país.

Mas há outra lembrança que me ficou muito vívida em relação a este assunto. Hoje o grande salão de banquete não tem mais mesa, e o espaçoso aposento, com seu teto alto e magnífico, é muito útil ao Sr. Farraday como uma espécie de pinacoteca. Na época de Sua Excelência, porém, o salão era usado regularmente, assim como a mesa comprida onde trinta ou mais convidados sentavam-se para jantar; na verdade, o salão é tão espaçoso que quando a necessidade assim o exigia acrescentavam-se novas mesas à já existente, para permitir que quase cinquenta pessoas se sentassem. Nos dias normais, naturalmente, Lord Darlington fazia suas refeições, como faz agora o Sr. Farraday, no ambiente mais íntimo da sala de jantar, ideal para acomodar até uma dúzia de pessoas. Mas naquela noite de inverno a sala de jantar estava fora de uso por um motivo qualquer, e Lord Darlington estava jantando com um único convidado — acredito tratar-se de Sir Richard Fox, companheiro de Sua Excelência dos dias no Ministério do Exterior — na vastidão do salão de banquetes. Todos sem dúvida concordarão que a pior situação em relação a servir à mesa de jantar é quando há apenas dois comensais. Eu preferiria servir apenas um comensal, mesmo que fosse um desconhecido. É quando há dois comensais, mesmo sendo um deles o próprio patrão, que fica mais difícil conseguir aquele equilíbrio entre a atenção e a ilusão de ausência que é essencial a um bom serviço; é nessa situação que raramente se fica livre da suspeita de que a própria presença está inibindo a conversa.

Naquela ocasião, grande parte do aposento encontrava-se às escuras, e os dois cavalheiros estavam sentados lado a lado no centro da mesa — por ser esta larga demais para permitir-lhes sentar-se frente a frente — dentro do foco de luz lançado pelas velas sobre a mesa e o fogo da lareira em frente. Resolvi minimizar minha presença colocando-me na penumbra, bem mais distante da mesa do que geralmente teria feito. É claro que essa estratégia tinha uma desvantagem: cada vez que eu me aproximava da luz para servir os cavalheiros, meus passos ecoavam bem alto, muito antes que eu alcançasse a mesa, chamando atenção para minha chegada iminente de um modo muito conspícuo; mas tinha o grande mérito de tornar minha pessoa apenas parcialmente visível enquanto eu permanecesse imóvel. E foi quando estava assim parado, nas sombras, a alguma distância de onde se sentavam os dois cavalheiros em meio às cadeiras vazias, que ouvi Lord Darlington falando sobre Herr Bremann; sua voz, calma e suave como sempre, por um motivo qualquer ressoava com intensidade

dentro daquelas paredes muito altas.

— Era meu inimigo — dizia ele. — Mas sempre se comportou como um cavalheiro. Tratamos um ao outro decentemente, durante os seis meses em que nos atacamos. Ele era um cavalheiro fazendo seu trabalho e eu não lhe queria mal. Disse a ele: ”Escute aqui, somos inimigos agora, e vou combatê-lo com todas as minhas armas. Mas quando esta coisa horrível terminar, não teremos mais que ser inimigos e vamos tomar uma bebida juntos.” Uma tristeza que esse tratado me tenha tornado um mentiroso. Quero dizer, afirmei a ele que não seríamos inimigos quando tudo terminasse. Como posso agora olhar em seus olhos e dizer-lhe que afinal isso não é verdade?

E foi pouco mais tarde, na mesma noite, que Sua Excelência disse com alguma gravidade, sacudindo a cabeça: — Lutei nessa guerra para preservar a justiça neste mundo. Pelo que eu compreendia, não estava tomando parte numa vendeta contra a raça alemã.

E quando hoje se ouve falar em Sua Excelência, quando se ouve o tipo de especulações tolas a respeito de seus motivos, como, acontece com demasiada frequência hoje em dia, fico feliz em recordar aquele momento em que ele pronunciou essas palavras sinceras no salão de banquetes quase vazio. Quaisquer que tenham sido as complicações surgidas em sua trajetória nos anos subsequentes, jamais duvidarei de que um desejo de ver ”a justiça neste mundo” estava no cerne de todos os seus atos.

Foi pouco depois dessa noite que chegou-nos a triste notícia de que Herr Bremann suicidara-se com um tiro, num trem entre Hamburgo e Berlim. Naturalmente, Lord Darlington ficou profundamente triste e fez planos imediatos para enviar fundos e pêsames a Frau Bremann. No entanto, depois de vários dias de tentativas, às quais eu próprio fiz o possível para ajudar, meu patrão não conseguiu descobrir o paradeiro de qualquer pessoa da família de Herr Bremann. Ao que parecia, ele perdera seu lar havia algum tempo, e a família estava dispersa.

É minha crença que mesmo sem essas trágicas notícias Lord Darlington teria escolhido fazer o que fez; seu desejo de ver o fim da injustiça e do sofrimento era por demais arraigado em sua natureza para que ele agisse de outro modo. Portanto, nas semanas seguintes à morte de Herr Bremann, Sua Excelência começou a dedicar um número cada vez maior de horas ao assunto da crise na Alemanha. Cavalheiros poderosos e célebres tornaram-se hóspedes regulares da casa — inclusive, lembro-me, personalidades como Lord Daniels, o Professor Maynard Keynes e o Sr. H. G. Wells, o renomado escritor, assim como outras que, por virem “extraoficialmente” não terão seus nomes citados aqui — e costumavam reunir-se a portas fechadas com Sua Excelência em discussões que

duravam horas.

Alguns desses visitantes eram, na verdade, tão “extraoficiais” que recebi instruções para assegurar que os empregados não tivessem conhecimento de sua identidade, ou, em alguns casos, nem mesmo os vissem de relance. No entanto — e digo isto com orgulho e gratidão — Lord Darlington nunca fez qualquer esforço para esconder alguma coisa de meus próprios olhos ou ouvidos; posso recordar várias ocasiões em que uma personalidade qualquer interrompia-se no meio de uma frase para olhar com suspeita para a minha pessoa, e Sua Excelência afirmava:

— Ah, tudo bem. Pode dizer qualquer coisa na frente de Stevens, eu lhe asseguro.

Aos poucos, durante os dois anos seguintes à morte de Herr Bremann, Sua Excelência, juntamente com Sir David Cardinal, que se tornou seu mais próximo aliado durante aquele tempo, conseguiu reunir uma ampla gama de pessoas que compartilhavam a convicção de que a situação da Alemanha não podia continuar. Esses eram não apenas britânicos e alemães, mas também belgas, franceses, italianos, suíços; eram diplomatas e políticos de alta categoria, ilustres membros do clero, militares reformados, escritores e pensadores. Alguns eram cavalheiros que sentiam intensamente, como Sua Excelência, que não se jogara limpo em Versalhes e que era imoral continuar a castigar uma nação por uma guerra já terminada. Outros, evidentemente, mostravam menos preocupação pela Alemanha ou seus habitantes, mas achavam que o caos econômico daquele país, se não fosse resolvido, poderia espalhar-se com alarmante rapidez por todo o mundo.

No início de 1922 Sua Excelência estava trabalhando com um propósito muito nítido em mente, Tratava-se de juntar sob o teto de Darlington Hall os mais influentes cavalheiros cujo apoio tinha sido conquistado, para que se realizasse uma conferência internacional “extraoficial” — uma conferência que discutiria os meios, pelos quais os termos mais duros do Tratado de Versalhes pudessem ser revistos. Para que valesse a pena, qualquer conferência como essa teria que ter um peso suficiente para obter um efeito decisivo nas conferências internacionais “oficiais” — muitas das quais já tinham tido, lugar com o propósito- expresse de rever o tratado, conseguindo apenas criar confusão e ressentimentos. Nosso Primeiro-Ministro na época, o Sr. Lloyd George, tinha marcado outra grande conferência a ter lugar na Itália na primavera de 1922, e o propósito inicial de Sua Excelência era organizar uma reunião em Darlington Hall com vistas a assegurar um desfecho satisfatório para aquele evento. No entanto, por mais que ele e Sir Davis tenham trabalhado arduamente, esse prazo mostrou-se curto demais; como, porém, a conferência do Sr. George terminou

também em indecisão Sua Excelência tomou como alvo outra grande conferência marcada para o ano seguinte na Suíça.

Lembro-me de certa manhã, por volta dessa época, em que, quando levei o café de Lord Darlington na sala de desjejum, ele me disse, dobrando o *The Times* com desagrado:

— Esses franceses! Francamente, Stevens, esses franceses!

— Sim, senhor?

— E pensar que o mundo nos viu de braços dados com eles! Só de pensar nisso tem-se vontade de tomar um bom banho...

Sim, senhor.

— Na última vez que estive em Berlim, Stevens, o Barão Overath, velho amigo de meu pai, veio me perguntar: "Por que fazem isto conosco? Não percebem que não poderemos continuar assim?" Fiquei muito tentado a dizer-lhe que são esses malditos franceses. Mas acho que não se pode fazer uma coisa assim. Não se deve falar mal de nossos queridos aliados.

Mas o próprio fato de que os franceses eram os mais intransigentes quanto a libertar a Alemanha das crueldades do Tratado de Versalhes tornava ainda mais imperiosa a necessidade de trazer à reunião em Darlington Hall pelo menos um cavalheiro francês com clara influência na política externa de seu país. Aliás, muitas vezes ouvi Sua Excelência declarar que sem a participação de tal personagem qualquer discussão a respeito da Alemanha seria pouco mais que um passatempo. Ele e Sir David, assim, lançaram-se a esse importantíssimo passo final de seus preparativos, e testemunhar a determinação inabalável com que perseveraram diante das repetidas frustrações foi uma experiência edificante; cartas e telegramas foram enviados, e Sua Excelência fez três viagens a Paris no espaço de dois meses. Finalmente, tendo assegurado a presença, em base estritamente "extraoficial", de certo francês extremamente ilustre — a quem chamarei simplesmente de Monsieur Dupont — marcou-se a data para a conferência. A saber, aquele memorável 23 de março.



A medida que essa data se aproximava, as pressões sobre a minha pessoa, embora de natureza bem mais modesta do que aquelas que caíam sobre Sua Excelência, não deixavam de ser muito fortes. Eu tinha extrema consciência da possibilidade de que, se algum convidado achasse a estada em Darlington Hall menos que confortável, esse fato poderia ter repercussões de magnitude

inimaginável. Além do mais, meu planejamento para a ocasião complicou-se por causa da incerteza quanto ao número de pessoas envolvidas. Tratando-se de uma conferência de altíssimo nível, os participantes tinham sido limitados a apenas dezoito cavalheiros muito ilustres e duas damas — uma condessa alemã e a colossal Sra. Eleanor Austin, naquela época ainda residente em Berlim; cada uma dessas pessoas, porém, certamente traria secretários, criados e intérpretes, e não havia meios de se certificar do número preciso de pessoas esperadas. Mais ainda: tornou-se claro que alguns chegariam antes dos três dias designados para a conferência, dando assim tempo a si mesmos para preparar o terreno e avaliar o estado de espírito dos outros, embora sua data de chegada fosse também incerta. Era óbvio, portanto, que os empregados não apenas teriam que trabalhar arduamente e mostrar-se extremamente alertas, mas deveriam também ser invulgarmente flexíveis. Aliás, durante algum tempo fui da opinião de que aquele gigantesco desafio não poderia ser enfrentado sem que eu contratasse mais empregados. Essa opção, no entanto, além do receio que Sua Excelência certamente experimentaria em relação a possíveis mexericos, obrigaria-me a confiar em pessoas desconhecidas, justamente quando um erro poderia mostrar-se mais irreparável. Assim, lancei-me aos preparativos para os dias seguintes como, imagino, um general se prepara para uma batalha: projetei com o máximo cuidado um plano de serviço prevendo toda sorte de eventualidades; analisei onde se encontravam nossos pontos fracos e armei planos de emergência para o caso de esses pontos falharem; cheguei mesmo a fazer aos empregados um discurso de encorajamento ao estilo militar, fazendo-os sentir que, embora tivessem que trabalhar em ritmo exaustivo, eles poderiam sentir grande orgulho no cumprimento de seus deveres nos dias que se seguiriam. — Sob este teto poderá ser feita a História — afirmei. E eles, sabendo que não sou pessoa dada a afirmações exageradas, compreenderam muito bem que algo de natureza extraordinária estava para acontecer.

Pode-se imaginar então o clima que reinava em Darlington Hall na época da queda de papai defronte ao pavilhão de verão — ocorrendo, como ocorreu, a apenas duas semanas da chegada dos primeiros hóspedes — e o que quero dizer quando afirmo que não havia tempo para "fazer rodeios". De qualquer maneira, papai descobriu rapidamente um meio de burlar as limitações impostas pela proibição de carregar bandejas cheias. Sua figura empurrando um carrinho cheio de utensílios de limpeza, panos e espanadores arrumados incongruentemente, embora sempre com ordem, em meio a bules de chá, xícaras - pratos, de modo a parecer às vezes uma carroça de mascate, tornou-se familiar pela casa. Obviamente ele não conseguiu evitar a perda de suas obrigações de servir à mesa, mas em outros campos o carrinho permitia-lhe fazer um número

surpreendente de coisas. Aliás, à medida que o grande desafio da conferência se aproximava, uma mudança espantosa parecia processar-se em meu pai. Era quase como se alguma força sobrenatural o dominasse, rejuvenescendo-o em vinte anos; o rosto perdeu o ar abatido dos últimos tempos e ele fazia seu trabalho com tanto vigor juvenil que alguém de fora poderia acreditar que não havia apenas uma, mas várias figuras empurrando carrinhos pelos corredores de Darlington Hall.

Quanto à Srta. Kenton, julgo recordar que a tensão crescente daqueles dias teve um efeito notável sobre ela. Lembro-me, por exemplo, da ocasião em que a encontrei no corredor dos fundos. Esse corredor, que serve como uma espécie de espinha dorsal para os alojamentos dos empregados em Darlington Hall, sempre foi um tanto sinistro, em razão da ausência da luz do dia em toda a sua considerável extensão. Mesmo num dia de sol o corredor era tão escuro que o efeito era como atravessar um túnel. Nessa ocasião em particular, se não tivesse reconhecido os passos da Srta. Kenton vindo em minha direção, só teria sido capaz de identificá-la pela silhueta. Parei num dos poucos locais onde entrava uma réstia de luz e disse, quando ela se aproximou:

— Ah, Srta. Kenton...

— Sim, Sr. Stevens?

— Srta. Kenton, gostaria de chamar sua atenção para o fato de que as roupas de cama para o andar superior terão que estar preparadas até depois de amanhã.

— O assunto está inteiramente sob controle, Sr. Stevens.

— Ah, fico feliz em saber disso. Foi só algo que me ocorreu.

Fiz menção de continuar meu caminho, mas a Srta. Kenton não se moveu. Deu mais um passo em minha direção, de modo que a réstia de luz caiu em seu rosto e eu pude ver sua expressão zangada.

— Infelizmente, Sr. Stevens, estou extremamente ocupada agora e não encontro um único momento livre. Se eu tivesse tanto tempo livre quanto o senhor evidentemente tem, então teria prazer em retribuir, andando pela casa a lembrar-lhe tarefas a respeito das quais o senhor já tem tudo providenciado.

— Ora, Srta. Kenton, não há necessidade de ficar tão nervosa. Simplesmente achei necessário certificar-me de que o fato não lhe escapou à atenção...

— Sr. Stevens, é a quarta ou quinta vez nos últimos dois dias que o senhor sente tal necessidade. É muito curioso ver que o senhor tem tanto tempo livre que pode simplesmente vagar pela casa incomodando os outros com comentários gratuitos.

— Srta. Kenton, se acredita por um instante sequer que eu tenha tempo livre, isto mostra mais claramente que nunca sua grande inexperiência. Acredito que nos próximos anos a senhorita poderá fazer uma ideia mais clara do que

acontece numa casa como esta.

— O senhor está perpetuamente falando de minha "grande inexperiência", Sr. Stevens, e no entanto parece incapaz de apontar qualquer defeito em meu trabalho. Caso contrário, não tenho dúvida de que o teria feito há muito tempo e com muita veemência. Agora, tenho muito que fazer e gostaria que o senhor não ficasse me seguindo e me interrompendo. Se tem tanto tempo livre, sugiro que o passe de maneira mais lucrativa, dando um passeio.

A Srta. Kenton passou por mim e desceu o corredor com passadas pesadas. Achando melhor não deixar o assunto ir adiante, continuei meu caminho. Tinha quase chegado à porta da cozinha quando ouvi o ruído furioso dos passos voltando em minha direção.

— Aliás, Sr. Stevens, gostaria de lhe pedir que de agora em diante não fale mais comigo diretamente — disse ela.

— Srta. Kenton, de que é que está falando?

— Se for necessário me dizer alguma coisa, gostaria de pedir-lhe que o fizesse através de um mensageiro. Ou, se preferir, escreva um bilhete e o mande para mim. Nossas relações de trabalho, tenho certeza, ficariam muito mais fáceis.

— Srta. Kenton...

— Estou extremamente ocupada, Sr. Stevens. Um bilhete escrito se o recado for complicado. Caso contrário pode falar com Martha ou Dorothy, ou qualquer membro da equipe masculina que o senhor considerar suficientemente confiável. Agora preciso voltar ao meu trabalho e deixá-lo em seus passeios.

Por mais irritante que fosse o comportamento da Srta. Kenton, eu não tinha condições de pensar no assunto, pois o primeiro hóspede chegou. Os representantes estrangeiros não eram esperados antes de dois ou três dias, mas os três cavalheiros a quem Sua Excelência referia-se como "o time da casa" — dois membros do Ministério do Exterior em caráter muito "extraoficial" e Sir David Cardinal — chegaram mais cedo para preparar o terreno da maneira mais completa possível. Como sempre, pouco se fez para esconder alguma coisa de mim enquanto eu entrava e saía dos vários aposentos nos quais esses cavalheiros mergulhavam em discussões, e assim não pude evitar uma certa impressão do estado de espírito geral nesse estágio dos acontecimentos. Naturalmente, Sua Excelência e seus companheiros estavam ocupados em trocar informações as mais completas possíveis a respeito dos participantes esperados; mas, suas preocupações centralizavam-se de maneira dominante em uma única figura — Monsieur Dupont, o cavalheiro francês — e suas prováveis simpatias e antipatias. Em certo momento entrei no salão de fumar e ouvi um dos cavalheiros dizer: — O destino da Europa pode vir a depender da nossa

capacidade de convencer Dupont.

Foi em meio a essas discussões preliminares que Sua Excelência confiou-me uma missão incomum a ponto de ter permanecido em minha memória até hoje, juntamente com aquelas outras ocorrências mais obviamente inesquecíveis que teriam lugar durante aquela semana notável. Lord Darlington chamou-me ao seu escritório, e percebi de imediato que ele estava em estado de agitação. Sentou-se à escrivaninha e, como sempre, recorreu ao truque de segurar um livro aberto — dessa vez o *Who's who* — e virar uma página de um lado para o outro.

— Ah, Stevens — começou, com um falso ar de casualidade. Em seguida, porém, pareceu não saber como prosseguir. Permaneci ali parado, pronto para aliviar-lhe a aflição na primeira oportunidade. Sua Excelência continuou a brincar com a página do livro por um momento, inclinou-se para ler uma frase, depois disse:

— Stevens, tenho consciência de que o que vou lhe pedir para fazer é bem irregular.

— Sim, senhor?

— É que no momento são tantas as coisas importantes a nos ocupar a mente...

— Terei prazer em poder ajudar, senhor.

— Lamento mencionar uma coisa dessas, Stevens. Sei que você também deve estar muito ocupado. Mas não vejo como cuidar disso.

Esperei um instante enquanto Lord Darlington voltava sua atenção para o *Who's who*. Então ele disse, sem erguer os olhos:

— Você está familiarizado, suponho, com os fatos da vida.

— Como, senhor?

— Os fatos da vida, Stevens. As sementinhas, a cegonha. Está familiarizado, não está?

— Lamento, mas acho que não entendo o que quer dizer, senhor.

— Deixe-me colocar as cartas na mesa, Stevens. Sir David é um velho amigo. E tem sido inestimável na organização desta conferência. Sem ele, ousou dizer, não teríamos a presença de Monsieur Dupont.

— Realmente, senhor?

— No entanto, Stevens, Sir David tem seu lado peculiar. Você mesmo deve ter percebido isso. Ele trouxe consigo o filho, Reginald. Para atuar como secretário. O caso é que ele está noivo. Estou falando do jovem Reginald.

— Sim, senhor.

— Há cinco anos Sir David vem tentando contar ao filho os fatos da vida. O rapaz tem agora vinte e três anos.

— Realmente, senhor?

— Vou chegar ao assunto, Stevens. Por acaso sou o padrinho do rapaz. Assim, Sir David pediu-me que eu contasse ao jovem Reginald os fatos da vida.

— Sim, senhor.

— Sir David acha essa tarefa um tanto intimidante, e suspeita de que não conseguirá desempenhá-la antes do dia do casamento de Reginald.

— É mesmo, senhor?

— O caso, Stevens, é que estou extremamente atarefado. Sir David deveria dar-se conta disso, mas mesmo assim fez-me esse pedido. — Sua Excelência calou-se e continuou estudando a página.

— Posso concluir, senhor, que é seu desejo que eu forneça essas informações ao jovem cavalheiro? — perguntei.

— Se não se importar, Stevens. Seria um grande alívio para mim. Sir David me pergunta a todo momento se já o fiz.

— Entendo, senhor. Deve ser muito penoso, nas atuais circunstâncias.

— Naturalmente isso fica muito além do seu dever, Stevens.

— Farei o possível, senhor. Posso no entanto ter dificuldade em encontrar o momento apropriado para passar essas informações.

— Eu ficaria muito grato se você ao menos tentasse, Stevens. É muito decente de sua parte. Escute aqui, não é necessário muita complicação. Apenas informe os fatos básicos e encerre o assunto. A simplicidade na abordagem é o melhor caminho. Este é o meu conselho, Stevens.

— Sim, senhor farei o melhor possível.

— Fico-lhe muito grato. Depois conte-me como foi.

Fiquei como se pode imaginar um pouco abalado com esse pedido e normalmente o assunto seria algo que eu passaria um tempo meditando. Vindo como veio, no entanto, no meio de um período tão ocupado não tive condições de permitir que ele me preocupasse indevidamente. E assim resolvi que o resolveria na primeira oportunidade. Pelo que me lembro portanto foi apenas uma hora depois de me ter sido confiada essa missão que percebi o jovem senhor Cardinal sozinho na biblioteca sentado em uma das mesas absorto em alguns documentos. Estudando de perto o jovem cavalheiro podia-se por assim dizer avaliar a dificuldade experimentada por sua Excelência e pelo pai do jovem cavalheiro. O afilhado de meu patrão parecia um rapaz sério e estudioso e via-se que possuía muitas qualidades. No entanto em razão do assunto que se desejava abordar seria preferível um rapaz mais ameno até mesmo mais frívolo. De qualquer maneira decidido a levar o assunto a uma conclusão satisfatória o mais depressa possível entrei na biblioteca e parado a uma pouca distância da mesa do senhor Cardinal pigarreei.

— Com licença, tenho um recado para o senhor.

— É mesmo? — fez o senhor Cardinal com ansiedade erguendo os olhos dos papéis de papai?

— Sim, senhor com efeito, é isso mesmo.

— Um minuto.

O jovem cavalheiro inclinou-se para a pasta a seus pés e tirou um bloco e um lápis.

— Pode mandar, Stevens.

Tornei a pigarrear e modulei a voz no tom mais impessoal que me foi possível.

— Sir Davis deseja que saiba, senhor, que as damas e os cavalheiros diferem em muitos aspectos essenciais.

Devo ter feito uma pausa para formar a próxima frase, pois o Sr. Cardinal deu um suspiro e disse:

— Já tinha percebido, isso, Stevens. Você se importaria de ir direto ao assunto?

— Já tinha percebido, senhor?

— Papai está constantemente me subestimando. Já me dediquei à leitura intensiva e a profundas pesquisas a respeito de toda esta área.

— É mesmo, senhor?

— Há virtualmente um mês não penso em outra coisa.

— Realmente, senhor? Neste caso, talvez minha mensagem seja um tanto redundante.

— Pode assegurar a meu pai que estou muito bem informado. Esta pasta — continuou, dando-lhe um pequeno empurrão com o pé — está abarrotada de anotações sobre todos os aspectos que se pode imaginar.

— É mesmo, senhor?

— Acho realmente que estudei cada permutação de que a mente humana é capaz. Gostaria que você tranquilizasse meu pai.

— Farei isto, senhor.

O Sr. Cardinal pareceu relaxar um pouco. Mais uma vez cutucou a pasta da qual eu me sentia inclinado a manter os olhos afastados e disse:

— Imagino que você tenha ficado curioso a respeito da razão por que nunca me separo desta pasta. Bem, agora já sabe. Imagine se a pessoa errada a abrisse!

— Isso seria muito desagradável, senhor.

— Isto é... — continuou ele, endireitando-se subitamente. — A não ser que papai tenha surgido com um fator inteiramente novo a respeito do qual deseja que eu pense.

— Não posso imaginar que isto tenha acontecido, senhor.

— Não? Nada mais sobre esse Dupont?

— Temo que não, senhor.

Fiz o possível para não demonstrar minha exasperação ao descobrir que uma tarefa que eu imaginara cumprida permanecia, na realidade, ainda por cumprir. Acredito que estava ordenando os pensamentos para um novo esforço quando o rapaz subitamente pôs-se de pé e, segurando a pasta junto ao corpo, disse:

— Bem, acho que vou tomar um pouco de ar fresco. Obrigado pela ajuda, Stevens.

Era minha intenção tentar outra conversa com o Sr. Cardinal com a maior presteza, mas isso mostrou-se impossível, em razão principalmente da chegada, naquela mesma tarde — uns dois dias antes do esperado — do Sr. Lewis, senador americano. Eu estava em meu escritório trabalhando nas folhas de suprimentos quando ouvi em algum lugar acima da minha cabeça o som inconfundível de carros estacionando no pátio. Apressei-me a subir, e no caminho encontrei por acaso a Srta. Kenton no corredor dos fundos — local, naturalmente, de nosso último desentendimento — e foi talvez essa infeliz coincidência que a encorajou a manter o comportamento infantil que adotara na ocasião anterior. Pois quando perguntei-lhe quem tinha chegado, a Srta. Kenton passou por mim sem parar, declarando simplesmente:

— Um recado, se for urgente, Sr. Stevens.

Aquilo era extremamente irritante, mas naturalmente não tive outra escolha senão subir apressadamente.

Minha lembrança do Sr. Lewis é a de um cavalheiro de dimensões generosas e um sorriso jovial que raramente lhe abandonava o rosto. Sua chegada precoce trazia sem dúvida uma certa inconveniência a Sua Excelência e seus companheiros, que contavam com um ou dois dias a mais de privacidade para seus preparativos. No entanto, os modos encantadoramente informais do Sr. Lewis e sua declaração, ao jantar, de que os Estados Unidos "sempre estarão do lado da justiça e não se importam de admitir que alguns erros foram cometidos em Versalhes", pareceram ajudar em muito a ganhar a confiança do "time de casa" de Sua Excelência; ao longo do jantar, a conversa mudou, devagar mas nitidamente, de assuntos como os méritos da Pensilvânia, terra natal do Sr. Lewis, para a conferência iminente, e no estágio em que os cavalheiros estavam acendendo seus charutos, algumas das hipóteses aventadas pareciam ser tão informais quanto as que eram trocadas antes da chegada do Sr. Lewis. Em certo momento este cavalheiro declarou aos outros:

— Concorde com os senhores, nosso Monsieur Dupont pode ser muito imprevisível. Mas vou lhes dizer algo: há uma coisa que podem apostar a respeito dele. Uma coisa podem apostar com certeza. — Para dar mais ênfase, inclinou-se para a frente e gesticulou com o charuto. — Dupont odeia os

alemães. Já os odiava antes da guerra e os odeia agora com uma profundidade que os cavalheiros aqui presentes achariam difícil compreender. — Com isso, o Sr. Lewis tornou a se recostar, o sorriso jovial voltando a dominar-lhe as feições. — Mas digam-me, cavalheiros, não se pode culpar um francês por odiar os alemães, não é verdade? Afinal, os franceses têm bons motivos para isso, não têm?

Houve um momento de leve embaraço enquanto o Sr. Lewis percorria a mesa com o olhar. Então Lord Darlington respondeu:

— Naturalmente, uma certa amargura é inevitável. Mas por outro lado, é claro, nós, ingleses, também combatemos arduamente os alemães, e por muito tempo.

— Mas a diferença com vocês, ingleses, parece ser que vocês na realidade não mais odeiam os alemães — retrucou o Sr. Lewis. — Mas do modo como os franceses se sentem, os alemães destruíram a civilização aqui na Europa e nenhum castigo é severo demais para eles. Naturalmente isto parece a nós, nos Estados Unidos, uma posição pouco prática, mas o que sempre me causou perplexidade foi o fato de vocês, ingleses, não compartilharem a opinião dos franceses. Afinal, como o senhor disse, a Inglaterra também perdeu muita coisa nessa guerra.

Houve outra pausa embaraçosa antes que Sir David dissesse, com certa hesitação:

— Nós, ingleses, com frequência temos um modo de ver as coisas diferente daquele dos franceses, Sr. Lewis.

— Ah. Uma espécie de diferença de temperamentos, pode-se dizer.

O sorriso do Sr. Lewis pareceu se alargar quando ele disse isso. Fez um gesto de assentimento, como se muitas coisas lhe ficassem claras naquele momento, e deu uma tragada no charuto. É possível que estas minhas lembranças estejam influenciadas pelo que aconteceu depois, mas tenho a nítida sensação de que foi naquele momento que pela primeira vez senti algo singular, algo talvez ambíguo, a respeito daquele cavalheiro americano aparentemente encantador. Porém, se minhas próprias suspeitas foram despertadas naquele momento, Lord Darlington evidentemente não as compartilhava. Pois depois de um ou dois segundos de silêncio constrangido, Sua Excelência pareceu chegar a uma decisão.

— Sr. Lewis, deixe-me falar com franqueza — disse. — A maioria de nós na Inglaterra acha desprezível a atitude dos franceses. O senhor pode chamar de diferença de temperamentos, mas acredito que estejamos falando de algo mais. É errado continuar odiando assim um inimigo depois de terminado o conflito. Quando se consegue derrubar o adversário, isso devia ser o final da luta. Não se pode continuar a dar-lhe pontapés. Para nós, o comportamento francês vem se

tornando cada vez mais bárbaro.

Essa declaração pareceu dar uma certa satisfação ao Sr. Lewis. Ele resmungou alguma coisa em concordância e sorriu com contentamento para seus companheiros de jantar, em meio às nuvens de fumaça de tabaco que a essa altura pairavam espessas acima da mesa.

A manhã seguinte trouxe outras chegadas precoces, isto é, as duas damas da Alemanha, que viajaram juntas — apesar do que se poderia imaginar ser um enorme contraste entre elas — trazendo consigo uma grande equipe de criadas e criados, assim como muitos baús. À tarde chegou um cavalheiro italiano acompanhado por um camareiro, um secretário, um "especialista" e dois guarda-costas. Não consigo imaginar a que tipo de lugar o cavalheiro pensou que estava se dirigindo, para trazer esses últimos, mas devo dizer que causava um certo efeito destoante ver em Darlington Hall aqueles dois grandalhões silenciosos olhando com suspeitas em todas as direções, a poucos metros de onde quer que se encontrasse o cavalheiro italiano. Aliás, o esquema de trabalho desses guarda-costas, pelo que transpirou ao longo dos dias seguintes, exigia que um ou outro subisse para dormir em horas esdrúxulas, de modo a assegurar que pelo menos um ficasse de guarda durante a noite. Mas quando, ao ter notícia desse arranjo, tentei informar a Srta. Kenton, ela mais uma vez recusou-se a conversar comigo, e para cuidar das coisas com a maior presteza possível fui obrigado a escrever um bilhete e enfiá-lo debaixo da porta da sua sala.

O dia seguinte trouxe vários hóspedes novos; faltando ainda dois dias para o início da conferência, Darlington Hall estava repleto de pessoas de todas as nacionalidades, conversando nas salas, ou então paradas, sem propósito aparente, no saguão, nos corredores e nos patamares, examinando quadros ou objetos. Os hóspedes nunca eram menos que cortesões um com o outro, mas apesar disso tudo parecia prevalecer uma atmosfera bastante tensa, caracterizada principalmente pela falta de confiança. Refletindo essa inquietação, os criados visitantes pareciam olhar uns para os outros com evidente frieza, e a criadagem da casa ficou feliz por estar ocupada demais para passar muito tempo com eles.

Foi então que, em meio às várias coisas que me exigiam a atenção, casualmente olhei de relance pela janela e avistei a figura do jovem Sr. Cardinal passeando ao ar livre. Como sempre, estava agarrado à sua pasta. Percebi que ele caminhava devagar pela alameda que corre pelo perímetro exterior do gramado, profundamente imerso em pensamentos. Naturalmente lembrei-me de minha missão com relação ao jovem cavalheiro e ocorreu-me que um local ao ar livre, em comunhão com a natureza, e em particular com o exemplo dos gansos bem à mão, não seria um mau cenário no qual encetar o tipo de comunicação de que fora encarregado. Além do mais, percebi que, se eu saísse rapidamente e

escondesse minha pessoa atrás do grande maciço de rododendros junto à alameda, o Sr. Cardinal não demoraria a passar por mim. Poderia então aparecer e passar-lhe as informações em questão. Não era, admito, uma estratégia das mais sutis, mas é preciso considerar que essa tarefa em particular, embora sem dúvida importante a seu modo, naquele momento não detinha a mais alta prioridade.

Havia uma leve geada cobrindo o solo e grande parte da folhagem, mas era um dia agradável para aquela época do ano. Atravessei rapidamente o gramado, coloquei-me atrás do maciço e logo depois ouvi os passos do Sr. Cardinal aproximando-se. Infelizmente cometi um ligeiro engano na sincronização do meu aparecimento. Tinha a intenção de surgir quando o Sr. Cardinal estivesse ainda a uma distância razoável, de modo que ele pudesse me ver a tempo e imaginar que eu estava a caminho do pavilhão de verão ou talvez da casinha do jardineiro. Eu poderia então fingir percebê-lo pela primeira vez, e iniciar a conversa de maneira abrupta. Aconteceu que apareci um pouco tarde, e temo ter assustado o jovem cavalheiro, que imediatamente afastou a pasta de mim e agarrou-a junto ao peito com os dois braços.

— Desculpe-me, senhor.

— Meu Deus, Stevens, você me pregou um susto. Achei que as coisas estavam ficando quentes.

— Lamento muito, senhor. Porém, por acaso tenho algo a informar-lhe.

— Meu Deus, você me deu mesmo um susto.

— Se me permite, vou direto ao assunto, senhor. Veja aqueles gansos não muito distantes de nós.

— Gansos? — Ele olhou em volta, um tanto confuso. — Ah, sim. São gansos.

— E da mesma forma as flores e os arbustos. Na verdade, esta não é a melhor época do ano para vê-los em sua glória, mas o senhor pode imaginar que com a chegada da primavera veremos uma mudança, um tipo muito especial de mudança, nesta paisagem.

— Sim, tenho certeza de que o jardim não está em sua melhor forma agora. Mas para ser inteiramente franco, Stevens, não estava prestando muita atenção às glórias da natureza. Estou muito preocupado. Aquele tal de Monsieur Dupont chegou no pior estado de espírito possível. Era a última coisa que desejávamos.

— Monsieur Dupont chegou a esta casa, senhor?

— Sim, há mais ou menos meia hora. Está de péssimo humor.

— Com licença, senhor. Tenho que cuidar disso imediatamente.

— É claro, Stevens. Bem, foi gentileza sua ter saído para conversar comigo.

— Com licença, por favor, senhor. Por acaso eu tinha mais uma ou duas

coisas a dizer a respeito das glórias da natureza, como o senhor mesmo definiu. Se me fizer a fineza de ouvir, eu ficaria muito grato. Mas temo que isso tenha que esperar outra ocasião.

— Bem, terei muito prazer, Stevens. Embora eu próprio entenda mais de peixes. Conheço tudo sobre peixes, de água doce ou salgada.

— Todas as criaturas vivas serão relevantes em nossa conversa, senhor. No entanto, vai ter que me dar licença agora. Não tinha ideia de que Monsieur Dupont havia chegado.

Voltei às pressas para dentro de casa, onde fui imediatamente abordado por um criado dizendo-me:

— Estivemos procurando o senhor por toda parte. O cavalheiro francês chegou.

Monsieur Dupont era um cavalheiro alto e elegante, de barba grisalha e monóculo. Ao chegar usava o tipo de traje que se vê com frequência nos cavalheiros do continente quando em férias, e de fato durante toda a sua permanência ele manteve diligentemente a aparência de ter vindo a Darlington Hall inteiramente por prazer e amizade. Como o Sr. Cardinal me informara, Monsieur Dupont não chegou de bom humor; não recordo agora todas as diversas coisas que o tinham irritado desde a sua chegada à Inglaterra, poucos dias antes, mas lembro-me que lhe surgiram várias bolhas nos pés, adquiridas em seus passeios turísticos em Londres, e que, como ele temia, estavam infeccionando. Instruí seu criado de quarto a procurar a Srta. Kenton, mas isso não impediu que Monsieur Dupont por diversas vezes estalasse os dedos para mim e dissesse:

— Mordomo! Preciso de mais curativos.

Seu humor pareceu melhorar muito quando ele encontrou o Sr. Lewis. Ele e o senador americano cumprimentaram-se como velhos companheiros, e durante o resto do dia foram vistos juntos, rindo de reminiscências. Aliás, percebia-se que a proximidade quase constante do Sr. Lewis com Monsieur Dupont criava uma séria inconveniência para Lord Darlington, que naturalmente estava ansioso em fazer um contato pessoal com aquele ilustre cavalheiro, antes que as discussões tivessem início. Em várias ocasiões testemunhei Sua Excelência fazendo tentativas de engajar Monsieur Dupont numa conversa particular, e invariavelmente o Sr. Lewis, sorridente, impunha sua presença com um comentário qualquer, como: "Perdão, cavalheiros, mas há uma coisa que está me deixando perplexo", de modo que Sua Excelência logo se encontrava em posição de ter que escutar mais algumas alegres anedotas do Sr. Lewis. No entanto, à parte o Sr. Lewis, os outros hóspedes, talvez por respeito, talvez por um sentimento de antagonismo, mantiveram distância de Monsieur Dupont, um fato

que ficou evidente mesmo naquela atmosfera de reserva generalizada, e que parecia destacar ainda mais a sensação de que de alguma forma era Monsieur Dupont quem tinha a chave do desfecho dos dias seguintes.



A conferência começou numa manhã chuvosa, na última semana de março de 1923, no cenário um tanto inadequado da sala de estar — um subterfúgio escolhido para marcar a natureza "extraoficial" de muitas das presenças. De fato, a meus olhos a aparência de informalidade foi levada a um extremo ligeiramente ridículo. Já era suficientemente estranho ver aquele aposento bastante feminino cheio de tantos cavalheiros sérios, de roupas escuras, às vezes sentados três ou quatro num sofá; mas tamanha era a determinação por parte de algumas pessoas de manter a aparência de que se tratava apenas de uma ocasião social que chegaram ao extremo de manter jornais e revistas abertos no colo.

No decurso daquela primeira manhã, fui obrigado a entrar e sair constantemente da sala, de modo que não pude acompanhar na íntegra o decorrer da reunião. Mas lembro-me de Lord Darlington abrindo os trabalhos com boas-vindas formais aos hóspedes e em seguida delineando os fortes argumentos morais em favor de um relaxamento de vários aspectos do Tratado de Versalhes, enfatizando o grande sofrimento que ele próprio testemunhara na Alemanha. Naturalmente, eu já ouvira esses mesmos sentimentos expressos por Sua Excelência em ocasiões anteriores, mas tal era a profundidade da convicção com que ele falou nesse importante momento que não pude deixar de me comover novamente. Sir Edward Cardinal falou em seguida; embora eu tenha perdido grande parte de seu discurso, ele me pareceu mais técnico em sua substância e, para falar francamente, um tanto acima da minha capacidade. Mas a essência pareceu-me similar à de Sua Excelência, concluindo com um apelo para o congelamento dos pagamentos de indenização por parte da Alemanha e a retirada das tropas francesas da região do Ruhr. A condessa alemã tomou então a palavra, mas nesse momento, por um motivo qualquer que não recordo, fui obrigado a deixar a sala de estar por um longo período. Quando retornei, os hóspedes estavam mergulhados em pleno debate, e a discussão — com muitas referências ao comércio e às taxas de juros — estava além da minha compreensão.

Monsieur Dupont, pelo que pude observar, não participava das discussões, e observando sua expressão taciturna era difícil saber se ele estava ouvindo

atentamente o que se dizia ou se estava ocupado com outros pensamentos. Em certo ponto, quando saí da sala no meio de um discurso de um dos cavalheiros alemães, Monsieur Dupont levantou-se de repente e me seguiu.

— Mordomo! — chamou, quando estávamos chegando ao saguão. — Será que é possível trocar meus sapatos? Eles estão me incomodando tanto agora que mal consigo escutar aqueles cavalheiros.

Pelo que me lembro, passei o pedido para a Srta. Kenton via mensageiro, naturalmente — e tinha acabado de deixar Monsieur Dupont sentado no salão de bilhar esperando a sua enfermeira, quando o primeiro-lacaio desceu correndo a escada, nervoso, e informou-me que meu pai estava passando mal lá em cima.

Subi correndo para o andar superior, e ao chegar ao patamar deparei com uma cena estranha. No extremo oposto do corredor, quase em frente à grande janela, naquele momento repleta de luz cinzenta e chuva, vi a figura de papai imóvel numa postura que sugeria que ele estava tomando parte num ritual qualquer. Apoiado num dos joelhos e de cabeça baixa, parecia estar empurrando o carrinho — que por um motivo qualquer mantinha uma obstinada imobilidade. Duas camareiras estavam paradas a uma distância respeitosa, observando, assustadas, o esforço dele. Fui até meu pai e, libertando suas mãos do carrinho, ajudei-o a deitar-se sobre o tapete. Seus olhos estavam fechados, o rosto tinha uma palidez de cera e havia gotas de suor em sua testa. Pediu-me ajuda, providenciou-se uma cadeira de rodas e papai foi transportado para seu quarto.

Uma vez meu pai deitado em sua cama, fiquei um pouco inseguro quanto ao que fazer: pois embora me parecesse pouco desejável deixá-lo naquelas condições, na realidade eu não tinha um minuto a perder. Enquanto estava parado na porta, hesitante, a Srta. Kenton surgiu ao meu lado e disse:

— Sr. Stevens, no momento tenho mais tempo livre que o senhor. Se desejar, ficarei com seu pai. Receberei o Dr. Meredith e avisarei ao senhor se ele tiver algo importante a dizer.

— Obrigado, Srta. Kenton — falei, e saí. Quando cheguei de volta à sala de estar, um clérigo estava falando sobre as privações sofridas pelas crianças em Berlim. Encontrei-me de imediato mais do que ocupado servindo chá e café aos hóspedes. Alguns dos cavalheiros, percebi, bebiam uísque, e um ou dois, apesar da presença das duas damas, estavam fumando. Lembro-me que estava saindo da sala com um bule de chá vazio quando a Srta. Kenton interceptou-me e avisou:

— Sr. Stevens, o Dr. Meredith está indo embora.

Enquanto ela dizia isso, vi o médico colocando a capa de chuva e o chapéu, no saguão, de modo que fui até ele, ainda segurando o bule. O médico me olhou com uma expressão mortificada. — Seu pai não está muito bem — declarou. — Se ele piorar, mande me chamar imediatamente.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor.
— Quantos anos tem seu pai, Stevens?
— Setenta e dois, senhor.
O Dr. Meredith pensou sobre isso, depois repetiu:
— Se ele piorar, mande me chamar imediatamente.
Agradei ao médico e levei-o até a porta.



Foi naquela noite, pouco antes do jantar, que escutei a conversa entre o Sr. Lewis e Monsieur Dupont. Por uma razão qualquer eu subira até o quarto de Monsieur Dupont e ia bater na porta, porém antes de fazer isso esperei um segundo e fiquei escutando, como é meu costume. Pode ser que as outras pessoas não tenham o hábito de tomar essa pequena precaução para evitar bater em algum momento altamente impróprio, mas eu sempre tive, e posso garantir que se trata de prática comum entre muitos profissionais. Isto é, esse ato não implica qualquer subterfúgio, e de minha parte não tinha intenção de escutar uma conversa alheia, como fiz naquela noite. No entanto, por desígnios do acaso, aconteceu que quando encostei o ouvido à porta de Monsieur Dupont escutei a voz do Sr. Lewis, e embora não consiga recordar agora precisamente as palavras que ouvi, foi o tom da voz que despertou minhas suspeitas. Eu escutava a mesma voz jovial e calma com a qual o cavalheiro americano a muitos encantara desde a sua chegada, no entanto ela agora continha alguma coisa inconfundivelmente dissimulada. Foi essa percepção, juntamente com o fato de encontrá-lo no quarto de Monsieur Dupont, presumivelmente dirigindo-se àquele personagem tão importante, que me impediu de bater e fez com que em vez disso eu ficasse escutando.

As portas dos quartos de dormir de Darlington Hall têm uma certa espessura, e de modo algum eu poderia ouvir o diálogo completo; conseqüentemente, torna-se difícil recordar agora precisamente o que escutei, do mesmo modo como o foi naquela mesma noite, quando relatei o assunto a Sua Excelência. No entanto, isso não significa que não obtive uma nítida impressão do que estava acontecendo no quarto. Com efeito, o cavalheiro americano expressava a opinião de que Monsieur Dupont estava sendo manipulado por Sua Excelência e por outros participantes da conferência; que Monsieur Dupont tinha sido deliberadamente convidado para uma data posterior para que os outros pudessem discutir tópicos importantes durante a sua ausência; que mesmo depois da sua

chegada observava-se que Sua Excelência conduzia pequenas reuniões particulares com os delegados mais importantes sem convidar Monsieur Dupont. O Sr. Lewis começou então a relatar certos comentários que Sua Excelência e outros tinham feito durante o jantar naquela primeira noite da sua chegada. Ouvi o Sr. Lewis dizer:

— Para ser franco, senhor, fiquei chocado com a atitude deles em relação aos franceses. Chegaram a usar palavras como "bárbaros" e "desprezíveis". Aliás, eu as anotei em meu diário algumas horas depois.

Monsieur Dupont disse algo que não entendi, e então o Sr. Lewis tornou a falar:

— Quero que saiba, senhor, que fiquei chocado. Afinal, essas são palavras que se use a respeito de um aliado com quem se esteve ombro a ombro há tão poucos anos?

Agora não tenho certeza se cheguei a bater naquela porta; é bem possível que, dada a natureza alarmante do que ouvi, eu tenha achado melhor retirar-me. De qualquer maneira, não fiquei por ali tempo suficiente — como fui compelido a explicar a Sua Excelência pouco depois — para ouvir alguma coisa que desse uma pista da atitude de Monsieur Dupont a respeito dos comentários do Sr. Lewis.

No dia seguinte, as discussões na sala de estar pareceram alcançar um novo nível de intensidade, e quando chegou a hora do almoço os diálogos estavam ficando bastante acalorados. Minha impressão era de que muitas frases em tom acusador, e com crescente ousadia, eram dirigidas à poltrona onde Monsieur Dupont estava sentado, brincando com a barba e dizendo pouca coisa. Percebi, como sem dúvida o fez também Sua Excelência com certa preocupação, que toda vez que a conferência era interrompida o Sr. Lewis depressa levava Monsieur Dupont para um canto onde podiam conversar baixinho. Aliás, certa vez, logo após o almoço, deparei-me com os dois cavalheiros conversando um tanto furtivamente na biblioteca, bem junto à porta, e tive a nítida impressão de que interromperam a conversa quando me aproximei.

Nesse ínterim, a saúde de papai não piorava nem melhorava. Pelo que soube, ele dormia grande parte do tempo, e foi assim que o encontrei nas poucas ocasiões em que tive um momento livre para subir ao quartinho do sótão. Não tive então a oportunidade de conversar com ele até a segunda noite da doença.

Também nessa ocasião papai estava dormindo quando entrei. Mas a camareira que a Srta. Kenton deixara de plantão levantou-se ao me ver e pôs-se a sacudir o ombro de meu pai.

— Garota tola! — exclamei. — O que pensa que está fazendo?

— O Sr. Stevens disse para despertá-lo se o senhor voltasse.

— Deixe-o dormir. Foi a exaustão que o deixou doente.
— Ele disse que eu tinha que fazer isso, senhor — insistiu a jovem, e novamente sacudiu meu pai pelo ombro. Papai abriu os olhos, virou de leve a cabeça no travesseiro e olhou para mim.
— Espero que meu pai esteja se sentindo melhor agora — falei.
Ele continuou a olhar para mim por um momento, depois perguntou:
— Está tudo sob controle lá embaixo?
— A situação é um tanto instável. Passa um pouco das seis horas, de modo que meu pai pode muito bem imaginar a atmosfera na cozinha neste momento. Uma expressão de impaciência passou pelo rosto de papai.
— Mas está tudo sob controle? — ele repetiu.
— Sim, pode ficar tranquilo quanto a isso. Estou muito feliz por meu pai estar se sentindo melhor.

Com certa lentidão ele puxou os braços para cima das cobertas e fixou o olhar fatigado nas costas das mãos. Continuou assim por algum tempo.

— Estou contente por meu pai estar se sentindo tão melhor — repeti finalmente. — Agora é bom que eu volte. Como disse, a situação está bem instável.

Ele continuou a olhar para as mãos por um instante. Depois disse devagar:

— Espero ter sido um bom pai para você.

Dei uma risadinha e respondi:

— Fico feliz por vê-lo melhor.

— Estou orgulhoso de você. Um bom filho. Espero ter sido um bom pai para você. Imagino que não fui.

— Infelizmente estou extremamente ocupado agora, mas podemos conversar novamente de manhã.

Papai ainda tinha os olhos fixos nas mãos, como se elas o deixassem levemente irritado.

— Fico feliz por ver que o senhor está se sentindo melhor — repeti, e saí.



Quando desci, encontrei a cozinha à beira do pandemônio e de maneira geral uma atmosfera extremamente tensa entre empregados de todos os níveis. No entanto, lembro-me com prazer que quando o jantar foi servido, mais ou menos uma hora depois, minha equipe nada mostrava além de eficiência e calma profissional.

É sempre uma visão memorável a de um magnífico salão de banquetes usado em toda a sua capacidade, e aquela noite não foi uma exceção. Naturalmente, o efeito produzido pelas filas de cavalheiros em trajes de noite, de tal maneira ultrapassando o número de representantes do sexo frágil, era um tanto severo; por outro lado, porém, naquele tempo os dois enormes lustres que pendem acima da mesa ainda funcionavam a gás — resultando numa luz sutil e bem suave iluminando o aposento — e não produziam o brilho ofuscante que produzem desde que foram eletrificados. Naquele segundo e último jantar da conferência — a maioria dos convidados partiria no dia seguinte após o almoço — as pessoas tinham perdido grande parte da reserva tão evidente nos dias anteriores. Não apenas as conversas fluíam mais livres e ruidosas, como também nós nos encontramos servindo vinho num ritmo conspicuamente mais veloz. No final do jantar, que do ponto de vista profissional tinha transcorrido sem grandes dificuldades, Sua Excelência ergueu-se para falar aos convidados.

Começou exprimindo sua gratidão a todos os presentes pelo fato de que as discussões dos dois dias anteriores, "embora às vezes estimulantemente francas", tivessem sido conduzidas em espírito de amizade e de desejo de ver o bem prevalecer. A união demonstrada naqueles dois dias tinha sido maior do que ele poderia esperar, e a sessão de encerramento da manhã seguinte seria, ele espetava, rica em compromissos por parte dos participantes quanto à atuação de cada um antes da importante conferência internacional na Suíça. Foi mais ou menos nesse ponto — e não tenho ideia se ele planejara de antemão fazer isso — que Sua Excelência começou a tecer reminiscências sobre seu finado amigo, Herr Karl-Heinz Bremann. Isso mostrou-se, de certo modo, desastroso, pois o assunto era emocionante para Sua Excelência e o deixava inclinado a se estender. Talvez seja necessário dizer que Lord Darlington nunca foi o que se pode chamar de um orador nato, e logo cresceram no salão aqueles pequenos ruídos de desassossego que denotam que a plateia não está prestando atenção. Quando Lord Darlington finalmente pediu aos convidados que se erguessem e fizessem um brinde "à paz e à justiça na Europa", o nível dos ruídos — talvez por causa da quantidade de vinho consumido - pareceu-me beirar a falta de educação.

As pessoas tinham tornado a se sentar e as conversas começavam a ser reencetadas, quando ouviu-se o ruído de batidas na mesa e Monsieur Dupont pôs-se de pé. Imediatamente fez-se silêncio no salão. O ilustre cavalheiro olhou em volta da mesa com um ar quase severo. Então disse:

— Espero não estar tomando para mim um dever designado para qualquer outro dos presentes, mas não ouvi proposta alguma para que brindemos em agradecimento a nosso anfitrião, o honradíssimo e bondosíssimo Lord

Darlington.

Ouviram-se murmúrios de aprovação, e Monsieur Dupont continuou:

— Muitas coisas sérias foram ditas nesta casa nos últimos dias. Muitas coisas importantes. — Ele fez uma pausa; no salão a imobilidade era completa. — Houve muita coisa — continuou ele — que, implicitamente ou não, criticou, uma palavra que não é tão forte, criticou a política externa do meu país. — Ele fez outra pausa, a expressão sisuda. Poder-se-ia pensar que estivesse zangado. — Ouvimos, nestes dois dias, várias análises profundas e inteligentes da complexa situação atual da Europa. Mas nenhuma delas, se me permitem dizer, entendeu plenamente as razões da atitude que a França adotou em relação a seu país vizinho. — Ele ergueu um dedo. — No entanto este não é o momento de entrarmos nesse tipo de debate. Aliás, deliberadamente deixei de participar das discussões durante estes últimos dias porque vim principalmente para ouvir. E quero declarar agora que fiquei impressionado com alguns argumentos que ouvi aqui. Mas de que maneira impressionado?, é o que os senhores podem estar se perguntando. — Monsieur Dupont fez outra pausa, durante a qual seu olhar passeou calmamente por todos os rostos voltados para ele. Finalmente continuou: — Cavalheiros... e damas, perdão... pensei muito sobre esses assuntos e desejo dizer aqui, em confiança, que embora permaneça entre mim e muitos dos presentes algumas diferenças de interpretação quanto ao que está realmente ocorrendo na Europa neste momento, apesar disso, em relação aos principais pontos aqui levantados estou convencido, cavalheiros, convencido, tanto de sua justiça quanto de sua aplicabilidade.

Um murmúrio que parecia conter ao mesmo tempo alívio e triunfo percorreu a mesa, mas dessa vez Monsieur Dupont ergueu ligeiramente a voz e continuou:

— Tenho o prazer de assegurar a todos aqui que empregarei minha modesta influência para encorajar certas mudanças de ênfase na política francesa, segundo muito do que foi dito aqui. E tentarei fazer isso a tempo para a conferência suíça.

Houve aplausos, e vi Sua Excelência trocar um olhar com Sir David. Monsieur Dupont ergueu a mão, embora não ficasse claro se para agradecer os aplausos ou para pedir que cessassem.

— Antes, porém, de agradecer a nosso anfitrião, Lord Darlington, tenho uma coisinha que gostaria de tirar de meu peito. Alguns dos senhores poderiam dizer que não é de bom tom tirar tais coisas do peito à mesa de jantar. — Isso provocou risos entusiásticos. — No entanto, sou favorável à franqueza nesses assuntos. Assim como existe a obrigação de expressar formal e publicamente nossa gratidão a Lord Darlington, que nos reuniu aqui e tornou possível este espírito de união e boa vontade, existe também, acredito, a obrigação de

condenar abertamente quem quer que venha a esta casa para abusar da hospitalidade do anfitrião e empregar suas energias apenas na tentativa de semear discórdia e suspeita. Pessoas assim são não apenas repugnantes socialmente, mas também, no clima da época atual, extremamente perigosas.

Outra pausa, e novamente houve total imobilidade. Monsieur Dupont continuou, a voz calma e decidida:

— Minha única pergunta ao Sr. Lewis é esta: até que ponto o seu comportamento abominável simboliza a atitude do atual governo americano? Damas e cavalheiros, deixem-me arriscar um palpite quanto à resposta, pois de um cavalheiro capaz dos níveis de hipocrisia que ele demonstrou nestes últimos dias não se pode esperar uma resposta honesta. Portanto vou arriscar meu palpite. Naturalmente a América está preocupada quanto ao pagamento de nossas dívidas com ela no caso de um congelamento das indenizações alemãs. Mas ao longo dos últimos seis meses tive ocasião de discutir exatamente essa questão com vários americanos altamente colocados, e me parece que o pensamento daquele país vai muito mais longe do que aquele representado pelo americano aqui presente. Aqueles de nós que se preocupam com o futuro bem-estar da Europa ficarão mais tranquilos sabendo que o Sr. Lewis agora... como direi?... não possui mais a influência que um dia possuiu. Talvez me julguem demasiadamente duro por expressar estas coisas tão abertamente. Mas na realidade estou sendo misericordioso. Estou deixando de contar o que esse cavalheiro me tem dito sobre todos os presentes. E com uma técnica muito rudimentar, cuja audácia e crueza são difíceis de se acreditar que existam. Mas chega de condenações. É hora de agradecermos. Portanto juntem-se a mim, damas e cavalheiros, num brinde, erguendo nossas taças a Lord Darlington.

Monsieur Dupont nem uma vez dirigira o olhar na direção do Sr. Lewis durante o seu discurso, e uma vez terminado o brinde em homenagem a Sua Excelência, todos novamente sentados, cada pessoa ali presente parecia estar evitando diligentemente olhar na direção do cavalheiro americano. Por um momento reinou um silêncio constrangido, e então o Sr. Lewis pôs-se de pé. Mostrava seu costumeiro sorriso simpático.

— Bem, já que todo mundo está discursando, posso fazer um discurso também — começou, e ficou evidente, por sua voz, que ele bebera muito. — Não tenho coisa alguma a responder às besteiras que o nosso amigo francês andou soltando. Faço questão de ignorar este tipo de conversa. Muitas vezes já tentaram me prejudicar, e quero que saibam que poucas pessoas conseguiram. Poucas pessoas conseguiram!

O Sr. Lewis interrompeu-se, e por um instante pareceu não saber como continuar. Finalmente tornou a sorrir e declarou:

— Como já disse, não vou perder meu tempo com nosso amigo francês. Mas acontece que tenho algo a dizer. Agora que estamos todos sendo tão francos, serei franco também. Os cavalheiros aqui, perdoem-me, mas os senhores são um bando de sonhadores ingênuos. E se não teimassem em se intrometer nas grandes questões que afetam o planeta, seriam até encantadores. Vejam o nosso bom anfitrião. O que é ele? Um cavalheiro. Acho que ninguém aqui discordaria. Um típico cavalheiro inglês. Decente, honesto, bem-intencionado. Mas Sua Excelência é um amador. — Ele fez uma pausa e olhou em redor da mesa. — Trata-se de um amador, e as relações internacionais hoje em dia não são mais para cavalheiros amadores. Quanto mais cedo vocês aqui na Europa perceberem isso, melhor. A todos vocês, cavalheiros decentes e bem-intencionados, quero perguntar uma coisa: têm ideia do tipo de lugar que o mundo vem se tornando? Já passou o tempo em que os senhores podiam agir conforme seus nobres instintos. Embora, é óbvio, os senhores aqui na Europa pareçam não saber disso. Cavalheiros como o nosso bom anfitrião ainda acreditam que têm o direito de se intrometer em questões que não compreendem. Muitas bobagens foram ditas aqui nestes últimos dois dias. Bobagens ingênuas e bem-intencionadas. Os senhores aqui na Europa precisam de profissionais que cuidem de seus negócios. E se não perceberem isso logo, estarão fadados ao desastre. Um brinde, cavalheiros. Deixem-me fazer um brinde. Ao profissionalismo!

Fez-se um silêncio perplexo e ninguém se moveu. O Sr. Lewis deu de ombros, ergueu sua taça em direção aos outros, bebeu e tornou a se sentar. Quase no mesmo instante Lord Darlington se levantou.

— Não tenho o menor desejo de embarcar numa briga nesta nossa última noite juntos, que todos merecemos desfrutar como uma ocasião de alegria e triunfo. É, porém, por respeito às suas opiniões, Sr. Lewis, que sinto que não deveríamos deixá-las de lado como se tivessem sido pronunciadas por um louco de rua. Vou dizer-lhe uma coisa: o que o senhor descreve como “amadorismo” é o que julgo que a maioria de nós aqui prefere chamar de “honra”.

Isso provocou um murmúrio de assentimento com vários “muito bem” e alguns aplausos.

— E mais ainda — continuou Sua Excelência. — Creio ter uma boa ideia do que o senhor quer dizer com profissionalismo. Isso parece que significa conseguir o que se quer por meio de mentiras e manipulações. Significa ordenar nossas prioridades segundo a cobiça e a vantagem, em lugar do desejo de ver a bondade e a justiça prevalecendo no mundo. Se esse é o “profissionalismo” a que o senhor se refere, não gosto dele e não tenho vontade de adquiri-lo.

Isso foi saudado por murmúrios de aprovação no tom mais alto até então, seguidos por aplausos entusiasmados. Vi o Sr. Lewis sorrindo para sua taça de

vinho e sacudindo a cabeça. Foi mais ou menos nesse ponto que tomei consciência do primeiro-lacaio ao meu lado, sussurrando:

— A Srta. Kenton gostaria de lhe falar, senhor. Ela está do lado de fora da porta. Retirei-me com a maior discrição possível, enquanto Sua Excelência, ainda de pé, passava para outro assunto.

A Srta. Kenton parecia perturbada.

— Seu pai está muito mal, Sr. Stevens — informou. — Mandei chamar o Dr. Meredith, mas ele vai demorar um pouco.

Devo ter parecido um pouco confuso, pois a Srta. Kenton continuou:

— Sr. Stevens, ele está realmente mal. É melhor o senhor vir vê-lo.

— Só disponho de um momento. Os cavalheiros passarão para o salão de fumar a qualquer momento.

— Naturalmente. Mas precisa vir agora, Sr. Stevens, senão vai lamentar profundamente depois.

A Srta. Kenton já estava em movimento, e atravessamos a casa às pressas até o quartinho de papai no sótão. A cozinheira, Sra. Mortimer, estava postada junto ao leito de papai, ainda de avental.

— Ah, Sr. Stevens, ele está muito mal!

Com efeito, o rosto de papai tomara uma cor avermelhada e opaca, que eu jamais vira antes num ser vivo. Ouvi a Srta. Kenton dizer baixinho às minhas costas:

— O pulso dele está muito fraco.

Por um momento contemplei meu pai; toquei de leve em sua testa e retirei a mão. A Sra. Mortimer afirmou:

— Na minha opinião ele sofreu um ataque. Já vi dois desses, e acho que ele sofreu um ataque.

Com isso, pôs-se a chorar. Percebi que ela recendia fortemente a gordura e carne assada. Dei-lhe as costas e falei com a Srta. Kenton:

— Isto é muitíssimo penoso. No entanto, agora preciso voltar lá para baixo.

— Naturalmente, Sr. Stevens. Vou avisá-lo quando o médico chegar. Ou se houver alguma mudança.

— Obrigado, Srta. Kenton.

Desci as escadas apressado e cheguei a tempo de ver os cavalheiros passando para o salão de fumar. Os criados pareceram aliviados ao me ver, e imediatamente indiquei-lhes que tomassem suas posições.

O que quer que tenha tido lugar no salão de banquetes depois da minha partida, a atmosfera entre os convidados era agora genuinamente festiva. Por todo o salão de fumar havia cavalheiros em grupos, rindo e dando-se tapinhas nas costas. O Sr. Lewis, pelo que pude verificar, já se retirara. Abri caminho

entre os convidados, levando uma garrafa de porto na bandeja. Tinha acabado de servir uma taça a um cavalheiro quando uma voz atrás de mim disse:

— Ah, Stevens, você disse que é interessado em peixes...

Virei-me e me deparei com o jovem Sr. Cardinal sorrindo para mim com alegria. Sorri também e perguntei:

— Peixes, senhor?

— Quando eu era jovem, tinha um aquário com todo tipo de peixes tropicais. Era um belo aquário. Escute, Stevens, você está bem?

Sorri novamente.

— Muito bem, obrigado, senhor.

— Como você mesmo sugeriu, eu realmente deveria voltar aqui na primavera. Darlington Hall deve ser encantador então. Na última vez em que estive aqui, acho que era inverno também. Escute, Stevens, tem certeza de que está mesmo bem?

— Estou muito bem, obrigado, senhor.

— Não está se sentindo mal, está?

— Nem um pouco, senhor. Com licença, por favor.

Continuei servindo porto aos convidados. Houve uma explosão de risadas às minhas costas e ouvi o clérigo belga exclamar:

— Isto é realmente herético! Positivamente herético!

Em seguida ele próprio soltou uma gargalhada. Senti alguma coisa tocar meu cotovelo e, virando-me, deparei-me com Lord Darlington.

— Stevens, você está bem?

— Sim, senhor.

— Parece estar chorando!

Ri e, pegando um lenço, enxuguei rapidamente o rosto.

— Desculpe-me, senhor. Foi a tensão de um dia difícil.

— É, foi um trabalho árduo.

Alguém chamou Sua Excelência e ele voltou-se para atender. Eu estava prestes a continuar circulando pelo aposento quando avistei a Srta. Kenton através da porta aberta, fazendo sinais para mim. Dirigi-me para lá, mas antes de conseguir alcançá-la Monsieur Dupont tocou meu braço e disse:

— Mordomo, será que pode me conseguir um curativo novo? Meus pés estão insuportáveis novamente.

— Sim, senhor. Enquanto eu me dirigia para a porta, percebi que Monsieur Dupont me acompanhava. Virei-me e disse:

— Venho buscá-lo, senhor, assim que tiver em mãos o necessário.

— Depressa, por favor, mordomo. Estou sentindo muita dor.

— Sim, senhor. Lamento muito, senhor.

A Srta. Kenton ainda estava parada no saguão, onde eu a avistara. Quando saí, ela se pôs a caminhar silenciosamente na direção da escada, e seus modos mostravam uma curiosa falta de urgência. Então virou-se e disse:

— Sr. Stevens, sinto muito. Seu pai faleceu há uns quatro minutos.

— Entendo.

Ela olhou para as próprias mãos, depois para o meu rosto.

— Sr. Stevens, sinto muito — repetiu. E acrescentou: — Gostaria de saber o que dizer.

— Não há necessidade, Srta. Kenton.

— O Dr. Meredith ainda não chegou.

Por um instante ela baixou a cabeça e deixou escapar um soluço. Mas recobrou imediatamente o controle e perguntou com voz firme:

— O senhor vai subir para vê-lo?

— Estou muito ocupado agora, Srta. Kenton. Daqui a pouco, talvez.

— Nesse caso, Sr. Stevens, permite que eu feche os olhos dele?

— Ficarei muito grato se fizer isso, Srta. Kenton.

Ela começou a subir a escada, mas eu a interrompi, dizendo:

— Srta. Kenton, por favor não me julgue indevidamente desumano por não subir e ver meu pai em seu leito de morte neste exato momento. Entenda, sei que meu pai teria desejado que eu continuasse cumprindo minha obrigação.

— Naturalmente, Sr. Stevens.

— Sinto que se agisse diferente seria como decepcioná-lo.

— Naturalmente, Sr. Stevens.

Virei-me, a garrafa de porto ainda sobre a bandeja, e tornei a entrar no salão de fumar. Aquele aposento relativamente exíguo parecia uma floresta de trajes escuros, cabelos grisalhos e fumaça de charuto. Abri caminho por entre os cavalheiros, procurando taças vazias. Monsieur Dupont bateu-me no ombro e perguntou:

— Mordomo, cuidou do que lhe pedi?

— Sinto muito, senhor, mas neste exato momento o auxílio ainda não está disponível.

— Que quer dizer, mordomo? Vocês ficaram sem suprimentos médicos?

— Acontece que um médico está a caminho daqui, senhor.

— Ah, muito bem! Você chamou um médico?

— Sim, senhor.

— Ótimo, ótimo.

Monsieur Dupont continuou a conversa interrompida e eu prossegui meu caminho pelo salão. Em certo momento a condessa alemã emergiu do meio dos cavalheiros e, antes que eu tivesse uma chance de servi-la, ela própria serviu-se

de porto.

— Cumprimente a cozinheira por mim, Stevens — pediu.

— Sim, madame. Obrigado, madame.

— E você e sua equipe também foram ótimos.

— Muitíssimo agradecido, madame.

— Em certo momento do jantar, Stevens, eu teria julgado que havia pelo menos três de você — disse ela, rindo.

Ri também e respondi: — Fico feliz em ser útil, madame.

Um instante depois, avistei o jovem Sr. Cardinal não muito distante, ainda solitário, e ocorreu-me que o jovem cavalheiro talvez estivesse se sentindo um tanto deslocado naquele ambiente. De qualquer modo, sua taça estava vazia, portanto dirigi-me para lá. Ele pareceu se animar com a minha chegada, e estendeu a taça.

— Acho admirável que você seja um amante da natureza, Stevens — declarou, enquanto eu o servia. — E ousar dizer que é uma grande vantagem para Lord Darlington ter um especialista para vigiar as atividades do jardineiro.

— Como disse, senhor?

— A natureza, Stevens. Outro dia conversamos sobre as maravilhas do mundo natural. E concordo inteiramente com você, todos nós somos por demais cegos às grandes maravilhas que nos rodeiam.

— Sim, senhor.

— Por exemplo, tudo isso de que tratamos ultimamente. Tratados, fronteiras, indenizações e ocupações. Mas a Mãe Natureza continua seu belo trabalho. É engraçado pensar assim, não acha?

— Realmente, senhor.

— Fico pensando se não teria sido melhor se o Todo-Poderoso nos tivesse criado a todos como... bem ... como uma espécie de plantas. Sabe, bem enraizados no chão. Então não haveria toda essa história de guerras e fronteiras.

O jovem cavalheiro pareceu considerar essa ideia divertida. Deu uma risada, depois pensou mais um pouco e tornou a rir. Ri com ele. Então cutucou-me e disse:

— Imagine só, Stevens! — E riu mais ainda.

— Sim, senhor — falei, rindo também. — Seria uma alternativa curiosíssima.

— Mas poderíamos ter pessoas como você levando recados de um lado para outro, trazendo chá, esse tipo de coisa. Caso contrário, como conseguiríamos fazer alguma coisa? Consegue imaginar, Stevens? Todos nós enraizados no chão? Imagine só!

Nesse momento um criado surgiu atrás de mim.

— A Srta. Kenton deseja uma palavra com o senhor.

Pedi licença ao Sr. Cardinal e dirigi-me para a porta. Percebi Monsieur Dupont aparentemente vigiando-a, e quando me aproximei ele perguntou:

— Mordomo, o médico chegou?

— Vou verificar, senhor. Não demoro.

— Estou sentindo dor.

— Lamento muito, senhor. O médico não deve tardar.

Dessa vez Monsieur Dupont seguiu-me porta afora. A Srta. Kenton estava mais uma vez parada no saguão.

— Sr. Stevens, o Dr. Meredith chegou, está lá em cima — informou. Ela falou em voz baixa, porém Monsieur Dupont atrás de mim exclamou de imediato:

— Ah, que ótimo!

Virei-me para ele e disse:

— Tenha a bondade de me acompanhar, senhor.

Levei-o para o salão de bilhar, onde acendi a lareira enquanto ele se sentava em uma das poltronas de couro e começava a retirar os sapatos.

— Lamento que aqui esteja um pouco frio, senhor. O médico não vai demorar.

— Obrigado, mordomo. Trabalhou bem.

A Srta. Kenton estava esperando por mim no corredor, e subimos em silêncio. No quarto de papai, o Dr. Meredith estava fazendo algumas anotações e a Sra. Mortimer chorava copiosamente. Ela ainda trajava o avental, que evidentemente estava sendo usado para enxugar-lhe as lágrimas; como resultado, tinha o rosto coberto de marcas de gordura, dando-lhe a aparência de uma atriz caracterizada de negra. Eu tinha imaginado que o aposento teria o cheiro da morte, mas por causa da Sra. Mortimer — ou melhor, de seu avental — o quarto estava dominado pelo cheiro de carne assada.

O Dr. Meredith ergueu-se e disse:

— Meus pêsames, Stevens. Ele sofreu um ataque grave. Se lhe serve de consolo, não deve ter sentido muita dor. Você nada poderia ter feito para salvá-lo.

— Obrigado, senhor.

Agora preciso ir. Você cuida das providências?

— Sim, senhor. No entanto, se me permite, lá embaixo há um cavalheiro muito ilustre requerendo sua atenção.

— É urgente?

— Ele expressou um ardente desejo de vê-lo, senhor.

Levei o Dr. Meredith para baixo, até o salão de bilhar, depois voltei depressa

para o salão de fumar, onde a atmosfera ficara ainda mais festiva.



Naturalmente não cabe a mim sugerir que sou digno de ser colocado entre os grandes mordomos de nossa geração, como o Sr. Marshall ou o Sr. Lane — embora deva ser dito que há aqueles que, talvez por uma generosidade equivocada, inclinam-se a fazer exatamente isso. Quero deixar claro que quando afirmo que a conferência de 1923, e aquela noite em particular, constituíram um momento decisivo em meu desenvolvimento profissional, estou falando em termos de meus próprios padrões, bem mais modestos. Mesmo assim, considerando-se as pressões que havia sobre mim naquela noite, pode-se julgar que não me iludo indevidamente se chego ao extremo de sugerir que talvez tenha demonstrado, diante de tudo o que aconteceu, pelo menos a um nível bem modesto, a "dignidade" de alguém como o Sr. Marshall — ou, se me é permitido dizer isto, como meu pai. Por que deveria negá-lo? Apesar de todas as lembranças tristes, sempre que hoje em dia relembro aquela noite constato que o faço com uma enorme sensação de triunfo.

Segundo dia



TARDE

Lago Mortimer, Dorset

QUER ME PARECER que existe toda uma dimensão à questão de o que é um grande mordomo” que até agora eu não tinha levado devidamente em consideração. Devo dizer que é uma experiência bastante perturbadora esta de perceber tal coisa a respeito de um assunto tão caro ao meu coração, principalmente tratando-se de algo a que dediquei muita atenção ao longo dos anos. Mas ocorre-me que posso ter sido um pouco precipitado ao rejeitar certos aspectos dos critérios de admissão da Hayes Society. Quero deixar bem claro que não pretendo retificar qualquer de minhas ideias a respeito de ”dignidade” e sua ligação crucial corri a ”grandeza”. Mas estive pensando melhor sobre aquela outra declaração feita pela Hayes Society de que um requisito para a admissão de um membro era que ”o candidato deve estar ligado a uma casa ilustre”. Meus sentimentos continuam sendo, não menos que antes, de que isto representa um ato de esnobismo inconsciente por parte da sociedade. No entanto, ocorre-me que talvez aquilo que se desaprova é, especificamente, a compreensão obsoleta do que é uma ”casa ilustre”, e não o princípio geral aí expresso. Aliás, agora que penso melhor sobre o assunto, creio que se pode dizer que é um requisito da grandeza que a pessoa ”esteja ligada a uma casa ilustre” — contanto que se tome a palavra ”ilustre” com um significado mais profundo do que aquele proposto pela Hayes Society.

Aliás, a comparação entre o modo como eu interpretaria uma casa ilustre” e aquilo que a Hayes Society entendia por essa expressão esclarece vivamente, creio, a diferença fundamental entre os valores da nossa geração de mordomos e aqueles da geração anterior. Quando digo isto, não estou apenas chamando atenção para o fato de que nossa geração tinha uma atitude menos esnobe em relação a seus patrões pertencerem à nobreza rural ou aos ”negócios”. O que estou tentando dizer — e não creio tratar-se de um comentário injusto — é que éramos uma geração muito mais idealista. Onde nossos pais podiam estar preocupados se um patrão tinha ou não um título de nobreza ou vinha de uma das famílias ”tradicionais”, nossas preocupações inclinavam-se a recair sobre o status moral de nosso empregador. Isso não quer dizer que estivéssemos preocupados com o comportamento particular de nosso patrão. O que quero dizer é que ambicionávamos, de um modo que seria raro na geração anterior, servir cavalheiros que estivessem, por assim dizer, favorecendo o progresso da humanidade. Seria considerada uma missão bem mais admirável, por exemplo, servir um cavalheiro como o sr. George Ketteridge, que, por mais humilde que fosse a sua origem, deu uma contribuição inegável ao futuro bem estar do império, do que a qualquer cavalheiro, por mais aristocrática a sua origem, que gastasse seu tempo em ociosidade nos clubes ou nos campos de golfe.

Na prática, é claro, muitos cavalheiros das mais nobres famílias têm-se dedicado a minorar os grandes problemas da atualidade, e assim, à primeira vista, pode parecer que as ambições de nossa geração pouco diferiam das de nossos predecessores. Mas posso garantir que havia uma diferença fundamental de atitude, refletida não apenas no tipo de coisas que se ouvia de um profissional para outro, mas no modo como muitas das pessoas mais capacitadas da nossa geração trocavam de emprego. Essas decisões não eram mais uma simples questão de salário, a quantidade de criados à disposição ou o esplendor de um sobrenome; para a nossa geração, acho justo dizer, o prestígio profissional encontrava-se principalmente no valor moral de um patrão.

Acredito que posso salientar melhor a diferença entre gerações exprimindo-me figuradamente. Os mordomos da geração de meu pai tendiam a ver o mundo em termos de uma escada — no alto, as casas da realeza, de duques e nobres das famílias mais antigas; aquelas dos ”novos-ricos” mais abaixo e assim por diante, até chegar a um ponto, bem baixo, onde a hierarquia era determinada simplesmente pela fortuna — ou a falta dela. Qualquer mordomo ambicioso simplesmente faria o possível para subir o mais que pudesse nessa escada, e de maneira geral quanto mais alto ele subia maior era o seu prestígio profissional. Tais são, é claro, precisamente os valores englobados pela definição da Hayes Society quanto a ”uma casa ilustre”, e o fato de que ela fazia abertamente

pronunciamentos como este ainda em 1929 mostra claramente por que a extinção dessa sociedade foi inevitável, se não bastante atrasada. Pois a essa altura tal maneira de pensar estava completamente divorciada daquela dos grandes homens que emergiram para a vanguarda da nossa profissão. Pois nossa geração, julgo que é correto dizer, via o mundo não como uma escada, mas como uma roda. Talvez possa explicar-me melhor.

É minha impressão que nossa geração foi a primeira a reconhecer algo que escapou à atenção de todas as gerações anteriores: a saber, que as grandes decisões mundiais não são tomadas, na realidade, nos prédios públicos ou durante um punhado de dias dedicados a uma conferência internacional sob os olhos do público e da imprensa. Antes, conduzem-se discussões e tomam-se decisões na privacidade e calma das grandes casas deste país. O que acontece ante os olhos do público com tanta pompa e circunstância é com frequência a conclusão, ou a simples ratificação, do que teve lugar ao longo de muitas semanas ou meses, dentro das paredes de tais casas. Para nós, portanto, o mundo era uma roda, girando com essas grandes casas no lugar do eixo, suas poderosas decisões emanando para fora, atingindo a todos, ricos e pobres, que giravam em torno deles. Era o anseio de todos nós que tínhamos ambição profissional aproximarmo-nos o mais possível, através de nosso trabalho, desse eixo. Pois éramos, como eu disse, uma geração idealista, para quem a questão não era simplesmente até que ponto exercíamos bem o nosso trabalho, mas com que finalidade o fazíamos; cada um de nós acalentava o desejo de dar nossa pequena contribuição para a criação de um mundo melhor, e sabíamos que, como profissionais, a maneira mais segura de fazer isso seria servir os grandes cavalheiros do nosso tempo, a cujas mãos a civilização tinha sido confiada.

Naturalmente, falo agora de maneira bem geral, e prontamente admitiria que havia pessoas demais em nossa geração que não tinham paciência para essas considerações mais sutis. Por outro lado, tenho certeza de que havia muitos da geração de meu pai que reconheciam instintivamente essa dimensão "moral" de seu trabalho. Mas de modo geral acredito que essas generalizações são acuradas, e, a bem da verdade, tais motivações "idealistas" como as descrevi desempenharam um papel importante em minha própria carreira. No início, passava de um emprego para outro — consciente de que aquelas situações não poderiam trazer-me uma satisfação duradoura — antes de ser finalmente recompensado com a oportunidade de servir a Lord Darlington.

É curioso que até hoje eu não tenha pensado no assunto nesses termos; aliás, que durante todas aquelas muitas horas que passamos ao pé da lareira do nosso salão da criadagem discutindo a natureza da "grandeza", o Sr. Graham e eu jamais tenhamos levado em consideração toda esta dimensão da questão. É

embora eu não deseje retificar qualquer afirmação que .. tenha feito anteriormente a respeito da qualidade da dignidade, tenho que admitir que existe uma certa razão no argumento de que, seja qual for o grau em que um mordomo tenha alcançado tal qualidade, se ele não tiver conseguido encontrar um escoadouro apropriado para seus dotes, não pode esperar que os colegas o considerem "grande".

Pode-se constatar, sem dúvida, que figuras como o Sr. Marshall e o Sr. Lane serviram apenas cavalheiros de indiscutível estatura moral — Lord Wakeling, Lord Camberley, Sir Leonard Gray — e não se pode deixar de pensar que eles simplesmente não teriam oferecido seus talentos a cavalheiros de menor calibre. Realmente, quanto mais se pensa sobre isso, mais óbvio se torna: associar-se a uma casa realmente ilustre é um requisito para a "grandeza". Um "grande" mordomo só poderá ser, certamente, aquele que pode mostrar seus anos de serviço e dizer que aplicou seus talentos em servir um grande cavalheiro — e, através deste, servir a humanidade.

Como já declarei, nunca, em todos esses anos, pensei no assunto desta forma; porém talvez seja parte da natureza de empreender uma viagem como esta, impulsionar a pessoa em direção a perspectivas novas e surpreendentes a respeito de assuntos que a pessoa julgava já esgotados há muito. Sem dúvida fui levado a pensar nessas coisas também por um pequeno incidente ocorrido há mais ou menos uma hora — e que, admito, perturbou-me um pouquinho.

Tendo passado ao volante uma manhã agradável de um belo dia, e tendo almoçado muito bem numa hospedaria, eu acabara de cruzar a fronteira e entrar em Dorset. Foi então que tomei consciência de um cheiro de queimado emanando do motor do carro. A hipótese de ter causado algum dano ao Ford de meu patrão era, naturalmente, muitíssimo alarmante, e depressa detive o veículo.

Encontrava-me numa estrada estreita, bordejada de ambos os lados por plantas, de modo que não pude fazer uma ideia do que havia nas vizinhanças. Tampouco conseguia enxergar muito à frente, pois a uns trinta metros havia uma curva. Ocorreu-me que não poderia permanecer muito tempo onde estava sem incorrer no risco de que um veículo virasse a curva e colidisse com o Ford de meu patrão. Portanto liguei novamente o motor e fiquei um pouco mais tranquilo ao verificar que o cheiro não era tão forte quanto antes.

A melhor providência, deduzi, seria procurar uma oficina, ou então a casa de um cavalheiro onde haveria uma boa chance de encontrar um motorista que soubesse qual era o problema. Mas a estrada continuou fazendo curvas por alguma distância, e o mato alto a cada lado também persistia, obscurecendo-me a visão, de modo que, embora tenha passado por vários portões, alguns dos quais obviamente dando acesso a alamedas particulares, não conseguia enxergar as

casas. Continuei por mais ou menos um quilômetro, o alarmante cheiro mais forte. A cada momento, até finalmente chegar a um trecho de estrada aberta. Agora eu conseguia enxergar alguma distância à frente, e à minha esquerda erguia-se uma casa vitoriana, alta, com um grande gramado na frente e o que era claramente uma alameda para automóveis, que antes devia ser um caminho de carruagens. Ao me aproximar, fiquei ainda mais esperançoso ao ver de relance um Bentley dentro de uma garagem anexa à casa, de portas abertas.

O portão também tinha sido deixado aberto, de modo que conduzi o Ford até logo depois da entrada, desembarquei e me dirigi para a porta dos fundos da casa. Esta foi aberta por um homem em mangas de camisa e sem gravata, mas que, diante do meu pedido de falar com o motorista da casa, respondeu com bom humor que eu tinha acertado "em cheio". Ao ouvir meu problema, o homem veio sem hesitar até o Ford, abriu o capô e me informou, depois de alguns segundos de inspeção: — Água, meu chapa. Você precisa de água no seu radiador. Parecia estar achando graça na situação, mas foi, bastante prestativo; voltou para dentro da casa e depois de uns instantes tornou a emergir com um jarro de água e um funil. Enquanto enchia o radiador, a cabeça inclinada sobre o motor, começou a conversar amigavelmente, e ao saber que eu estava fazendo uma viagem de carro pela região recomendou uma visita à atração local, certo lago a menos de um quilômetro dali.

Nesse ínterim eu tivera maior oportunidade de observar a casa: mais alta do que larga. Tinha quatro pavimentos, a frente coberta de hera até as traves do telhado. Pelas janelas, no entanto, pude perceber que pelo menos metade da casa estava fora de uso, os móveis cobertos por lençóis. Comentei esse fato com o homem, depois que ele terminou com o radiador e fechou o capô.

— Uma pena, mesmo — fez ele. — É uma linda casa. A verdade é que o Coronel está querendo vender. Ficou muito grande para ele, agora.

Não pude deixar de perguntar então quantos criados trabalhavam lá, e acho que não fiquei muito surpreso ao saber que havia apenas ele e uma cozinheira que vinha à tarde. Ao que parecia, ele era mordomo, camareiro, motorista e faxineiro. Durante a guerra fora ordenança do Coronel, explicou-me; estiveram juntos na Bélgica quando os alemães a invadiram, e novamente durante o desembarque aliado. Então ele me encarou com atenção e disse:

— Já sei! Custei um pouco para entender, mas agora já sei. Você é um desses mordomos classe alta. De uma dessas casas granfinas.

Quando lhe respondi que ele não estava inteiramente equivocado, continuou:

— Já sei. Custei um pouco para entender, sabe, porque você fala como se fosse um cavalheiro, quase. E dirigindo uma belezoca dessas — acrescentou, indicando o Ford. — No princípio pensei: um coroa granfino. E é mesmo, meu

chapa. Granfino. Eu nunca aprendi essas coisas, sabe? Sou só um ordenança que virou civil.

Então perguntou-me onde eu estava empregado, e ao ouvir minha resposta inclinou a cabeça para um lado com ar de interrogação.

— Darlington Hall — disse consigo mesmo. — Darlington Hall... Deve ser um lugar granfino mesmo, até um idiota como este seu criado já ouviu falar. Darlington Hall. Espera aí. Você não está falando de Darlington Hall, de Lord Darlington?

— Era a residência de Lord Darlington até sua morte, há três anos — informei. — A mansão é agora a residência do Sr. John Farraday, um cavalheiro americano.

— Você deve ser mesmo classe alta, trabalhando num lugar daqueles. Não deve ter muitos iguais a você ainda, não é? — A voz dele então mudou completamente ao perguntar: — Quer dizer que você trabalhava mesmo para aquele Lord Darlington?

Ele me encarava atentamente.

Falei: — Ah, não; trabalho para o Sr. John Farraday, o cavalheiro americano que comprou a casa da família Darlington.

— Ah, então não conheceu aquele Lord Darlington. Eu só queria saber de que jeito ele era. Que tipo de sujeito.

Declarei que tinha que ir embora e agradeci-lhe enfaticamente a ajuda. Afinal, era um homem amável, que se deu o trabalho de me orientar para sair pelo portão em marcha a ré e antes que eu partisse inclinou-se e tornou a recomendar-me que visitasse o lago, repetindo as instruções para encontrá-lo. — É um lugar muito bonito — acrescentou. — Você vai se arrepender se não for. Aliás, o Coronel está lá pescando neste momento.

O Ford me parecia estar em perfeita forma novamente, e como o lago em questão ficava quase no meu caminho resolvi aceitar a sugestão do ordenança. Suas instruções pareciam suficientemente claras, mas depois que saí da estrada principal, tentando segui-las, encontrei-me perdido em caminhos estreitos e tortuosos, muito parecidos com aquele em que pela primeira, vez eu percebera o cheiro de queimado. Às vezes a folhagem de ambos os lados tornava-se tão espessa que chegava a praticamente esconder o sol, e era preciso forçar a vista para enxergar nos súbitos contrastes de sol brilhante e sombras profundas. Finalmente, no entanto, depois de alguma procura, encontrei uma placa indicando "Lago Mortimer", e foi assim que cheguei a este local, há pouco mais de meia hora.

Agora encontro-me muitíssimo grato ao ordenança, pois, além de me ajudar com o Ford, ele me proporcionou a descoberta de um local encantador, que de

outra forma seria muito improvável que eu viesse a conhecer. O lago não é grande — com um perímetro talvez de uns quinhentos metros — de modo que subindo em qualquer elevação pode-se ter a visão de todo ele. Reina aqui uma atmosfera de profunda tranquilidade. Em volta de todo o lago foram plantadas árvores, suficientemente próximas para sombrear agradavelmente a margem, ao passo que aqui e ali maciços de caniços e juncos altos e esguios rompem a superfície da água e o reflexo imóvel do céu. Meus calçados não são do tipo a permitir-me caminhar em volta do lago mesmo de onde estou sentado posso ver o caminho desaparecendo em áreas de lama profunda — porém quero declarar que tamanho é o encanto deste local que logo que cheguei fiquei fortemente tentado a fazer isso. Só a perspectiva das possíveis catástrofes que poderiam coroar tal expedição, e de infligir algum dano a meu traje de viagem, convenceu-me a contentar-me em ficar sentado neste banco. E assim fiz, durante a última meia hora, contemplando as várias figuras sentadas com seus caniços de pesca em diversos pontos do perímetro do lago. Daqui posso ver cerca de uma dúzia delas, porém o forte jogo de luz e sombra criado pelos ramos baixos impedem-me de enxergá-las com clareza, e tenho que desistir do pequeno jogo que pretendia fazer: tentar adivinhar quais destes pescadores é o Coronel em cuja casa recebi tão satisfatória ajuda.

Foi sem dúvida a tranquilidade desta paisagem que me permitiu meditar com mais profundidade nas coisas que me passaram pela mente nesta última meia hora. Com efeito, se não fosse a calma que reina aqui, é possível que eu não pensasse mais no meu comportamento durante o encontro com o ordenança. Isto é, talvez não me indagasse a razão de ter dado a impressão de nunca ter estado a serviço de Lord Darlington. Pois certamente não há a menor dúvida de que foi isto que aconteceu. Ele perguntou: "Quer dizer que você *trabalhava* mesmo para aquele Lord Darlington?", e eu dei uma resposta que só podia significar que não. Podia ser simplesmente que um capricho me tivesse dominado naquele instante — mas esta não é uma maneira convincente de explicar uma reação tão estranha. De qualquer maneira, aceito agora o fato de que o incidente com o ordenança não é o primeiro; sem dúvida ele tem alguma ligação — embora eu não esteja muito certo da sua natureza — com o que ocorreu há poucos meses, durante a visita dos Wakefields. O Sr. e a Sra. Wakefield são um casal americano estabelecido na Inglaterra — em algum lugar de Kent, pelo que entendi — há uns vinte anos. Tendo vários conhecidos em comum com o Sr. Farraday na sociedade de Boston, um dia fizeram uma visita breve a Darlington Hall, ficando para o almoço e partindo antes do chá. Estou falando agora de poucas semanas depois da chegada do próprio Sr. Farraday, uma época em que seu entusiasmo com a compra estava no auge; conseqüentemente, grande parte da visita dos

Wakefields foi tomada por uma expedição, que poderia parecer desnecessariamente extensa, pela propriedade, inclusive em áreas fora de uso.

O Sr. e a Sra. Wakefield, no entanto, pareciam tão entusiasmados quanto o Sr. Farraday, e eu, cuidando de meu serviço, com frequência ouvia exclamações de admiração vindas da parte da casa onde eles se encontrassem. O Sr. Farraday tinha iniciado a visita pelo topo, e ao chegar ao andar térreo para mostrar aos visitantes a magnificência dos aposentos ali situados, ele parecia muito entusiasmado, assinalando detalhes nas cornijas e nas molduras das janelas, e descrevendo com certa pomposidade "o que os lordes ingleses costumavam fazer" em cada aposento. Embora eu naturalmente não tenha feito uma tentativa deliberada de escutar, não pude deixar de entender o sentido do que se dizia, e surpreendi-me com a extensão do conhecimento de meu patrão, o qual, apesar de um ou outro comentário infeliz, traía um profundo entusiasmo pelos costumes ingleses. Mais ainda: percebia-se que os Wakefields — em particular a Sra. Wakefield — não eram eles próprios de modo algum ignorantes das tradições de nosso país, e deduzia-se, pelos diversos comentários por parte deles, que eram também proprietários de uma casa inglesa de alguma suntuosidade.

Foi em certo ponto dessa excursão — eu estava atravessando o saguão, sob a impressão de que o grupo saía para explorar o jardim — que me dei conta de que a Sra. Wakefield ficara para trás e estava examinando de perto o arco de pedra que emoldura a porta para a sala de jantar. Quando passei, murmurando um discreto «com licença, madame, ela voltou-se e perguntou:

— Ah, Stevens, talvez você seja a pessoa indicada para me dizer. Este arco parece ser do século dezessete, mas não terá sido construído recentemente? Talvez durante a época de Lord Darlington?

— É possível, madame.

— É muito bonito. Mas é com certeza uma espécie de falsa antiguidade feita há poucos anos, certo?

— Não tenho certeza, madame, mas é bem possível.

Então, baixando a voz, a Sra. Wakefield perguntou:

— Diga-me, Stevens, como era esse Lord Darlington? Você com certeza trabalhou para ele.

— Não, madame.

— Ah, pensei que tivesse trabalhado. Não sei por que tive essa impressão.

A Sra. Wakefield virou-se novamente para o arco e, colocando a mão sobre ele, disse:

— Quer dizer que não temos certeza. Mesmo assim, a mim parece ser falso. Muito bem-feito, mas falso.

É possível que eu tivesse esquecido logo esse diálogo; no entanto, depois da

partida dos Wakefields, fui levar o chá da tarde do Sr. Farraday na sala de estar e percebi que ele estava preocupado. Depois de um silêncio inicial ele disse:

— Sabe, Stevens, a Sra. Wakefield não ficou tão impressionada com esta casa quanto acho que deveria ter ficado.

— Realmente, senhor?

— Na verdade, ela parecia achar que eu estava exagerando o pedigree do lugar. Que eu estava inventando a antiguidade de tudo.

— Foi mesmo, senhor?

— Ficava falando que tudo era "falso" isto e "falso" aquilo. Pensou até que você era "falso", Stevens.

— Realmente, senhor?

— Realmente, Stevens. Eu disse que você era de verdade. Um velho mordomo inglês de verdade. Que está nesta casa há mais de trinta anos, servindo um nobre inglês de verdade. Mas a Sra. Wakefield me desmentiu. Aliás, com muita segurança.

— Foi mesmo, senhor?

— A Sra. Wakefield, Stevens, estava convencida de que você não trabalhava aqui até eu contratá-lo. Na verdade, ela parecia achar que tinha ouvido isto de você. Fiz papel de tolo, como você pode imaginar.

— É profundamente lamentável, senhor.

— Quer dizer, Stevens, esta é uma genuína mansão inglesa, não é? Foi o que eu paguei. E você é um genuíno mordomo inglês antigo, e não um garçom fingindo ser um deles. Você é de verdade, não é? Era o que eu queria, e não é o que tenho?

— Ouso dizer que sim, senhor.

— Então pode me explicar o que a Sra. Wakefield disse? Para mim é um grande mistério.

— É possível que eu possa ter dado à senhora uma imagem ligeiramente enganosa quanto à minha carreira, senhor. Peço-lhe muitas desculpas se isso lhe causou constrangimento.

— E causou mesmo. Aquelas pessoas agora me julgam um fanfarrão e mentiroso. De qualquer maneira, que história é esta de ter dado "uma imagem ligeiramente enganosa"?

— Lamento muito, senhor. Não tinha ideia de que poderia causar-lhe esse constrangimento.

— Mas, droga, Stevens, por que inventou esta história?

Estudei a situação por um momento, depois disse:

— Lamento muito, senhor. Mas tem a ver com os costumes deste país.

— De que é que está falando, homem?

— Quero dizer que na Inglaterra não é costume um empregado discutir seus antigos patrões.

— Certo, Stevens, então você não deseja divulgar confidências passadas. Mas isso se estende a chegar a negar ter trabalhado para outra pessoa além de mim?

— Realmente parece um pouco exagerado quando o senhor coloca as coisas assim. Mas com frequência considera-se desejável que um empregado dê esta impressão. Se posso me expressar assim, senhor, é um pouco similar ao costume em relação a casamentos. Se uma dama divorciada estiver presente em companhia do segundo marido, com frequência considera-se desejável que não se mencione o primeiro casamento. Há um costume semelhante em relação a nossa profissão, senhor.

— Bem, eu gostaria de ter tomado conhecimento deste seu costume antes, Stevens — retrucou meu patrão, recostando-se na poltrona. — Fiquei mesmo foi com cara de trouxa,

Creio que mesmo então percebi que minha explicação ao Sr. Farraday — embora, naturalmente, não de todo longe da verdade — era lamentavelmente inadequada. Mas quando se tem tantas outras coisas em que pensar, não é fácil dar muita atenção a esse tipo de coisa, de modo que realmente tirei o episódio do pensamento por algum tempo. Mas agora, recordando-o aqui na tranquilidade que rodeia este lago, parece não haver dúvida de que minha conduta com a Sra. Wakefield aquele dia tem uma relação óbvia com o que acaba de acontecer esta tarde.

É claro que muitas pessoas hoje dizem coisas tolas a respeito de Lord Darlington, e pode ser que eu esteja dando a impressão de estar de alguma forma embaraçado ou envergonhado da minha associação com Sua Excelência, e que é isso que está por trás do meu comportamento. Quero então deixar bem claro que nada poderia estar mais longe da verdade. De qualquer maneira, a maior parte do que se ouve dizer hoje em dia sobre Sua Excelência é uma tolice completa, baseada numa quase total ignorância dos fatos. Na verdade, parece-me que minha estranha reação pode ser muito plausivelmente explicada em termos do meu desejo de evitar qualquer possibilidade de ouvir mais alguma tolice a respeito de Sua Excelência; isto é, preferi contar uma mentira justificável em ambas as ocasiões como o meio mais simples de evitar aborrecimentos. Quanto mais penso nela, mais essa me parece mesmo uma explicação plausível; pois é verdade, nada me irrita mais hoje em dia do que ouvir esse tipo de tolice sendo repetida. Quero dizer que Lord Darlington era um cavalheiro de grande estatura moral — uma estatura que apequena a maioria das pessoas que se ouve dizendo esse tipo de disparate a respeito dele — e posso garantir que o foi até o fim.

Nada podia ser mais errôneo do que a sugestão de que lamento minha relação com esse cavalheiro. De fato, todos concordarão que ter servido Sua Excelência em Darlington Hall durante todos esses anos significou chegar tão perto do eixo da roda deste mundo quanto alguém como eu poderia ter sonhado. Dediquei trinta e cinco anos de serviço a Lord Darlington; não seria injustificável dizer que durante esses anos fui, no sentido mais real da expressão, "ligado a uma casa ilustre". Revendo minha carreira até agora, minha maior satisfação deriva-se do que alcancei durante aqueles anos, e hoje sinto-me apenas orgulhoso e grato por ter recebido tal privilégio.

Terceiro dia



MANHÃ

Taunton, Somerset

HOSPEDEI-ME na noite passada numa estalagem chamada Coach and Horses, a pouca distância da cidade de Taunton, em Somerset. Tratando-se de um chalé com telhado de sapé junto à estrada, o local parecia uma perspectiva obviamente atraente, quando o avistei de dentro do Ford na hora do crepúsculo. O hospedeiro levou-me a um quarto pequeno, bastante simples, mas perfeitamente adequado, no topo de uma escada de madeira. Quando perguntou se eu jantara, pedi-lhe que me levasse um sanduíche ao quarto, o que se mostrou uma opção inteiramente satisfatória quanto a essa questão do jantar. Mas em seguida, à medida que as horas se escoavam, comecei a sentir-me bastante inquieto dentro do quarto, e finalmente decidi descer para o bar e experimentar um pouco da sidra local.

Havia cinco ou seis fregueses, todos juntos num grupo no balcão — adivinhava-se, por sua aparência, que eram ligados à agricultura de uma maneira ou de outra — mas fora isso o bar estava vazio. Adquirindo uma caneca de sidra, sentei-me a uma mesa um pouco afastada, pretendendo relaxar um pouco e ordenar minhas ideias a respeito do dia. Logo ficou claro, porém, que aquelas pessoas do local tinham ficado perturbadas com a minha presença e sentiam certa necessidade de mostrar hospitalidade. Sempre que havia uma pausa na conversa, olhavam de relance em minha direção, como se tentassem reunir

coragem para abordar-me. Finalmente um deles ergueu a voz e me falou:

— Parece que o senhor resolveu passar a noite lá em cima.

Quando lhe disse que sim, meu interlocutor sacudiu a cabeça e comentou:

— Não vai conseguir dormir muito bem lá em cima, senhor. A não ser que goste do som do velho Bob — ele indicou o hospedeiro — batendo aqui embaixo a noite inteira. E depois vai acordar com a mulher dele gritando com ele desde o raiar do dia.

Apesar dos protestos do hospedeiro, isso provocou risos de todos.

— É mesmo? — fiz eu.

Quando falei, ocorreu-me a ideia — a mesma que me ocorrera em várias ocasiões ultimamente em presença do Sr. Farraday — de que se esperava de mim uma resposta espirituosa. Realmente, as pessoas agora aguardavam em silêncio a minha resposta. Assim, usei a imaginação e finalmente declarei: .

— Uma variante local do cantar do galo, sem dúvida.

A princípio o silêncio persistiu, como se as pessoas pensassem que eu pretendia me estender. Então, percebendo a expressão jocosa em meu rosto, romperam em risadas, embora se mostrassem bem perplexas. Com isso voltaram à conversa anterior, e não trocamos mais palavras até eu desejar-lhes,boa noite, um pouco mais tarde.

Eu tinha ficado bem feliz com meu gracejo quando ele primeiro me viera à mente, e devo confessar que senti-me ligeiramente decepcionado por ele não ter sido melhor recebido. Fiquei particularmente decepcionado, suponho, porque tenho dedicado algum tempo e esforço, nos últimos meses, a aperfeiçoar minha capacidade nessa área. Isto é, tenho tentado acrescentar essa habilidade ao meu arsenal profissional, de modo a responder confiantemente a todas as expectativas do senhor Farraday no que diz respeito a gracejar.

Por exemplo ultimamente dei para ouvir rádio em meu quarto sempre que disponho de alguns minutos de folga nas ocasiões, por exemplo, em que o Sr. Farraday sai à noite. Um programa que escuto chama-se *Twice a Week or More*”, e na verdade é irradiado três vezes a cada semana e compreende basicamente duas pessoas fazendo comentários humorísticos sobre uma variedade de tópicos mencionados em cartas de leitores. Tenho estudado esse programa porque as piadas que nele figuram são sempre de bom gosto, e, no meu entender, num tom que não se chocaria com o tipo de gracejos que o Sr. Farraday poderia esperar de minha parte. Tomando como exemplo esse programa, imaginei um exercício simples que tento fazer pelo menos uma vez por dia: sempre que se apresenta um momento livre, tento formular três gracejos baseados no que me rodeia no momento. Ou, como variação do mesmo exercício, posso tentar pensar em três gracejos baseados nos acontecimentos da hora anterior.

Talvez, então, compreendam minha decepção em relação ao meu gracejo da noite de ontem. A princípio achei possível que seu sucesso limitado fosse em razão da minha negligência em falar com suficiente clareza. Mas ocorreu-me a possibilidade, depois que fui deitar-me, de que eu tivesse na verdade ofendido aquelas pessoas. Afinal, poder-se-ia muito bem entender que eu estava sugerindo que a esposa do hospedeiro parecia um galo — uma intenção que nem remotamente me passara pela cabeça. Esse pensamento continuou a me atormentar enquanto eu tentava dormir, e estava meio decidido a pedir desculpas ao hospedeiro hoje de manhã. Mas ao me servir o desjejum ele parecia perfeitamente alegre, e afinal decidi deixar as coisas por isso mesmo.

Mas esse pequeno episódio ilustra tão bem quanto qualquer outro os perigos dos comentários humorísticos. Pela própria natureza de um gracejo, tem-se muito pouco tempo para pesar suas diversas repercussões possíveis antes de enunciá-lo, e corre-se graves riscos de dizer todo tipo de coisas inconvenientes se primeiro não se adquire a habilidade e a experiência necessárias. Não há razão para supor que esta não seja uma área na qual tornar-me- ei hábil, com tempo e experiência, porém tantos são os perigos que achei melhor, pelo menos por enquanto, não tentar cumprir esse dever com respeito ao Sr. Farraday até ter praticado mais.

De qualquer maneira, lamento dizer que aquilo que as pessoas das redondezas disseram ontem à noite como uma espécie de piada — a previsão de que eu não teria uma boa noite de sono em razão de distúrbios vindos do andar térreo — provou ser verdade. A esposa do hospedeiro não chegou a gritar, mas podia-se ouvi-la falar incessantemente, tanto tarde da noite, enquanto ela e o marido cuidavam de suas obrigações, quanto desde muito cedo esta manhã. Não me foi difícil, no entanto, perdoar o casal, pois estava claro que ambos tinham o hábito de trabalhar diligentemente, e o barulho,tenho certeza, era inteiramente atribuível a esse fato. Além disso, é claro, havia a questão do meu comentário infeliz. Assim, não mostrei indícios de ter passado uma noite desconfortável quando agradei ao hospedeiro e saí para explorar a cidade de Taunton.



Talvez tivesse agido melhor hospedando-me aqui neste estabelecimento onde agora estou sentado desfrutando uma agradável xícara de chá. Pois a placa lá fora anuncia não apenas "chás, sanduíches e bolos" mas também "quartos limpos, silenciosos, confortáveis". Situado na rua principal de Taunton, bem

perto da praça do mercado, é um prédio de certa forma mirrado, o exterior caracterizado por pesadas traves de madeira escura. No momento estou sentado no amplo salão de chá, com lambris de carvalho e mesas suficientes para acomodar, calculo, duas dúzias de pessoas sem provocar uma sensação de aglomeração. Duas simpáticas jovens servem atrás de um balcão que exhibe uma boa seleção de doces e bolos. Com tudo isto, este parece um excelente lugar onde se tomar o chá do meio da manhã, mas surpreendentemente poucos habitantes da Taunton parecem desejar aproveitar-se disso. No momento minha única companhia são duas senhoras idosas sentadas uma defronte à outra a uma mesa ao longo da parede oposta, e um homem — talvez um fazendeiro aposentado — a uma mesa junto a uma das janelas em rotunda. Não consigo vê-lo claramente porque o brilhante sol matinal reduziu-o momentaneamente a uma silhueta. Mas posso vê-lo estudando o jornal, interrompendo-se regularmente para erguer o olhar para os passantes na calçada lá fora. Pelo modo como faz isso, a princípio julguei que estava esperando alguém, mas parece que deseja apenas cumprimentar as pessoas conhecidas que passam.

Eu próprio estou praticamente escondido, quase encostado à parede dos fundos, mas mesmo através da extensão do aposento consigo enxergar claramente a rua iluminada pelo sol, e sou capaz de distinguir, na calçada oposta, um cartaz apontando várias destinações próximas. Uma delas é o povoado de Mursden. Talvez Mursden lembre alguma coisa aos outros como lembrou a mim quando vi esse nome ontem, no mapa rodoviário. Na realidade, devo confessar que cheguei até a ficar tentado a fazer um ligeiro desvio em meu trajeto planejado, apenas para ver essa aldeia. Mursden, em Somerset, é onde a firma de Giffen and Co. era situada, e era para Mursden que se deviam mandar as encomendas dos escuros bastões de polidor ”para serem ralados, misturados à cera e aplicados a mão”. Durante certo tempo o polidor da Giffen foi sem dúvida o melhor polidor de prata existente, e foi apenas o aparecimento no mercado de novas substâncias químicas, pouco antes da guerra, que provocou o declínio da demanda desse ótimo produto.

Pelo que me lembro, a Giffen surgiu no início da década de 20, e tenho certeza de não ser o único a associar seu surgimento à mudança de postura dentro da nossa profissão — aquela que veio empurrar o polimento da prataria para a posição de suma importância que ele ainda, de modo geral, mantém hoje em dia. Essa modificação foi, acredito, como tantas outras grandes modificações dessa época, uma questão de geração; foi durante esses anos que nossa geração de mordomos ”alcançou a maioria”, e figuras como o Sr. Marshall, em particular, desempenharam um papel crucial na ascensão do polimento da prataria a um lugar tão importante. Não estou sugerindo, é claro, que o

polimento da prataria — particularmente aqueles itens que apareciam à mesa — não fosse sempre considerado um dever muito sério. Mas não seria injusto dizer que muitos mordomos da, digamos, geração de meu pai não consideravam o assunto tão importante, e isso fica evidenciado pelo fato de que naqueles dias o mordomo de uma casa raramente supervisionava diretamente o polimento da prataria, contentando-se em deixá-lo, por exemplo, ao capricho do submordomo, fazendo apenas inspeções esporádicas. É opinião geral que foi o Sr. Marshall quem primeiro reconheceu a importância da prataria — a saber, que nenhum outro objeto da casa tinha probabilidade de sofrer um escrutínio tão íntimo por parte de pessoas de fora do que a prataria durante uma refeição, e como tal ela servia de índice público dos padrões de uma casa. E foi o Sr. Marshall quem primeiro causou estupefação entre as damas e os cavalheiros que visitavam Charleville House com exposições de prataria polida a um nível até então jamais imaginado. Naturalmente, não tardou que mordomos de todo o país, sob pressão de seus patrões, dessem atenção à questão do polimento da prataria. Depressa surgiram, lembro-me, vários mordomos, cada um deles afirmando ter descoberto métodos pelos quais poderia superar o Sr. Marshall — métodos que eles guardavam em segredo com muito zelo, como se fossem cozinheiros franceses guardando suas receitas. Mas estou certo — como estava então — que os processos complicados e misteriosos inventados por pessoas como o Sr. Jack Neighbours tinham pouco ou nenhum efeito discernível no resultado final. No que me dizia respeito, a questão era bem simples: usava-se um bom polidor e supervisionava-se de perto. O polidor da Giffen era o produto em pregado por todos os mordomos competentes da época, e se esse produto fosse usado corretamente ninguém precisava temer que sua prataria ficasse em segundo lugar em relação à de outro qualquer.

Tenho o prazer de poder recordar numerosas ocasiões em que a prataria de Darlington Hall teve um impacto agradável em observadores. Por exemplo, lembro-me de Lady Astor comentando, não sem uma certa amargura, que nossa prataria era provavelmente "sem rival". Lembro-me também de observar o Sr. George Bernard Shaw, o renomado teatrólogo, ao jantar certa noite, examinando de perto a colher de sobremesa diante de si, segurando-a à luz e comparando sua superfície com a de uma bandeja próxima, inteiramente alheio às pessoas à sua volta. Mas talvez a ocasião que eu recorde com mais satisfação hoje em dia diga respeito à noite em que certo ilustre personagem — um Secretário, que logo depois tomou-se Ministro do Exterior — fez uma visita "extraoficial" à casa.

Na verdade, agora que os frutos subsequentes dessas visitas estão bem documentados, parece não haver razão para não revelar que estou falando de

Lord Halifax. Pelo modo como as coisas correram, aquela visita foi simplesmente a primeira de uma série de encontros "extraoficiais" entre Lord Halifax e o embaixador alemão da época, Herr Ribbentrop. Mas naquela primeira noite, Lord Halifax chegara num estado de espírito de total desconfiança; suas primeiras palavras, ao entrar, foram, virtualmente "Francamente, Darlington, não sei o que você está armando para mim. Mas sei que vou me arrepender".

Herr Ribbentrop não sendo esperado senão para uma hora depois, Sua Excelência sugeriu a seu convidado um passeio por Darlington Hall — estratégia que ajudara muitos visitantes nervosos a relaxar. No entanto, enquanto eu cuidava do meu serviço, durante algum tempo tudo que pude ouvir era Lord Halifax, em várias partes da casa, continuando a exprimir suas dúvidas a respeito do encontro iminente, e Lord Darlington tentando em vão tranquilizá-lo. Mas em dado momento ouvi Lord Halifax exclamar: — Meu Deus, Darlington, a prataria nesta casa é um assombro! Naturalmente fiquei muito feliz ao escutar isso, mas o que para mim foi um corolário realmente satisfatório veio dois ou três dias depois, quando Lord Darlington comentou comigo: — Aliás, Stevens, Lord Halifax ficou muito impressionado com a prataria na outra noite. Mudou totalmente de estado de espírito. Essas foram — recordo claramente — as palavras textuais de Sua Excelência, de modo que não foi simplesmente uma fantasia minha que o estado da prataria tenha feito uma contribuição pequena, porém importante, para facilitar as relações entre Lord Halifax e Herr Ribbentrop naquela noite.

Talvez seja apropriado dizer neste ponto algumas palavras a respeito de Herr Ribbentrop. É claro que hoje em dia geralmente se aceita que Herr Ribbentrop era um vigarista; que fazia parte do plano de Hitler através de todos aqueles anos enganar a Inglaterra pelo maior tempo possível a respeito de suas verdadeiras intenções, e que a única missão de Herr Ribbentrop em nosso país era a de instrumentar esse logro. Como declarei, esta é a opinião geral, e não desejo contestá-la aqui. No entanto, é irritante ouvir as pessoas falando hoje como se nunca, nem por um momento, tivessem sido -enganadas por Herr Ribbentrop — como se Lord Darlington fosse o único a acreditar ser Herr Ribbentrop um cavalheiro honrado e a desenvolver uma relação de trabalho com ele. A verdade é que Herr Ribbentrop foi, durante toda a década de 30, uma figura respeitada e até mesmo admirada nas melhores casas. Particularmente por volta de 1936 e 1937 — lembro-me que todas as conversas de criados visitantes no salão da criadagem eram em torno do "embaixador alemão", e era óbvio, pelo que se dizia, que muitos dos mais ilustres damas e cavalheiros neste país estavam bastante enamorados dele. É, como já afirmei, irritante ter que ouvir o modo

como essas mesmas pessoas falam agora daqueles dias, e em particular o que algumas dizem a respeito de Sua Excelência. A grande hipocrisia dessas pessoas ficaria óbvia instantaneamente para quem visse algumas de suas listas de convidados daquela época; ver-se-ia então não apenas a assiduidade com que Herr Ribbentrop jantava à mesa dessas mesmas pessoas, mas a frequência com que ele o fazia como convidado de honra.

Por outro lado, ouvem-se essas mesmas pessoas falarem como se Lord Darlington tivesse feito uma coisa incomum ao aceitar a hospitalidade dos nazistas nas várias viagens que fez à Alemanha durante aqueles anos. Não creio que falassem com tanta veemência se, por exemplo, o *The Times* publicasse apenas uma que fosse das listas de convidados aos banquetes oferecidos pelos alemães por volta da época dos jogos de Nuremberg. O fato é que as damas e os cavalheiros mais respeitados da Inglaterra aceitavam a hospitalidade dos líderes alemães e posso garantir em primeira mão que a grande maioria dessas pessoas voltava cheia de elogios e admiração para com seus anfitriões. Qualquer um que insinue que Lord Darlington estava ligado às escondidas a um inimigo conhecido estará apenas esquecendo convenientemente o verdadeiro clima daquela época. É preciso que se diga também que é uma tolice indecente dizer que Lord Darlington era antissemita, ou que tinha associação íntima com organizações como a *British Union of Fascists*. Tais afirmações só podem nascer da completa ignorância quanto ao tipo de cavalheiro que era Sua Excelência. Lord Darlington veio a odiar o antissemitismo; ouvi-o expressar seu horror em diversas ocasiões, quando confrontado com sentimentos antissemitas.

E a alegação de que Sua Excelência nunca permitia que um judeu entrasse em sua casa nem admitia empregados judeus é inteiramente infundada — exceto, talvez, em relação a um episódio sem importância na década de 30, que foi levado a uma proporção exagerada. E quanto à *British Union of Fascists*, posso apenas dizer que qualquer conversa ligando Sua Excelência àquela gente é inteiramente ridícula. Sir Oswald Mosley, o cavalheiro que liderava os camisas-negras, visitou Darlington Hall em, diria eu, no máximo três ocasiões, e todas essas visitas tiveram lugar durante os primeiros dias daquela organização, antes que ela mostrasse sua verdadeira natureza. Uma vez evidente o aspecto repulsivo daquela instituição — e que se diga que Sua Excelência percebeu-o mais depressa que a maioria — Lord Darlington não mais se aproximou daquela gente.

De qualquer maneira, essas organizações eram de total irrelevância para o cerne da vida política deste país. Lord Darlington, entenda-se, era o tipo de cavalheiro que só aceitava ocupar-se daquilo que estivesse no verdadeiro centro das coisas, e as figuras que ele reuniu em seus esforços ao longo daqueles anos

eram tão distantes desses desprezíveis grupos de periferia quanto se pode imaginar. Não apenas eminentemente respeitáveis, eram figuras que tinham real influência na vida britânica: políticos, diplomatas, militares, clérigos. Aliás, alguns dos personagens eram judeus, e este fato por si só deveria demonstrar como muita coisa que foi dita a respeito de Sua Excelência é inteiramente sem sentido.

Mas estou fugindo do assunto. Na verdade eu estava falando sobre a prataria e como Lord Halifax ficou agradavelmente impressionado na noite de seu encontro com Herr Ribbentrop em Darlington Hall. Quero deixar claro que nem por um momento sugeri que aquilo que inicialmente ameaçava ser uma noite decepcionante para meu patrão transformou-se em triunfo somente por causa da prataria. Porém, como já relatei, o próprio Lord Darlington sugeriu que a prataria pode ter sido pelo menos um pequeno fator na mudança do estado de espírito de seu convidado naquela noite, e talvez não seja absurdo relembrar tais momentos com uma onda de satisfação.

Há alguns membros de nossa profissão que sustentam que no final das contas faz pouca diferença o tipo de patrão que se serve; acreditam que a espécie de idealismo predominante na nossa geração a saber, a ideia de que nós, mordomos, deveríamos aspirar a servir aqueles grandes cavalheiros que defendem a causa da humanidade — é apenas conversa de sonhadores sem qualquer esteio na realidade. Naturalmente percebe-se que os indivíduos que expressam tal ceticismo invariavelmente se mostram os mais medíocres em nossa profissão — aqueles que sabem que lhes falta capacidade para progredir até qualquer — posição de importância e que aspiram a apenas arrastar para baixo, para o seu próprio nível, o maior número possível — e ninguém se sente tentado a levar a sério tais opiniões. Apesar de tudo isso, porém, ainda é um prazer poder assinalar exemplos na própria carreira que mostram muito claramente como essas pessoas estão erradas. É claro que se procura oferecer um serviço geral e constante no patrão, um serviço cujo valor jamais poderia ser reduzido a um número de ocasiões específicas — tais como aquela que se refere a Lord Halifax. O que estou dizendo, porém, é que são esses tipos de ocasiões que com o correr do tempo passam a simbolizar um fato irrefutável; a saber, que a pessoa teve o privilégio de praticar a profissão no fulcro mesmo das grandes questões. E tem-se o direito, talvez, de sentir uma satisfação que aqueles que se contentam em servir patrões medíocres jamais conhecerão — a satisfação de ser capaz de dizer com alguma razão que os próprios esforços, por mais modesto que tenham sido, representam uma contribuição para o curso da História.

Mas talvez não devesse estar recordando tanto assim o passado. Afinal, ainda tenho diante de mim muitos anos de serviço. E não apenas o Sr. Farraday é um

excelente patrão; trata-se de um cavalheiro americano a quem, certamente, tem-se o dever especial de mostrar o que há de melhor em matéria de serviço na Inglaterra. É essencial, portanto, manter a atenção focalizada no presente e defender-se de qualquer complacência que possa se imiscuir por causa do que se possa ter alcançado no passado. Pois é preciso admitir que nestes últimos meses as coisas não têm sido como deveriam ser em Darlington Hall. Um certo número de pequenos enganos surgiram ultimamente, inclusive aquele incidente em abril passado relativo à prataria. Felizmente não era uma ocasião em que o Sr. Farraday tivesse convidados, mas mesmo assim foi para mim um momento de genuíno constrangimento.

Ocorreu ao desjejum certa manhã, e o Sr. Farraday por bondade ou porque, sendo americano, não pôde reconhecer a extensão da falha — não pronunciou uma única palavra de queixa durante todo o episódio. Depois de sentar-se, ele tinha simplesmente erguido o garfo, examinando-o por um segundo, tocando as pontas com o dedo, e depois voltou sua atenção para as manchetes do dia. Todo o movimento foi feito de um modo distraído, mas naturalmente eu observara a ocorrência e avancei prontamente para remover o item ofensor. Devo realmente ter feito isso um tanto depressa demais em razão de minha perturbação, pois o Sr. Farraday teve um pequeno sobressalto e resmungou:

— Ah, Stevens.

Saí depressa da sala e voltei o mais depressa possível trazendo um garfo satisfatório. Quando aproximei-me novamente da mesa — e do Sr. Farraday, agora aparentemente absorto no jornal — achei que poderia deslizar o garfo por cima da toalha sem perturbar a leitura de meu patrão. No entanto, já me ocorrera a possibilidade de que o Sr. Farraday estivesse simplesmente fingindo indiferença para poder minimizar meu constrangimento, e que tal gesto sub-reptício pudesse ser interpretado como complacência da minha parte em relação a meu erro — ou pior, uma tentativa de encobri-lo. Foi por essa razão, portanto, que julguei apropriado colocar o garfo sobre a mesa com uma certa ênfase, fazendo com que meu patrão se sobressaltasse pela segunda vez, erguesse o olhar e resmungasse novamente:

— Ah, Stevens.

Erros como esses que ocorreram nos últimos meses têm sido, naturalmente, ofensivos ao respeito próprio, mas por outro lado não há motivo para acreditar que sejam sinais de qualquer coisa mais sinistra do que uma escassez de empregados. Não que uma escassez de empregados seja importante por si só; mas se a Srta. Kenton realmente voltasse para Darlington Hall, esses pequenos equívocos, tenho certeza, seriam coisa do passado. Naturalmente é preciso lembrar que nada foi especificamente declarado na carta da Srta. Kenton — que,

a propósito, reli na noite passada em meu quarto, antes de apagar a luz — indicando claramente seu desejo de retornar ao emprego. De fato, é preciso aceitar a possibilidade de se ter previamente — talvez por um desejo exacerbado no terreno profissional — exagerado a evidência que porventura haja com relação a tal intenção por parte dela.

Pois devo dizer que fiquei um pouco surpreso ontem à noite com a dificuldade que tive para encontrar um trecho qualquer que demonstrasse claramente seu desejo de voltar. Por outro lado, não parece valer a pena especular grandemente a respeito de tais questões agora, quando se sabe que, com toda probabilidade, vai-se estar conversando pessoalmente com a Srta. Kenton dentro de quarenta e oito horas. Mesmo assim, confesso, passei longos minutos meditando sobre esses trechos, deitado na escuridão, escutando os ruídos, lá embaixo, do hospedeiro e sua esposa preparando-se para a noite.

Terceiro dia

NOITE



Moscombe, perto de Tavistock, Devon

SINTO QUE DEVO, talvez, retornar por um instante à questão da atitude de Sua Excelência em relação aos judeus, já que todo esse assunto do antissemitismo, percebo, tem sido bastante melindroso nos dias de hoje. Em particular, quero esclarecer esse suposto impedimento a empregados judeus em Darlington Hall. Como essa alegação cai diretamente em meu próprio terreno, tenho condições de refutá-la com absoluta autoridade. Houve muitos judeus em minha equipe durante todos os meus anos com Sua Excelência, e quero dizer, mais ainda, que eles nunca foram tratados de maneira diferente por causa de sua raça. Não se pode realmente adivinhar a razão dessas alegações absurdas — a não ser, ridiculamente, que a origem esteja naquelas poucas semanas curtas e insignificantes, no início da década de 30, em que a Sra. Carolyn Barnet chegou a exercer uma influência incomum em Sua Excelência.

A Sra. Barnet, viúva do Sr. Charles Barnet, estava nessa época com seus quarenta e poucos anos — uma dama muito bonita, que alguns poderiam achar encantadora. Tinha a reputação de ser formidavelmente inteligente, e naquela época costumava-se ouvir como durante o jantar ela humilhara este ou aquele cavalheiro erudito a respeito de um assunto qualquer de grande importância na ocasião. Durante grande parte do verão de 1932 ela foi presença regular em

Darlington Hall; ela e Sua Excelência muitas vezes passavam horas mergulhados em conversas de natureza social ou política. E foi a Sra. Barnet, se bem me lembro, que levou Sua Excelência a uma daquelas "inspeções dirigidas" das áreas mais pobres do East End de Londres, durante as quais Sua Excelência visitou as próprias casas de muitas das famílias que sofriam as condições desesperadoras daqueles anos. Quero dizer com isso que é muito provável que a Sra. Barnet tenha de algum modo contribuído para a crescente preocupação de Lord Darlington a respeito dos miseráveis de nosso país, e, como tal, não se pode dizer que sua influência tenha sido inteiramente negativa. Mas ela era também, por certo, membro da organização dos "camisas-negras" de Sir Oswald Mosley, e o brevíssimo contato que Sua Excelência chegou a ter com Sir Oswald ocorreu durante as poucas semanas daquele verão. E foi durante essas mesmas semanas que aqueles incidentes inteiramente atípicos tiveram lugar em Darlington Hall e devem ter fornecido, é de se supor, o que quer que exista de uma frágil base para essas alegações absurdas.

Defino-os aqui como "incidentes", mas alguns deles foram extremamente insignificantes. Por exemplo: lembro-me de certa noite, ao jantar, ter ouvido Lord Darlington dizer, quando certo jornal foi mencionado: "Ah, está falando daquele panfleto de propaganda judaica?" E também, em outra ocasião por volta desta época, lembro-me de ter sido instruído por ele a interromper as doações a uma certa obra de caridade local que vinha regularmente bater à nossa porta, com o argumento de que o comitê diretor era "mais ou menos homogeneamente judeu". Lembro-me desses comentários porque na época eles realmente me surpreenderam, nunca tendo ouvido, anteriormente, Sua Excelência mostrar qualquer antagonismo, por mínimo que fosse, à raça semita.

Então houve a tarde em que Sua Excelência chamou-me ao escritório. De início ele tocou em vários assuntos, perguntando se corria tudo bem na casa e assim por diante. Depois declarou:

— Andei pensando muito ultimamente, Stevens, pensando muito. E cheguei a uma conclusão. Não podemos ter judeus na criadagem aqui em Darlington Hall.

— Como, senhor?

— É para o bem desta casa, Stevens. No interesse dos hóspedes que recebemos aqui. Examinei cuidadosamente esta questão, Stevens, e agora estou pondo-o a par da minha decisão.

— Muito bem, senhor.

— Diga-me, Stevens, temos alguns entre a criadagem, não é verdade? Estou falando de judeus.

— Acredito que dois dos atuais membros da criadagem estariam nessa

categoria, senhor.

— Ah. — Sua Excelência ficou em silêncio por um momento, olhando pela janela. — Naturalmente você vai ter que despedi-los.

— Como foi que disse, senhor?

— É lamentável, Stevens, mas não temos escolha. Temos que pensar na segurança e no bem-estar de meus convidados. Pode ficar certo de que estudei a questão por todos os ângulos. É para o bem de todos nós.

Os dois membros da criadagem eram duas arrumadeiras. Assim, não me pareceria correto tomar qualquer atitude sem primeiro informar a Srta. Kenton, e resolvi fazer isso naquela mesma noite, quando fui tomar chocolate em sua sala. Devo talvez dizer aqui algumas palavras a respeito desses encontros no final de cada dia. Quero declarar que eram encontros de tom predominantemente profissional — embora naturalmente acontecesse às vezes discutirmos assuntos informais. Nossa razão para esses encontros era simples: tínhamos descoberto que nossas horas eram tão ocupadas que passavam-se dias sem que tivéssemos uma oportunidade de trocar até mesmo as informações mais essenciais. Tal situação, reconhecíamos, prejudicava seriamente o fluxo do trabalho, e passar uns quinze minutos, no final do dia, na privacidade da sala da Srta. Kenton era a solução mais simples. Devo reiterar que esses encontros eram de caráter principalmente profissional; isto quer dizer, por exemplo, que poderíamos conversar a respeito dos planos para uma ocasião iminente, ou então discutir como um novo criado estava se saindo.

De qualquer maneira, para voltar ao assunto, é compreensível que não estivesse inteiramente tranquilo diante da perspectiva de dizer à Srta. Kenton que eu estava para despedir duas de suas arrumadeiras. Aliás, eram ambas profissionais perfeitamente satisfatórias e — é melhor que eu acrescente, já que a questão judaica tornou-se tão melindrosa hoje em dia — todos os meus instintos opunham-se à ideia de demiti-las. No entanto, meu dever era bem claro, e em meu modo de ver nada se poderia lucrar demonstrando irresponsavelmente essas objeções pessoais. Era uma tarefa difícil, mas como tal exigia ser levada a cabo com dignidade. E assim foi que, quando finalmente toquei no assunto naquela noite, no final de nossa conversa, eu o fiz do modo mais conciso e profissional possível, concluindo com estas palavras:

— Quero falar com as duas em minha sala amanhã às dez e meia. Portanto, ficaria muito grato, Srta. Kenton, se pudesse mandá-las para mim. Deixo inteiramente a seu critério informá-las ou não de antemão da natureza do que tenho a lhes dizer.

No momento a Srta. Kenton parecia nada ter a dizer em resposta. De modo que continuei:

— Bem, Srta. Kenton, obrigado pelo chocolate. Está passando da minha hora. Amanhã temos outro dia de trabalho.

Foi então que a Srta. Kenton disse:

— Sr. Stevens, não consigo acreditar em meus ouvidos. Ruth e Sarah trabalham comigo há mais de seis anos. Confio inteiramente nelas e, aliás, elas em mim. Sempre serviram muito bem esta casa.

— Tenho certeza disso, Srta. Kenton. No entanto, não podemos deixar que os sentimentos influenciem nossas decisões. Agora preciso realmente despedir-me...

— Sr. Stevens, estou horrorizada de vê-lo sentado aí dizendo o que acabou de dizer como se estivesse discutindo encomendas para a despensa. Simplesmente não consigo acreditar. Está dizendo que Ruth e Sarah têm que ser demitidas por serem judias?

— Srta. Kenton, acabei de explicar-lhe perfeitamente a situação. Sua Excelência tomou sua decisão, e não compete à senhorita ou a mim discuti-la.

— Não lhe ocorreu, Sr. Stevens, que demitir Ruth e Sarah por este motivo é simplesmente...imoral? Não vou aceitar uma coisa dessas. Não vou trabalhar numa casa onde acontece uma coisa assim...

— Srta. Kenton, gostaria de pedir-lhe que não se excite e que se porte de maneira apropriada à sua posição. Este é um assunto muito simples. Se Sua Excelência deseja que estas relações profissionais sejam interrompidas, não há muito a dizer.

— Estou avisando, Sr. Stevens, não vou continuar trabalhando nesta casa. Se as minhas meninas forem demitidas, eu também saio.

— Srta. Kenton, fico surpreso ao vê-la reagir desta maneira. Certamente não preciso lembrar que nosso dever profissional não é para com nossas opiniões e nossos sentimentos, mas para com o desejo de nosso empregador.

— Estou lhe dizendo, Sr. Stevens, se demitir minhas garotas amanhã, estará agindo errado, cometendo um pecado como outro qualquer e eu não vou continuar trabalhando numa casa como esta.

— Srta. Kenton, deixe-me sugerir que a senhorita não está em posição de opinar a respeito de algo de natureza tão elevada e grandiosa. O fato é que o mundo de hoje é um lugar muito complicado e traiçoeiro. Existem muitas coisas que a senhorita e eu simplesmente não estamos em posição de entender, em relação, por exemplo, à natureza do judaísmo. Ao passo que Sua Excelência, arrisco-me a dizer, está um pouco melhor situado para julgar o que é melhor. Agora, Srta. Kenton, preciso mesmo me recolher. Novamente obrigado pelo chocolate. Amanhã às dez e meia. Mande as duas criadas, por favor.

Desde o instante em que as duas entraram na minha sala, ficou evidente que

a Srta. Kenton já tinha falado com elas, pois ambas estavam em prantos. Expliquei-lhes a situação com a maior concisão possível, destacando que seu trabalho tinha sido satisfatório e por isso elas receberiam boas referências. Pelo que me lembro, nenhuma das duas disse coisa alguma durante toda a entrevista, que durou talvez três ou quatro minutos, e ambas partiram soluçando como tinham chegado.

A Srta. Kenton portou-se com extrema frieza para comigo nos dias seguintes à demissão das criadas. Com efeito, às vezes chegava a ser rude, mesmo na frente da criadagem. E embora mantivéssemos o costume de tomar chocolate à noite, os encontros passaram a ser breves e inamistosos. Quando percebi, uns quinze dias depois, que seu comportamento não mostrava sinais de atenuar-se, é compreensível que comesse a ficar um pouco impaciente. Assim, certa noite, enquanto tomávamos nosso chocolate, dirigi-me a ela num tom de voz irônico:

— Srta. Kenton, imaginava que a esta altura eu já teria em mãos o seu pedido de demissão.

Em seguida dei uma risadinha. Esperava, suponho, que ela pudesse finalmente ceder um pouco e ter uma reação conciliadora, permitindo-nos encerrar de uma vez por todas o episódio. A Srta. Kenton, no entanto, simplesmente encarou-me com gravidade e disse:

— Ainda tenho intenção de pedir minha demissão, Sr. Stevens. Apenas, andei muito ocupada e não tive tempo de cuidar do assunto.

Admito que isso deixou-me um pouco preocupado, temeroso, por algum tempo, de que ela estivesse falando a sério a respeito de sua ameaça. Porém com o passar das semanas ficou claro que não havia o perigo de sua partida, e, à medida que o ambiente entre nós se amenizava gradualmente, acho que adquiri o costume de brincar com ela de vez em quando, lembrando sua ameaça de demissão. Por exemplo, se estivéssemos discutindo alguma ocasião importante a acontecer no futuro próximo eu diria:

— Isto é, Srta. Kenton, partindo do princípio de que a senhorita ainda estará conosco na época.

Mesmo meses depois do incidente, tais comentários ainda costumavam silenciar a Srta. Kenton — embora já então, imagino, isso se devesse mais à vergonha do que à raiva. É claro que finalmente o caso ficou esquecido. Mas lembro-me que ele foi mencionado uma última vez, bem mais de um ano depois da demissão das duas criadas.

Foi Sua Excelência quem tocou no assunto certa tarde, quando eu lhe servia o chá na sala de estar. Os dias de influência da Sra. Carolyn Barnet sobre Sua Excelência já tinham passado — aliás, essa dama cessara inteiramente suas visitas a Darlington Hall. Vale a pena assinalar, além disso, que a essa altura Sua

Excelência já tinha cortado todos os laços com os “camisas-negras”, tendo constatado a verdadeira natureza sórdida daquela organização.

— Ah, Stevens, estava querendo lhe dizer uma coisa começou ele. — Sobre aquele episódio no ano passado. Com as criadas judias. Lembra-se do caso?

— Sim, senhor.

— Imagino que não há jeito de descobrir onde elas estão agora, há? O que aconteceu foi errado e eu gostaria de indenizá-las de alguma forma.

— Vou cuidar do assunto, senhor. Mas não estou certo se será possível a esta altura determinar-lhes o paradeiro.

— Veja o que pode fazer. O que aconteceu foi errado.

Imaginei que essa conversa com Sua Excelência seria de algum interesse para a Srta. Kenton, e achei apropriado contar-lhe — mesmo sob o risco de deixá-la novamente zangada. Mas aconteceu que minha revelação, naquela tarde nevoenta em que a encontrei no pavilhão de verão, produziu resultados curiosos.



Lembro-me que a neblina começava a instalar-se quando atravesssei o gramado naquela tarde. Eu me encaminhava ao pavilhão de verão com o propósito de limpar os resíduos do chá que pouco antes Sua Excelência tomara ali, com alguns visitantes. Lembro-me ter avistado de longe — bem antes de chegar aos degraus onde meu pai caíra certa vez — a figura da Srta. Kenton movimentando-se dentro do pavilhão. Quando entrei, ela tinha se sentado numa das cadeiras de vime, evidentemente ocupada com um trabalho de agulha. Olhando mais de perto, constatei que estava consertando uma almofada. Cuidei de juntar as várias peças de louça por entre as plantas e a mobília de vime, e creio que enquanto o fazia nós trocamos algumas frases — talvez tenhamos discutido uma ou duas questões profissionais. Pois, para falar a verdade, era extremamente agradável ficar ali no pavilhão de verão depois de tantos dias na casa principal, e nenhum de nós inclinava-se a apressar nosso trabalho. Embora naquele dia não se pudesse enxergar muito longe por causa da neblina, e além disso a luz do dia estivesse então desaparecendo rapidamente, obrigando a Srta. Kenton a erguer seu trabalho para os últimos raios, lembro-me que com frequência interrompíamos nossas respectivas atividades simplesmente para contemplar a paisagem à nossa volta. Com efeito, eu estava olhando para o extremo do gramado, onde a neblina espessava-se em volta dos choupos plantados ao longo do carreadouro, quando finalmente mencionei o assunto das

demissões do ano anterior. Talvez um pouco previsivelmente, eu o fiz com as seguintes palavras:

— Hoje eu estive pensando, Srta. Kenton. É engraçado lembrar agora, mas sabe, nesta época há um ano a senhorita ainda asseverava que ia pedir demissão. Achei divertido lembrar-me disso.

Dei uma risadinha, mas atrás de mim a Srta. Kenton permaneceu calada. Quando finalmente me virei para encará-la, ela estava olhando através da vidraça para a névoa lá fora.

— O senhor provavelmente não tem ideia, Sr. Stevens, da seriedade com que eu realmente pretendia deixar esta casa. Fiquei fortemente perturbada com o que aconteceu. Se eu fosse digna de respeito, teria partido de Darlington Hall há muito tempo. — Ficou quieta por um instante, e voltei a olhar para os choupos distantes. Ela então continuou, em voz fatigada: — Foi covardia, Sr. Stevens, pura covardia. Para onde eu poderia ir? Não tenho família. Somente minha tia. Amo-a muito, mas não posso morar um dia sequer com ela sem sentir que minha vida está sendo desperdiçada. Evidentemente disse a mim mesma que logo encontraria novo emprego. Mas fiquei tão assustada, Sr. Stevens! Cada vez que pensava em partir, via-me sozinha, sem que ninguém soubesse de mim ou se importasse comigo. A isso se reduziam os meus elevados princípios! Sinto-me muito envergonhada, mas não consegui ir embora, Sr. Stevens. Simplesmente não consegui.

A Srta. Kenton fez outra pausa e pareceu mergulhar em pensamentos. Assim, achei oportuno relatar então, da maneira mais precisa possível, o que tinha ocorrido mais cedo entre Lord Darlington e eu. Concluí dizendo:

— O que foi feito não pode ser desfeito. Mas é pelo menos um grande consolo ouvir Sua Excelência declarar tão claramente que foi tudo um horrível mal entendido. Achei que ia gostar de saber, Srta. Kenton, pois lembro-me que a senhorita ficou tão desgostosa com o episódio quanto eu.

— Desculpe-me, Sr. Stevens, mas não estou entendendo — fez a Srta. Kenton atrás de mim em voz inteiramente diferente, como se tivesse sido arrancada de um sonho. — Pelo que me lembro, o senhor achou muito correto que Ruth e Sarah fossem demitidas. Estava positivamente alegre com isso.

— Ora, francamente, Srta. Kenton, isto é falso e injusto. O caso causou-me grande perturbação, realmente grande perturbação. Não é o tipo de coisa que gosto de ver acontecendo nesta casa.

— Então por que, Sr. Stevens, o senhor não disse isso naquela época?

Dei uma risada, mas por um instante fiquei sem resposta. Antes que pudesse formular uma, a Srta. Kenton pousou a costura e disse:

— Não imagina, Sr. Stevens, a importância que teria para mim se o senhor

decidisse compartilhar seus sentimentos no ano passado. Sabia como fiquei revoltada quando minhas meninas foram demitidas. Percebe quanto isso teria me ajudado? Por que, Sr. Stevens, por que, por que, por que o senhor sempre tem que fingir?

Dei outra risada diante do rumo ridículo que a conversa tinha tomado de repente.

— Francamente, Srta. Kenton! — exclamei. — Não estou bem certo de estar entendendo. Fingir? Ora, francamente...

— Sofri tanto por causa da demissão de Ruth e Sarah... E sofri mais ainda porque pensava ser a única.

— Francamente, Srta. Kenton... — Peguei a bandeja onde reunira a louça usada. — Naturalmente desaprovava essas demissões, julgar-se-ia que isto era óbvio.

Ela não disse coisa alguma, e olhei-a de relance ao sair. Ela estava novamente contemplando a paisagem, mas a essa altura estava tão escuro no interior do pavilhão que tudo o que pude ver foi o perfil delineado contra um fundo claro e vazio. Pedi licença e me retirei.



Agora que relembrei esse episódio da demissão das criadas judias, recordo o que poderia, suponho, ser considerado um curioso corolário ao caso: a saber, a chegada da criada chamada Lisa. Isto é, fomos obrigados a encontrar substitutas para as duas arrumadeiras judias demitidas, e essa Lisa era uma delas.

Essa jovem candidatara-se ao emprego com as referências mais duvidosas, o que para qualquer mordomo experiente significava que ela deixara o emprego anterior em situação de alguma forma nebulosa. Além do mais, quando a Srta. Kenton e eu a interrogamos ficou claro que ela nunca permanecera mais de algumas semanas em qualquer emprego. De modo geral, sua atitude sugeria-me ser ela inteiramente inadequada para trabalhar em Darlington Hall. Para minha surpresa, no entanto, quando acabamos de entrevistar a jovem, a Srta. Kenton pôs-se a insistir em que a contratássemos. — Vejo muito potencial nesta moça — declarou, diante dos meus protestos. — Ela estará sob minha supervisão direta, e vou cuidar para que trabalhe bem.

Lembro-me que por algum tempo ficamos discutindo, e talvez apenas pelo fato de o assunto das criadas demitidas estar tão fresco em nossas mentes foi que não insisti tanto em minhas objeções. De qualquer maneira, o resultado foi que

finalmente cedi, embora ressaltando:

— Srta. Kenton, espero que esteja consciente de que a responsabilidade por aceitar esta jovem é inteiramente sua. No que me diz respeito, não há dúvida de que no presente momento ela está longe de ser capacitada para juntar-se à nossa criadagem. Estou permitindo que fique somente com o compromisso de que a senhorita vai orientar pessoalmente o seu desenvolvimento.

— A garota vai servir, Sr. Stevens. O senhor vai ver.

E para meu espanto a jovem realmente fez progressos notáveis durante as semanas que se seguiram. Sua atitude parecia melhorar dia a dia, e até mesmo seu modo de andar e de cumprir suas tarefas — que nos primeiros dias mostrava-se tão relaxado que era preciso desviar os olhos melhorou impressionantemente.

À medida que se passavam as semanas e a garota parecia transformar-se milagrosamente numa criada competente, o triunfo da Srta. Kenton era óbvio. Ela parecia ter particular prazer em mandar Lisa fazer um serviço qualquer que exigia um pouco mais de responsabilidade, e, se eu estivesse observando, fazia questão de tentar interceptar-me o olhar com uma expressão bem zombeteira. E o diálogo que tivemos naquela noite, tomando chocolate na sala da Srta. Kenton, foi bem típico do tipo de conversa que costumávamos ter a respeito de Lisa.

— Sem dúvida o senhor está extremamente decepcionado vendo que Lisa ainda não cometeu um erro digno de ser mencionado, Sr. Stevens.

— Não estou de modo algum decepcionado, Srta. Kenton. Fico muito contente, pela senhorita e por todos nós. Admito que a senhorita teve até agora um modesto sucesso em relação à jovem.

— Modesto sucesso! E este sorriso em seu rosto, Sr. Stevens? Ele sempre aparece quando menciono Lisa. Isto por si só já diz coisas interessantes, coisas realmente muito interessantes.

— Ora, francamente, Srta. Kenton! Posso saber exatamente o quê?

— É muito interessante, Sr. Stevens. Muito interessante que o senhor se mostrasse tão pessimista a respeito dela. Porque Lisa é uma garota bonita, sem dúvida. E percebi que senhor tem uma curiosa aversão a moças bonitas na criadagem.

— Sabe muito bem que está dizendo tolices, Srta. Kenton.

— Ah, mas já percebi, Sr. Stevens. O senhor não gosta de garotas bonitas na criadagem. Será que nosso Sr. Stevens tem medo de perturbar-se? Será que nosso Sr. Stevens afinal é feito de carne e osso e não confia inteiramente em si mesmo?

— Francamente, Srta. Kenton! Se eu achasse que havia uma ínfima parcela de sentido no que está dizendo, poderia dar-me o trabalho de discutir este assunto com a senhorita. Mas acho que simplesmente colocarei meus

pensamentos em outro lugar enquanto a senhorita fica tagarelando.

— Ah, mas então por que este sorriso de culpa ainda está em seu rosto, Sr. Stevens? — Não é de modo algum um sorriso de culpa, Srta. Kenton. Estou achando uma certa graça na sua espantosa capacidade de dizer tolices, só isto.

— É um sorriso de culpa, sim, Sr. Stevens. E já percebi que o senhor mal consegue olhar para Lisa. Agora está começando a ficar claro por que tinha objeções tão fortes...

— Minhas objeções eram extremamente sólidas, Srta. Kenton, como a senhorita sabe muito bem. A jovem era completamente inadequada quando chegou aqui.

Ora, naturalmente é preciso que se compreenda que nunca teríamos conversado desse modo ao alcance dos ouvidos da criadagem. Mas por volta dessa época, os nossos encontros à noite, embora mantendo seu caráter essencialmente profissional, costumavam deixar espaço para uma curta conversa deste teor — o que, é preciso que se diga, ajudava bastante a aliviar as muitas tensões produzidas por um dia árduo.

Lisa estava conosco havia uns oito ou nove meses — e a essa altura eu já tinha praticamente esquecido a sua existência — quando desapareceu de casa, juntamente com o segundo-lacaio. Ora, naturalmente essas coisas são apenas parte da vida de qualquer mordomo de uma grande mansão. São profundamente irritantes, mas aprende-se a aceitá-las. Aliás, no que dizia respeito a essas "fugas ao luar", essa foi uma das mais civilizadas. Além de um pouco de comida, o casal não levou coisa alguma que pertencesse à casa, e, mais ainda, ambos deixaram cartas. O segundo-lacaio, cujo nome não recordo mais, deixou um bilhete endereçado a mim, dizendo algo como: "Por favor não nos julgue com muita severidade. Estamos apaixonados e vamos nos casar." Lisa escrevera uma carta bem maior, endereçada "Para a Governanta", e foi essa carta que a Srta. Kenton levou à minha sala na manhã seguinte ao desaparecimento. Havia, lembro-me, muitas frases mal escritas descrevendo como o casal estava apaixonado, como o segundo-lacaio era maravilhoso e como era esplendoroso o futuro que esperava a ambos. Uma frase, pelo que me lembro, dizia algo como: "Nós não temos dinheiro mas e daí temos amor e quem vai querer outra coisa temos um ao outro é tudo que alguém pode querer." Apesar de ter três páginas, não havia na carta qualquer menção de gratidão à Srta. Kenton pelos cuidados que ela tivera para com a jovem, nem qualquer indício de arrependimento por nos decepcionar a todos.

A Srta. Kenton estava flagrantemente perturbada. Durante o tempo em que corri os olhos pela carta da jovem, ela ficou sentada diante de mim, olhos postos nas mãos. Na verdade — e isso parece bastante curioso — não posso dizer que

me lembro de tê-la visto mais desolada do que naquela manhã. Quando coloquei a carta sobre a mesa ela disse:

— Então, Sr. Stevens, parece que o senhor estava certo e eu estava errada.

— Srta. Kenton, não há razão para perturbar-se — respondi. — Estas coisas acontecem. Nós pouco podemos fazer para impedir esse tipo de coisa.

— A culpa foi minha, Sr. Stevens. Aceito isto. O senhor estava certo o tempo todo, como sempre, e eu estava errada.

— Srta. Kenton, não posso realmente concordar. A senhorita fez maravilhas com aquela jovem. O que conseguiu fazer com ela é prova abundante de que na verdade quem estava errado era eu. Francamente, Srta. Kenton, o que aconteceu poderia ter acontecido com qualquer empregado. A senhorita trabalhou muito bem com ela. Tem todos os motivos para sentir-se decepcionada, mas nenhum para sentir qualquer responsabilidade pelo que aconteceu.

A Srta. Kenton continuava deprimida. Falou em voz baixa:

— O senhor é muito bondoso, Sr. Stevens. Estou muito agradecida. — Então deu um suspiro cansado e continuou: — Ela é tão tola... Tinha uma bela carreira pela frente. Tinha muita capacidade. Tantas jovens como ela jogam fora as suas chances, e para quê?

Ambos olhamos para a carta em cima da mesa entre nós, e então a Srta. Kenton desviou o olhar com uma expressão irritada.

— Realmente — falei. — É um grande desperdício, como disse a senhorita.

— Que tolice! E a garota certamente vai se decepcionar. E tinha uma boa vida pela frente, se perseverasse. Em um ano ou dois eu a deixaria pronta para aceitar um lugar de governanta numa casa pequena. Talvez ache exagero, Sr. Stevens, mas veja como ela progrediu em poucos meses. E agora jogou tudo fora. Por nada.

— Realmente, foi uma grande tolice.

Eu começara a juntar as folhas da carta, pensando em arquivá-las para futura referência. Mas enquanto o fazia fiquei um pouco inseguro, sem saber se a Srta. Kenton tinha a intenção de me deixar guardar a carta ou se ela própria o faria, de modo que tornei a colocar as folhas sobre a mesa entre nós. De qualquer maneira a Srta. Kenton parecia muito distante.

— Ela certamente vai se decepcionar — repetiu. — Que tolice!



Mas percebo que estou um pouco perdido em meio a estas velhas

lembranças. Esta nunca foi a minha intenção, mas por outro lado isto com certeza não é mau, se assim fazendo pelo menos evitei ficar indevidamente preocupado com os acontecimentos desta noite — que, espero, tenham finalmente chegado ao fim. Pois estas últimas horas, é preciso que se diga, foram bastante cansativas.

Encontro-me agora no aposento do sótão deste pequeno chalé pertencente ao Sr. e à Sra. Taylor. Isto é, trata-se de uma residência particular; este quarto, que os Taylors tão gentilmente colocaram à minha disposição esta noite, já foi ocupado pelo filho mais velho, agora adulto e morando em Exeter. É um aposento dominado pelas pesadas traves do teto, e as tábuas do assoalho não têm tapetes a cobri-las, porém o ambiente é surpreendentemente aconchegante. E é óbvio que a Sra. Taylor não apenas preparou a cama para mim, mas também arrumou e, limpou o quarto, pois, à exceção de algumas teias de aranha perto das traves, há poucos indícios de que este quarto ficou desocupado por muitos anos. Quanto ao Sr. e à Sra. Taylor, fiquei sabendo que cuidavam da quitanda do povoado desde a década de 20 até sua aposentadoria há três anos. São pessoas bondosas, e, embora esta noite eu tenha mais de uma vez oferecido remuneração por sua hospitalidade, não admitem tal coisa.

O fato de estar aqui agora, o fato de ter chegado a ver-me esta noite à mercê da generosidade do Sr. e da Sra. Taylor, deve-se a um descuido tolo, irritantemente simples: permiti que o Ford ficasse sem gasolina. Com isto, e mais o problema de ontem referente à falta de água no radiador, não seria descabido que um observador julgasse ser esta desorganização geral algo inerente à minha natureza. Pode-se argumentar, é claro, que com relação a viagens de longa distância sou algo assim como um novato, e esquecimentos simples como estes podem ocorrer. No entanto, quando se lembra que a boa organização e uma visão clara do que pode acontecer são qualidades que estão no cerne da profissão, é difícil evitar a sensação de se ter, de certa forma, falhado novamente.

É verdade, porém, que estive consideravelmente perturbado durante a última hora da viagem antes da falta de gasolina. Planejava passar a noite na cidade de Tavistock, onde cheguei pouco antes das oito horas. Na hospedaria principal da cidade, entretanto, fui informado de que todos os quartos estavam ocupados, por causa de uma feira agrícola local. Vários outros estabelecimentos me foram sugeridos, mas ao visitar cada um deles recebi a mesma justificativa. Finalmente, numa pensão nos limites da cidade, a mulher sugeriu que eu viajasse alguns quilômetros até uma estalagem de beira de estrada pertencente a um parente seu, que, segundo ela me asseverou, certamente teria vagas, sendo distante demais de Tavistock para ser afetada pela feira.

Recebi instruções detalhadas, que na ocasião pareceram-me suficientemente claras, e é impossível dizer agora de quem foi a culpa por eu não ter conseguido encontrar sequer um sinal daquele estabelecimento. Em vez disso, depois de uns quinze minutos de viagem encontrei-me numa estrada longa e sinuosa que atravessava uma charneca escura. De cada lado o terreno parecia ser pantanoso, e uma névoa começava a encobrir meu caminho. À esquerda eu distinguia a última luminosidade do poente. O horizonte era quebrado aqui e ali pelas silhuetas de celeiros e casas de fazenda a alguma distância, mas fora isso eu parecia ter deixado para trás qualquer sinal de civilização.

Lembro-me de ter manobrado o Ford e voltado pela mesma estrada por alguma distância, em busca de uma estrada lateral pela qual passara pouco antes. Quando a encontrei, porém, essa nova estrada mostrou-se ainda mais desolada do que a anterior. Durante algum tempo dirigi na semiescuridão entre altas cercas vivas, depois vi que a estrada subia acentuadamente. À essa altura eu abandonara a esperança de encontrar a hospedaria e decidira seguir viagem até chegar à cidade seguinte, onde procuraria abrigo. Seria bem fácil, raciocinei, retomar meu itinerário na manhã seguinte. Foi nesse ponto, no meio da subida, que o motor engasgou e percebi que a gasolina acabara.

O Ford continuou a subir durante alguns metros, depois parou. Quando desembarquei para avaliar a situação, verifiquei que tinha apenas mais alguns minutos de luz do dia. Estava parado numa estrada íngreme ladeada de árvores e arbustos; bem no alto da subida eu via uma porteira larga e fechada, em silhueta de encontro ao horizonte. Dirigi-me para ali, supondo que lá de cima eu teria alguma noção de onde estava; talvez esperasse até mesmo avistar uma casa de fazenda próxima onde pudesse pedir auxílio. Fiquei, assim, um tanto desconcertado pelo que finalmente vi: no outro lado da porteira, um campo descia em declive bastante íngreme, de modo que a uns trinta metros desaparecia de vista. Além do campo, a certa distância — talvez uns dois quilômetros em linha reta — havia um pequeno povoado. Através da neblina eu conseguia distinguir a torre da igreja, e em volta dela um punhado de telhados escuros; aqui e ali saía fumaça das chaminés. É necessário confessar que naquele momento fui dominado por um certo desânimo. Naturalmente a situação não era desesperadora; o Ford não estava enguiçado, simplesmente faltava-lhe gasolina. Uma caminhada até o povoado levaria meia hora, e lá eu certamente conseguiria acomodação e uma lata de gasolina. No entanto, não era uma sensação agradável estar ali no alto de um morro solitário, olhando através de uma porteira as luzes de um povoado distante, o dia quase no fim e a neblina cada vez mais espessa.

Pouco havia a lucrar, no entanto, em entregar-me ao desânimo. De qualquer maneira seria tolice desperdiçar os últimos minutos de luz do dia. Caminhei de

volta ao Ford, onde arrumei uma maleta com alguns itens essenciais. Então, armando-me de uma lanterna que produzia um fecho de luz surpreendentemente forte, saí à procura de uma trilha pela qual pudesse descer até o povoado. Mas não havia tal caminho, embora eu tenha percorrido a estrada até uma certa distância bem depois da porteira. Então, quando senti que a estrada não subia mais e sim começava a descer em direção oposta à do povoado — cujas luzes eu vislumbrava através da folhagem — tornei a ser imbuído de uma sensação de desânimo. Na verdade, por um momento perguntei-me se a melhor estratégia não seria voltar ao Ford e simplesmente sentar-me dentro dele até aparecer outro motorista. A essa altura, no entanto, estava quase escuro, e eu percebia que, se tentasse interceptar um veículo nessas circunstâncias, poderia facilmente ser tomado por um salteador ou algo assim. Além disso, nem um único veículo passara desde que eu desembarcara do Ford; aliás, não me lembrava de ter visto outro veículo desde que saíra de Tavistock. Decidi então voltar até a porteira, e dali descer o campo, caminhando em linha tão direta quanto possível em direção às luzes do povoado, independentemente de haver ou não uma trilha.

Não foi, afinal, uma descida muito árdua. Uma série de campos de pastagem, um após outro, levava até o povoado, e se a pessoa se mantivesse perto da cerca de cada pasto poderia caminhar sem muitos empecilhos. Apenas em uma ocasião, já bem perto do povoado, não consegui encontrar um acesso óbvio ao pasto seguinte, e tive que iluminar com minha lanterna uma certa extensão da cerca que obstruía meu caminho. Finalmente descobri uma pequena abertura através da qual consegui espremer minha pessoa, à custa de alguns estragos no ombro de meu paletó e na bainha das calças. Além disso, os últimos pastos tornavam-se cada vez mais úmidos e enlameados, e deliberadamente deixei de iluminar meus sapatos e as calças para não desanimar outra vez.

Finalmente encontrei-me num caminho pavimentado que descia até o povoado, e foi enquanto percorria esse caminho que encontrei o Sr. Taylor, meu bondoso anfitrião desta noite. Ele emergiu de uma picada alguns metros à minha frente e esperou cortesmente que eu o alcançasse, quando então tocou no boné e perguntou se podia ser de alguma ajuda. Expliquei a situação com a maior concisão possível, acrescentando que ficaria muito grato se ele me indicasse uma boa hospedaria. Diante disso o Sr. Taylor sacudiu a cabeça, dizendo: — Infelizmente não temos uma hospedaria em nosso povoado, senhor. John Humphreys geralmente aceita viajantes em Crossed Keys, mas no momento ele está consertando o telhado. — Antes que essa perturbadora informação fizesse efeito, no entanto, o Sr. Taylor acrescentou: — Se o senhor não se importar com a falta de conforto, poderíamos oferecer-lhe um quarto e uma cama para esta noite. Não é nada especial, mas a patroa vai deixar tudo limpo e confortável,

embora seja tudo muito simples.

Creio ter dito algumas palavras, talvez sem muita veemência, no sentido de que não gostaria de incomodar. Ao que o Sr. Taylor respondeu:

— Eu lhe asseguro, senhor, seria uma honra para nós. Não é comum uma pessoa como o senhor passar por Moscombe. E honestamente, senhor, não sei o que poderia fazer a esta hora. A patroa não me perdoaria se eu deixasse o senhor ir embora.

Foi assim que vim a aceitar a generosa hospitalidade do Sr. e da Sra. Taylor. Mas quando me referi aos acontecimentos desta noite como "cansativos", não estava aludindo simplesmente à frustração de ficar sem gasolina e ter que empreender uma caminhada tão incômoda até o povoado. Pois o que aconteceu depois — o que houve depois que me sentei para jantar com o Sr. e a Sra. Taylor e seus vizinhos — mostrou-se muito mais fatigante do que os desconfortos essencialmente físicos que eu enfrentara antes. Foi, posso asseverar, realmente um alívio poder finalmente subir para este quarto e passar alguns momentos remexendo essas lembranças tão antigas de Darlington Hall.

O fato é que ultimamente tenho uma tendência cada vez maior a me permitir tais recordações. E, desde que há algumas semanas surgiu a perspectiva de ver novamente a Srta. Kenton, acho que comecei a passar bastante tempo perguntando-me por que nosso relacionamento sofreu tamanha mudança. Pois isso realmente aconteceu, por volta de 1935 ou 1936, depois de muitos anos, durante os quais conseguimos chegar a um ótimo entendimento profissional. Aliás, no fim tínhamos até abandonado nosso hábito de tomar uma xícara de chocolate juntos no final de cada dia. Mas quanto ao que de fato provocou essas mudanças, os acontecimentos realmente responsáveis por isso, nunca consegui ter certeza.

Pensando sobre isso agora, parece-me possível que aquele estranho incidente na noite em que a Srta. Kenton foi ao meu escritório sem ser convidada tenha marcado um momento decisivo. Por que ela foi à minha sala é algo de que não consigo me lembrar com certeza. Tenho a impressão de que ela pode ter levado um jarro de flores para "alegrar as coisas", mas, por outro lado, posso estar fazendo confusão com a ocasião em que ela tentou o mesmo tipo de coisa, muitos anos antes, no início de nosso relacionamento. Sei com certeza que ao longo dos anos ela tentou introduzir flores em meu escritório pelo menos três vezes, mas talvez esteja enganado ao acreditar que pode ter sido este o motivo naquela noite. De qualquer maneira, devo assinalar que, apesar de nossos anos de bom relacionamento profissional, nunca permiti que a situação chegasse a um ponto em que a governanta entrasse e saísse à vontade da minha sala. No que me diz respeito, o escritório do mordomo é um local importantíssimo, centro das

operações domésticas, não muito diferente do quartel-general de um comandante durante uma batalha, e é imprescindível que todas as coisas dentro dele estejam arrumadas — e sejam deixadas assim — exatamente do modo como desejo que fiquem. Nunca fui daquele tipo de mordomo que permite que todo tipo de gente entre e saia com suas perguntas e reclamações. Para que tudo seja conduzido de modo regular e coordenado, é óbvio, certamente, que a sala do mordomo tem que ser aquele lugar da casa onde estejam garantidas a privacidade e a solidão.

Por acaso, quando ela entrou na minha sala naquela noite, eu não estava ocupado com assuntos profissionais, Isto é foi no final do dia durante uma semana sossegada, e eu estivera aproveitando um raro intervalo de uma hora de folga. Como disse, não estou certo de que a Srta. Kenton, tenha entrado com um jarro de flores, mas lembro-me que ela declarou:

— Sr. Stevens, a sua sala parece ainda menos confortável à noite do que durante o dia. Esta lâmpada é fraca demais para iluminar sua leitura.

— Está tudo perfeitamente adequado, obrigado, Srta. Kenton.

— Francamente, Sr. Stevens, este aposento parece uma cela de prisão. Tudo que falta é uma cama estreita no canto; então daria para imaginar que os condenados passam suas últimas horas aqui.

Talvez eu tenha respondido alguma coisa, não sei. De qualquer maneira, não ergui os olhos da leitura, e alguns momentos se passaram, durante os quais esperei que a Srta. Kenton pedisse licença e saísse. Mas ouvi-a dizer:

— Ora, fico pensando no que o senhor poderia estar lendo, Sr. Stevens.

— Um livro, simplesmente, Srta. Kenton.

— Já percebi, Sr. Stevens. Mas que tipo de livro é o que estou querendo saber.

Ergui os olhos e vi a Srta. Kenton avançando em minha direção. Fechei o livro e, segurando-o junto à minha pessoa, pus-me de pé.

— Francamente, Srta. Kenton, devo pedir-lhe que respeite minha privacidade.

— Mas por que tanto pudor com relação ao livro, Sr. Stevens? Suspeito que deva ser algo bem picante.

— É inteiramente fora de questão, Srta. Kenton, que qualquer coisa ”picante”, como diz a senhorita, seja encontrada na biblioteca de Sua Excelência.

— Ouvi dizer que muitos livros eruditos contêm trechos muitíssimo picantes, mas nunca tive coragem de olhar. Agora, Sr. Stevens, por favor deixe-me ver o que está lendo.

— Srta. Kenton, devo pedir-lhe que me deixe em paz. É muito desagradável que a senhorita insista em incomodar-me assim durante os poucos minutos livres de que disponho.

Mas a Srta. Kenton continuava a avançar, e devo dizer que era um pouco difícil avaliar a melhor conduta a adotar. Senti-me tentado a jogar o volume na gaveta da minha mesa e trancá-la, mas isso me pareceu absurdamente dramático. Recuei alguns passos, o livro ainda seguro junto ao peito.

— Por favor mostre-me o livro que tem na mão, Sr. Stevens — disse a Srta. Kenton, ainda avançando. — Então vou deixá-lo entregue ao prazer de sua leitura. Que é que pode ser isto que o senhor está tão ansioso em esconder?

— Srta. Kenton, que a senhorita descubra ou não o título deste livro não tem, por si só, a menor importância. Mas por uma questão de princípios não permito que a senhorita apareça assim e invada meus momentos particulares.

— Fico pensando se se trata mesmo de um livro inteiramente respeitável, Sr. Stevens, ou está na verdade protegendo-me de sua influência chocante?

Ela estava, já então, parada diante de mim, e de repente a atmosfera sofreu uma mudança singular — quase como se nós dois tivéssemos sido jogados subitamente em alguma outra dimensão. Infelizmente não é fácil descrever com clareza o que quero dizer. Tudo que posso declarar é que subitamente todas as coisas à nossa volta ficaram imóveis; tive a impressão de que os modos da Srta. Kenton também passaram por uma mudança repentina; havia uma estranha seriedade em sua expressão, e pareceu-me que ela estava quase assustada.

— Por favor, Sr. Stevens, deixe-me ver o seu livro.

Estendeu a mão e começou a soltar delicadamente o livro das minhas mãos. Achei melhor olhar para outro lado enquanto ela fazia isso, mas com a pessoa dela colocada tão perto isso só podia ser conseguido se eu torcesse a cabeça num ângulo pouco natural. A Srta. Kenton continuou a tentar retirar o livro com muita delicadeza, afastando meus dedos um de cada vez. O processo pareceu tomar muito tempo — durante o qual consegui manter minha pose — até que finalmente ouvi-a dizer:

— Ora, Sr. Stevens, afinal não se trata de algo escandaloso. Simplesmente uma história de amor!

Creio que foi então que decidi que não era necessário tolerar mais. Não consigo recordar exatamente o que disse, mas lembro-me de ter pedido à Srta. Kenton com muita firmeza que se retirasse de meu escritório, e assim o episódio chegou ao fim.

Suponho que deveria acrescentar aqui algumas palavras referentes ao livro em torno do qual esse episódio desenrolou-se. O livro era, realmente, o que pode ser descrito como um “romance sentimental” — um dos vários mantidos na biblioteca e também em muitos quartos de hóspedes para o entretenimento das senhoras que nos visitavam. Havia uma razão simples para eu estar lendo tal obra: era uma maneira extremamente eficiente de manter o desenvolver um bom

domínio da língua inglesa. É minha opinião — não sei se todos concordarão — que, no que se refere à nossa geração, houve sempre muita insistência na conveniência profissional de uma pronúncia correta e um bom domínio da língua; isto é, esses elementos foram às vezes valorizados à custa de qualidades profissionais mais importantes. Apesar disso tudo, nunca julguei que uma boa pronúncia e um firme domínio da língua não fossem atributos positivos, e sempre considerei meu dever desenvolvê-los da melhor maneira possível. Um modo direto de fazer isto é simplesmente ler algumas páginas de um livro bem escrito, durante os minutos livres de que porventura se dispõe. Esta tem sido a minha prática há alguns anos, e eu costumava escolher o tipo de livro que a Srta. Kenton encontrou-me lendo naquela noite simplesmente porque tais obras em geral são escritas em bom inglês, com farta variedade de diálogos elegantes de grande valor prático para mim. Um livro mais pesado — um ensaio erudito, por exemplo — embora pudesse ser mais educativo no âmbito geral, costuma ser vazado em termos que provavelmente me seriam de uso mais limitado no decorrer de minhas relações de rotina com damas e cavalheiros.

Raramente tive tempo ou desejo de ler qualquer desses romances da primeira à última página, mas pelo que pude perceber os enredos eram invariavelmente absurdos — diria até que sentimentais — e eu não teria desperdiçado um minuto sequer com eles se não fossem os benefícios acima mencionados. Dito isto, contudo, não me importo de confessar hoje — e não vejo de quê me envergonhar — que às vezes obtinha uma espécie de prazer ocasional com aquelas histórias. Talvez eu próprio não o admitisse na época, mas, repito, que mal há nisto? Por que uma pessoa não apreciaria, de um modo superficial, histórias de damas e cavalheiros que se apaixonam e expressam seus sentimentos um pelo outro, frequentemente em frases muito elegantes?

Mas quando digo isso não pretendo insinuar que a posição que tomei com relação ao assunto do livro naquela noite foi de forma alguma descabida. Pois, é preciso que se compreenda, havia um princípio importante em questão. O fato era que eu estava “de folga”, naquele momento em que a Srta. Kenton entrou marchando em minha sala. E, naturalmente, qualquer mordomo que encare com orgulho a sua vocação, qualquer mordomo que aspire a um mínimo de uma “dignidade condizente com sua posição”, como a Hayes Society expressou certa vez, jamais permitir-se-ia estar “de folga” em presença de outrem. Não faria diferença ser a Srta. Kenton ou um total desconhecido a entrar naquele momento. Um mordomo de qualidade tem que mostrar que “habita” seu papel, inteira e completamente; não pode ser visto jogando-o de lado num momento e simplesmente vesti-lo novamente no momento seguinte, como se nada mais fosse que uma fantasia de teatro. Há uma situação, e apenas uma, em que um

mordomo que preza a sua dignidade pode sentir-se à vontade para aliviar-se da carga de seu papel; a saber, quando estiver inteiramente a sós. Pode-se compreender, portanto, que no caso da Srta. Kenton surgindo num momento em que eu presumia, não sem razão, que estaria sozinho, tornou-se uma importantíssima questão de princípio, um caso até mesmo de dignidade, que eu não aparecesse de um modo outro que não desempenhando o meu papel em toda a sua integridade.

Contudo, não era minha intenção analisar aqui as várias facetas desse tolo incidente de anos atrás. O ponto principal é que ele me alertou para o fato de que as coisas entre a Srta. Kenton e mim — sem dúvida depois de um processo gradual de muitos meses — tinham chegado a um estágio impróprio. O fato de que ela pudesse comportar-se como fizera naquela noite era bastante alarmante, e depois que convidei-a a sair do meu escritório e tive a chance de pensar um pouco no assunto, lembro-me que decidi restabelecer nosso relacionamento profissional numa base mais adequada. Mas até que ponto esse incidente contribuiu para as grandes mudanças que nossas relações sofreram subsequentemente, é muito difícil dizer agora. Pode muito bem ter havido outros acontecimentos fundamentais para explicar o que aconteceu.

Por exemplo, a questão dos dias de folga da Srta. Kenton.



Da época em que ela chegou a Darlington Hall até talvez um mês antes daquele episódio na minha sala, os dias de folga da Srta. Kenton seguiram um padrão regular. Uma vez a cada seis semanas ela tirava dois dias para visitar a tia em Southampton; fora isso, seguindo meu próprio exemplo, não tinha realmente dias de folga, a não ser que estivéssemos atravessando um período particularmente sossegado; nesse caso ela poderia passar o dia passeando pela propriedade ou lendo em sua sala. Mas então, como já disse, o padrão modificou-se. De repente ela passou a usar todo o seu tempo de folga contratual desaparecendo regularmente de casa de manhã bem cedo sem deixar qualquer informação além da hora em que poderia ser esperada à noite. É claro que nunca tomou mais tempo de folga do que lhe era devido, e assim achei injustificado informar-me melhor a respeito de suas saídas. Mas suponho que essa mudança perturbou-me um pouco, pois lembro-me de tê-la mencionado ao Sr. Graham, camareiro-mordomo de Sir James Chambers — um bom colega com quem, aliás, parece que perdi o contato — enquanto conversávamos certa noite,

sentados junto à lareira, durante uma de suas visitas regulares a Darlington Hall.

Na verdade, tudo o que eu disse foi alguma coisa no sentido de que a governanta andava "um pouco caprichosa ultimamente", de modo que fiquei surpreso quando o Sr. Graham assentiu, inclinou-se em minha direção e disse, em tom de quem já sabia a respeito do assunto:

— Eu estava me perguntando quanto tempo ainda ia demorar. Quando eu quis saber de que ele estava falando, o Sr. Graham continuou:

— Sua Srta. Kenton. Acho que ela tem uns... quantos anos? Trinta e três? Trinta e quatro? Perdeu o melhor de seus anos de maternidade, mas ainda não é tarde demais.

— A Srta. Kenton é uma profissional dedicada — asseverei. — Acontece que sei com certeza que ela não quer ter filhos.

Mas o Sr. Graham sorriu e sacudiu a cabeça, afirmando:

— Nunca acredite numa governanta que disser que não quer ter uma família. Aliás, Sr. Stevens, acho que o senhor e eu poderíamos, agora mesmo, sentados aqui, contar pelo menos uma dúzia que disseram a mesma coisa, depois se casaram e deixaram a profissão.

Lembro-me de naquela noite ter refutado a teoria do Sr. Graham com bastante confiança, mas daí em diante, devo admitir, achei difícil afastar da mente a possibilidade de que o propósito daquelas saídas misteriosas da Srta. Kenton fosse encontrar-se com um pretendente. Era realmente uma ideia perturbadora, pois não era difícil perceber que a partida da Srta. Kenton constituiria uma perda profissional de certa magnitude, uma perda da qual Darlington Hall teria alguma dificuldade para se recuperar. Mais ainda: eu era obrigado a reconhecer certos outros pequenos indícios que inclinavam-se a apoiar a teoria do Sr. Graham. Por exemplo: fazendo parte das minhas obrigações o recolhimento da correspondência, não pude deixar de perceber que a Srta. Kenton começara a receber cartas regularmente — mais ou menos uma vez por semana — do mesmo remetente, e que essas cartas tinham o carimbo da agência local. Devo, talvez, assinalar aqui que me teria sido inteiramente impossível não ter percebido tais coisas, dado que durante todos os anos precedentes ela recebera realmente muito poucas cartas.

Havia também outros indícios mais nebulosos que apoiavam a opinião do Sr. Graham. Por exemplo: embora continuasse a cumprir as obrigações profissionais com sua habitual diligência, seu estado de espírito geral inclinava-se a sofrer alterações de uma espécie que até então eu jamais testemunhara. De fato, as ocasiões em que ela se mostrava extremamente alegre durante dias sem fim — e sem nenhuma razão aparente — eram para mim quase tão perturbadoras quanto os seus períodos de melancolia, repentinos e muitas vezes longos. Como já

declarei, ela continuava uma profissional perfeita, mas, por outro lado, era meu dever pensar no bem da casa a longo prazo, e, se realmente aqueles indícios inclinavam-se a confirmar a teoria do Sr. Graham de que a Srta. Kenton pensava em partir com propósitos românticos, eu tinha a nítida responsabilidade de pesquisar o caso mais a fundo. Aventurei-me então a perguntar-lhe, certa noite, durante nosso chocolate:

— E a senhorita vai sair de novo na quinta-feira, Srta. Kenton? É sua folga.

Eu chegara a esperar que se zangasse com esse interrogatório, mas, ao contrário, foi quase como se ela estivesse durante muito tempo esperando uma oportunidade para tocar naquele assunto. Pois declarou, num tom de certa forma aliviado:

— Ah, Sr. Stevens, é só uma pessoa que conheci quando estava em Granchester Lodge. Aliás, ele era o mordomo de lá na ocasião, mas agora deixou o serviço doméstico e está trabalhando numa empresa aqui perto. Não sei como ele soube que eu estava aqui e começou a me escrever sugerindo que renovássemos nossa amizade. E isso é tudo, Sr. Stevens.

— Entendo, Srta. Kenton. Sem dúvida é reanimador sair de casa às vezes.

— Concorde, Sr. Stevens. — Houve um silêncio curto. Então a Srta. Kenton, parecendo ter tomado uma decisão, continuou: — Esse meu amigo. Lembro-me que quando era mordomo em Granchester Lodge, ele era cheio das ambições mais maravilhosas. Aliás, imagino que seu maior sonho era ser mordomo em uma casa como esta. Ah, mas quando me lembro de alguns dos métodos dele! Francamente, Sr. Stevens, posso imaginar o que o senhor diria se tivesse testemunhado. Não é de se estranhar que as ambições dele não foram realizadas...

Dei uma risadinha.

— Em minha experiência, são muitas as pessoas que se julgam capazes de ocupar posições mais elevadas sem ter a menor ideia das severas exigências do cargo — declarei. — Certamente não é para qualquer um.

— É verdade. Francamente, Sr. Stevens, imagino o que o senhor diria se o tivesse conhecido naquela época!

— Nesses níveis, Srta. Kenton, a profissão não é para todos. É muito fácil ter grandes ambições, mas sem certas qualidades um mordomo simplesmente não progredirá além de certo ponto.

A Srta. Kenton pareceu pensar nisso por um momento; depois disse:

— Ocorre-me que o senhor deve ser um homem satisfeito. Afinal, está no topo de sua profissão, todos os assuntos de sua responsabilidade estão sob controle. Francamente, não consigo imaginar o que mais o senhor pode desejar na vida.

Não consegui pensar numa resposta imediata. No silêncio levemente constrangido que se seguiu, a Srta. Kenton fixou o olhar nas profundezas de sua xícara de chocolate, como se estivesse absorta em algo que percebera ali. Finalmente, depois de meditar um pouco, respondi:

— No que me diz respeito, Srta. Kenton, minha vocação não terá sido realizada até eu ter feito tudo o que puder para ajudar Sua Excelência a cumprir os importantes encargos impostos por ele próprio. O dia em que o trabalho de Sua Excelência estiver completo, o dia em que ele puder descansar sobre os louros, feliz com a certeza de ter feito tudo que se podia razoavelmente esperar dele, somente nesse dia, Srta. Kenton, poderei considerar-me satisfeito.

Ela pode ter ficado um pouco espantada pelas minhas palavras; ou, talvez, elas por algum motivo a tenham irritado. De qualquer maneira, seu estado de espírito pareceu mudar de repente, e nossa conversa logo perdeu o tom um tanto pessoal que tinha começado a adotar.

Não foi muito depois disso que aqueles encontros para tomar chocolate na sala dela tiveram fim. Aliás, lembro-me nitidamente do último deles. Eu estava querendo discutir com a Srta. Kenton um acontecimento próximo — um fim de semana que reuniria pessoas ilustres da Escócia. É verdade que o acontecimento ainda demoraria um mês, mas sempre fora nosso hábito conversar sobre essas ocasiões com muita antecedência. Nessa noite em particular, eu estivera falando sobre os vários aspectos da ocasião quando percebi que a Srta. Kenton estava contribuindo muito pouco; com efeito, depois de algum tempo tornou-se óbvio que seus pensamentos estavam em outra parte. Algumas vezes perguntei: “Está me entendendo, Srta. Kenton?”, principalmente depois de falar um período relativamente longo, e embora ela sempre ficasse um pouco mais alerta quando eu fazia isso, segundos mais tarde eu percebia que sua atenção estava vagando novamente. Após vários minutos em que eu falava e ela respondia com afirmações como “É claro, Sr. Stevens” ou “Concordo, Sr. Stevens”, finalmente eu disse:

— Lamento, Srta. Kenton, mas não vejo razão para continuar. A senhorita simplesmente parece não se dar conta da importância desta conversa.

— Desculpe-me, Sr. Stevens — ela respondeu, endireitando-se um pouco. — É que estou um pouco cansada esta noite.

— Está cada vez mais cansada ultimamente, Srta. Kenton. Esta não costumava ser uma desculpa à qual a senhorita precisasse recorrer.

Para meu espanto, a Srta. Kenton respondeu a isso com uma explosão:

— Sr. Stevens, tive uma semana muito movimentada. Estou muito cansada. Na verdade, nas últimas três ou quatro horas só tenho pensado em deitar-me. Estou muito, muito cansada, Sr. Stevens, será que o senhor não compreende?

Não que eu esperasse um pedido de perdão da parte dela, mas a agressividade desta resposta deixou-me, devo confessar, um pouco desconcertado. No entanto, resolvi não me deixar levar para uma discussão inconveniente e fiz questão de ficar em silêncio por um momento revelador antes de dizer calmamente:

— Se é assim que se sente, Srta. Kenton, não há a menor necessidade de continuarmos com estes encontros. Lamento não ter imaginado durante todo este tempo que eles representavam tão grande incômodo.

— Sr. Stevens, eu disse simplesmente que *esta* noite estou muito cansada.

— Não, não, Srta. Kenton, é perfeitamente compreensível. A senhorita é muito ocupada, e estes encontros aumentam desnecessariamente o seu trabalho. Há muitas alternativas para conseguirmos o nível de comunicação necessário sem nossos encontros nestas condições...

— Sr. Stevens, isto é desnecessário. Eu disse apenas...

— Estou falando seriamente, Srta. Kenton. Aliás, há algum tempo venho me perguntando se não devíamos interromper estes encontros, já que eles prolongam nossos dias tão ocupados. O fato de nos encontrarmos aqui há tantos anos não é razão para não procurarmos uma solução mais conveniente daqui por diante.

— Sr. Stevens, por favor, considero estes encontros muito úteis...

— Porém inconvenientes para a senhorita. Eles a deixam cansada. Posso sugerir que de agora em diante nós simplesmente passemos a comunicar qualquer informação importante no decurso do dia normal de trabalho? Se não conseguirmos encontrar o outro prontamente, sugiro que deixemos recados por escrito. Esta me parece uma ótima solução. Agora, Srta. Kenton, peço desculpas por mantê-la tanto tempo acordada. Muito grato pelo chocolate.



Naturalmente — e por que não admiti-lo? — ocasionalmente eu me pergunto que rumo as coisas poderiam ter tomado se eu não estivesse tão decidido com relação aos nossos encontros noturnos; isto é, se tivesse cedido nas várias ocasiões, durante semanas seguintes, em que a Srta. Kenton. sugeriu que os reiniciássemos. Espelho sobre isso agora apenas porque, à luz dos acontecimentos subsequentes, poder-se-ia muito bem argumentar que, ao tomar minha decisão de pôr fim aos encontros de uma vez por todas, eu talvez não tivesse total consciência de todas as implicações do que estava fazendo. De fato, pode-se até dizer que aquela minha decisão trivial constituiu algo como um

momento decisivo e imprimiu às coisas um rumo inevitável em direção ao que finalmente aconteceu.

Por outro lado, imagino que ao olhar para trás e vasculhar o passado em busca de tais "momentos decisivos", tende-se a encontrá-los por toda parte. Não apenas minha decisão quanto aos encontros noturnos, mas também aquele episódio em meu escritório, se alguém se sentisse inclinado a isto, poderiam ser vistos como um tal "momento decisivo": que teria sucedido, é lícito perguntar, se a minha reação fosse ligeiramente diferente naquela noite em que ela entrou com seu jarro de flores? E talvez — ocorrendo, como ocorreu, mais ou menos na mesma época desses acontecimentos — meu encontro com a Srta. Kenton na sala de jantar na tarde em que ela recebeu a notícia da morte da tia pudesse ser visto como outro "momento decisivo".

A notícia da morte tinha chegado algumas horas antes. De fato, eu próprio batera à porta da sala dela naquela manhã para entregar-lhe a carta. Entrara por um instante para discutir um assunto profissional qualquer, e lembro-me que estávamos sentados à mesa e no meio de uma conversa no momento em que ela abriu a carta. Ficou imóvel, mas permaneceu controlada, lendo a carta pelo menos duas vezes. Depois recolocou-a cuidadosamente no envelope e encarou-me por cima da mesa.

— É da Sra. Johnson, empregada da minha tia. Diz que titia morreu anteontem. — Fez uma pausa e acrescentou. — O enterro será amanhã. Gostaria de saber se seria possível para mim tirar o dia de folga.

— Tenho certeza de que se pode arranjar isto, Srta. Kenton.

— Obrigada, Sr. Stevens. Perdoe-me, mas talvez eu possa ficar sozinha por alguns instantes...

— Naturalmente, Srta. Kenton.

Retirei-me, e só depois disso foi que me ocorreu que eu não tinha expressado meus pêsames. Podia muito bem imaginar o golpe que essa notícia representava, pois a tia fora como uma mãe para ela; parei no corredor, perguntando-me se deveria voltar, bater e corrigir minha omissão. Mas então ocorreu-me que se fizesse isso poderia imiscuir-me em seu sofrimento particular. De fato, não era impossível que a Srta. Kenton, naquele momento e a apenas poucos metros de mim, estivesse até chorando. Essa ideia fez com que um sentimento estranho surgisse dentro de mim, fazendo-me ficar parado no corredor durante uns instantes. Mas finalmente achei melhor esperar outra oportunidade para expressar meus sentimentos, e fui embora.

Aconteceu que não a vi novamente até a tarde, quando, como já relatei, encontrei-a na sala de jantar guardando a louça num aparador. A essa altura eu estava preocupado havia horas com o assunto do sofrimento da Srta. Kenton,

tendo dedicado atenção particular à questão do que seria melhor fazer ou dizer para diminuir um pouco a sua dor. E quando ouvi seus passos entrando na sala de jantar — eu estava ocupado com alguma tarefa no saguão — esperei um minuto, depois larguei o que estava fazendo e segui-a.

— Ah, Srta. Kenton. Como está passando?

— Muito bem, obrigada, Sr. Stevens.

— Está tudo em ordem?

— Perfeitamente, obrigada.

— Eu estava querendo perguntar-lhe se a senhorita está tendo algum problema com as novas criadas. — Dei uma risadinha. — Várias dificuldadezinhas podem surgir quando tantos criados chegam ao mesmo tempo. Arrisco-me a dizer que mesmo os mais experientes de nós podem muitas vezes beneficiar-se com uma pequena discussão profissional em ocasiões como esta.

— Obrigada, Sr. Stevens, mas as novas criadas são muito satisfatórias.

— A senhorita não considera necessária qualquer mudança no atual plano de serviço por causa das recentes chegadas?

— Creio que não será necessário, Sr. Stevens. Contudo, se eu mudar de opinião a respeito disso o senhor será imediatamente comunicado.

Voltou sua atenção para o aparador, e por um instante pensei em sair da sala. De fato, creio que cheguei a dar alguns passos em direção à porta, mas então virei-me e disse:

— Então, Srta. Kenton, as novatas estão indo bem, pelo que a senhorita diz.

— Ambas estão indo muito bem, eu garanto.

— Ah, isto é ótimo. — Dei outra risadinha. — Estava simplesmente curioso, pois sabemos que nenhuma delas já trabalhou numa casa deste porte.

— Realmente, Sr. Stevens.

Observei-a encher o aparador, enquanto aguardava para ver se diria mais alguma coisa. Quando, depois de vários minutos, ficou claro que ela não o faria, prossegui:

— Aliás, Srta. Kenton, tenho algo a dizer. Notei que algumas coisinhas caíram de padrão ultimamente. Acho realmente que a senhorita poderia ser um pouco menos complacente em relação a novas admissões.

— Que é que está querendo dizer, Sr. Stevens?

— De minha parte, Srta. Kenton, sempre que chegam novatos gosto de me certificar duplamente de que está tudo bem. Verifico todos os aspectos do trabalho deles e tento aferir como estão se conduzindo com os outros membros da criadagem. É, afinal, muito importante obter uma visão clara a respeito deles, tanto tecnicamente quanto em termos de seu impacto no estado de espírito geral. Lamento dizer isto, Srta. Kenton, mas creio que a senhorita tem sido um pouco

omissa neste aspecto.

Por um segundo a Srta. Kenton pareceu confusa. Depois virou-se para mim, e seu rosto mostrava uma certa tensão.

— Que foi que disse, Sr. Stevens?

— Por exemplo, Srta. Kenton, embora a louça esteja sendo lavada dentro de um padrão tão alto quanto sempre foi, percebi que está sendo recolocada nas prateleiras da cozinha de um modo que, embora não obviamente perigoso, mesmo assim resultaria, com o passar do tempo, em mais louças quebradas do que o necessário.

— É mesmo, Sr. Stevens?

— Sim, Srta. Kenton. Mais ainda: aquele pequeno aposento perto da sala de desjejum não é varrido há algum tempo. Desculpe-me, mas há mais umas coisinhas que eu poderia mencionar.

— Não precisa, Sr. Stevens. Como o senhor sugere, vou verificar o trabalho das novas empregadas.

— Não é típico da senhorita deixar passar coisas tão óbvias, Srta. Kenton.

A Srta. Kenton desviou o olhar de mim, e novamente uma expressão de perplexidade cruzou seu rosto, como se ela estivesse tentando entender algo que a deixasse confusa. Não parecia irritada, e sim cansada. Então fechou o aparador e disse:

— Com sua licença, Sr. Stevens.

E retirou-se da sala.

Mas qual é o sentido em estar sempre especulando o que poderia ter acontecido se uma dada ocasião tivesse um desfecho diferente? É provável que assim uma pessoa acabe perdendo o juízo. De qualquer maneira, embora seja válido falar em "momentos decisivos", certamente só se pode identificar tais momentos em retrospecto. Naturalmente, quando hoje se rememora essas ocasiões, elas podem realmente tomar a aparência de momentos cruciais e preciosos na vida da pessoa; mas na época, é claro, esta não era a impressão que se tinha. Mais exatamente, era como se a pessoa tivesse um número infinito de dias, meses, anos nos quais colocar em ordem os caprichos da relação da pessoa com a Srta. Kenton, e um número infundável de outras oportunidades para remediar o efeito deste ou daquele desentendimento. Certamente nada aconteceu na época que indicasse que tais incidentes evidentemente tão pequenos tornariam vários sonhos para sempre irrealizáveis.

Mas vejo que estou me tornando indevidamente introspectivo, e de um modo bastante enfadonho. Sem dúvida é influência da hora tardia e da natureza fatigante dos acontecimentos que tive que enfrentar esta noite. Sem dúvida, outrossim, meu atual estado de espírito não deixa de estar ligado ao fato de que

amanhã — caso a oficina local possa me fornecer gasolina, como os Taylors me asseguraram — deverei chegar em Little Compton na hora de almoço e irei, presumivelmente, reencontrar a Srta. Kenton. depois de todos estes anos. Não há, naturalmente, razão alguma para supor que nosso encontro será algo além de cordial. Na realidade, imagino que nossa conversa — excetuando-se algumas frases informais inteiramente adequadas nas atuais circunstâncias — será de caráter principalmente profissional. Isto é, será minha responsabilidade determinar se a Srta. Kenton tem ou não interesse, agora que seu casamento infelizmente parece ter fracassado e ela está sem lar, em retornar a seu antigo emprego em Darlington Hall. Devo dizer que, tendo relido esta noite a carta dela, inclino-me a crer que posso muito bem ter depreendido de certas frases mais coisas do que seria aconselhável.

Mas ainda insisto que há mais do que uma insinuação de saudade em certos trechos da carta, particularmente quando ela escreve coisas tais como: "Eu gostava tanto daquela vista dos quartos do segundo andar que davam para o gramado, com os campos visíveis a distância!" Por outro lado, contudo, qual é o propósito dessa especulação sem fim a respeito dos desejos reais da Srta. Kenton, se poderei certificar-me dessas coisas com ela própria amanhã? De qualquer maneira, acabei por afastar-me consideravelmente do relato que estava fazendo dos acontecimentos do dia. Quero repetir que essas últimas horas mostraram-se despropositadamente cansativas. Poder-se-ia pensar que ter que abandonar o Ford num morro deserto e caminhar até este povoado na escuridão por um caminho tão pouco ortodoxo já seriam reveses suficientes para uma pessoa suportar numa só noite. E meus bondosos anfitriões, o Sr. e a Sra. Taylor, tenho certeza, jamais teriam a intenção de me fazer passar pelo que passei. Mas o fato é que depois que me sentei para jantar à mesa deles e alguns vizinhos vieram visitá-los, uma série de acontecimentos muitíssimo incômodos começaram a desenrolar-se à minha volta.



O aposento térreo voltado para a frente deste chalé parece servir ao Sr. e à Sra. Taylor tanto como sala de jantar quanto de estar. É um aposento aconchegante, dominado por uma mesa grande e rústica, do tipo que se encontra numa cozinha de fazenda — a superfície sem verniz e com muitas marcas de faca, as quais eu enxergava nitidamente, apesar de estarmos sentados a uma luz baça e amarelada, lançada por um lampião a óleo numa estante a um canto.

— Não que a gente não tenha eletricidade, senhor — comentou o Sr. Taylor em certo momento, indicando o lampião com um gesto de cabeça. — Mas aconteceu alguma coisa com o circuito, e estamos sem ela há quase dois meses. Para dizer a verdade, não sentimos muita falta. Algumas casas do povoado nunca chegaram a ter eletricidade. O lampião dá uma luz mais gostosa.

A Sra. Taylor nos serviu uma boa sopa, que tomamos com pedaços de pão crocante, e àquela altura nada sugeria que a noite guardava para mim algo mais intimidante do que uma hora de agradável conversa antes de me recolher. No entanto, assim que terminamos o jantar, quando o Sr. Taylor estava me servindo um copo de cerveja preparada por um vizinho, ouvimos passos se aproximando pelo cascalho lá fora. Aos meus ouvidos, havia algo um pouco sinistro no som de pés avançando na escuridão até um chalé isolado, mas nem meu anfitrião, nem minha anfitriã pareciam temer qualquer ameaça. Pois foi com curiosidade e nada mais que o Sr. Taylor perguntou:

— Ora, quem poderá ser?

Disse isto mais ou menos consigo mesmo, mas ouvimos então, como resposta, uma voz chamar lá fora:

— É George Andrews. Eu estava passando por acaso...

No momento seguinte a Sra. Taylor fazia entrar um homem robusto, talvez de seus cinquenta anos, que, a julgar pelo vestuário, passara o dia ocupado com trabalhos agrícolas. Com uma familiaridade que sugeria ser ele um visitante regular, aboletou-se num banquinho junto à porta e removeu as botas com algum esforço, enquanto trocava comentários casuais com a Sra. Taylor. Depois foi até a mesa e parou em posição de sentido diante de mim, como um soldado diante de um oficial.

— Meu nome é Andrews — declarou. — Muito boa noite para o senhor. Lamento saber do seu azar, mas espero que não esteja muito abespinhado por passar a noite aqui em Moscombe.

Fiquei um pouco espantado ao ver que o Sr. Andrews soubera do meu “azar”, como ele próprio definira. De qualquer modo, respondi com um sorriso que, longe de estar “abespinhado”, sentia-me extremamente grato pela hospitalidade que estava recebendo. Naturalmente eu me referia à bondade do Sr. e da Sra. Taylor, mas o Sr. Andrews pareceu julgar-se incluído em minha expressão de gratidão, pois disse de imediato, erguendo defensivamente as duas mãos enormes:

— Ah, não, senhor. Nós é que estamos felizes em recebê-lo. Não é sempre que uma pessoa assim como o senhor passa por aqui. Estamos todos muito contentes porque o senhor pôde ficar.

O modo como ele disse isso parecia sugerir que o povoado inteiro estava

sabendo do meu “azar” e da minha subsequente chegada a este chalé. Aliás, como eu logo iria descobrir, isto estava muito próximo da verdade; posso apenas imaginar que nos minutos depois que me trouxeram a este quarto pela primeira vez — enquanto eu lavava as mãos e fazia o possível para consertar o estrago no paletó e na bainha das calças — o Sr. e a Sra. Taylor tinham contado a novidade a algum passante. De qualquer maneira, os minutos seguintes viram a chegada de outro visitante, um homem de aparência muito semelhante à do Sr. Andrews — isto é, um tanto grande e agrária, e usando botas enlameadas, as quais ele removeu exatamente como o Sr. Andrews o fizera. Aliás, a semelhança entre os dois era tão grande que imaginei que fossem irmãos, até que o recém-chegado apresentou-se:

— Morgan, senhor. Trevor Morgan.

O Sr. Morgan expressou sua solidariedade em relação ao meu “problema”, assegurando-me que tudo estaria bem de manhã, para em seguida dizer que eu era muito bem-vindo ao povoado. Naturalmente eu ouvira sentimentos semelhantes expressos minutos antes, mas o Sr. Morgan disse mesmo:

— É um privilégio ter um cavalheiro como o senhor em Moscombe.

Antes que eu tivesse tempo de pensar numa resposta, houve o som de mais passos no caminho lá fora. Logo entrou um casal de meia-idade, que me foi apresentado como o Sr. e a Sra. Harry Smith. Os dois não pareciam agricultores; ela era uma mulher corpulenta e matronal, que me lembrava a Sra. Mortimer, cozinheira em Darlington Hall nas décadas de 20 e 30. Em contraste, o Sr. Harry Smith era um homenzinho com uma expressão intensa, que lhe enrugava a testa. Enquanto tomavam seus lugares em volta da mesa, ele me perguntou:

— Seu carro seria o Ford antigo no alto do morro Thornley Bush, senhor?

— Se se trata da colina próxima daqui, é, sim — respondi. — Mas fico surpreso ao saber que o viram.

— Eu próprio não o vi, senhor. Mas Dave Thornton passou por ele de trator há pouco tempo, voltando para casa. Ficou tão surpreso ao ver o carro estacionado ali que chegou a parar e saltar. — Nesse ponto o Sr. Harry Smith virou-se para os outros em volta da mesa. — Uma beleza, mesmo. Disse que nunca viu coisa igual. Deixa no chinelo o carro do Sr. Lindsay!

Isso provocou risadas em volta da mesa, as quais o Sr. Taylor explicou-me dizendo:

— É um senhor que costumava morar na mansão não muito longe daqui. Fez umas coisas estranhas, e não era muito apreciado por aqui.

Isso trouxe um murmúrio geral de aprovação. Então alguém ergueu um dos canecões de cerveja que a Sra. Taylor tinha acabado de distribuir, e disse:

— À sua saúde, senhor.

No momento seguinte eu estava sendo brindado por todos os presentes. Sorri e declarei:

— O privilégio é todo meu.

— É muita gentileza sua, senhor — disse a Sra. Smith. É assim que são os cavalheiros de verdade. Aquele Sr. Lindsay não era um cavalheiro. Podia ter muito dinheiro, mas nunca foi um cavalheiro.

Novamente todos concordaram. Então a Sra. Taylor cochichou algo ao ouvido da Sra. Smith, fazendo com que esta respondesse:

— Ele disse que viria assim que pudesse.

Ambas se viraram para mim com ar embaraçado, e então a Sra. Smith explicou:

— Dissemos ao Dr. Carlisle que o senhor estava aqui. Ele vai ficar muito feliz em conhecê-lo.

— Imagino que ele tenha muitos pacientes hoje — acrescentou a Sra. Taylor em tom de desculpas. — Infelizmente não temos certeza se ele vai poder aparecer antes de o senhor querer ir dormir.

Foi então que o Sr. Harry Smith, o homenzinho de testa franzida, tornou a inclinar-se para a frente e disse:

— Aquele Sr. Lindsay não entendia nada, sabe? Agindo daquela maneira. Achava que era melhor que nós, pensava que todos nós éramos bobos. Bom, fique sabendo, senhor, que ele logo aprendeu direitinho. Aqui neste lugar a gente pensa muito e conversa muito. O pessoal daqui tem opiniões fortes e não tem medo de defender suas ideias. Isto o tal Sr. Lindsay logo percebeu.

— Não era um cavalheiro — acrescentou baixinho o Sr. Taylor. — Não era um cavalheiro, aquele Sr. Lindsay.

— Isso mesmo, senhor — fez o Sr. Harry Smith. — Só de olhar para ele dava para perceber que não era um cavalheiro. Certo, tinha uma bela casa e roupas boas, mas a gente não se enganava. E isso logo ficou provado.

Houve um murmúrio de concordância, e por um momento todos os presentes pareciam estar tentando decidir se seria apropriado revelar-me a história daquele personagem. Então o Sr. Taylor rompeu o silêncio declarando:

— É verdade o que Harry disse. Dá para reconhecer um cavalheiro de verdade e um falso que está só bem vestido. O senhor, por exemplo. Não são só as suas roupas, nem a bela maneira que o senhor tem de falar. Existe mais alguma coisa que mostra que é um cavalheiro. É difícil dizer exatamente o que é, mas é só olhar que se percebe.

Isso provocou mais sussurros de aprovação em volta da mesa.

— O Dr. Carlisle não deve demorar — interveio a Sra. Taylor. — O senhor vai gostar de conversar com ele.

— O Dr. Carlisle também tem esta coisa — afirmou o Sr. Taylor. — Aquele ali é um cavalheiro de verdade.

O Sr. Morgan, que dissera muito pouco desde a sua chegada, inclinou-se para mim e disse:

— O senhor acha que isso é o quê? Talvez quem tenha possa dizer melhor o que é. Aqui estamos nós, falando sobre quem tem e quem não tem, e não sabemos de que estamos falando. Talvez o senhor possa nos esclarecer.

Um silêncio caiu sobre a mesa e eu senti todos os rostos voltados para mim. Pigarreei e disse:

— Não cabe a mim dissertar sobre as qualidades que eu possa, ou não, possuir. No entanto, no que se refere à questão em particular, imagina-se que a qualidade a que aludem poderia ser denominada "dignidade".

Não vi sentido em tentar explicar melhor a minha afirmação. Aliás, eu apenas exprimira os pensamentos que me vinham à mente enquanto escutava a conversa precedente e duvido que tivesse dito tal coisa se a situação de repente não o exigisse de mim. Minha resposta, no entanto, pareceu causar satisfação.

— Está muito certo o que o senhor disse — declarou o Sr. Andrews, assentindo, e várias vozes concordaram.

— Aquele Sr. Lindsay realmente podia ter um pouco mais de dignidade — comentou a Sra. Taylor. — O problema com esse tipo de gente é que confunde pose de poderoso com dignidade.

— Mas existe um porém — interveio o Sr. Harry Smith. — Com todo respeito pelo que o senhor disse, é preciso explicar. A dignidade não é só uma coisa que os cavalheiros têm. A dignidade é uma coisa que todos os homens e as mulheres deste país podem tentar e conseguir ter. O senhor me desculpe, mas como eu disse antes, aqui nós não fazemos cerimônia para expressar nossas opiniões. E esta é a minha opinião. A dignidade não é só dos cavalheiros.

Percebi, naturalmente, que o Sr. Harry Smith e eu estávamos falando de duas coisas diferentes, e que seria uma tarefa complicada demais me explicar com mais clareza. Assim, achei melhor simplesmente sorrir e dizer:

— Tem toda razão.

Isto obteve o efeito imediato de dissipar a leve tensão que crescera no ambiente enquanto o Sr. Harry Smith estava falando. E o próprio Sr. Harry Smith pareceu perder todas as inibições, pois debruçou-se para a frente e continuou:

— Afinal, foi por isso que lutamos contra Hitler. Se Hitler tivesse o caminho livre, agora seríamos escravos. O mundo inteiro seria de uns poucos patrões e milhões e milhões de escravos. E não preciso lembrar a vocês aqui que não existe dignidade em ser escravo. Por isso nós lutamos e foi isso que ganhamos: ganhamos o direito de sermos cidadãos livres. E um dos privilégios de se nascer

inglês é que, seja você quem for, seja rico ou pobre, você nasceu livre e pode expressar sua opinião livremente, e votar para colocar alguém no Parlamento ou tirar alguém de lá. Isso é que é dignidade, com sua licença, senhor.

— Calma, Harry — fez o Sr. Taylor. — Estou vendo que você está aquecendo o motor para um de seus discursos políticos.

Isso provocou risadas. O Sr. Harry Smith sorriu com certa timidez mas continuou:

— Não estou falando de política. Estou só dizendo o que eu penso. Não pode ter dignidade quem é escravo. Mas qualquer inglês pode ter dignidade se quiser. Porque nós lutamos por este direito.

— Este lugar aqui pode parecer pequeno e fora do mundo, senhor — disse a esposa dele. — Mas demos mais do que a nossa cota na guerra. Mais do que a nossa cota!

Depois que ela disse isso, o ambiente ficou solene, até que finalmente o Sr. Taylor informou-me:

— Harry organiza as coisas aqui para o membro do Parlamento que nós elegemos. Se lhe der chance, ele vai passar a noite dizendo tudo que está errado com o modo de governar este país.

— Ah, mas desta vez eu estava falando do que está certo.

— E o senhor mexe com política? — perguntou o Sr. Andrews.

— Não de maneira direta — respondi. — E particularmente hoje em dia. Antes da guerra, talvez.

— É que eu acho que me lembro de um Sr. Stevens que era membro do Parlamento há uns dois anos. Ouvi um discurso dele no rádio. Disse umas coisas muito inteligentes sobre o problema da moradia. Mas não era o senhor, era?

— Ah, não — falei, com uma risada.

Bem, não estou certo do que me fez dizer o que eu disse em seguida; tudo que sei é que parecia de certa forma necessário, nas circunstâncias em que me encontrava. Pois declarei:

— Na verdade, eu me ocupava mais com política internacional.

Fiquei um tanto pasmo com o efeito que isso pareceu ter sobre meus ouvintes. Isto é, uma sensação de respeito pareceu dominá-los. Acrescentei depressa:

— Nunca tive um cargo importante, entendam. Qualquer influência que eu tenha exercido foi de um modo estritamente não-oficial.

Mas o silêncio respeitoso continuou por vários instantes.

— Com licença, senhor — perguntou a Sra. Taylor afinal. — Mas o senhor conheceu o Sr. Churchill?

— O Sr. Churchill? Ele realmente veio à nossa casa algumas vezes. Mas para

ser bem franco, Sra. Taylor, durante a época em que me envolvi nas grandes questões, o Sr. Churchill não era ainda uma figura tão importante, e não se esperava que ele se tornasse uma. Pessoas como o Sr. Eden e Lord Halifax eram visitantes mais frequentes naquela época.

— Mas o senhor conheceu mesmo o Sr. Churchill? Quanta honra poder dizer isto!

— Não concordo com muitas coisas que o Sr. Churchill diz — interpôs o Sr. Harry Smith. — Mas não há dúvida, é um grande homem. Deve ser emocionante, senhor, discutir assuntos com alguém como ele.

— Bem, devo repetir que não tive muito contato com o Sr. Churchill. Mas como o senhor diz, é muito gratificante privar de sua companhia. De fato, feitas as contas imagino que fui muito feliz, sou o primeiro a admitir. Afinal, tive a felicidade de ter tido contato não apenas com o Sr. Churchill, mas com muitos outros grandes líderes e homens influentes, da América e da Europa. E quando se pensa que tive a sorte de ter tido a atenção deles em muitos assuntos de importância da época, sim, quando penso nisto sinto gratidão. Afinal, é um grande privilégio ter um papel a desempenhar, por menor que seja, no palco do mundo.

— O senhor me desculpe a pergunta, mas que tipo de homem é o Sr. Eden? — quis saber o Sr. Andrews. — Quer dizer, pessoalmente. Sempre tive a impressão de que ele é um sujeito decente. O tipo que pode conversar com qualquer um, rico ou pobre. Estou certo, senhor?

— Eu diria que de maneira geral a sua opinião é correta. Mas naturalmente não vejo o Sr. Eden há muitos anos, e ele pode ter sido muito mudado por pressões. Uma coisa que testemunhei é que a vida pública pode mudar as pessoas, deixando-as irreconhecíveis em poucos anos.

— Não duvido, senhor — retrucou o Sr. Andrews. Até o nosso amigo Harry. Envolveu-se na política há alguns anos, e nunca mais foi o mesmo homem... Houve mais risadas, enquanto o Sr. Harry Smith dava de ombros e permitia que um sorriso lhe cruzasse o rosto. Então disse: — É verdade que fiz muita campanha. Só em nível local, e nunca conheci alguém com a metade da importância das pessoas que o senhor conhece, mas acredito que estou fazendo a minha parte. No meu modo de ver, a Inglaterra é uma democracia, e nós aqui neste povoado sofremos tanto quanto qualquer um para que ela continuasse assim. Agora cabe a nós exercer nossos direitos. Alguns bons rapazes daqui deram a vida para nos dar este privilégio, e no meu modo de ver cada um de nós aqui deve a eles fazer a nossa parte. Todos nós aqui temos opiniões fortes, e é nossa responsabilidade fazer os outros ouvirem. Estamos longe de tudo, é verdade, um povoado pequeno, nenhum de nós é jovem, e a população está

ficando menor. Mas no meu modo de ver nós devemos isto aos rapazes que perdemos. É por isso, senhor, que agora dedico tanto tempo a assegurar que a nossa voz seja ouvida lá em cima. E se isto me modificar, ou me mandar mais cedo para a sepultura, não me importo.

— Eu avisei — fez o Sr. Taylor com um sorriso. — Era impossível que Harry deixasse um cavalheiro importante como o senhor passar pelo nosso povoado sem ouvir seu discurso de sempre.

Houve mais risadas, porém respondi quase que de imediato:

— Julgo compreender muito bem sua posição, Sr. Smith. Entendo que o senhor deseja que o mundo seja um lugar melhor e que o senhor e seus conterrâneos deveriam ter uma oportunidade para contribuir para esse mundo melhor. É um sentimento a ser aplaudido. Ouso dizer que foi um impulso muito semelhante que me levou a me envolver nas grandes questões, antes da guerra. Então, como agora, a paz mundial parecia algo sobre o qual tínhamos um fragilíssimo controle, e eu desejava fazer a minha parte.

— O senhor me desculpe, mas o que eu disse não foi bem isso — retrucou o Sr. Harry Smith. — Para as pessoas como o senhor sempre foi fácil exercer influência. O senhor pode considerar seus amigos os mais poderosos da terra. Mas as pessoas como nós aqui, senhor, entra ano, sai ano e nós nunca botamos os olhos num cavalheiro de verdade, a não ser talvez o Dr. Carlisle. Ele é um médico de primeira classe, mas com todo respeito, não tem ligações. Para nós aqui é fácil esquecer nossa responsabilidade de cidadãos. É por isso que eu trabalho tanto nas campanhas. As pessoas concordem ou não, e eu sei que não há ninguém nesta sala que concorde com tudo que eu digo, pelo menos eu faço com que comecem a pensar. Pelo menos lembro a elas o seu dever. Estamos vivendo num país democrático. Lutamos por isso. Todos nós temos que fazer a nossa parte.

— Que será que aconteceu com o Dr. Carlisle? — fez a Sra. Smith. — Tenho certeza de que o cavalheiro ia gostar de uma conversa educada...

Isso provocou mais risadas.

— Na verdade, foi muito agradável conhecê-los, mas devo confessar que estou começando a me sentir um tanto cansado... — falei.

— É claro! — exclamou a Sra. Taylor. — O senhor deve estar muito cansado. Talvez seja melhor eu ir buscar outro cobertor. Tem feito frio à noite.

— Não, eu lhe asseguro, Sra. Taylor, está tudo muito confortável.

Antes porém, que eu pudesse me levantar, o Sr. Morgan disse:

— Eu estava pensando, senhor. Há um sujeito que gostamos de ouvir no rádio, o nome dele é Leslie Mandrake. Eu estava pensando se o senhor por acaso o conhece.

Respondi que não, e preparei-me para fazer outra tentativa de me recolher, mas fui detido por outras perguntas a respeito das várias personalidades que eu talvez conhecesse. Estava, portanto, ainda sentado quando a Sra. Smith comentou:

— Ah, está chegando alguém. Imagino que seja o doutor, finalmente.

— Eu realmente deveria ir me deitar — falei. — Sinto-me exausto.

— Mas tenho certeza de que agora é o Dr. Carlisle — insistiu a Sra. Smith.
— Por favor, espere alguns minutos.

Quando ela dizia isso, ouviu-se alguém bater na porta e uma voz falou:

— Sou eu, Sra. Taylor.

O cavalheiro que entrou ainda era bem jovem — talvez por volta dos quarenta anos. Era alto e magro; tão alto, na verdade, que foi obrigado a se curvar para passar pela porta do chalé. Assim que deu boa-noite a todos, a Sra. Taylor disse-lhe:

— Aqui está o nosso cavalheiro, doutor. O carro dele está parado lá no Thornley Bush e como resultado ele teve que aturar os discursos do Harry.

O médico se aproximou da mesa e estendeu-me a mão.

— Richard Carlisle — anunciou, com um sorriso alegre, quando fiquei em pé para apertá-la. — Que falta de sorte com o carro. Mas sei que está sendo bem tratado aqui. Até demais, imagino.

— Obrigado — respondi. — Todos têm sido muito bondosos.

— Ora, é bom tê-lo conosco. — O Dr. Carlisle sentou-se quase diretamente defronte a mim, do outro lado da mesa. — De que parte do país o senhor vem?

— Oxfordshire — respondi.

Aliás, não era fácil reprimir o instinto de acrescentar ”senhor”.

— Bela região. Tenho um tio que mora pertinho de Oxford. Bela região.

— O cavalheiro estava nos contando que conhece o Sr. Churchill, doutor — informou a Sra. Smith.

— É mesmo? Eu conheci um sobrinho dele, mas perdemos contato. Nunca tive o privilégio de conhecer o grande homem.

— E não só o Sr. Churchill, mas também o Sr. Eden — continuou a Sra. Smith. — E Lord Halifax.

— É mesmo?

Eu podia sentir os olhos do médico me examinando com atenção. Estava prestes a fazer um comentário qualquer, mas antes que pudesse fazê-lo o Sr. Andrews anunciou:

— O cavalheiro estava nos dizendo que teve muita influência na política internacional em certa época.

— É mesmo?

Pareceu-me que o Dr. Carlisle ficava me encarando durante um tempo excessivo. Depois recuperou seus modos alegres e perguntou:

— Está viajando a passeio?

— Principalmente — respondi, com uma risadinha.

— Muitos lugares bonitos por aqui. Ah, aliás, Sr. Andrews, desculpe-me por não ter ainda devolvido o serrote.

— Não tem pressa, doutor.

Por um momento o foco de atenções afastou-se de mim e pude ficar em silêncio. Então, aproveitando o que me pareceu um momento apropriado, ergui-me, dizendo:

— Por favor deem-me licença. Foi uma noite muito agradável, mas preciso me recolher.

— Que pena o senhor ter que ir dormir — comentou a Sra. Smith. — O doutor acabou de chegar...

O Sr. Harry Smith inclinou-se por cima da esposa e disse ao Dr. Carlisle:

— Eu tinha esperança de que o cavalheiro tivesse algo a dizer a respeito das suas ideias sobre o Império, doutor. — Então, virando-se para mim, continuou: — O doutor é a favor de todos os países pequeninhos ficarem independentes. Eu não tenho cultura para provar que ele está errado, mas sei que está. E eu ficaria interessado em ouvir o que uma pessoa como o senhor teria a dizer sobre o assunto.

Novamente o olhar do Dr. Carlisle pareceu me estudar. Então disse:

— Uma pena, mas devemos deixar o cavalheiro se recolher. Ele teve um dia cansativo, imagino.

— Realmente — falei, com outra risadinha, e comecei a rodear a mesa. Para meu constrangimento, todos os presentes, inclusive o Dr. Carlisle, puseram-se de pé.

— Muito obrigado a todos — falei, sorrindo. — Sra. Taylor, foi um jantar esplêndido. Desejo uma boa noite a todos.

Em resposta houve um coro de "Boa noite, senhor". Eu estava quase saindo da sala quando a voz do médico fez-me parar à porta.

— Escute, meu velho — disse ele. Quando me virei, vi que ele continuava em pé. — Amanhã bem cedo tenho que visitar um paciente em Stanbury. Teria prazer em lhe dar uma carona até seu carro. Vai lhe poupar a caminhada. E no caminho podemos pegar gasolina com Ted Hardacre.

— É muita bondade sua — respondi. — Mas não quero lhe dar trabalho.

— Trabalho nenhum. Sete e meia está bem?

— Seria realmente de grande ajuda.

— Está certo, então. Sete e meia. Faça seu hóspede estar em pé e alimentado

às sete e meia, Sra. Taylor. — Então, virando-se novamente para mim, acrescentou: — Afinal vamos poder conversar. Embora Harry não vá ter a satisfação de assistir a minha humilhação.

Houve risos e outra troca de votos de boa noite antes que me permitissem finalmente subir para o refúgio deste quarto.



Creio que não preciso descrever a extensão do constrangimento que sofri esta noite por causa do infeliz mal-entendido em relação a minha pessoa. Posso apenas dizer agora que com toda a honestidade não consigo imaginar como poderia razoavelmente evitar que a situação chegasse ao que chegou; pois no estágio em que tomei consciência do que estava acontecendo, as coisas tinham ido tão longe que eu não poderia ter esclarecido aquela gente sem criar muito constrangimento para todos.

De qualquer maneira, por mais lamentável que tenha sido o caso, não vejo mal algum no que ocorreu. Afinal, amanhã vou me despedir dessas pessoas e presumivelmente jamais as encontrarei novamente. Não parece haver muito sentido em preocupar-me com isso. No entanto, à parte o infeliz mal-entendido, existem talvez um ou dois aspectos dos acontecimentos desta noite que merecem alguns minutos de meditação — mesmo que seja apenas porque caso contrário eles podem vir a me fazer perder tempo com ninharias nos próximos dias. Há, por exemplo, a questão das declarações do Sr. Harry Smith a respeito de "dignidade". Evidentemente suas afirmações contêm pouca coisa que mereça um exame sério. Naturalmente é preciso entender que o Sr. Harry Smith estava empregando a palavra "dignidade" num sentido inteiramente diferente do meu próprio. Mesmo assim, mesmo aceitos em seus próprios termos, seus pronunciamentos eram, certamente, idealistas em demasia, teóricos em demasia, para merecer respeito. Até certo ponto, sem dúvida, há alguma verdade no que ele diz: num país como o nosso, as pessoas podem realmente ter uma certa obrigação de pensar sobre as grandes questões e formar sua opinião. Mas, sendo a vida o que é, como esperar que as pessoas comuns tenham "opiniões fortes" em todo tipo de coisas como o Sr. Harry Smith, um tanto fantasticamente, afirma ocorrer neste povoado? E não apenas essas perspectivas são pouco realistas, como também chego a duvidar que sejam até mesmo desejáveis. Afinal, há um limite real para quanto uma pessoa comum pode aprender e saber, e exigir que todas elas contribuam com "opiniões fortes" para os grandes debates da nação

não pode, certamente, ser muito aconselhável. De qualquer maneira, é absurdo que alguém se arvore em definir a "dignidade" de uma pessoa nesses termos.

Por acaso há um exemplo que me vem à mente e que, acredito, ilustra bastante bem os limites reais da verdade que possa estar contida nas opiniões do Sr. Harry Smith. Acontece tratar-se de um exemplo tirado da minha própria experiência, um episódio que teve lugar antes da guerra, por volta de 1935.

Pelo que me lembro, fui chamado bem tarde — era depois da meia-noite — à sala de estar onde Sua Excelência estava conversando com três cavalheiros desde o jantar. Naturalmente eu tinha sido chamado várias vezes para providenciar bebidas, e tinha observado nessas ocasiões os cavalheiros imersos em conversas a respeito de assuntos muito sérios. Quando entrei na sala nessa última ocasião, contudo, todos os cavalheiros pararam de falar e olharam para mim. Sua Excelência pediu:

— Aproxime-se, Stevens, por favor. O Sr. Spencer deseja uma palavra com você.

O cavalheiro em questão continuou olhando para mim por um instante sem modificar a postura um tanto lânguida que adotara em sua poltrona. Depois disse:

— Meu bom homem, tenho uma pergunta a lhe fazer. Precisamos de sua ajuda em certo assunto que estivemos debatendo. Diga-me, acha que a situação de inadimplência em relação à América é um fator significativo nos atuais níveis baixos de comércio? Ou julga ser esta assertiva falaz e que o abandono do padrão-ouro está no cerne do problema?

Naturalmente fiquei um pouco surpreso, mas depressa entendi a situação; obviamente esperava-se que eu ficasse desconcertado com a pergunta. De fato, nos poucos instantes necessários para que eu percebesse esse fato e compusesse uma resposta apropriada, posso até ter dado a impressão de estar lutando com a pergunta, pois vi que todos os cavalheiros trocavam sorrisos.

— Lamento muito, senhor, mas nesta questão não tenho condições de prestar-lhe ajuda.

A essa altura eu era senhor da situação, mas os cavalheiros continuavam a sorrir discretamente. O Sr. Spencer prosseguiu.

— Então talvez possa nos auxiliar em outra questão. Você diria que o problema de moeda corrente na Europa poderia ser minorado ou agravado se houvesse um acordo entre os franceses e os bolcheviques?

— Lamento muito, senhor, mas nesta questão não tenho condições de prestar-lhe ajuda.

— Ora, ora — suspirou o Sr. Spencer. — Quer dizer que nisto também você não pode nos ajudar.

Houve mais sorrisos disfarçados antes que Sua Excelência dissesse:

— Muito bem, Stevens. É tudo.

— Por favor, Darlington, tenho mais uma pergunta a fazer ao nosso bom homem — interpôs o Sr. Spencer. — Gostaria muito da ajuda dele no problema que atualmente constrange muitos de nós, e que nós todos estamos cômicos de ser fundamental às diretrizes de nossa política externa. Meu bom amigo, por favor venha em nosso auxílio. O que Monsieur Laval pretendia realmente com seu recente discurso sobre a situação no norte da África? Você também opina que foi simplesmente um truque para surpreender e liquidar o segmento nacionalista de seu próprio partido em casa?

— Lamento muito, senhor, mas nesta questão não tenho condições de prestar-lhe ajuda.

— Vejam, senhores — fez o Sr. Spencer, virando-se para os outros. — Nosso amigo aqui não tem condições de nos prestar ajuda nestas questões.

Isso provocou mais risos, agora mal reprimidos.

— No entanto, ainda persistimos na ideia de que se deixe as decisões da nação nas mãos de nosso bom homem aqui presente e dos milhões como ele! — exclamou o Sr. Spencer. — É de se espantar, sobrecarregados como estamos por nosso atual sistema parlamentarista, que sejamos incapazes de encontrar uma solução para as nossas muitas dificuldades? Ora, é o mesmo que pedir a um comitê de mães para organizar uma campanha de guerra.

A esse comentário seguiram-se risadas francas e calorosas, durante as quais Sua Excelência murmurou:

— Obrigado, Stevens.

E assim permitiu que eu me retirasse. Embora, obviamente, essa tenha sido uma situação ligeiramente constrangedora, estava longe de ser a mais difícil, ou até mesmo uma especialmente singular, que uma pessoa pode encontrar no decurso das suas obrigações, e todos sem dúvida concordarão que qualquer profissional decente deveria estar preparado para aceitar tranquilamente tais ocorrências. Portanto, eu já quase esquecera o episódio na manhã seguinte, quando Lord Darlington entrou no salão de bilhar no momento em que eu estava no alto de uma escada de mão espanando os retratos, e disse:

— Escute aqui, Stevens, foi horrível o castigo que lhe demos ontem à noite.

Fiz uma pausa no que estava fazendo e respondi:

— De modo algum, senhor. Fico feliz em prestar serviço.

— Foi horrível. Acho que nós todos tínhamos jantado bem demais. Por favor, aceite as minhas desculpas.

— Obrigado, senhor. Mas tenho prazer em assegurar-lhe que não fui indevidamente incomodado.

Sua Excelência parecia cansado ao dirigir-se a uma poltrona de couro; sentou-se e suspirou. De meu ponto de observação em cima da escada eu podia ver praticamente toda a sua figura comprida banhada pela luz do sol que jorrava pelas portas-janelas e iluminava grande parte do aposento. Era, pelo que me lembro, um desses momentos que traziam à consciência a extensão com que as pressões da vida tinham deixado suas marcas em Sua Excelência ao longo de um número de anos relativamente pequeno. O corpo, sempre esguio, tornara-se alarmantemente magro e um tanto curvado; os cabelos, prematuramente brancos; o rosto, tenso e abatido. Por um momento ele ficou sentado olhando os campos através das portas-janelas, depois repetiu:

— Foi realmente horrível. Mas entenda, Stevens, o Sr. Spencer precisava provar uma coisa a Sir Leonard. Aliás, se lhe é de algum consolo, você ajudou a demonstrar um ponto muito importante. Sir Leonard tem apregoado muito essas tolices ultrapassadas. Sobre a vontade do povo ser o melhor árbitro, e assim por diante. Dá para acreditar, Stevens?

— Realmente, senhor.

— Somos tão lentos, neste país, para perceber quando uma coisa é ultrapassada... Outras grandes nações sabem muito bem que aceitar os desafios de cada nova época significa abandonar métodos antigos, às vezes muito apreciados. Não aqui na Inglaterra. Ainda há muitos que falam como Sir Leonard ontem à noite. Por isso o Sr. Spencer sentiu necessidade de provar sua teoria. E eu lhe digo, Stevens, se pessoas como Sir Leonard puderem ser despertadas e pensarem um pouco, então posso garantir a você que seu sacrifício de ontem à noite não foi em vão.

— É verdade, senhor.

Lord Darlington suspirou.

— Somos sempre os últimos, Stevens. Sempre os últimos agarrados a sistemas ultrapassados. Mais cedo ou mais tarde, porém, teremos que enfrentar os fatos. A democracia pertence a uma época já passada. O mundo é hoje um lugar complicado demais para o sufrágio universal e coisas assim. E para um sem-número de membros do Parlamento debatendo as coisas sem que se tome uma única providência. Tudo muito válido alguns anos atrás, talvez, mas no mundo de hoje? Que era que o Sr. Spencer estava dizendo ontem? Ele colocou muito bem o problema.

— Creio, senhor, que ele comparou o atual sistema parlamentarista a um comitê de mãos tentando organizar uma campanha de guerra.

— Exatamente, Stevens. Falando francamente, estamos muito atrasados neste país. E é imperativo que todas as pessoas voltadas para o futuro convençam disto as pessoas como Sir Leonard.

— Realmente, senhor.

— Eu lhe pergunto, Stevens. Aqui estamos nós, no meio de uma crise constante. Vi com meus próprios olhos quando fui ao norte com o Sr. Whittaker. O povo está sofrendo. Pessoas comuns, decentes, trabalhadoras, estão sofrendo terrivelmente. A Alemanha e a Itália arrumaram a casa pondo-se em ação. E assim fizeram os malditos bolcheviques à maneira deles, imagina-se. Até mesmo o presidente Roosevelt, veja só, ele não tem medo de tomar certas atitudes corajosas pelo bem do povo. Mas olhe para nós, Stevens: ano após ano, nada melhora. Tudo o que fazemos é argumentar, debater e procrastinar. Qualquer ideia decente recebe tantas emendas que já perde a eficiência antes de acabar de passar por todos os comitês. As poucas pessoas qualificadas para saber alguma coisa são levadas à inércia pelo discurso de pessoas ignorantes em toda parte. Que é que você pensa disto tudo, Stevens?

— A nação parece estar em condições lamentáveis, senhor.

— Concordo. Veja a Alemanha e a Itália, Stevens. Veja o que uma liderança forte é capaz de fazer, se lhe for permitido agir. Nada desta tolice de sufrágio universal, lá. Se sua casa estiver pegando fogo, você não chama os moradores para a sala de estar e inicia um debate de uma hora sobre as várias opções de fuga, não é? Antigamente isto podia ser muito correto, mas o mundo agora é um lugar complicado. Não se pode esperar que o homem comum conheça o suficiente de política, economia, comércio mundial e não sei mais quê. E por que deveria? Na realidade, ontem à noite você deu uma resposta muito boa, Stevens. Como foi mesmo? Alguma coisa no sentido de que não era da sua esfera? Ora, e por que deveria ser?

Ocorre-me, ao lembrar estas palavras, que naturalmente muitas das ideias de Lord Darlington parecerão muito peculiares hoje em dia — e até mesmo, às vezes, pouco atraentes. Mas certamente não se pode negar que há um importante elemento de verdade nessas coisas que ele me disse naquela manhã no salão de bilhar. É claro que é absurdo esperar que qualquer mordomo esteja em posição de responder a perguntas do tipo das que o Sr. Spencer me fez naquela noite, e a afirmação de pessoas como o Sr. Harry Smith de que a “dignidade” de uma pessoa está condicionada a ela poder fazer isso é visivelmente tola. Vamos estabelecer claramente: o dever de um mordomo é prestar um bom serviço. Não é intrometer-se nas grandes questões da nação. O fato é que estas sempre estarão fora do alcance do entendimento das pessoas como vocês e eu, e aqueles de nós que desejam deixar sua marca devem entender que melhor faremos isto concentrando-nos no que está dentro da nossa esfera; isto é, dedicando nossa atenção a servir o melhor possível aqueles grandes cavalheiros em cujas mãos repousa verdadeiramente o destino da civilização. Isto pode parecer óbvio, mas

por outro lado poder-se-ia citar de imediato demasiados mordomos que, pelo menos durante algum tempo, pensaram de outro modo. Aliás, as palavras do Sr. Harry Smith esta noite lembram-me muito o tipo de idealismo equivocado que atingiu importantes setores da nossa geração através das décadas de 20 e 30. Refiro-me àquela faixa de opinião na profissão que sugeria que qualquer mordomo com aspirações importantes teria que estar sempre reavaliando o patrão — examinando-lhe os motivos, analisando as implicações de suas opiniões. Apenas assim, prosseguia o argumento, podia-se ter certeza de que as próprias habilidades estavam sendo empregadas com um propósito desejável. Embora se possa solidarizar até certo ponto com o idealismo contido neste argumento, não pode haver dúvidas de que ele resulta, assim como os sentimentos expressos esta noite pelo Sr. Harry Smith, de um raciocínio equivocado. Basta olhar para os mordomos que tentaram colocar este princípio em prática, e ver-se-á que suas carreiras — e em alguns casos eram carreiras extremamente promissoras — deram em nada, como consequência direta. Conheci pessoalmente pelo menos dois profissionais, ambos de certa capacidade, que passavam de um patrão para outro, eternamente insatisfeitos, nunca se fixando em parte alguma, até desaparecerem de vista. Não surpreende que isto aconteça. Pois simplesmente não é possível, na prática, adotar uma atitude assim crítica em relação a um patrão e ao mesmo tempo servi-lo bem. Não me refiro simplesmente à dificuldade de se atender às exigências de um serviço de alto nível enquanto a própria atenção está sendo desviada para esses temas; mais fundamentalmente, um mordomo que está eternamente tentando formular suas próprias “opiniões fortes” a respeito dos negócios de seu patrão fatalmente carecerá de uma qualidade essencial em todos os bons profissionais: a saber, a lealdade. Por favor não me entendam mal; não me refiro ao tipo de lealdade” estúpida de cuja falta os patrões medíocres se queixam quando se veem incapazes de reter os serviços de profissionais de alto calibre. De fato, eu estaria entre os últimos a advogar que se entregue descuidadamente nossa lealdade a qualquer dama ou cavalheiro que por acaso nos empregue por algum tempo. No entanto, se um mordomo pretende ter qualquer valor para alguma coisa ou alguém na vida, certamente deverá chegar o momento em que cessa a sua busca; o momento em que deverá dizer a si mesmo. “Este patrão personifica tudo que considero nobre e admirável. De agora em diante vou me dedicar a servi-lo.” Trata-se da lealdade inteligente. Que há nisto de “indigno”? Simplesmente aceita-se uma verdade inescapável: que pessoas como vocês e eu nunca estarão em posição de compreender as grandes questões do mundo de hoje, e nossa melhor conduta será sempre colocar nossa confiança num patrão que julguemos sábio e honrado, e devotando nossa energia à tarefa de servi-lo o

melhor que pudermos. Vejam o Sr. Marshall, por exemplo, ou o Sr. Lane — certamente duas das maiores figuras da nossa profissão. Podemos imaginar o Sr. Marshall discutindo com Lord Camberley a respeito do último despacho do patrão para o Ministério do Exterior? Admiramos menos o Sr. Lane porque descobrimos que ele não tem o hábito de interrogar Sir Leonard Gray antes de cada discurso deste na Câmara dos Comuns? Claro que não. Que há de “indigno”, que há de minimamente culposos em tal atitude? Como uma pessoa pode ser considerada culpada porque, digamos, o passar do tempo mostrou que os esforços de Lord Darlington eram equivocados, e até mesmo absurdos? Através dos anos prestei-lhe serviço, e foi ele quem pesou as evidências e achou melhor proceder como procedeu, ao passo que eu simplesmente limitei-me, devidamente, aos assuntos dentro da minha própria esfera profissional. E no que me diz respeito, cumpri minhas obrigações da melhor maneira possível, e até mesmo num padrão de qualidade que muitos podem considerar “de primeira». Não é minha culpa se a vida e a obra de Sua Excelência passaram hoje a parecer, na melhor das hipóteses, um triste desperdício — e é inteiramente ilógico que eu deva sentir qualquer arrependimento ou vergonha de mim mesmo.

Quarto dia



TARDE

Little Compton, Cornualha

FINALMENTE CHEGUEI a Little Compton, e neste momento estou sentado no salão de jantar do Rose Garden Hotel, tendo há pouco terminado o almoço. Lá fora a chuva cai pesadamente.

O Rose Garden Hotel, embora não seja luxuoso, é certamente aconchegante e confortável, e não se pode reclamar da despesa extra de instalar-se aqui. Fica convenientemente situado numa esquina da praça do povoado, uma encantadora mansão coberta de hera que pode abrigar, eu imaginaria, uns trinta hóspedes. Este «salão de jantar» onde me encontro, no entanto, é um anexo moderno, construído junto ao prédio principal — um aposento comprido e plano, caracterizado por fileiras de amplas janelas de ambos os lados. De um lado vê-se a praça do povoado; do outro, o jardim dos fundos, um roseiral de onde este estabelecimento presumivelmente tirou seu nome. O jardim, que parece bem protegido do vento, tem diversas mesas espalhadas, e, quando o tempo está bom, imagino que seja um lugar muito agradável para se fazer uma refeição ou tomar uma bebida. Aliás, sei que mais cedo alguns hóspedes chegaram a iniciar o almoço ali, para serem interrompidos pelo aparecimento de nuvens augurando tempestade. Quando cheguei aqui, há mais ou menos uma hora, os empregados estavam esvaziando às pressas as mesas do jardim — enquanto seus ocupantes, inclusive um cavalheiro com um guardanapo ainda enfiado no pescoço,

postavam-se em volta com ar indeciso. Então, logo depois, a chuva caiu com tanta ferocidade que por um momento pareceu que todos os hóspedes pararam de comer só para olhar pelas janelas.

Minha mesa fica no lado voltado para a praça, de modo que passei grande parte da última hora observando a chuva cair na praça, no Ford e nos outros poucos carros estacionados lá fora. A chuva agora acalmou um pouco, mas ainda está suficientemente forte para desencorajar qualquer um de sair e passear pelo povoado. Naturalmente ocorreu-me a possibilidade de sair agora para encontrar a Srta. Kenton; mas em minha carta informei que chegaria às três horas, e não acho sensato surpreendê-la chegando antes. Parece então muito provável que, se a chuva não cessar logo, eu vá permanecer aqui tomando chá até chegar o momento apropriado para ir. Certifiquei-me, com a jovem que me serviu o almoço, de que o endereço onde a Srta. Kenton reside atualmente fica a uns quinze minutos de caminhada, o que significa que tenho pelo menos mais uns quarenta minutos de espera.

Devo dizer, aliás, que não sou tolo a ponto de estar despreparado para uma decepção. Estou inteiramente cômico de que nunca cheguei a receber uma resposta da Srta. Kenton confirmando que estaria feliz em me encontrar. No entanto, conhecendo a Srta. Kenton como conheço, inclino-me a achar que a ausência de uma carta pode ser tomada como concordância; se este encontro fosse, por qualquer motivo, inconveniente, ela não teria hesitado em avisar-me. Além do mais, informei em minha carta que tinha feito uma reserva para este hotel, e que qualquer recado de última hora poderia ser deixado aqui para mim; o fato de não haver mensagem alguma à minha espera pode, acredito, ser tomado como mais uma razão para imaginar que esteja tudo bem. Este atual dilúvio constitui uma certa surpresa, já que o dia começou com o belo sol matinal que me vem abençoando todas as manhãs desde que deixei Darlington Hall.

Aliás, este dia começou bem em vários sentidos, com um desjejum de ovos frescos de fazenda e torradas, tudo preparado para mim pela Sra. Taylor, e com a chegada do Dr. Carlisle às sete e meia, como prometido, consegui despedir-me dos Taylors — que persistiram em não querer ouvir falar em remuneração — antes que outras conversas embaraçosas tivessem a chance de acontecer.

“Consegui uma lata de gasolina para você — anunciou o Dr. Carlisle, enquanto me indicava o assento do carona no Rover.

Agradei-lhe a boa vontade, mas quando perguntei pelo pagamento descobri que tampouco ele queria ouvir falar nisso.

— Bobagem, meu velho. É só um pouquinho que encontrei nos fundos da minha garagem. Mas é o suficiente para você chegar a Crosby Gate, onde vai poder abastecer.

O centro do povoado de Moscombe, ao sol da manhã, mostrou ser um certo número de pequenas lojas rodeando uma igreja, cuja torre eu vira do morro na noite anterior. Tive pouca oportunidade de estudar o povoado, no entanto, pois o Dr. Carlisle virou de súbito para uma estrada particular.

— Só um atalho — explicou, enquanto passávamos por celeiros e veículos agrícolas estacionados. Parecia não haver qualquer pessoa em parte alguma, e em certo ponto, quando encontramos uma porteira fechada, o médico disse:

— Sinto muito, meu chapa, mas será que pode fazer as honras da casa?

Desci e fui até a porteira, e assim que o fiz um furioso coro de latidos explodiu num dos celeiros próximos, de modo que foi com certo alívio que tornei a juntar-me ao Dr. Carlisle no Rover.

— Escute, espero que não me ache grosseiro, mas você não é um tipo de criado, é?

Devo confessar que o sentimento que me dominou ao ouvir isto foi de alívio.

— Sou sim, senhor. Na verdade, sou mordomo em Darlington Hall, perto de Oxford.

— Foi o que imaginei. Tudo aquilo de ter conhecido Winston Churchill e por aí afora. Pensei, bom, ou o sujeito está se atolando em mentiras ou... Então me ocorreu que havia uma explicação simples.

O Dr. Carlisle virou-se para mim com um sorriso enquanto dirigia o carro pela estrada íngreme e sinuosa. Falei:

— Não era minha intenção enganar alguém, senhor. Contudo...

— Ah, não precisa explicar, meu velho. Posso imaginar como aconteceu. Quer dizer, você é um espécime bem impressionante. As pessoas daqui fatalmente pensariam que é pelo menos um nobre, um duque. — O médico soltou uma risada. — Deve ser muito agradável ser confundido com um nobre a toda hora...

Viajamos em silêncio por algum tempo. Então o Dr Carlisle disse:

— Bom, espero que tenha gostado de sua curta estada conosco.

— Gostei muito, obrigado, senhor.

— E que achou dos cidadãos de Moscombe? Não é uma turminha ruim, certo?

— Muito simpáticos, senhor. O senhor e a Sra. Taylor foram extremamente bondosos.

— Gostaria que não me chamasse de senhor o tempo todo, Sr. Stevens. Não, não é uma turminha ruim. No que me diz respeito, passaria alegremente o resto da minha vida por aqui...

Julguei ouvir algo levemente estranho no modo como o Dr. Carlisle disse aquilo. Havia, também, um toque curiosamente deliberado no modo como ele

perguntou:

— Então achou-os simpáticos, não é?

— Realmente, doutor. Extremamente simpáticos.

— E então, de que falaram ontem? Espero que não o tenham entediado com os mexericos locais.

— De modo algum, doutor. Aliás, a conversa pendeu para um tom bem sério, e vários pontos de vista muito interessantes foram expressos.

— Ah, está falando de Harry Smith — disse o médico com uma risada. — Não devia dar-lhe atenção. É divertido ouvi-lo durante algum tempo, mas, francamente, ele está muito confuso. Às vezes dá para pensar que é uma espécie de comunista, depois ele se sai com algo que parece torná-lo um conservador autêntico. A verdade é que ele está muito confuso.

— Ah, muito interessante.

— Qual foi o assunto da conferência de ontem? O Império? A saúde pública?

— O Sr. Smith limitou-se a tópicos mais gerais.

— Ah, foi? Por exemplo?

Pigarreei.

— O Sr. Smith tinha algumas ideias sobre a natureza da dignidade.

— Entendo. Ora, isto parece filosófico demais para Harry Smith. Como foi que ele chegou lá?

— Acredito que o Sr. Smith estava destacando a importância do trabalho de campanha no povoado.

— Ah, foi?

— Estava expondo para mim a teoria de que os habitantes de Moscombe têm opiniões fortes a respeito de todo tipo de questões importantes...

— Ah, sim. Parece mesmo coisa do Harry Smith. Como você provavelmente adivinhou, tudo bobagem, claro. Harry está sempre andando por aí tentando entusiasmar todo mundo. Mas a verdade é que as pessoas são mais felizes quando são deixadas em paz.

Ficamos novamente em silêncio por uns instantes. Finalmente, falei:

— Desculpe-me a pergunta, senhor. Mas posso concluir que o Sr. Smith é considerado algo como uma figura cômica?

— Hum? Acho que isto seria ir longe demais. As pessoas têm mesmo um certo tipo de consciência política aqui. Açam que deveriam ter opiniões fortes sobre as coisas, como Harry insiste em que tenham. Mas, francamente, não são diferentes das pessoas de qualquer outro lugar. Querem uma vida sossegada. Harry tem uma porção de ideias sobre mudanças nisto ou naquilo, mas, francamente, ninguém no povoado deseja uma revolução, mesmo que seja em seu benefício. As pessoas aqui querem ser deixadas em paz para levarem suas

vidinhas tranquilamente. Não querem ser incomodadas com este ou aquele assunto.

Fiquei surpreso com o tom de amargura na voz do médico. Mas ele se refez depressa e comentou, com uma risada curta:

— Veja que bela vista do povoado.

De fato, o povoado fizera-se visível abaixo de nós. Naturalmente o sol matinal dava-lhe um aspecto muito diferente, mas fora isso a paisagem parecia a mesma que contemplei na penumbra do crepúsculo, e desse fato deduzi que estávamos agora perto do local onde eu deixara o Ford. Comentei:

— O Sr. Smith parecia ser da opinião de que a dignidade de uma pessoa está em coisas como essas. Ter opiniões fortes, e assim por diante.

— Ah, sim, a dignidade. Eu estava esquecendo. Sim, quer dizer que Harry estava tentando lidar com definições filosóficas. Meu Deus!, imagino que ele tenha dito um monte de besteiras.

— As conclusões dele não eram necessariamente aquelas que clamam por concordância, senhor.

O Dr. Carlisle assentiu, mas, parecia mergulhado em seus próprios pensamentos. Finalmente revelou:

— Sabe, Sr. Stevens quando cheguei aqui eu era um socialista atuante. Acreditava em servir ao povo e tudo mais. Cheguei em 1949. O socialismo permitiria que as pessoas vivessem com dignidade. Era o que eu acreditava quando vim para cá. Desculpe-me, sei que não vai querer ouvir esta chorumela.

— Virou-se para mim com bom humor: — E você, meu chapa?

— Como, senhor?

— O que acha que é a dignidade?

Uma pergunta tão direta, admito, pegou-me de surpresa.

— É uma coisa bem difícil de explicar em poucas palavras, senhor — respondi. — Mas suspeito que no fundo trata-se apenas de não tirar a roupa em público.

— Desculpe... Que foi que disse?

— A dignidade, senhor.

— Ah. — O médico assentiu, mas parecia um tanto confuso. Então disse — Esta estrada deveria ser familiar. Com certeza parece diferente à luz do dia. Ah, é aquele ali? Ora, que lindo carro!

O Dr. Carlisle estacionou atrás do Ford, desembarcou e repetiu:

— Ora, que lindo carro.

Num instante ele apareceu com um funil e uma lata de gasolina, e me ajudou bondosamente a abastecer o Ford. Quaisquer temores que eu tinha de que um problema mais sério pudesse estar afetando o Ford foram apaziguados quando

tentei a ignição e ouvi o motor pegar com um murmúrio saudável. Nesse ponto agradei ao Dr. Carlisle e nos despedimos, embora eu tenha sido obrigado a seguir na traseira do Rover pela sinuosa estrada do morro durante mais de um quilômetro, até que nossos caminhos se separaram. Foi por volta das nove horas que atravessei a fronteira para a Cornualha. Isso foi pelo menos três horas antes da chuva, e as nuvens ainda eram de um branco brilhante. Aliás, muitos dos panoramas que contemplei esta manhã estavam entre os mais encantadores que já encontrei até agora. Foi uma pena, portanto, que eu não tenha podido dar-lhes toda a, atenção que mereciam; pois, pode-se muito bem confessar, havia uma certa preocupação com a ideia de que — a não ser por uma complicação imprevista — ir-se-ia reencontrar a Srta. Kenton antes do final do dia. Foi assim então que, dirigindo velozmente entre grandes campos abertos, sem qualquer ser humano ou veículo visível por quilômetros, ou então atravessando, cautelosamente aldeiazinhas pitorescas, algumas não mais que um punhado de chalés de pedra, encontrei-me mais uma vez remexendo em lembranças do passado. E agora, sentado aqui em Little Compton, no salão de jantar deste agradável hotel e dispondo de algum tempo livre, contemplando a chuva cair nas calçadas da praça lá fora, não consigo impedir, minha mente de continuar a vagar por esses mesmos caminhos.

Uma lembrança em particular preocupou-me durante toda a manhã — ou melhor, um fragmento de lembrança, um momento que, não sei por que motivo, permaneceu vívido em mim através dos anos. É a recordação de estar sozinho no corredor dos fundos diante da porta fechada da sala da Srta. Kenton; na verdade eu não estava de frente para a porta, mas parado com a minha pessoa meio voltada para ela, imobilizado pela hesitação entre bater ou não à porta; pois naquele momento, pelo que me lembro, ocorrera-me a certeza de que atrás daquela mesma porta, a poucos metros de mim, a Srta. Kenton estava chorando. Como declarei, este momento permaneceu firmemente embebido em minha memória, assim como a lembrança da sensação estranha que cresceu dentro de mim enquanto eu estava parado ali. No entanto, agora não tenho certeza das circunstâncias que me levaram a postar-me assim no corredor dos fundos. Ocorre-me que em outro trecho, na tentativa de reunir tais lembranças, posso muito bem ter afirmado que esta lembrança derivava-se dos minutos imediatamente seguintes àquele em que a Srta. Kenton recebeu a notícia da morte da tia; isto é, a ocasião em que, tendo-a deixado só com a sua dor, lembrei-me no corredor que não lhe tinha oferecido os pêsames. Agora, porém, tendo pensado melhor, creio que possa ter feito uma pequena confusão; na realidade este fragmento de lembrança deriva-se de acontecimentos que tiveram lugar certa noite, pelo menos alguns meses antes da morte da tia da Srta. Kenton

na noite em que o jovem Sr. Cardinal apareceu em Darlington Hall um tanto inesperadamente.



O pai do Sr. Cardinal, Sir David Cardinal, tinha sido durante muitos anos o mais íntimo amigo e companheiro de Sua Excelência, mas morrera tragicamente num acidente de equitação uns três ou quatro anos antes da noite que agora relato. Nesse ínterim, o jovem Sr. Cardinal construíra uma certa reputação como jornalista, especializando-se em comentários humorísticos a respeito de política internacional. Evidentemente, seus artigos raramente agradavam Lord Darlington pois lembro-me de várias ocasiões em que ele ergueu os olhos do jornal e disse algo como: "O jovem Reggie escrevendo tolices outra vez. Ainda bem que o pai não está vivo para ver isto!" Mas os artigos do Sr. Cardinal não impediram que ele fosse um visitante frequente; de fato, Sua Excelência nunca esqueceu que o rapaz era seu afilhado, e sempre o tratou como alguém da família. Ao mesmo tempo, nunca foi hábito do Sr. Cardinal aparecer para jantar sem avisar de antemão, e assim fiquei bastante surpreso quando ao abrir a porta naquela noite encontrei-o ali, a pasta aninhada nos braços.

— Ah, olá, Stevens, como vai? — fez ele. — Acontece que estou com um pequeno problema e gostaria de saber se Lord Darlington pode me hospedar por esta noite.

— É um prazer vê-lo, novamente, senhor. Vou dizer a Sua Excelência que o senhor está aqui.

— Eu pretendia ficar na casa de Sir Roland, mas parece que houve um mal-entendido qualquer e eles viajaram. Espero que não seja uma ocasião muito inconveniente. Quero dizer, não vai haver alguma coisa especial esta noite, vai?

— Acredito, senhor, que Sua Excelência está esperando a visita de alguns cavalheiros depois do jantar.

— Ah, que azar. Parece que escolhi uma péssima noite. É melhor que eu fique recolhido. De qualquer maneira, tenho trabalho a fazer esta noite. O Sr. Cardinal indicou a pasta.

— Direi a Sua Excelência que o senhor está aqui. De qualquer maneira, o senhor chegou a tempo de jantar com ele...

— Ótimo. Eu tinha esperança disso. Mas acho que a Sra. Mortimer não vai ficar muito contente comigo.

Deixei o Sr. Cardinal na sala de estar e fui até o escritório, onde encontrei

Sua Excelência estudando algumas páginas com ar de profunda concentração. Quando lhe falei da chegada do Sr. Cardinal, uma expressão de surpresa e irritação cruzou-lhe o rosto. Então ele recostou-se para trás e ficou uns instantes pensando, como se tentasse chegar a uma conclusão.

— Diga ao Sr. Cardinal que logo descerei — disse, finalmente. — Ele pode distrair-se sozinho por algum tempo.

Quando tornei a descer, encontrei o Sr. Cardinal andando de maneira inquieta pela sala de estar, examinando objetos que lhe deviam ser familiares havia muito tempo. Dei o recado de Sua Excelência e perguntei se ele gostaria que eu lhe levasse alguma coisa.

— Ah, por enquanto só um chá, Stevens. Quem é que Sua Excelência está esperando esta noite?

— Lamento, senhor, mas infelizmente não tenho condições de responder.

— Não tem a menor ideia?

— Lamento, senhor.

— Hum, é curioso. Ora, bem. É melhor que eu fique recolhido esta noite.

Não foi muito depois disso, lembro-me, que fui até a sala da Srta. Kenton. Ela estava sentada à mesa, embora nada houvesse à sua frente e suas mãos estivessem vazias. De fato, algo em sua postura sugeria que estivera sentada ali assim desde algum tempo antes da minha batida à porta.

— O Sr. Cardinal está aqui, Srta. Kenton. — informei. — Ele vai usar o quarto de costume esta noite.

— Muito bem, Sr. Stevens. Vou cuidar disso antes de sair.

— Ah, vai sair esta noite, Srta. Kenton?

— Vou, sim, Sr. Stevens.

Talvez eu tenha parecido um pouco surpreso, pois ela continuou:

— Lembre-se, Sr. Stevens, que discutimos isto há duas semanas.

— Sim, é claro, Srta. Kenton. Perdão, eu me esquecera.

— Algum problema, Sr. Stevens?

— De modo algum, Srta. Kenton. Alguns visitantes são esperados esta noite, mas não há razão para que a sua presença seja necessária.

— Há quinze dias nós concordamos que eu tirasse esta noite de folga, Sr. Stevens.

— Naturalmente, Srta. Kenton. Peço-lhe desculpas.

Virei-me para sair, mas parei na porta quando a Srta. Kenton disse:

— Sr. Stevens, tenho algo a lhe dizer.

— Sim, Srta. Kenton?

— Trata-se do meu conhecido. Com quem vou me encontrar esta noite.

— Sim, Srta. Kenton?

- Ele me pediu em casamento. Achei que o senhor tinha o direito de saber.
- Deveras, Srta. Kenton? Isto é muito interessante.
- Ainda estou pensando no assunto.
- Realmente.

Por um segundo ela ficou a contemplar as mãos, mas em seguida seu olhar virou-se para mim.

- Meu conhecido vai iniciar um trabalho no oeste no próximo mês.
- Realmente?
- Como disse, Sr. Stevens, ainda estou pensando no assunto. No entanto, achei que o senhor devia ser informado da situação.
- Fico-lhe muito grato, Srta. Kenton. Espero que tenha uma noite agradável. Agora, com licença.

Deve ter sido uns vinte minutos mais tarde que tornei a ver a Srta. Kenton, dessa vez enquanto eu me ocupava com os preparativos para o jantar. De fato, eu estava no meio da escada dos fundos, carregando uma bandeja cheia, quando ouvi o som de passos furiosos sacudindo as tábuas dos degraus abaixo de mim. Virando-me, vi a Srta. Kenton ao pé da escada, olhando-me com raiva.

- Sr. Stevens, por acaso o senhor deseja que eu trabalhe esta noite?
- De modo algum, Srta. Kenton. Como a senhorita assinalou, fui notificado há algum tempo.
- Mas vejo que está muito infeliz com a minha saída.
- Pelo contrário, Srta. Kenton.
- Imagina que criando tanta confusão na cozinha e passando para cá e para lá em frente à minha sala vai fazer com que eu mude de ideia?
- Srta. Kenton, a ligeira comoção na cozinha deve-se somente à chegada imprevista do Sr. Cardinal para jantar. Não há a menor razão para a senhorita não sair esta noite.

— Pretendo sair com ou sem a sua bênção, Sr. Stevens, quero deixar isto bem claro. Meus planos estão feitos há semanas.

— Sem dúvida, Srta. Kenton. E mais uma vez desejo-lhe uma noite muito agradável.

Durante o jantar, uma estranha atmosfera parecia pairar entre os dois cavalheiros. Durante longos intervalos eles comeram em silêncio, e Sua Excelência, particularmente, parecia muito distante. Em certo momento o Sr. Cardinal perguntou:

- Alguma coisa especial esta noite, senhor?
- Como disse?
- Seus visitantes desta noite. Algo especial?
- Infelizmente não posso lhe dizer, meu rapaz. Estritamente confidencial.

— Ora, ora! Suponho que isto significa que não posso participar.

— Participar de que, meu rapaz?

— Do que quer que vá acontecer esta noite.

— Ah, não teria o menor interesse para você. De qualquer maneira, o segredo é a coisa mais importante. Não posso ter alguém como você por perto. Ah, não, não seria possível.

— Ora, ora, parece mesmo algo muito especial.

O Sr. Cardinal observava atentamente Sua Excelência mas este último simplesmente voltou a comer sem dizer mais coisa alguma. Os cavalheiros retiraram-se para o salão de fumar, onde se serviram de licor e charutos. Enquanto tirava a mesa do jantar e também ao preparar a sala de estar para a chegada dos visitantes, fui obrigado a passar várias vezes diante da porta do salão de fumar. Era inevitável, portanto, que eu percebesse que os cavalheiros, em contraste com o silêncio do jantar, tinham começado a trocar palavras com certa excitação. Um quarto de hora mais tarde, ergueram-se vozes zangadas. Naturalmente não parei para escutar, mas não pude deixar de ouvir Sua Excelência gritando:

— Mas isto não é da sua conta, meu rapaz! Não é da sua conta!

Eu estava na sala de jantar quando os cavalheiros finalmente emergiram. Pareciam ter se acalmado, e as únicas palavras ditas enquanto caminhavam foram, em primeiro lugar, as de Sua Excelência:

— Agora lembre-se, meu rapaz, vou confiar em você.

E o Sr. Cardinal respondeu com irritação:

— Está bem, está bem, já dei a minha palavra.

Então os passos se separaram, os de Sua Excelência indo em direção ao escritório, os do Sr. Cardinal para a biblioteca. Quase exatamente às oito e meia ouviu-se o ruído de carros estacionando no pátio. Abri a porta para um motorista, e por cima do ombro dele pude ver alguns policiais espalhando-se por todo o terreno. No instante seguinte eu estava diante de dois cavalheiros muito ilustres, a quem Sua Excelência veio receber no saguão e levou rapidamente para a sala de estar. Uns dez minutos depois veio o som de outro carro e abri a porta para Herr Ribbentrop, o embaixador alemão, a essa altura não mais um estranho em Darlington Hall. Sua Excelência veio recebê-lo e os dois cavalheiros pareceram trocar olhares cúmplices antes de desaparecerem na sala de estar. Quando, minutos depois, fui chamado para trazer bebidas, os quatro cavalheiros estavam discutindo os méritos de diferentes tipos de salsicha, e a atmosfera, pelo menos na superfície, parecia bastante amistosa. Daí em diante posicionei-me no saguão — perto do arco de entrada, onde costumava ficar, durante reuniões importantes — e não me foi necessário sair dali até umas duas horas depois,

quando soou a sineta da porta dos fundos. Quando fui abrir, deparei com um policial parado ali com a Srta. Kenton, exigindo que eu confirmasse a identidade desta última.

— É uma questão de segurança, dona, não se ofenda — resmungou o policial, antes de desaparecer noite adentro.

Enquanto trancava a porta, percebi que a Srta. Kenton estava me aguardando e falei:

— Espero que tenha tido uma noite agradável, Srta. Kenton.

— Tive sim. Obrigada, Sr. Stevens.

— Ótimo.

Atrás de mim, os passos da Srta. Kenton estacaram de súbito, e ouvi-a dizer:

— Não está nem um pouco interessado em saber o que aconteceu esta noite entre mim e meu conhecido, Sr. Stevens?

— Não quero ser rude, Srta. Kenton, mas preciso voltar lá para cima sem demora. O caso é que acontecimentos de importância mundial estão tendo lugar nesta casa, neste exato momento.

— E quando é que não estão, Sr. Stevens? Muito bem, se precisa mesmo sair correndo, vou dizer-lhe apenas que aceitei o pedido do meu conhecido.

— Como disse, Srta. Kenton?

— O pedido de casamento.

— Ah, é mesmo, Srta. Kenton? Então posso dar-lhe os parabéns?

— Obrigada, Sr. Stevens. Naturalmente terei prazer em cumprir meu aviso prévio. No entanto, se o senhor puder me liberar antes disso nós ficaríamos muito gratos. Meu amigo começa seu novo trabalho no oeste daqui a duas semanas.

— Farei o possível para conseguir uma substituição na primeira oportunidade, Srta. Kenton. Agora, se me der licença, preciso voltar.

Reencetei meu caminho, mas mal tinha chegado à porta do corredor quando ouvi a Srta. Kenton chamar:

— Sr. Stevens!

Portanto, virei-me mais uma vez. Ela não se movera, conseqüentemente era obrigada a erguer levemente a voz ao dirigir-se a mim, de modo que suas palavras ressoavam de modo estranho na grande caverna que era a cozinha escura e deserta.

— Será possível que depois dos muitos anos de serviço que dediquei a esta casa o senhor não tenha uma palavra a dizer a respeito da notícia da minha possível partida além dessas que acabou de pronunciar?

— Srta. Kenton, dou-lhe meus mais calorosos parabéns. Mas, repito, há assuntos de importância mundial acontecendo lá em cima e devo retornar ao meu

posto.

— Sabia, Sr. Stevens, que o senhor tem sido uma figura muito importante para mim e meu amigo?

— É mesmo, Srta. Kenton?

— Sim, Sr. Stevens. Com frequência nos divertimos com anedotas a seu respeito. Por exemplo, meu amigo está sempre querendo que eu lhe mostre o modo como o senhor tapa as narinas quando coloca pimenta na comida. Isso sempre o faz rir.

— Realmente?

— Ele também aprecia os seus discursos para estimular a criadagem. Tornei-me muito boa em recriá-los. Preciso apenas dizer umas poucas frases e nós dois morremos de rir.

— Sem dúvida, Srta. Kenton. Agora, por favor, com licença.

Subi para o saguão e retomei meu posto. Contudo, antes que se passassem cinco minutos o Sr. Cardinal assomou à porta da biblioteca e chamou-me.

— Desculpe incomodá-lo, Stevens, mas será que poderia me trazer mais conhaque? A garrafa que você trouxe parece que acabou.

— O senhor é bem-vindo para pedir o que desejar; no entanto, diante do fato de que tem seu artigo para terminar, pergunto-me se é conveniente ingerir mais.

— O meu artigo vai ficar ótimo, Stevens. Seja bonzinho e me traga mais conhaque.

— Muito bem, senhor.

Quando voltei à biblioteca, momentos depois, o Sr. Cardinal estava caminhando diante das estantes, examinando as lombadas. Pude ver folhas de papel espalhadas em desordem sobre uma das escrivaninhas. Quando me aproximei, o Sr. Cardinal fez um ruído de apreciação e deixou-se cair numa poltrona de couro. Fui até ele, servi um pouco de conhaque e entreguei-lhe.

— Sabe, Stevens, somos amigos há algum tempo, não somos?

— Realmente, senhor.

— Penso com prazer em conversar um pouco com você sempre que venho a esta casa.

— Sim, senhor.

— Gostaria de tomar uma bebida comigo?

— É muita bondade sua, senhor. Mas não, obrigado.

— Escute, Stevens, você está se sentindo bem?

— Perfeitamente, senhor, obrigado — respondi, com uma risadinha.

— Não está se sentindo mal, está?

— Um pouco cansado, talvez, mas perfeitamente bem, obrigado, senhor.

— Ora, então devia se sentar. De qualquer maneira, como eu ia dizendo,

somos amigos há algum tempo. Eu deveria ser honesto com você. Como sem dúvida já adivinhou, não cheguei aqui esta noite por acaso. Recebi um aviso, sabe? Sobre o que está acontecendo ali do outro lado do saguão neste exato momento.

— Sim, senhor.

— Eu gostaria que você se sentasse, Stevens. Quero que conversemos como amigos, e você fica aí parado segurando esta maldita bandeja, parecendo que vai sair a qualquer momento.

— Lamento muito, senhor.

Pousei a bandeja e sentei-me — numa postura apropriada — na poltrona que o Sr. Cardinal indicava. — Assim é melhor — disse o Sr. Cardinal. — Agora, Stevens, imagino que o primeiro-ministro não esteja na sala de estar, certo?

— O primeiro-ministro, senhor?

— Ah, está bem, não precisa me dizer. Compreendo que está numa posição difícil.

O Sr. Cardinal soltou um suspiro e lançou um olhar cansado aos papéis espalhados sobre a escrivaninha. Então disse:

— Não preciso lhe contar, Stevens, o que sinto por Sua Excelência. Quero dizer, ele é como um segundo pai para mim. Não preciso lhe dizer isto, Stevens.

— Não, senhor.

— Gosto profundamente dele.

— Sim, senhor.

— E sei que você também gosta profundamente dele. Não gosta, Stevens?

— Gosto, sim, senhor.

— Ótimo. De modo que nós dois sabemos onde estamos. Mas vamos encarar os fatos. Sua Excelência está nadando em águas profundas. Eu o tenho visto nadar cada vez mais para longe, e fique sabendo, Stevens, estou ficando muito preocupado. Ele está indo longe demais, entende, Stevens?

— É mesmo, senhor?

— Stevens, sabe o que está acontecendo neste exato momento, enquanto estamos conversando aqui? O que está acontecendo a poucos metros de nós? Lá naquela sala, e não preciso de você para ter certeza, estão reunidos neste momento o primeiro-ministro inglês, o ministro do Exterior e o embaixador alemão. Sua Excelência fez milagres para conseguir esta reunião, e acredita, mas acredita sinceramente, que está fazendo uma coisa boa e honrada. Sabe por que Sua Excelência reuniu estes cavalheiros esta noite? Sabe, Stevens, o que está acontecendo aqui?

— Infelizmente não, senhor.

— Infelizmente não? Diga-me, Stevens, você não se importa? Não fica

curioso? Meu Deus, homem, alguma coisa muito séria está acontecendo nesta casa. Não tem sequer um pinga de curiosidade?

— Não cabe a mim ter curiosidade sobre esses assuntos, senhor.

— Mas você gosta de Sua Excelência. Gosta profundamente, acabou de me dizer. Se gosta de Sua Excelência, não deveria ficar preocupado? Ou, pelo menos um pouco curioso? O primeiro-ministro inglês e o embaixador alemão são reunidos pelo seu patrão para conversas secretas, e você não está sequer curioso?

— Não diria que não estou curioso, senhor. Contudo, não cabe a mim demonstrar curiosidade sobre tais assuntos.

— Não cabe a você? Ah, imagino que você acredita que isto é ser leal. Acredita? Acha que está sendo leal? A Sua Excelência? Ou à Coroa?

— Lamento, senhor, mas não consigo entender o que o senhor deseja.

O Sr. Cardinal suspirou novamente e sacudiu a cabeça.

— Não desejo coisa alguma, Stevens. Francamente, não sei o que se pode fazer. Mas você podia pelo menos ficar curioso. — Ele ficou em silêncio por um momento, durante o qual parecia estar contemplando o trecho de tapete em volta dos meus pés. — Tem certeza de que não vai tomar uma bebida comigo, Stevens? — perguntou finalmente.

— Não, senhor, obrigado.

— Vou lhe dizer uma coisa, Stevens. Sua Excelência está sendo feito de tolo. Investiguei bastante, conheço a situação da Alemanha atualmente tão bem quanto qualquer pessoa deste país, e garanto, Sua Excelência está sendo feito de tolo. Não dei resposta, e o Sr. Cardinal continuou a contemplar o chão. Depois de algum tempo, continuou: — Sua Excelência é um homem muito bom. Mas o fato é que está nadando em águas profundas. Está sendo manobrado. Os nazistas o estão manobrando como um fantoche. Já percebeu isso, Stevens? Já percebeu que é isto que vem acontecendo pelo menos nos últimos três ou quatro anos?

— Lamento, senhor, mas não cheguei a perceber tal fato.

— Nem mesmo chegou a suspeitar? Não teve sequer a menor suspeita de que Herr Hitler, através de nosso caro amigo Herr Ribbentrop, vem manobrando Sua Excelência como um fantoche, com a mesma facilidade com que manobra outros fantoches lá em Berlim?

— Lamento, senhor, mas infelizmente não percebi tal fato.

— Mas imagino que você não perceberia, Stevens, porque não é curioso. Deixa tudo isto acontecer na sua frente e nunca pensou em ver as coisas como elas são.

O Sr. Cardinal mudou de posição na poltrona, endireitando-se um pouco, e por um instante pareceu estar estudando o trabalho inacabado sobre a

escrivaninha. Então declarou:

— Sua Excelência é um cavalheiro. Esta é a raiz da questão. Ele é um cavalheiro, e lutou contra os alemães, e seu instinto é oferecer generosidade e amizade a um inimigo derrotado. É seu instinto. Porque ele é um cavalheiro, um verdadeiro cavalheiro inglês. E você deve ter visto isto, Stevens. Como poderia não ter visto o modo como usaram este fato, manipularam-no, transformaram uma coisa bela e nobre em outra coisa, algo que podem utilizar para seus próprios fins indignos? Você deve ter visto, Stevens.

O Sr. Cardinal tinha novamente os olhos fixos no chão. Permaneceu em silêncio por um longo momento, depois disse:

— Lembro-me de quando vim aqui há muitos anos, e havia aquele sujeito americano. Tivemos uma grande conferência, papai estava envolvido na organização. Lembro-me daquele sujeito americano, ainda mais bêbado do que eu estou agora, que se levantou durante o jantar na frente de todos. E apontou para Sua Excelência e chamou-o de amador. Chamou-o de amador desastrado e disse que ele estava nadando em águas profundas. Bom, o que eu tenho a dizer, Stevens, é que aquele americano tinha razão. É um fato da vida. O mundo de hoje é um lugar sujo demais para os instintos nobres. Você mesmo já percebeu, não é, Stevens, o modo como manipularam uma coisa bela e nobre. Você mesmo já percebeu, não foi?

— Lamento, senhor, mas não posso dizer que tenha percebido.

— Não pode dizer que tenha percebido? Bom, não sei quanto a você, mas eu vou fazer alguma coisa a respeito disso. Se papai fosse vivo, faria alguma coisa para impedir.

O Sr. Cardinal tornou a silenciar, e por um instante — talvez por ter evocado a lembrança de seu falecido pai — pareceu extremamente melancólico.

— Você está disposto, Stevens, a ver Sua Excelência cair no abismo? — perguntou finalmente.

— Lamento, senhor, mas não entendo inteiramente a que o senhor está se referindo.

— Não entende, Stevens? Bem, somos amigos, portanto vou falar francamente. Nos últimos anos, Sua Excelência tem sido provavelmente o fantoche mais útil que Herr Hitler teve neste país para seus truques de propaganda. Tanto melhor que ele seja sincero e honrado e não reconheça a verdadeira natureza do que está fazendo. Durante estes três últimos anos, Sua Excelência foi um instrumento fundamental para estabelecer ligações entre Berlim e mais de sessenta dos cidadãos mais influentes deste país. Tudo funcionou perfeitamente para eles. Herr Ribbentrop conseguiu virtualmente ultrapassar nosso Foreign Office. E como seus malditos jogos e suas malditas

Olimpíadas não fossem suficientes, sabem em que fizeram Sua Excelência trabalhar agora? Tem ideia do que está sendo discutido neste momento?

— Infelizmente não, senhor.

— Sua Excelência vem tentando convencer o próprio primeiro-ministro a aceitar um convite para visitar Herr Hitler. Ele realmente acredita que há um terrível mal-entendido por parte do primeiro-ministro em relação ao atual regime alemão.

— Não vejo a que se pode objetar nisso, senhor. Sua Excelência sempre lutou para ajudar um melhor entendimento entre as nações.

— E isto não é tudo, Stevens. Neste exato momento, a não ser que eu esteja muito enganado, Sua Excelência está discutindo a ideia de Sua Majestade em pessoa visitar Herr Hitler. Não é segredo que nosso novo rei sempre foi entusiasmado com os nazistas. Bem, aparentemente agora está ansioso para aceitar o convite de Herr Hitler. Neste preciso momento, Stevens, Sua Excelência está fazendo o possível para anular as objeções do Foreign Office a essa ideia assustadora.

— Lamento, senhor, mas não consigo entender que Sua Excelência esteja fazendo outra coisa senão o que é mais elevado e mais nobre. Está fazendo o possível, afinal, para assegurar que a paz continue a reinar na Europa.

— Diga-me, Stevens, você não aceita a mais remota possibilidade de que eu esteja com a razão? Não fica pelo menos curioso a respeito do que estou dizendo?

— Lamento, senhor, mas tenho que dizer que confio inteiramente na opinião de Sua Excelência.

— Ninguém em seu juízo perfeito pode insistir em acreditar em qualquer coisa que Hitler diga, depois da Renânia, Stevens. Sua Excelência está nadando em águas profundas. Ah, meu Deus, agora eu realmente o ofendi.

— De modo algum, senhor — respondi, pois erguera-me ao ouvir a sineta da sala de estar. — Parece que os cavalheiros me chamam. Com licença, por favor.

Na sala de estar, o ar estava tomado pela fumaça de tabaco. E os ilustres cavalheiros ainda fumavam seus charutos, expressões solenes no rosto, sem dizer palavra, enquanto Sua Excelência incumbia-me de trazer da adega uma garrafa de um porto excepcionalmente bom. Àquela hora da noite, os passos de uma pessoa descendo a escada dos fundos certamente serão conspícuos e sem dúvida foram responsáveis por despertar a Srta. Kenton. Pois quando eu caminhava pela escuridão do corredor, a porta da sala dela se abriu e ela surgiu, iluminada pela luz que vinha do interior.

— Fico surpresa ao encontrá-la ainda aqui embaixo, Srta. Kenton. — comentei, ao me aproximar.

— Sr. Stevens, hoje eu fui muito tola.

— Desculpe-me, Srta. Kenton, mas no momento não tenho tempo para conversar.

— Sr. Stevens, por favor não leve a sério as coisas que falei antes. Estava simplesmente sendo muito tola.

— Não levei a sério coisa alguma que a senhorita disse. Aliás, não sei ao que está se referindo. Acontecimentos de grande importância estão tendo lugar lá em cima e não posso parar para trocar galanteios com a senhorita. Sugiro que vá dormir.

Com isto segui em frente, e foi só quando eu quase chegara às portas da cozinha que a escuridão retornando ao corredor revelou-me que a Srta. Kenton fechara a porta de sua sala. Não demorei muito a localizar a garrafa em questão na adega e fazer os preparativos necessários para servi-la. Foi, portanto, apenas poucos minutos depois do meu breve encontro com a Srta. Kenton que encontrei-me novamente caminhando pelo corredor em minha viagem de volta, dessa vez carregando uma bandeja. Ao me aproximar da porta da Srta. Kenton, percebi, pela luz que se filtrava pelas frestas, que ela ainda se encontrava lá dentro. E foi esse o momento, agora tenho certeza, que permaneceu com tanta persistência alojado em minha memória — o momento em que parei na penumbra do corredor, a bandeja nas mãos, uma convicção crescendo dentro de mim de que a poucos metros, do outro lado daquela porta, a Srta. Kenton estava, naquele instante, chorando. Ao que me lembre, não havia uma evidência real que justificasse essa convicção — eu certamente não ouvira ruído de pranto. No entanto, lembro-me, tinha certeza de que, se fosse bater e entrar, encontraria a Srta. Kenton em lágrimas. Não sei quanto tempo fiquei parado ali; na ocasião pareceu-me um período significativo, mas na realidade, suspeito, foi apenas questão de segundos. Pois naturalmente eu precisava correr para cima para servir alguns dos mais ilustres cavalheiros do país e não posso imaginar que me atrasaria indevidamente.

Quando voltei à sala de estar, vi que os cavalheiros ainda mostravam um estado de espírito de bastante gravidade. Fora isto, no entanto, tive pouca oportunidade de formar uma impressão sobre a atmosfera reinante, pois assim que entrei Sua Excelência tirou-me a bandeja das mãos dizendo:

— Obrigado, Stevens. Eu cuido disto. É tudo.

Atravessando novamente o saguão, retomei meu posto sob o arco, e durante a hora seguinte, isto é, até que os cavalheiros finalmente partissem, nada aconteceu que me fizesse sair de minha posição. Contudo, aquela hora que passei parado ali permaneceu muito vívida em minha mente durante todos estes anos. A princípio, meu estado de espírito era — não me envergonho de admitir

— um tanto deprimido. Mas depois, com o passar do tempo, uma coisa curiosa começou a acontecer; a saber, um profundo sentimento de triunfo começou a crescer dentro de mim. Não me lembro até que ponto analisei esse sentimento na ocasião, mas hoje, rememorando-o, não me parece difícil explicá-lo. Eu tinha, afinal, acabado de passar por uma noite extremamente difícil, durante a qual conseguira manter uma "dignidade" condizente com a minha posição e, além do mais, de um modo do qual até mesmo meu pai se orgulharia. E ali, do outro lado do saguão, atrás da porta que meus olhos contemplavam naquele momento, dentro daquele aposento onde eu pouco antes executara minhas obrigações, os cavalheiros mais poderosos da Europa estavam discutindo o destino do nosso continente. Quem duvidaria naquele instante que eu realmente chegara tão perto do grande eixo das coisas quanto qualquer mordomo almejaria? Imagino, portanto, que ali parado, pensando nos acontecimentos da noite — os já passados e aqueles ainda em curso — eles me pareceram ser uma espécie de resumo de tudo que eu viera a alcançar até então em minha vida. Posso ver poucas explicações além desta para o sentimento de triunfo que me dominou naquela noite.

Sexto dia



NOITE

Weymouth

ESTA CIDADE à beira-mar é um lugar que durante muitos anos pensei em visitar. Ouvi várias pessoas contarem ter passado férias agradáveis aqui, e também a Sra. Symons, em *As maravilhas da Inglaterra*, descreve-a como «uma cidade que consegue manter o visitante inteiramente entretido durante muitos dias». Aliás, ela faz uma menção especial a este píer onde estive passeando durante a última meia hora, recomendando particularmente que ele seja visitado à noite, quando se ilumina com lâmpadas de várias cores. Há um momento soube por um funcionário que as luzes seriam ligadas "daqui a pouco", de modo que resolvi sentar-me aqui neste banco e esperar o momento. Daqui tenho uma boa visão do sol morrendo no mar, e embora ainda haja bastante luz do dia — foi um dia esplêndido — vejo, aqui e ali, luzes começando a brilhar ao longo de toda a praia. O píer continua cheio de gente; atrás de mim, o tamborilar de passos nas tábuas prossegue sem interrupção.

Cheguei a esta cidade ontem à tarde, e decidi ficar mais uma noite, de modo a proporcionar-me este dia inteiro passado de maneira tranquila. E, devo dizer, foi um certo alívio não estar dirigindo um carro; pois por mais agradável que seja essa atividade, pode-se também ficar um tanto cansado dela depois de algum tempo. De qualquer maneira, posso permitir-me mais um dia aqui; partindo bem cedo amanhã tornarei garantido estar em Darlington Hall na hora

do chá.

Já se passaram dois dias inteiros desde o meu encontro com a Srta. Kenton no salão de chá do Rose Garden Hotel em Little Compton. Pois de fato foi lá que nos encontramos, a Srta. Kenton surpreendendo-me com sua ida ao hotel. Eu estava passando o tempo depois de terminado o almoço — creio que simplesmente olhando a chuva pela janela próxima à minha mesa — quando um membro da criadagem do hotel veio informar que uma dama desejava me ver na recepção. Levantei-me e saí para a portaria, onde não consegui avistar alguém que conhecesse. Então a recepcionista atrás do balcão explicou:

— A senhora está no salão de chá, senhor.

Atravessando a porta indicada, descobri um aposento cheio de poltronas e mesinhas desparelhadas. Não havia pessoa alguma além da Srta. Kenton, que levantou-se quando entrei, sorriu e estendeu-me a mão.

— Ah, Sr. Stevens, que bom vê-lo de novo!

— Sra. Benn, que prazer!

A luz era extremamente fraca no aposento, por causa da chuva, de modo que levamos duas poltronas para perto da janela de rotunda. E foi assim que a Srta. Kenton e eu conversamos durante as duas horas seguintes, ali sob a luz cinzenta, enquanto a chuva continuava a cair com força na praça lá fora.

Ela naturalmente envelhecera um pouco, mas, pelo menos a meus olhos, parecia tê-lo feito com muita graciosidade.

O corpo permanecia magro, a postura ereta como sempre. Mantinha, também, seu antigo jeito de erguer a cabeça de um modo que beirava o desafio. É claro que, à luz baça que caía em seu rosto, não pude deixar de notar as rugas que surgiram aqui e ali. Mas de maneira geral a Srta. Kenton que eu tinha diante de mim parecia surpreendentemente igual à pessoa que durante todos estes anos habitou minha memória. Com efeito, foi, no total, extremamente agradável vê-la de novo.

Durante os primeiros vinte minutos eu diria que trocamos os comentários do tipo que desconhecidos poderiam trocar; ela perguntou polidamente sobre minha viagem até então, se eu estava gostando das minhas férias, quais as cidades e os monumentos visitados, e assim por diante. À medida que continuávamos conversando, devo dizer que pensei começar a perceber outras mudanças, mais sutis, que os anos lhe tinham causado. Por exemplo: a Srta. Kenton parecia, não sei como, mais lenta. É possível que se tratasse apenas da calma que vem com a idade, e durante algum tempo tentei arduamente pensar assim. Mas não consegui fugir à sensação de que o que eu estava vendo era na realidade um cansaço da vida; a centelha que antes fazia dela uma pessoa tão vivaz e às vezes volúvel parecia agora ter desaparecido. De fato, várias vezes, quando ela não estava

falando, quando seu rosto estava em repouso, pensei vislumbrar algo como tristeza em sua expressão. Por outro lado, porém, posso muito bem estar enganado.

Depois de algum tempo, o leve constrangimento que porventura existia durante os minutos iniciais de nosso encontro estava inteiramente dissipado, e nossa conversa tomou um rumo mais pessoal. Passamos vários minutos tecendo reminiscências sobre pessoas do passado, ou então trocando as notícias que tínhamos delas, e isto foi, devo dizer, agradabilíssimo. Mas não foi exatamente o conteúdo de nossa conversa, porém mais o breve sorriso com que ela terminava cada frase, suas ligeiras inflexões de ironia aqui e ali, certos gestos dos ombros ou das mãos, que começaram a evocar inequivocamente os ritmos e hábitos de nossas conversas de tantos anos atrás.

Foi por volta desse ponto, também, que pude estabelecer alguns fatos em relação às suas atuais circunstâncias. Soube, por exemplo, que seu casamento não estava numa situação tão espinhosa quanto poder-se-ia supor pela sua carta; embora tivesse realmente saído de casa por um período de quatro ou cinco dias — durante os quais a carta que recebi tinha sido composta — ela retornara e o Sr. Benn ficara muito feliz por tê-la de volta. “Ainda bem que um dos dois é sensato”, comentou com um sorriso.

Tenho consciência, é claro, de que tais assuntos não eram de minha alçada, e devia ter esclarecido que não sonharia em esquadrihá-los, se não tivesse, como se sabe, importantes razões profissionais para fazê-lo; a saber, referentes aos atuais problemas de empregados em Darlington Hall. De qualquer maneira, a Srta. Kenton não parecia achar ruim confiar em mim, a esse respeito, e tomei este fato como um gratificante testemunho da força do íntimo relacionamento profissional que nós já tivemos. Por algum tempo depois disso, lembro-me, a Srta. Kenton passou a falar em termos mais gerais a respeito do marido, que está para se aposentar, um pouco precocemente por causa da saúde fraca, e da filha, agora casada e esperando um filho para o outono. Aliás, a Srta. Kenton deu-me o endereço da filha em Dorset, e, devo dizer, fiquei um tanto lisonjeado ao ver como ela insistia em que eu a visitasse em minha viagem de volta. Embora eu tenha explicado que era improvável passar por aquela parte de Dorset, a Srta. Kenton continuou insistindo, dizendo:

— Catherine ouviu falar tanto do senhor! Vai adorar conhecê-lo, Sr. Stevens!

De minha parte, tentei descrever-lhe da melhor maneira que pude o Darlington Hall de hoje. Tentei transmitir-lhe o tipo de patrão cordial que é o Sr. Farraday; e descrevi as mudanças na própria casa, as reformas e os aposentos fora de uso, assim como o atual plano de serviço. A Srta. Kenton, julguei, animou-se visivelmente quando falei sobre a casa, e logo estávamos desfiando

juntos várias recordações antigas, rindo delas com muita frequência.

Apenas uma vez lembro-me ter mencionado Lord Darlington. Estávamos rindo de uma lembrança qualquer a respeito do jovem Sr. Cardinal, de modo que fui então compelido a seguir em frente, e informar à Srta. Kenton que esse cavaleiro foi morto na Bélgica durante a guerra. E continuei:

— Sua Excelência, naturalmente, era bem afeiçoado ao rapaz, e sofreu muito.

Não queria estragar a atmosfera agradável com um assunto triste, de modo que tentei abandoná-lo quase de imediato. Mas, como temia, a Srta. Kenton tinha lido sobre o fracassado processo por difamação, de modo que inevitavelmente aproveitou a oportunidade para me inquirir. Pelo que me lembro, resisti ao interrogatório, embora finalmente tenha dito:

— Sra. Benn, o fato é que durante toda a guerra várias coisas realmente horríveis foram ditas a respeito de Sua Excelência, e por aquele jornal em particular. Ele suportou tudo enquanto o país estava em perigo, mas, uma vez terminada a guerra, tendo as insinuações simplesmente prosseguido, bem, Sua Excelência não viu razão para continuar sofrendo em silêncio. É fácil ver agora, talvez, todos os perigos de ir aos tribunais exatamente naquela época, com a atmosfera que havia. Mas aí é que está, Sua Excelência acreditava que lhe seria feita justiça. Em vez disso, é claro, o jornal simplesmente cresceu em circulação. E a reputação de Sua Excelência foi destruída para sempre. Realmente, Sra. Benn, depois disso, bem, Sua Excelência tornou-se praticamente um inválido. E a casa ficou muito sossegada. Eu lhe levava o chá na sala de estar e, bem... Era realmente muito trágico de se ver.

— Sinto muito, Sr. Stevens. Não tinha ideia de que as coisas tivessem sido tão ruins.

— Ah, foram, sim, Sra. Benn. Mas basta. Sei que a senhora se lembra de Darlington Hall nos dias em que havia grandes reuniões e a casa vivia repleta de visitantes ilustres. Ora, é assim que Sua Excelência merece que se lembrem dele.

Como já disse, essa foi a única vez em que mencionamos Lord Darlington. Predominantemente, ocupamo-nos com lembranças felizes, e aquelas duas horas que passamos juntos no salão de chá foram, eu diria, extremamente agradáveis. Julgo lembrar-me de vários outros hóspedes entrarem enquanto estávamos conversando, sentarem-se por algum tempo e saírem novamente, mas de modo nenhum nos distraíram. Na verdade, era difícil crer que duas horas se tinham passado quando a Srta. Kenton ergueu os olhos para o relógio na prateleira da lareira e declarou que tinha que voltar para casa. Ao me dar conta de que ela teria que caminhar na chuva até a parada do ônibus, um pouco distante dali, insisti em levá-la até lá no Ford, e foi assim que, depois de obter um guarda-

chuva na recepção, saímos juntos.

Grandes poças tinham se formado em volta do local onde eu deixara o Ford, obrigando-me a ajudar um pouco a Srta. Kenton para permitir-lhe chegar à porta do passageiro. Logo, contudo, estávamos descendo a rua principal do povoado, e em seguida as lojas desapareceram e nós nos encontramos em campo aberto. A Srta. Kenton, que vinha mantendo silêncio, observando a paisagem que passava, voltou-se para mim e perguntou:

— Por que está sorrindo consigo mesmo desta maneira, Sr. Stevens?

— Ah... Desculpe-me, Sra. Benn, mas eu estava apenas recordando certas coisas que a senhora escreveu em sua carta. Fiquei um pouco preocupado ao lê-las, mas vejo agora que tinha pouca razão para isso.

— Ah, sim? De que coisas está falando, Sr. Stevens?

— Ora, nada em particular, Sra. Benn.

— Ah, Sr. Stevens, tem que me dizer.

— Bem, por exemplo, Sra. Benn — comecei, com uma risada. — Em certo ponto de sua carta, a senhora escreve... deixe-me pensar... ”o resto da minha vida estende-se como um vazio diante de mim”, ou algo neste sentido.

— Francamente, Sr. Stevens! — ela exclamou, rindo também. — Eu não poderia ter escrito tal coisa.

— Ah, asseguro-lhe que sim, Sra. Benn. Lembro-me com muita clareza.

— Ora, ora. Bem, talvez haja dias em que me sinto assim. Mas passam depressa. Fique certo, Sr. Stevens, minha vida não se estende vazia diante de mim. Para começar, estamos ansiosos à espera de um neto. O primeiro de muitos, talvez.

— Realmente, vai ser esplêndido.

Viajamos em silêncio por mais alguns instantes. Então a Srta. Kenton perguntou:

— E quanto ao senhor? Que é que o futuro lhe reserva lá em Darlington Hall?

— Bem, o que quer que me aguarde, Sra. Benn, sei que não estou sendo aguardado pelo vazio. Oxalá estivesse! Mas não, há sempre trabalho, trabalho e mais trabalho.

Ambos achamos graça nisso. Então a Srta. Kenton indicou um abrigo de ônibus mais adiante. Quando nos aproximamos ela pediu: — Quer esperar comigo, Sr. Stevens? O ônibus não vai demorar.

A chuva ainda caía com força quando desembarcamos do carro e corremos para o abrigo. Este — uma construção de pedra coberta de telhas — parecia bem sólido, como realmente precisava ser, colocado como estava em situação exposta, contra um fundo de campo aberto. Lá dentro, por toda parte a pintura

descascava, mas o local era limpo. A Srta. Kenton sentou-se no banco ali existente, ao passo que eu permaneci de pé onde podia ter a visão da chegada do ônibus. Do outro lado da rua, tudo o que se via eram mais campos; uma fila de postes de telégrafo perdia-se na distância.

Depois de esperarmos em silêncio por alguns minutos, finalmente obriguei-me a dizer:

— Ouça, Sra. Benn: o fato é que podemos não nos encontrar novamente durante muito tempo. Pergunto-me se a senhora permitiria talvez que eu lhe perguntasse algo de ordem muito pessoal. Trata-se de uma coisa que vem me perturbando há algum tempo.

— É claro, Sr. Stevens. Afinal, somos velhos amigos.

— Realmente, Sra. Benn, somos velhos amigos. Eu simplesmente queria perguntar-lhe, Sra. Benn, e por favor não responda se achar que não deve, mas o fato é que as cartas que recebi da senhora ao longo dos anos, em particular esta última, inclinavam-se a sugerir que a senhora está ... como é que se pode dizer? Um tanto infeliz. Simplesmente pergunto-me se a senhora estaria sendo maltratada de alguma forma. Perdoe-me, mas, como já disse, é algo que me preocupa há algum tempo. Eu me sentiria um tolo se tivesse vindo de tão longe, conversado com a senhora e nem ao menos perguntado.

— Sr. Stevens, não há necessidade de se sentir tão constrangido. Somos velhos amigos, afinal, não somos? Na verdade, fico comovida com a sua preocupação. E posso tranquilizá-lo quanto a isso. Meu marido não me maltrata, de modo algum. Não é nem um pouquinho cruel ou violento.

— Devo confessar, Sra. Benn, que isto me tira um peso da mente.

Inclinei-me para a frente, na chuva, procurando sinal do ônibus.

— Vejo que não está inteiramente convencido, Sr. Stevens — continuou a Srta. Kenton. — Não acredita em mim?

— Ora, não se trata disso, Sra. Benn, de modo algum. Só que o fato permanece: a senhora não parece ter sido muito feliz ao longo dos anos. Isto é, perdoe-me, mas em várias ocasiões a senhora decidiu abandonar seu marido. Se ele não a maltrata, então, bem... fica-se um pouco perdido quanto à causa da sua infelicidade.

Tornei a esticar a cabeça para a chuva. Finalmente ouvi a Srta. Kenton dizer atrás de mim:

— Sr. Stevens, como poderei explicar? Eu própria não sei direito por que faço essas coisas. Mas é verdade, já parti três vezes. — Por um instante ela ficou em silêncio, enquanto eu continuava a olhar para fora, em direção aos campos do outro lado da rua. Então continuou: — Imagino, Sr. Stevens, que o senhor está perguntando se amo meu marido.

— Francamente, Sra. Benn, eu jamais teria a presunção...

— Acho que devo responder, Sr. Stevens. Como o senhor disse, pode ser que não nos encontremos durante muitos anos. Sim, amo meu marido. A princípio não amava. Durante muito tempo não o amei. Quando deixei Darlington Hall, há tantos anos, não tinha consciência de que estava realmente, verdadeiramente, partindo. Creio que pensava naquilo como outra brincadeira, Sr. Stevens, para irritá-lo. Foi um choque vir para cá e ver-me casada. Durante muito tempo fui infeliz, profundamente infeliz. Mas passaram-se os anos, veio a guerra, Catherine cresceu, e um dia me dei conta de que amava meu marido. Se a gente passa tanto tempo com uma pessoa acaba descobrindo que se acostumou com ela. É um homem bondoso, tranquilo, e acabei por amá-lo, sim, Sr. Stevens.

A Srta. Kenton ficou em silêncio por um instante. Depois prosseguiu:

— Mas isto não significa, é claro, que não haja ocasiões de vez em quando, momentos de extrema solidão, em que a gente pensa consigo mesma: “Que erro terrível cometi com a minha vida.” E começa a pensar numa vida diferente, uma vida melhor que poderia ter tido. Por exemplo, começo a pensar numa vida que eu poderia ter tido com o senhor, Sr. Stevens. Acho que é então que me zango com alguma coisa trivial e vou embora. Mas cada vez que faço isso, não demoro a perceber que meu verdadeiro lugar é com meu marido. Afinal, não se pode fazer o relógio voltar. Não se pode estar eternamente pensando no que poderia ter sido. É preciso ter consciência de que se tem uma vida tão boa quanto a maioria, talvez melhor, e sentir gratidão por isso.

Acho que não respondi imediatamente, pois levei um minuto ou dois para digerir inteiramente essas palavras da Srta. Kenton. Além do mais, como se pode imaginar, suas implicações eram tais que provocavam um certo grau de tristeza em mim. Realmente — por que não deveria admiti-lo? — naquele momento meu coração partiu-se. Não demorou, contudo, que eu me virasse para ela e dissesse, com um, sorriso:

— Tem toda razão, Sra. Benn. Como a senhora diz, é tarde demais para fazer o relógio voltar. Francamente, eu não ficaria tranquilo se soubesse que tais ideias eram motivo de infelicidade para a senhora e o seu marido. Devemos, cada um de nós, como a senhora disse, ser gratos por aquilo que temos. E pelo que me diz, Sra. Benn, a senhora tem razão para estar contente. De fato, arrisco-me a dizer que, com a aposentadoria do Sr. Benn, e com netos a caminho, a senhora e o Sr. Benn têm alguns anos extremamente felizes pela frente. Não deve deixar que tais tolices se interponham entre a senhora e a felicidade que merece ter.

— É claro, o senhor tem razão, Sr. Stevens. É muito bondoso.

— Ah, Sra. Benn, parece que é o ônibus chegando.

Saí e fiz sinal, enquanto a Srta. Kenton se levantava e vinha para a borda do

abrigo. Somente quando o ônibus parou foi que olhei de relance para a Srta. Kenton e percebi que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Sorri e disse:

— Agora, Sra. Benn, a senhora tem que cuidar direitinho de si mesma. Muitos dizem que a aposentadoria é a melhor parte da vida de um casal. É preciso que faça tudo o que puder para tornar esses anos felizes para a senhora e o seu marido. Pode ser que nunca mais nos encontremos, Sra. Benn, de modo que quero pedir-lhe que leve em consideração isto que estou lhe dizendo.

— Farei isso, Sr. Stevens, muito obrigada. E obrigada pela carona. Foi muita gentileza sua. Foi muito bom vê-lo de novo.

— Foi um grande prazer vê-la novamente, Sra. Benn.



As luzes do píer foram acesas e atrás de mim um grupo de pessoas acaba de aplaudir este evento. Ainda há bastante luz do dia — o céu acima do mar tornou-se vermelho-pálido — mas parece que toda esta gente que vem se juntando neste píer na última meia hora está agora desejando que a noite caia. Isto vem confirmar com muita propriedade, suponho, a teoria de um homem que até há pouco estava sentado aqui ao meu lado neste banco, e com quem tive uma curiosa conversa. Ele asseverava que para muitas pessoas a noite é a melhor parte do dia, a parte pela qual se espera com ansiedade. E, como já disse, parece haver alguma verdade nesta assertiva, pois por que outra razão toda esta gente aplaudiria espontaneamente apenas porque acenderam-se as lâmpadas do píer?

Naturalmente, o homem falava em sentido figurado, mas até que é interessante ver suas palavras confirmadas tão imediatamente no sentido literal. Imagino que ele já estava sentado ao meu lado por alguns minutos antes que eu o percebesse, tão, absorto estava com minhas lembranças do encontro com a Srta. Kenton há dois dias. Aliás, acho que só registrei a sua presença quando ele declarou em voz alta:

—O ar do mar faz muito bem.

Ergui os olhos e vi um homem corpulento, com prováveis sessenta e poucos anos, usando um paletó de tweed já surrado, a camisa aberta no pescoço. Estava contemplando o mar, talvez algumas gaivotas a distância, portanto não ficou claro se estava falando comigo. Mas como ninguém mais respondeu, e como eu não via por perto outra pessoa de quem poderia esperar uma resposta, respondi finalmente:

— É, tenho certeza que sim.

— O médico diz que faz bem. Então eu venho até aqui sempre que o tempo permite.

O homem passou a falar-me de seus vários achaques, muito raramente desviando os olhos do pôr-do-sol para dirigir-me um sorriso ou um gesto de assentimento. Só comecei a prestar atenção realmente quando ele mencionou que até sua aposentadoria, três anos antes, trabalhava como mordomo numa casa próxima. As minhas perguntas, esclareceu que a casa em questão era muito pequena e ele fora o único criado em tempo integral. Quando perguntei se já trabalhara com um corpo de criados sob suas ordens, talvez antes da guerra, ele respondeu:

— Oh, naquela época eu era só um lacaio. Não tinha competência para ser mordomo. Você não imagina como era difícil, naquelas casas enormes de antigamente.

A essa altura achei de bom alvitre revelar-lhe minha identidade, e, embora eu não esteja bem certo de que Darlington Hall significasse alguma coisa para ele, meu companheiro pareceu devidamente impressionado.

— E eu aqui tentando explicar-lhe como era! — disse, com uma risada. — Ainda bem que você me contou logo, antes que eu fizesse papel de bobo. Isto mostra que a gente nunca sabe com quem está falando quando começa a conversar com um desconhecido. Então você tinha uma criadagem grande, imagino. Quer dizer, antes da guerra. Era um sujeito alegre e parecia genuinamente interessado de modo que confesso que cheguei a passar certo tempo contando-lhe a respeito de Darlington Hall em épocas passadas. De modo geral, tentei transmitir-lhe parte da "competência" como ele dizia, necessária à organização de grandes eventos como os que costumávamos ter. De fato, creio que revelei a ele vários dos meus "segredos" profissionais usados para auferir aquele "algo mais" por parte da criadagem, assim como os diversos estratagemas — equivalentes aos de um mágico — pelos quais um mordomo podia fazer uma coisa acontecer no momento e no local apropriados sem que os convidados sequer vislumbrassem as manobras geralmente longas e complicadas por trás da operação. Como já relatei, meu companheiro parecia genuinamente interessado, mas depois de algum tempo achei que tinha revelado o suficiente, portanto concluí dizendo:

— Evidentemente as coisas estão bem diferentes hoje em dia, com o meu atual patrão. Um cavalheiro americano.

— Americano, é? Bem, são os únicos que têm dinheiro agora. Então você ficou junto com a casa. Parte do pacote.

Virou-se para mim com um sorriso.

— É, sim — concordei, rindo. — Como diz você, parte do pacote.

O homem virou novamente os olhos para o mar, respirou fundo e suspirou com satisfação. Então ficamos ali sentados em silêncio durante algum tempo. Passados uns instantes, continuei:

— O fato é que dei o melhor de mim a Lord Darlington, claro. Dei-lhe o que tinha de melhor, e agora... bem... vejo que não sobrou muita coisa a dar.

O homem nada disse, mas fez um gesto de assentimento, de modo que prossegui:

— Desde que meu novo patrão, o Sr. Farraday, chegou, tentei muito, mas muito mesmo, fornecer o tipo de serviço que gostaria que ele tivesse. Tentei muito, mas o que quer que faça descubro estar distante dos padrões que antigamente me impus. Cada vez mais erros surgem no meu trabalho. Bem triviais por si mesmos, pelo menos até agora. Mas são do tipo que eu nunca cometeria antes, e eu sei o que significam. Deus sabe que tentei arduamente, mas não adianta. Já dei o que tinha que dar. Dei tudo a Lord Darlington.

— Ora, ora, colega. Ei, quer um lenço? Tenho um em algum lugar. Pronto. Está bem limpo. Só assoei o nariz uma vez, hoje de manhã. Só isso. Vá em frente, colega.

— Ah, não, obrigado, está tudo bem. Desculpe, acho que a viagem me cansou. Desculpe-me.

— Você deve ter sido muito ligado a esse Lord Não-sei-quê. E já faz três anos que ele morreu, você disse? Dá para ver que era muito ligado a ele, colega.

Lord Darlington não era um homem mau. De jeito nenhum. E pelo menos teve o privilégio de poder dizer no final de sua vida que cometeu seus próprios erros. Sua Excelência era um homem de coragem. Escolheu um caminho na vida, que acabou mostrando ser errado, mas ele o escolheu, pelo menos pode dizer isto. Quanto a mim, nem isto posso dizer. Eu confiei, entende? Confiei na sabedoria de Sua Excelência. Todos estes anos em que o servi, acreditei estar fazendo algo que valia a pena. Não posso sequer dizer que cometi meus próprios erros. Realmente, é preciso perguntar a si mesmo, que dignidade há nisso?

— Bom, veja bem, colega, não sei se estou entendendo tudo que está dizendo. Mas, se quer a minha opinião, a sua atitude está errada, sabe? Não fique o tempo todo olhando para trás, vai acabar ficando deprimido... Certo, você não consegue mais fazer seu trabalho tão bem quanto antigamente. Mas é a mesma coisa com todos nós, entende? Todos nós temos que pendurar as chuteiras um dia. Veja o meu caso. Estou feliz como um passarinho desde que me aposentei. Certo, então nenhum de nós está exatamente no auge da juventude, mas é preciso ficar olhando para a frente.

E acho que foi aí que ele disse:

— A gente tem que se divertir. A noite é a melhor parte do dia. A gente já

trabalhou, então pode pendurar as chuteiras e se divertir. É assim que vejo as coisas. Pergunte a qualquer um: a noite é a melhor parte do dia.

— Certamente você tem razão — falei. — Desculpe-me, isto é muito inconveniente. Acho que estou cansado demais. Venho viajando muito, entende?

Já se passaram uns vinte minutos desde que o homem partiu, mas permaneci aqui neste banco esperando o acontecimento que acabou de ter lugar — a saber, acenderem-se as luzes do píer. Como já disse, a felicidade com que as pessoas reunidas neste píer saudaram esse simples acontecimento inclina-se a confirmar a correção das palavras do meu companheiro; para muitas pessoas, a noite é a parte mais divertida do dia. Talvez, então, haja algum sentido no conselho de que eu deveria parar de olhar tanto para trás, de que eu deveria adotar uma maneira mais positiva de ver as coisas e tentar aproveitar ao máximo o restante do meu dia. Afinal, o que poderemos ganhar olhando eternamente para trás e culpando-nos se nossas vidas não foram exatamente como teríamos desejado? A dura realidade é que, certamente, para as pessoas como vocês e eu, há poucas opções além de entregar nossos destinos, em última análise, às mãos daqueles grandes cavalheiros no eixo deste mundo que empregam nossos serviços. Qual é o sentido em preocupar-se em demasia com aquilo que poderia ou não ser feito para controlar o rumo que a vida toma? Certamente basta que as pessoas como vocês e eu pelo menos tentem dar sua pequena contribuição para alguma coisa verdadeira e digna. E se alguns de nós estão preparados para sacrificar muita coisa na vida para perseguir tais aspirações, decerto isto é, por si só, seja qual for o desfecho, motivo de orgulho e contentamento.

A propósito, há poucos minutos, logo depois que as luzes foram acesas, virei-me para estudar mais de perto aquelas pessoas rindo e conversando atrás de mim. Há gente de todas as idades passeando por este píer: famílias com crianças, casais jovens e idosos caminhando de braços dados. Há um grupo de seis ou sete pessoas logo atrás de mim que despertou minha curiosidade. A princípio supus, como é natural, tratar-se de um grupo de amigos que saíram para um programa noturno. Mas ao escutar os diálogos percebi que eram desconhecidos que acabavam de encontrar-se casualmente aqui neste lugar atrás de mim.

Evidentemente todos estacaram por um instante quando as luzes se acenderam, e então passaram a conversar uns com os outros. Enquanto os observo agora, eles riem juntos, animadamente. É curioso como as pessoas conseguem criar tanta simpatia mútua, tão depressa. É possível que essas pessoas em particular estejam unidas simplesmente pela expectativa da noite que têm pela frente. Por outro lado, porém, tenho a sensação de que o fato tem mais a ver com essa capacidade de fazer piadas. Escutando-os agora, ouço-os trocar comentários jocosos, um após o outro. Esta é, suponho, a maneira como muitas pessoas gostam de

proceder. Aliás, é possível que meu companheiro de banco também esperasse que eu fizesse comentários jocosos — e nesse caso acho que fui uma certa decepção. Talvez seja realmente hora de começar a encarar com mais entusiasmo essa história de fazer piadas. Afinal, quando se pensa nisto, não é uma coisa assim tão tola — particularmente se acontece que nas brincadeiras está a chave para o calor humano.

Ocorre-me, além do mais, que agradecer não chega a ser uma obrigação despropositada para um patrão esperar de um profissional. Já tenho, é claro, devotado muito tempo ao aperfeiçoamento de minha capacidade de fazer piadas, mas é possível que nunca tenha abordado esta empreitada com a diligência com que poderia tê-lo feito. Talvez, então, quando voltar para Darlington Hall amanhã — o próprio Sr. Farraday só voltará na outra semana — comece a praticar com renovado empenho. Espero, assim, que por ocasião da volta de meu patrão eu esteja em posição de surpreendê-lo agradavelmente.

FIM

Revisão textual por Iara Maria Franklin Gonçalves